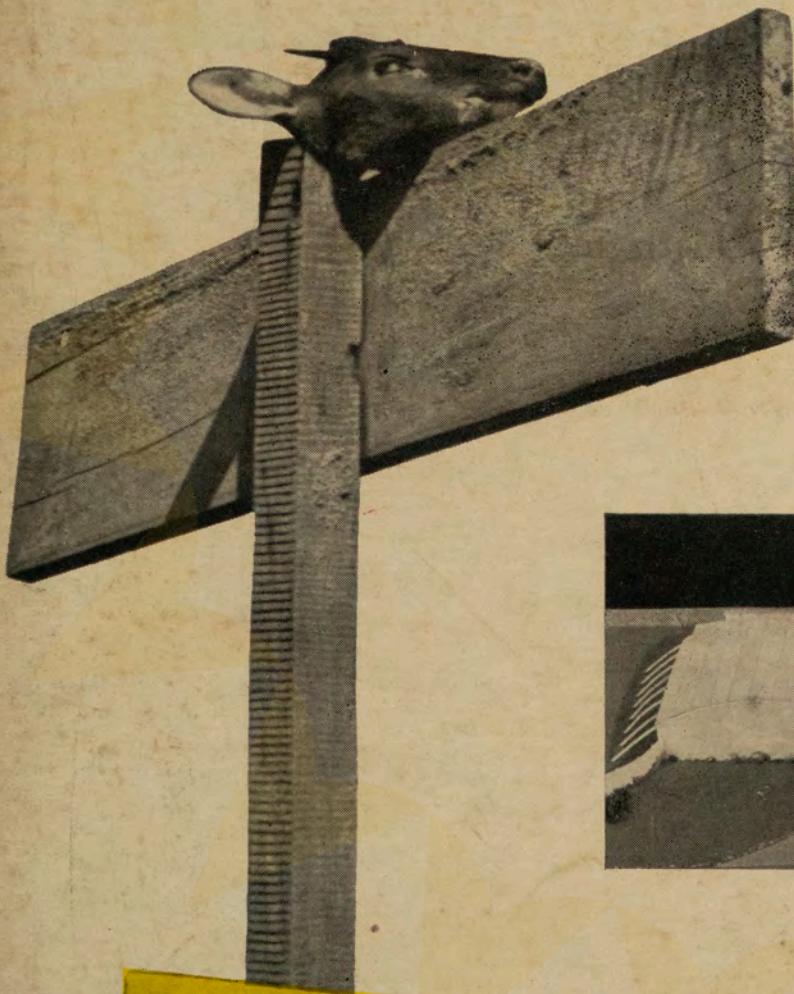
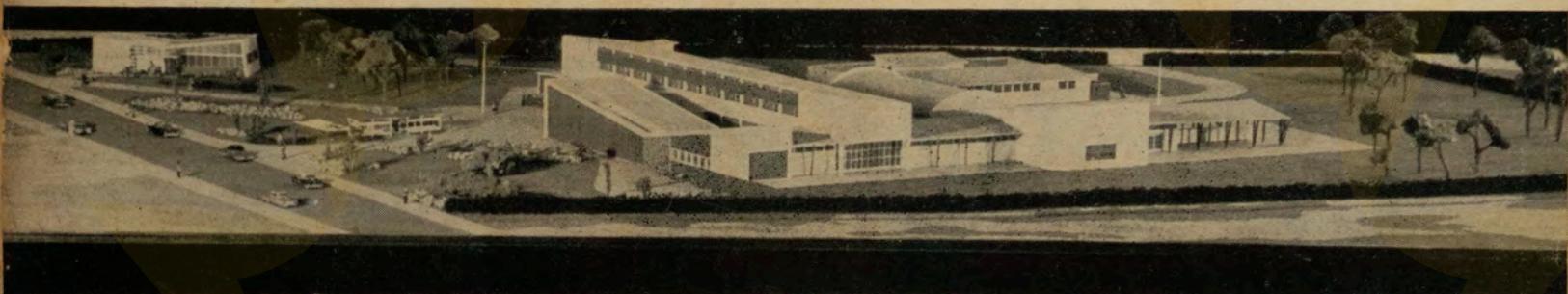


4 HABITAT

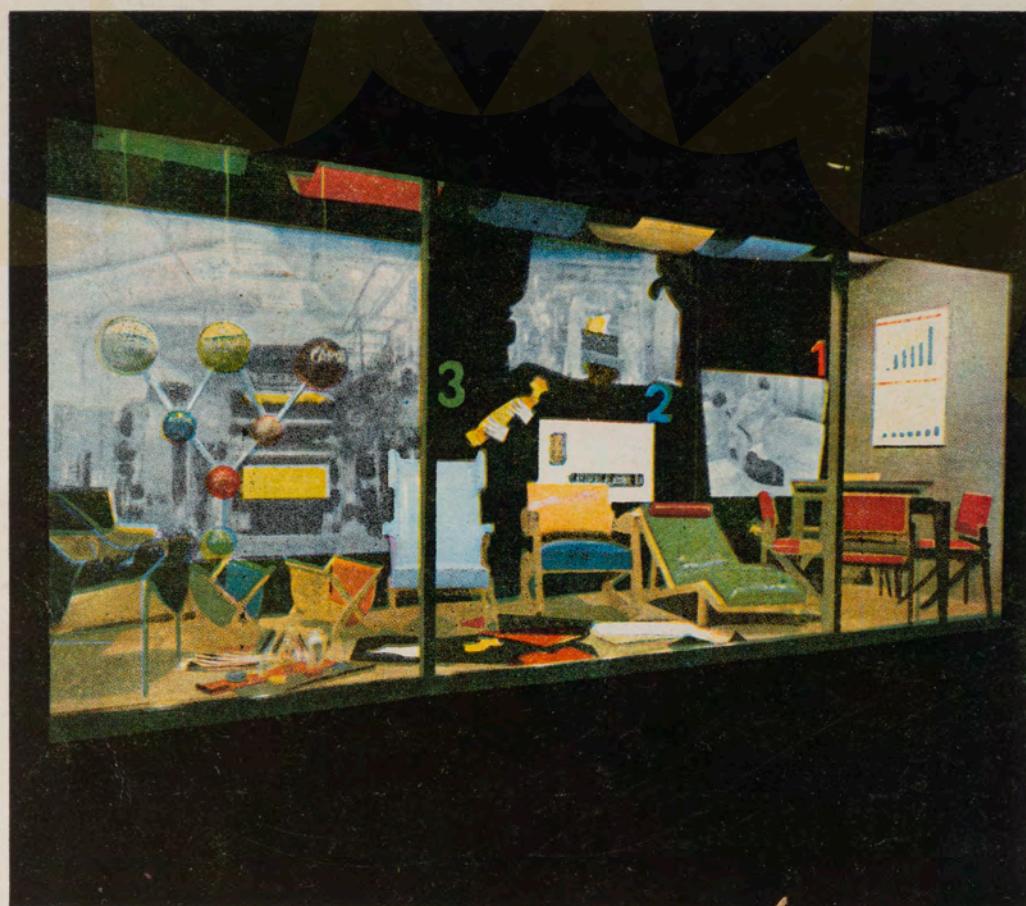
revista das artes no Brasil



DEVAGAR
BÚZINE
ESCOLA



Tecidos Plásticos PLAVINIL



O SÍMBOLO DE UMA NOVA ÉRA

PLÁSTICOS PLAVINIL S.A.

Fábrica e Escritório
AV. CONSELHEIRO RODRIGUES ALVES, 3993
TELEFONE 8-1214; End. Telegr.: "PLAVINIL"
CAMPO BELO (SANTO AMARO); SÃO PAULO

Correspondência exclusivamente para
CAIXA POSTAL, 12.862
(Vila Mariana), São Paulo, Estado de São Paulo

KNOEDLER

Established 1846



Gustave Courbet, *Mirage de la Loue* — (43 1/2 x 54)

OLD MASTERS
AMERICAN PAINTING
FRENCH IMPRESSIONISTS
CONTEMPORARY PAINTING

Framing

Prints

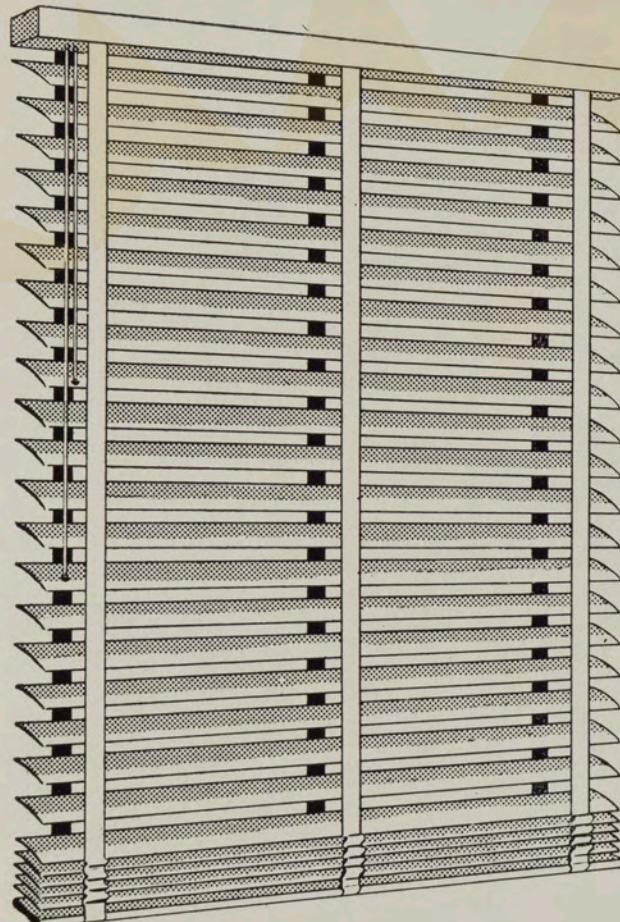
Restoring

NEW YORK CITY
14 East 57th Street

LONDON
14 Old Bond Street

PARIS
22 Rue des Capucines

Onde quer que você esteja



NO LAR



NO ESCRITÓRIO



NO DORMITÓRIO



NO TERRAÇO



devem estar as

PERSIANAS

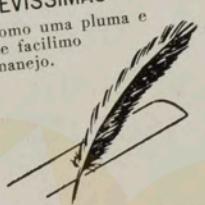


A MARAVILHA DO AMBIENTE

IMCOMBUSTIVEIS
Inalteráveis ao
mais intenso calor.



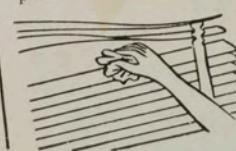
LEVISSIMAS
como uma pluma e
de facilímo
manejo.



FLEXIVEIS
Suporta qualquer
tratamento sem estalar
o esmalte.



LIMPESA FACIL
Basta passar um pano
para conservá-las limpas.



Famosas pelo esmero de sua fabricação e suas inconfundíveis lâminas de alumínio, flexíveis e ultra leves, esmaltadas a fogo no país de origem. "COLUMBIA" destaca-se nos ambientes de apurado gosto, pelas suas características de alta qualidade, incomparável beleza, impecável acabamento e perfeita colocação. Basta um simples telefonema para ter em sua residência um técnico em sugestões e adegas, isento de quaisquer compromissos ou despesas.

PERSIANAS COLUMBIA S. A.

RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 20
8.º - Conj. 808 - Tels. 36-7909 e 34-5882

FILIAL: Rio - Av. Rio Branco, 257 - 4.º - Sala 412 - Tel. 42-6261



TRADIÇÃO - QUALIDADE

DE SÃO PAULO PARA O BRASIL

São Paulo trabalha sempre. De seu parque industrial espalham-se pelo Brasil múltiplos produtos que, de dia para dia, conquistam maior preferência dos mercados. O trabalho é uma TRADIÇÃO bandeirante, e a produção paulista, que se caracteriza pela QUALIDADE, encontra sempre e cada vez mais justificadas simpatias e, máquinas, aparelhos, artefatos, dos mais simples aos mais complexos, procedentes de São Paulo, emprestam de norte a sul, por toda a parte, sua valiosa colaboração ao progresso do Brasil.



A METALÚRGICA PAULISTA S/A foi fundada em 1897. Acompanhou de perto o surto gigantesco do país em mais de meio século. Cresceu, tornou-se uma cidade de trabalho, contribuindo com os produtos COSMOPOLITA para a higiene, o conforto e a beleza dos lares, prosseguindo em sua jornada, sempre com maior intensidade. A METALÚRGICA PAULISTA S/A reúne em seus produtos COSMOPOLITA as mais acentuadas características da produção paulista: TRADIÇÃO E QUALIDADE.



M E T A L Ú R G I C A P A U L I S T A S / A
RUA SAPUCAIA, 452
S Ã O P A U L O

Nestes setores da Engenharia

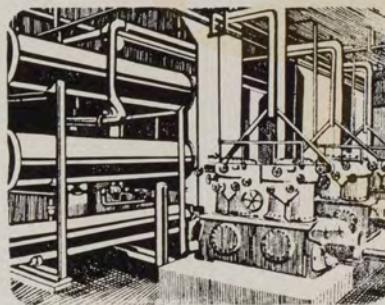
...seus problemas serão resolvidos



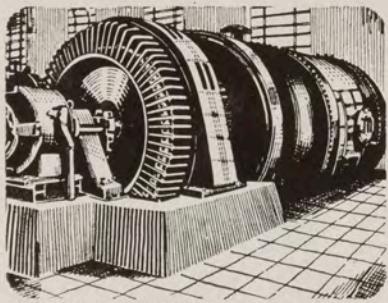
TRATAMENTO DE ÁGUAS E ESGOTOS - Para fins públicos, industriais e particulares. Piscinas. Tratamento pelos processos mais modernos do esgoto de vilas e cidades. Hidrômetros



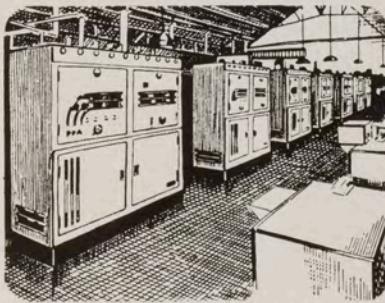
AR CONDICIONADO - Para fins comerciais, industriais e domésticos. Arranha-céus. Escritórios. Hospitais. Cinemas. Teatros. Casas de modas. Hotéis. Residências. Bancos. Clubes. Escolas. Bibliotecas.



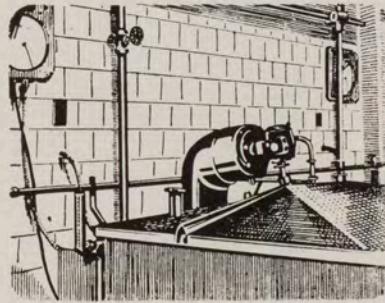
REFRIGERAÇÃO INDUSTRIAL - Instalações para o controle dos processos de fabricação de tecidos, papel, explosivos, produtos de borracha, bebidas, doces, gelo etc. Frigoríficos para gêneros alimentícios



MECÂNICA E ELETRICIDADE - Grupos elevatórios. Grupos Diesel elétricos. Turbinas. Geradores. Linhas de transmissão. Transformadores. Motores elétricos. Linhas aéreas para eletrificação de estradas de ferro.



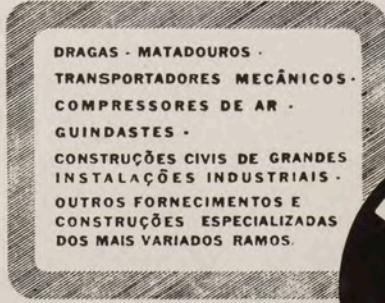
RADIOTRANSMSIÃO - Transmissores para companhias de transporte aéreo, terrestre e marítimo. Radiotransmissores para fins militares e serviços públicos. Broadcasting. Equipamentos eletrônicos industriais



TRATAMENTO DE LEITE - Instalações completas de usinas de beneficiamento de leite pelos processos mais modernos. Capsulamento inviolável de tampas de leite. Ordenhadeiras mecânicas. Caixas de resfriamento de leite para pequenos produtores.



ESTRADAS DE FERRO E RODAGEM - Construção de estradas de ferro e rodagem. Material rodante e de tração. Equipamentos de sinalização e oficinas.



**DRAGAS - MATADOUROS -
TRANSPORTADORES MECÂNICOS -
COMPRESSORES DE AR -
GUINDASTES -
CONSTRUÇÕES CIVIS DE GRANDES
INSTALAÇÕES INDUSTRIALIS -
OUTROS FORNECIMENTOS E
CONSTRUÇÕES ESPECIALIZADAS
DOS MAIS VARIADOS RAMOS.**



BYINGTON & CIA.

SÃO PAULO: R. BARÃO DE ITAPETININGA, 140 - 6.º and.

RIO DE JANEIRO: R. PEDRO LESSA, 35

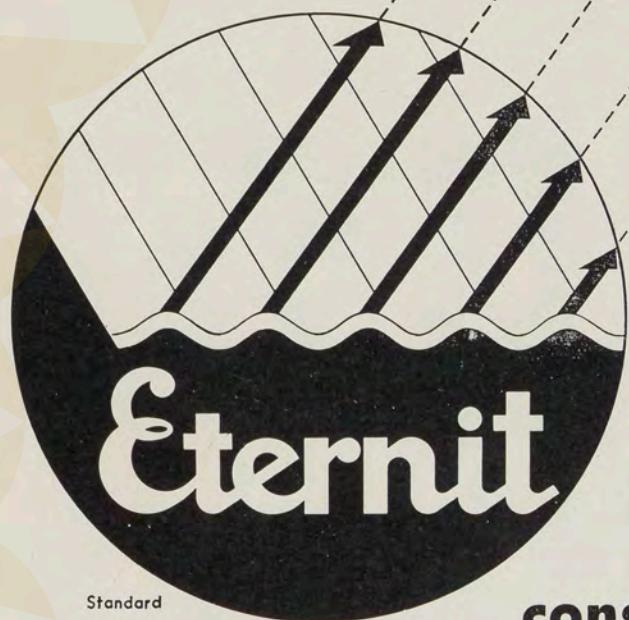
No Departamento de Engenharia de Byington & Cia., subdividido em várias seções especializadas, trabalham técnicos de renome e especialistas nos diversos ramos da ciência aplicada, que vêm tornando realidade todos os planos projetados.

A experiência de quase meio século de trabalhos contínuos, o uso dos mais modernos aperfeiçoamentos técnicos, o emprego de material de primeira qualidade na produção dos equipamentos, tudo tem tornado possível a execução dos serviços que nos têm sido confiados, o que é realizado sob a orientação de engenheiros nacionais e consultores de nossas representadas estrangeiras.

BELÉM - RECIFE - BAHIA - SANTOS - CURITIBA - BELO HORIZONTE - PÔRTO ALEGRE - NOVA YORK

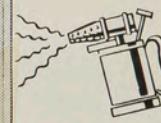


CIMENTO AMIANTO



Standard

**INCOMBUSTÍVEL
TERMO-ISOLANTE
IMPERMEÁVEL
INOXIDÁVEL
RESISTENTE**



constrói para o futuro!

Alguns dos produtos da linha ETERNIT



- Chapas onduladas para coberturas e paredes.
- Chapas lisas para paredes e fôrros.
- Calhas e tubos de descarga.
- Tubos para ar condicionado e ventilação.
- Caixas d'água e de descarga.
- Fossas sépticas e caixas de gordura.

DISTRIBUIDORES EM TODO O BRASIL

Aplicado em escala sempre crescente, nos mais variados tipos de construções, ETERNIT constitui poderoso fator de progresso da técnica arquitetônica, em nosso país. Incombustível, termo-isolante, impermeável, inoxidável e resistente à maioria dos agentes químicos, ETERNIT proporciona outras vantagens que conquistaram a confiança dos engenheiros e construtores: devido ao seu peso reduzido, ETERNIT alivia as estruturas, facilita o transporte e reduz o custo da mão de obra. Nas cidades em que mais se constrói no mundo inteiro, ETERNIT é o material de escolha obrigatória para múltiplas aplicações.

Porque ETERNIT é o material de cimento amianto da mais alta qualidade

ETERNIT foi, de fato, o primeiro material de cimento amianto obtido por processo moderno. ETERNIT é fabricado exclusivamente com amianto de fibras rigorosamente selecionadas e cimento "Portland" da melhor qualidade.

ETERNIT DO BRASIL CIMENTO AMIANTO S/A

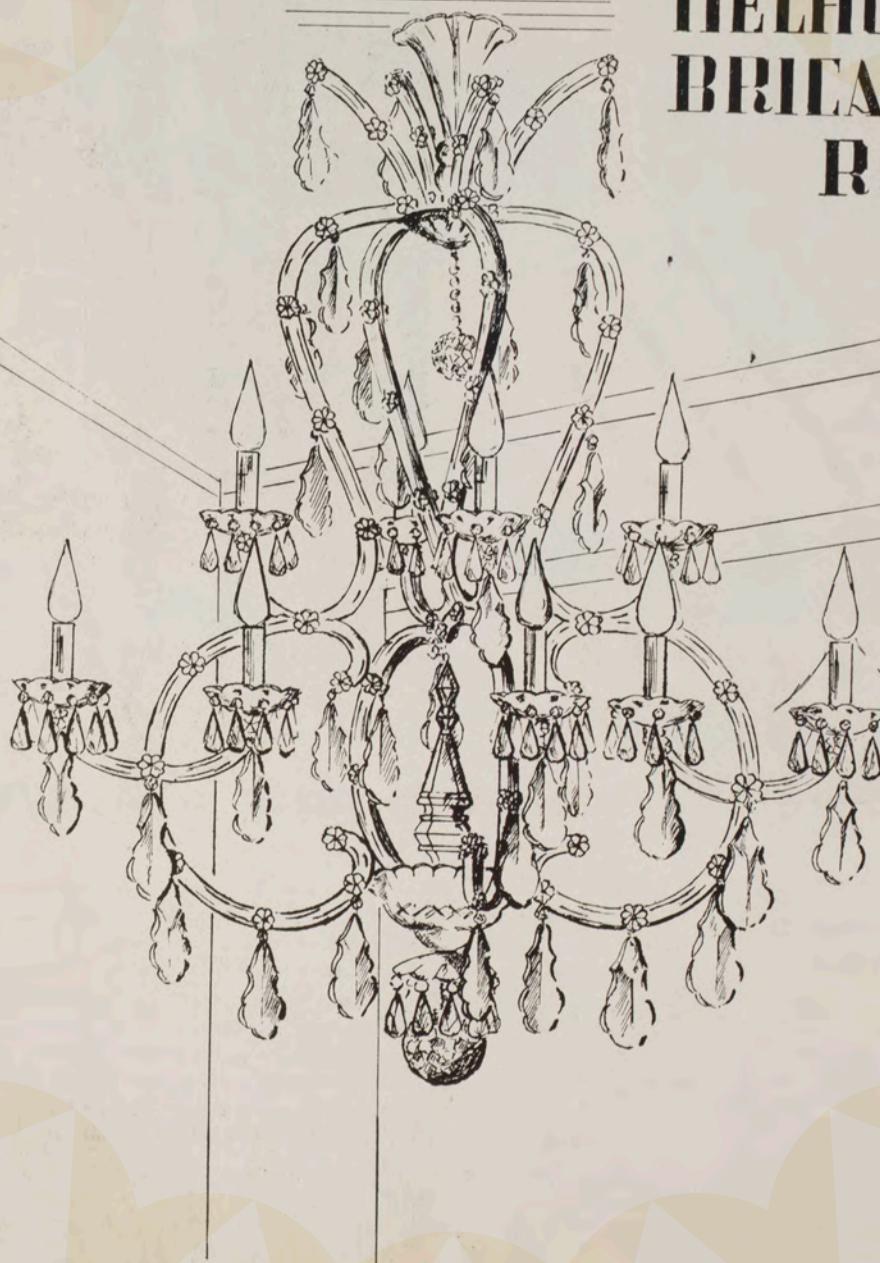
MATRIZ: SÃO PAULO — Fábrica em Osasco — São Paulo — Tels.: 57 e 58
Caixa Postal, 7044 — São Paulo — Endereço Telegráfico "Eternit São Paulo"
FILIAL: RIO (D. F.) — Fábrica em Honório Gurgel — Rio — Esc. Pça. Pio X, 78
9.º and. — Tel. 23-0427 — Cx. Postal, 3338 — End. Teleg. "Eternit Rio de Janeiro"

Vendas no Rio e em São Paulo:

Montana S. A. Engenharia e Comércio — Rio: R. Visc. de Inhaúma, 64 - 4.º - Tel. 43-8861 — S. Paulo: R. Cons. Crispiniano, 20 - 4.º - Tel. 34-5116
Sociedade Técnica e Comercial Serva Ribeiro S. A. — S. Paulo: R. Flor. de Abreu, 779 - Tel. 32-3148 - Rio: R. Teófilo Otoni, 123-A - 6.º - Tel. 43-1952

LUSTRES

IMPORTADOR
DIRETO DAS
MELHORES FA-
BRIEAS DA EU-
ROPA

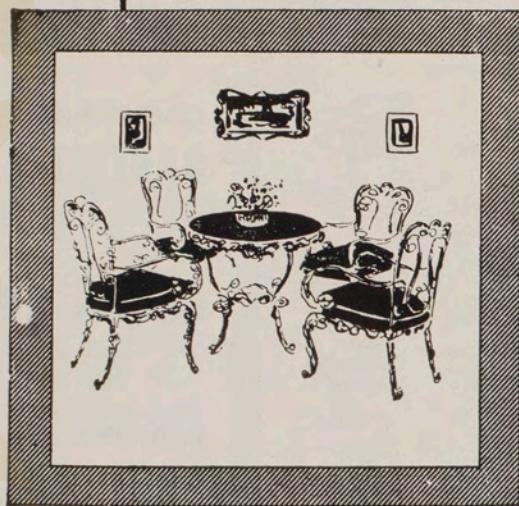


LUSTRES MASUET
exposição e vendas :

AV.BRASIL, 216 fone: 8-2958
S. PAULO

A maior exposição do Brasil em lustres finos.
Permanetemente se recebem os modelos mais originais
das produções europeias: lustres plafons, e aran-
deles em cristal Bohemia, porcelana francesa, bronze ar-
tístico e cristal colorido. - Artistas decoradores
para orientação na iluminação de sua Residencia.
Especializada em grandes lustres sob encomenda
para finas Residencias, Igrejas, Hotéis, BANCOS, Ci-
nemas, etc. - Colocação gratuita por pessoal es-
pecializado.

Autênticas
obras
de arte!



Vendas a prazo



Em COPA-CABANA

v. encontra as mais lindas e
aristocráticas "consoles" bem como
os mais variados conjuntos
para terraço e jardim.



Avenida Brigadeiro Luís Antônio, 378 — Telefone 32-7847

AS SEGUNDAS E SEXTAS-FEIRAS NOSSA LOJA PERMANECERÁ ABERTA ATÉ 22 HORAS

Sirius

Tradição - Prestígio - Qualidade!



ÓLEO DE
AMENDOIM
DELICIA



GORDURA DE
AMENDOIM
DELICIA



ÓLEO
SALADA



GORDURA
VEGETAL
SALADA



LÃS SAMS
para tricô e
crochê



TECIDOS
SANTISTA



CASEMIRAS
SANTISTA



FARINHA **SOL**



FARINHA
SANTISTA



ANIL **FULGOR**



ANIL **IDEAL**



SABÃO **ALBA**



SABÃO
ESPUMANTE



S. A. MOINHO SANTISTA INDÚSTRIAS GERAIS

Largo do Café, 11 - SÃO PAULO

S. A. MOINHO
SANTISTA
INDÚSTRIAS GERAIS





Viagem inaugural do transatlântico

GIULIO CESARE

30.000 TONS, O MAIOR NAVIO - MOTOR ITALIANO
INTEIRAMENTE COM AR CONDICIONADO

"ITALIA"
SOCIETÀ DI NAVIGAZIONE - GENOVA

Agentes gerais

ITALMAR

S. A. BRASILEIRA DE EMPRESAS MARÍTIMAS
RIO DE JANEIRO: AVENIDA RIO BRANCO, 52

SÃO PAULO: PRAÇA DOM JOSE GASPAR, 22 — SANTOS: PRAÇA DA REPÚBLICA, 52

23 DE NOVEMBRO
DE SANTOS
24 DE NOVEMBRO
DO RIO DE JANEIRO

PARA
BARCELONA
VILLEFRANCHE
GENOVA



Marca Registrada

Vitrais Conrado Sorgenicht S.A.

uma casa tradicional, mas sempre na vanguarda

vitrais artísticos
espelhos e cristais
mármore e arenitos gravados
mosaicos e azulejos decorados

SÃO PAULO - Rua Bela Cintra, 67 - Fones: 34-5649 e 36-4091 - C. Postal, 5635
RIO DE JANEIRO - Rua Uruguaiana, 118 - 6.º andar - S/ 602 - Fone 43-8664
Agentes em RECIFE, SALVADOR E CAMPINAS

o CANGURU inspirou...
 e CROSLEY lançou
 o espaço extra!



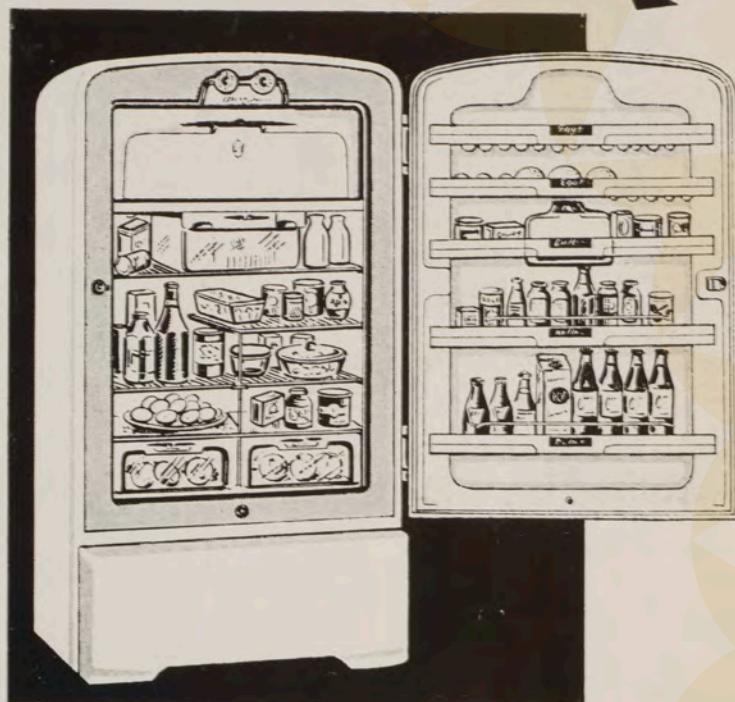
Agora, V. terá o que existe de mais completo e moderno em refrigeração doméstica.

Além das insuperáveis vantagens que lhe oferece a PORTA MÁGICA, que é um ESPAÇO EXTRA proporcionado ÚNICAMENTE pelos refrigeradores CROSLEY SHELVADOR - você encontrará, ainda, os seguintes melhoramentos no modelo 1951:

DEGÉLO AUTOMÁTICO, com evaporação total da água, sem afetar o conteúdo da câmara frigorífica. Esta inovação CROSLEY dispensa o trabalho penoso da retirada dos alimentos para o degelo, evitando, também, que os mesmos se estraguem com a elevação brusca da temperatura.

COMPARTIMENTO ESPECIAL PARA MANTEIGA, que a conserva na temperatura desejada

DEPÓSITOS APROPRIADOS para carnes e vegetais, em amplas gavetas transparentes.



...e mais:

- ★ **PRATELEIRAS REMOVÍVEIS**, para maior facilidade na arrumação dos alimentos e com altura adequada para vasilhame de diversos tamanhos.
- ★ **CÂMARA FRIGORÍFICA**, com grande espaço para alimentos e prateleiras independentes para as formas de gelo;
- ★ **DOBRAIDIÇAS EXTRA-FORTES**, silenciosas, com pinos de bronze.
- ★ **UNIDADE FECHADA**, (motor blindado) silenciosa, econômica e eficiente.

A Venda nas Boas Casas do Ramo

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

MESBLA

BIO - Rua do Passo 42/56 — SÃO PAULO - Rua 24 de Maio, 141

NITERÓI - Rua Visconde do Rio Branco, 521/523

E HORIZONTE - P. ALEGRE - PELOTAS - RECIFE - VITÓRIA - MARILIA

Distingue a Elite



O CARRO QUE ANTECIPA O FUTURO

O câmbio automático STUDEBAKER obedece sempre. É o único considerado perfeito pelos técnicos.



DISTRIBUIDORA DE AUTOMÓVEIS STUDEBAKER S. A.

Matriz: Rua Grota Funda, 224 - São Paulo

Filiais: Av. Campos Eliseos, 620 — Fone: 36-6384 — S. Paulo — R. S. Clemente, 81/83 — Fone: 46-1414 — Rio de Janeiro

Revendedores em todas as cidades do Brasil

Norton



Passadeira no formato da escada acompanhando a curva (sem dobra) e tapete feito a mão sob encomenda.

MANUFATURA DE TAPETES STA. HELENA S. A.

Matriz: SÃO PAULO

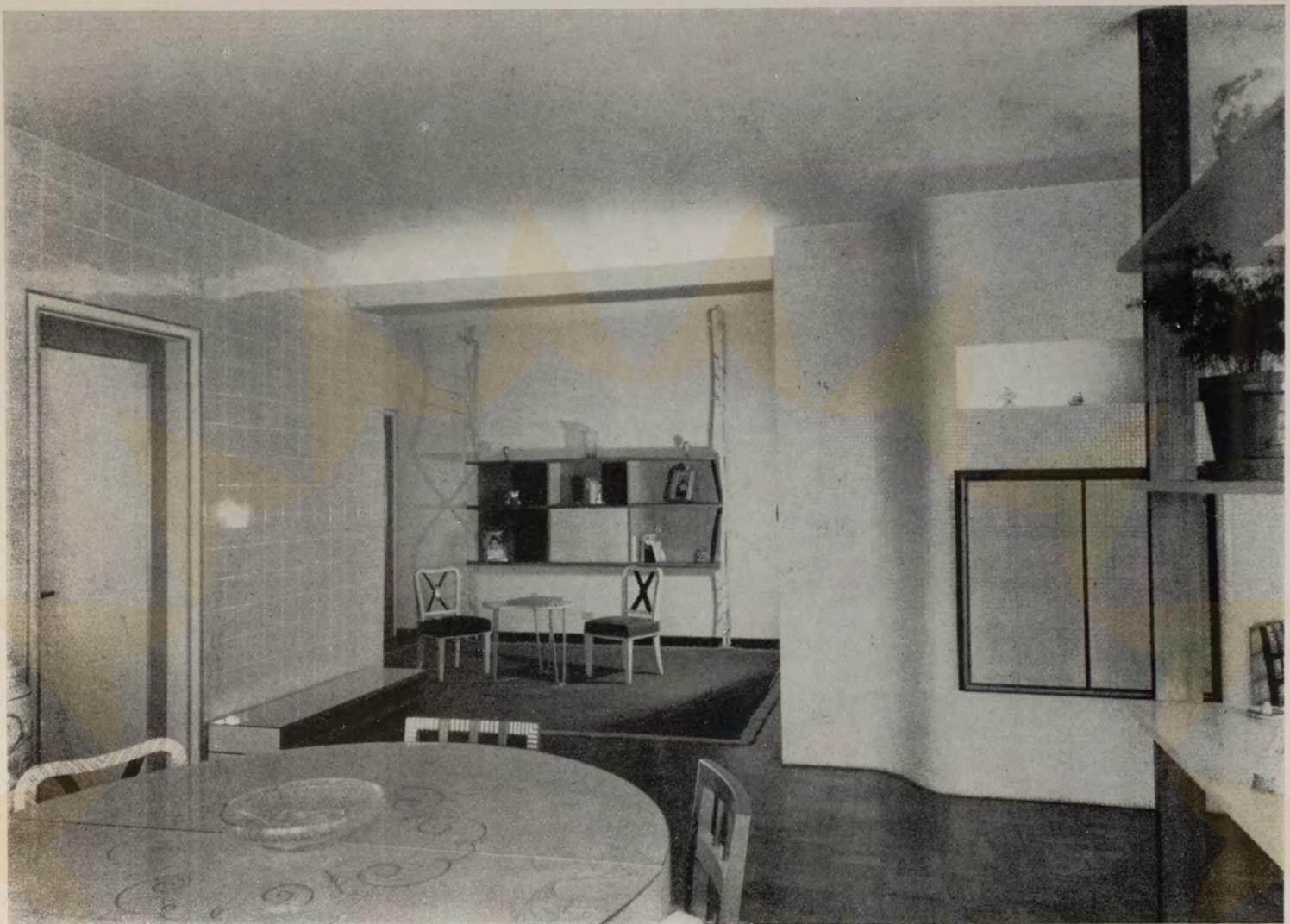
Rua Dona Antonia de Queiroz, 183

Tels. 36-7372 - 34-1522

Filial: RIO DE JANEIRO

Rua do Ouvidor, 123 - 1.^o andar

Telefone 22-9054





APARTAMENTO A BEIRA MAR

DECORADO

POR

DINUCCI DECORAÇÃO DE INTERIORES

RUA AUGUSTA, 762 A 770 — FONE: 34-8718 — SÃO PAULO

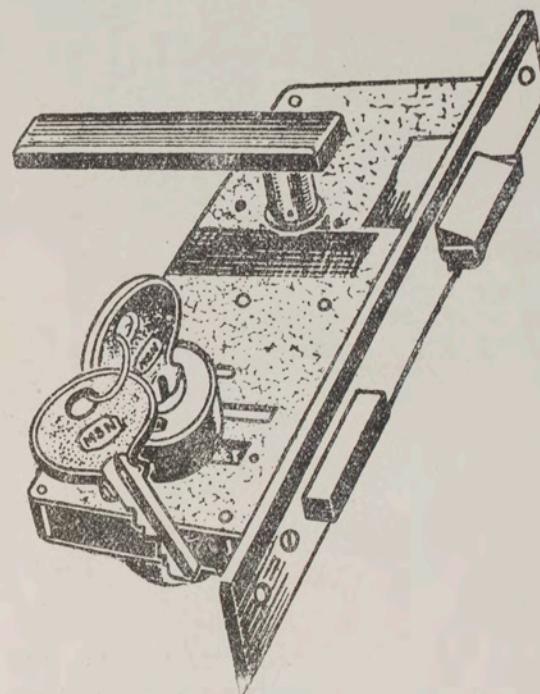
REPRESENTANTES ESPECIALIZADOS NAS PRINCIPAIS CAPITAIS DO PAÍS

NOS GRUPOS ESCOLARES
FORAM COLOCADAS
FECHADURAS
E FERRAGENS

SÍMBOLO DE GARANTIA
E SEGURANÇA



A fechadura
igual à



brasileira
estrangeira

FABRICAÇÃO DA:

METALURGICA SÃO NICOLAU LTDA.

Rua Silveira da Mota N.º 1

Fone: 33-1429

REPRESENTANTE:

OTTO LUETSCHG

Av. Ipiranga, 313, 1.º conj. 10

Tijolos Laminados

(tijolos à vista)

ao preço posto obra: por milheiro Cr.\$ **600,00**

Um produto da

CERAMICA ASSAD S. A.

ESCRITÓRIO

Rua Cav. Basílio Jafet, 38
9.º, s/n 901, Tel. 32-7624

REPRESENTANTE:

OTTO LUETSCHG
Avenida Ipiranga, 313, 1º conj. 10

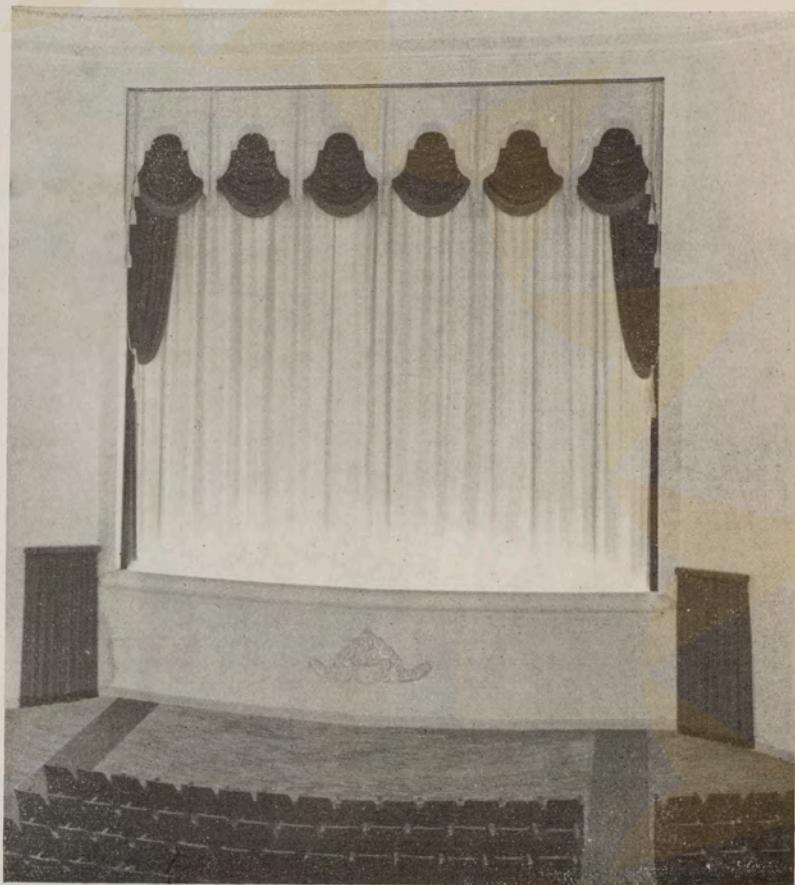
FÁBRICA

Piraporinha
Mun. S. Bernardo do Campo



Cortinas

Decorações



Cine Majestic — moderna cortina do palco

Oficina própria - Estudos e orçamentos sem compromisso



TAPEÇARIA ALFREDO

Rua Santo Antonio N.º 811

Teléfono: 34-7472

São Paulo

NA ESTATUÁRIA

MICHELANGELO figura entre os escultores mais famosos. Conhecedor profundo da anatomia humana, esculpiu seus marmores com uma técnica até hoje não igualada. Conta-se, que o próprio Michelangelo, arrebatado ante a naturalidade de seu célebre Moysés, exclamou: "Parla!"

Com justiça, entre as criações desse grande artista do cinzel, essa, sobre-tudo ...

A ÁGUA TÔNICA DE QUININO da Antarctica, o refrigerante que diariamente saboreamos, é um produto cujo inconfundível paladar não pode ser igualado e, sendo uma alta conquista no campo dos refrigerantes, para orgulho da indústria nacional **TAMBÉM**

NÃO ADMITE CONFRONTOS!

**ÁGUA
TÔNICA
DE QUININO
ANTARCTICA**



ELEVADORES ATLAS S.A.

São Paulo - Rio de Janeiro - Recife
Bahia - Belo Horizonte - Santos
Campinas - Curitiba - Pôrto Alegre

SEDE: PÔRTO ALEGRE (R.G.S.)
RUA DR. JOSÉ MONTAURY, 31
CAIXA POSTAL, 400
TELEGRAMAS: "UNIÃO"
TELEFONES 4381 E 7176

COMPANHIA UNIÃO DE SEGUROS GERAIS
MARTÍTIMOS E TERRRESTRES
FUNDADA EM 1891

SUCURSAIS EM:
SÃO PAULO - RIO DE JANEIRO
BLUMENAU

AGÊNCIAS EM TODO PAÍS

Pôrto Alegre, 29 de dezembro de 1.950

Aos
ELEVADORES ATLAS S/A.
Pôrto Alegre

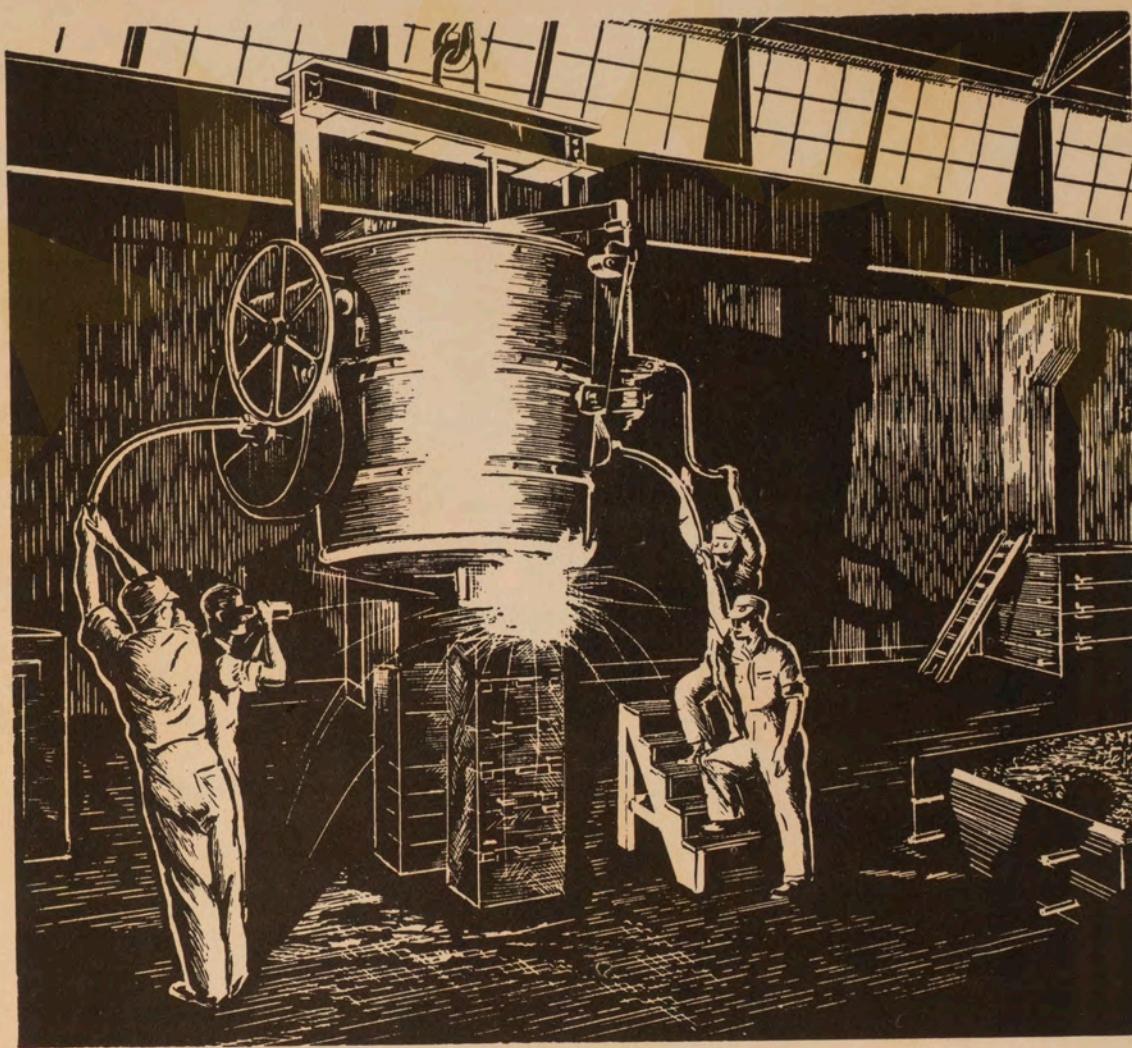
Saudações cordiais.

Servimo-nos da presente, para comunicar à essa conceituada Sociedade, que, estamos satisfeitos com o funcionamento dos 3 (três) elevadores "Atlas", de corrente contínua, com a capacidade de 16 passageiros, fornecidos - por intermédio da firma Byington & Cia., e, instalados no nosso Edifício União, os quais vem servindo satisfatória - mente, a grande população do edifício.

Apresentamo-lhes, portanto, os nossos - agradecimentos, e, autorizamo-lhes a fazer désta o uso que lhes convier.

Com toda a nossa consideração e estima ,
firmamo-nos

Atenciosamente
COMPANHIA UNIÃO DE SEGUROS GERAIS
Alfredo Lauby
DIRETOR



Vasamento no ponto certo



ELEVATLAS-1007-F

Constituindo uma das operações de maior responsabilidade na fundição de aço, o Vasamento obedece a uma técnica especial que prevê para cada tipo, uma temperatura adequada. A rigorosa observância dessa técnica, bem como das demais normas de cada fase da fundição, conquistou para a marca "Villares" um destacado prestígio, e a confiança absoluta dos consumidores de peças de aço ao carbono, aço cromo níquel de alta resistência, aços inoxidáveis e outros, com peso unitário até 11.000 Kg.

FUNDIÇÃO DE AÇO
ELEVADORES ATLAS S.A.

Rua Alexandre Levi, 202 - Telefone 33-5187 - São Paulo
Av. N. S de Fátima, 25 - Telefone 32-9230 - Rio de Janeiro

No moderno parque
industrial brasileiro
destacam-se



Vista geral da fábrica
Brasilit, em Utinga,
Estado de São Paulo.

ALGUNS PRODUTOS DE CIMENTO-
AMIANTO DA LINHA BRASILIT



as fábricas **BRASILIT**

Com seu corpo técnico altamente especializado, sua eficiente maquinaria, seus laboratórios de controle e pesquisas e seus processos patenteados, as fábricas dos produtos de cimento-amianto Brasilit — em São Paulo, Pôrto Alegre e Recife — figuram com destaque no moderno parque industrial brasileiro e representam a maior organização do gênero na América Latina, a serviço da engenharia civil e sanitária.

S. A. TUBOS BRASILIT

S. Paulo - R. de Janeiro - Recife - Salvador - Pôrto Alegre - Belo Horizonte

MATRIZ: Rua Marconi, 131 - Tel. 34-4127 - **SÃO PAULO**

FÁBRICAS: **SÃO PAULO, RECIFE E PÔRTO ALEGRE**

Jotavê

DECORAÇÕES

Citytex

A ORGANISAÇÃO MAIS COMPLETA DO RAMO

Nossa secção de decorações
é dirigida por Carlos Martins Spira
conhecido decorador recem chegado
dos Estados Unidos.



Carlos Martins Spira

R. XAVIER DE TOLEDO, 110 • R. DA CONSOLAÇÃO, 1581 • FONES: 36-4632 e 34-5704 • S. PAULO



MOSAICO
VIDROSO

" VIDROSTIL "

VENDAS :

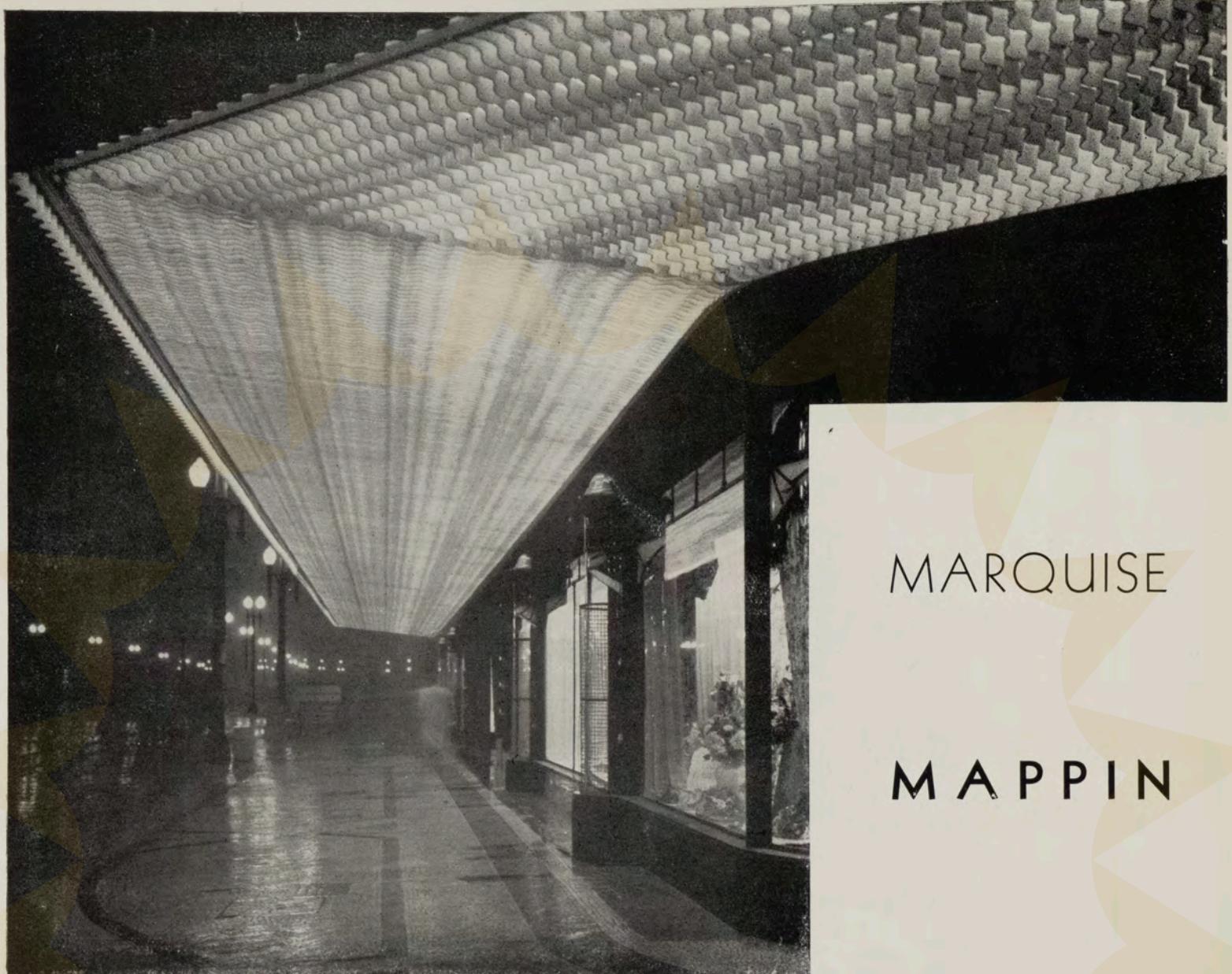
SÃO PAULO: S/A DECORAÇÕES EDIS - Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 300, Telefone, 32-23-26

RIO DE JANEIRO: ARTHUR P. KRUG - Rua Almirante Alexandrino, 200, S. 202, Fone, 22-43-94

PORTO ALEGRE: C. TORRES S. A. - Rua Voluntários da Pátria, 338 - Fone, 7144

SALVADOR: GERALDO GONZAGA - Rua Alvares Cabral, 8

BELO HORIZONTE: BITTENCOURT & CIA. LTDA. - Av. Amazonas, 266, 12.º andar, Sala 1218, Fone, 2-6354



MARQUISE

MAPPIN

ADM. GREGORI WARCHAVCHIK

2R.F
ESTUDOS TECNICOS

EXECUÇÃO
RUA 7 DE ABRIL
230, 8.º, sala 817

MÓVEIS
BLOCH



RUA AUGUSTA, 75
TELEFONE: 6-2104
SÃO PAULO

decorações interiores



REVESTIMENTOS,
GRANILITE,
CAIXILHOS
DE CONCRETO,
PREMOLDADOS
DE CONCRETO,
SERVIÇOS
DE GESSO



TELEFONES,
RELÓGIOS
de ponto,
de vigia,
elétricos
e de corda.
SINAIS
luminosos
e acusticos

NÉO-REX DO BRASIL LTDA.

Rua Joaquim Floriano, 737-751 - Fone: 8-4511



A marca dos cristais finos



Cristais

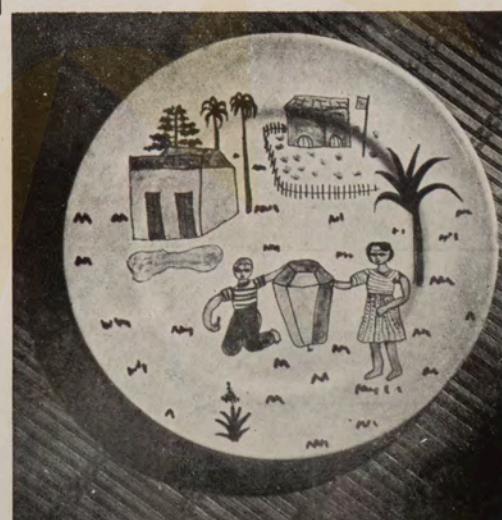
Ceramica

CRISTais PRADO

São Paulo

Loja: Rua 24 de Maio, 57

Fone: 34-8472



*em qualquer parte do mundo foi concebida a Formica,
e com ela Tubular te produziu:*

Encanto e Conforto para sua Copa-Cozinha



Conheça o efeito da policromia no lar

Móveis cromados TUBULARTE

um produto da

IND. COM. SIDERAUTO LTDA.

Fábrica: Rua Bairão, 42, Fone 9-9441

Exposição e vendas:

Rua Bresser, 1163 — BRÁS

(à 50 m. da Avenida Celso Garcia)

Fone: 9-3449 — São Paulo

FORMICA:

A Formica é um material resultante da combinação de diversas resinas sintéticas, submetidas a especiais tratamentos, que lhe proporcionam características inigualáveis nunca antes conseguidas e reunidas num só material.

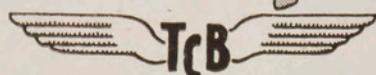
Não é solúvel em solventes comuns resistindo perfeitamente a maioria das substâncias ácidas, notadamente ao suco de qualquer classe de frutas. Resiste à água fervente, não é inflamável, carbonizando-se somente a temperaturas acima de 135°C. O brilho é de alta durabilidade e o desenho peculiar dos diversos tipos de Formica é permanente.

Dentre as incontáveis aplicações da Formica enumeramos singularmente as seguintes: Tampos de mesas para Copa e Cozinha, mesas para escritórios, Balcões, Vitrines, Lambris, Toiletes, etc.

A passeio ou a negócios...



STUDIO-ARÁGA



Em viagem de recreio ou a negócios, prefira sempre os serviços da Linha Aérea TRANS-CONTINENTAL BRASILEIRA S.A., que lhe oferece Conforto, Segurança e Pontualidade.

ROTAS AÉREAS



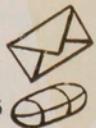
TRANS-CONTINENTAL



Passageiros



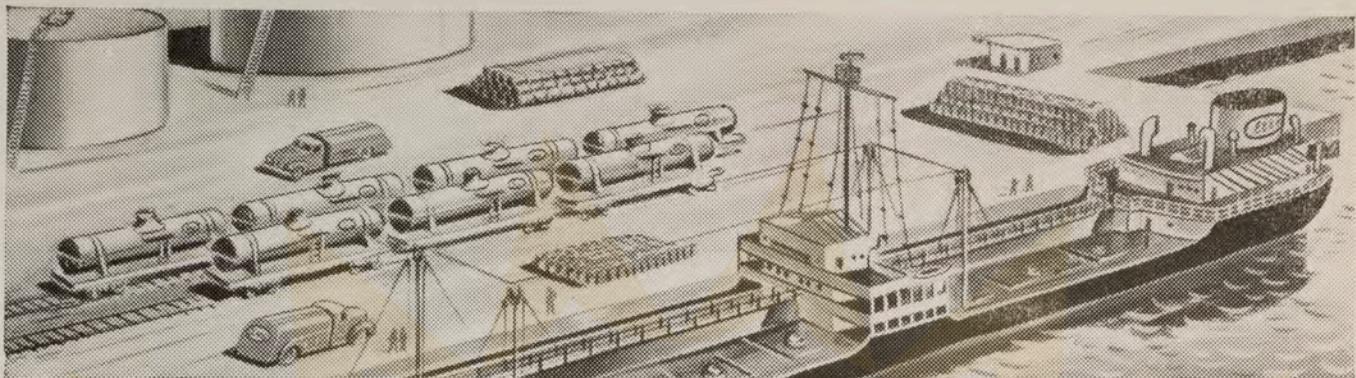
Cargas



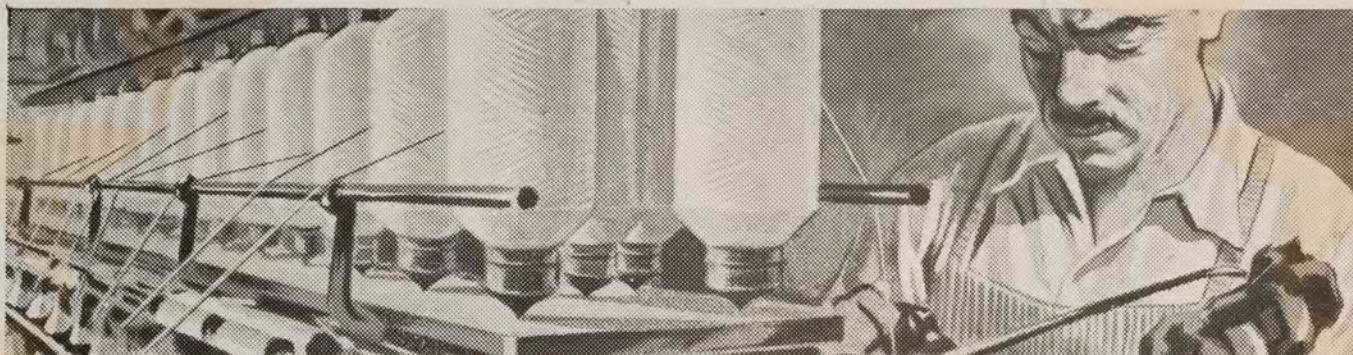
Correio

Encomendas

Escritório: Av. Franklin Roosevelt, 137
11.º andar - Tel. 42-7025
Agência no Rio: Av. Calógeras, 15 B
Tel. 42-4465



QUANTO MAIS PETROLEO*...



MAIOR INDUSTRIALIZAÇÃO



**E MELHOR
NIVEL
DE VIDA!**

* O petroleo contribui para uma vida melhor.

Quanto mais petroleo houver disponivel, tanto maior será o número de máquinas que entrarão a produzir um volume ainda maior de mercadorias de que o país necessita. As industrias hoje estão se expandindo e consumindo petroleo para os mais variados fins, seja como lubrificante e combustivel, seja como solvente, ou como elemento básico na preparação de produtos químicos e plásticos.

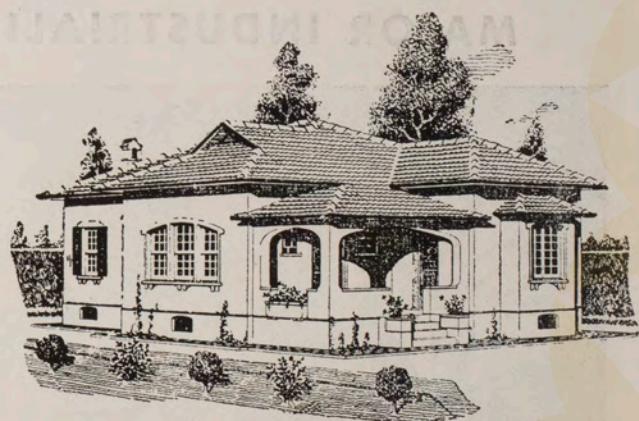
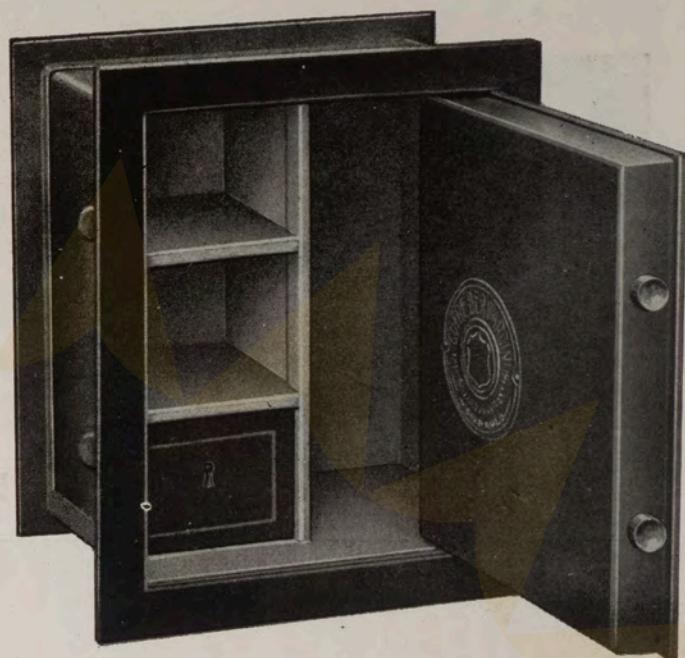
O vasto programa de construções da Standard Oil Company of Brazil está concorrendo para este crescente desenvolvimento das industrias. A produção agrícola também se beneficia à medida que maiores quantidades de petroleo se tornam mais facilmente disponíveis, uma vez que os tratores e implementos mecanizados asseguram safras maiores. Os lares passam a fruir de maior conforto e comodidade.

E, à medida que maiores disponibilidades de petroleo vão contribuindo para atender às necessidades básicas, o país fica em condições de poder desfrutar vida melhor e mais abundante.



STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

**Para conforto
e segurança
de seu lar**



**Cofre de embutir
BERNARDINI**



FÁBRICA DE COFRES E ARQUIVOS

BERNARDINI S/A

FUNDADOR UGO BERNARDINI
Endereço Telegráfico "BERNARDINI"

Loja:
RUA BOA VISTA, 57
TELEFONE: 32-1414

Fábrica e Escritório:
Rua Hipólito Soares, 79 Filial no Rio de Janeiro:
Telefone: 3-0786 RUA DO CARMO, 61
SÃO PAULO Telefone: 22-3541

Filial em Curitiba:
RUA CARLOS DE CARVALHO, 134

a linha

stands

exposições
quadros

DEC

decorações

RUA S. BENTO, 309 - 1.º S. 16. FONE: 32-2307

é o milagre

da

decoração

cinemas moveis
lojas

interiores



Prémio

DA MAIS PERFEITA TÉCNICA EXPOSITIVA

(Stand da Comp. Comercial de Vidros do Brasil)
projeto do Serviço de Publicidade da mesma
Companhia, chefiado por Corrêa Dias, com a
colaboração do decorador Landerset. Execução:
Escritório de Engenharia J. O. Souza



Prémio

DO MAIS BELO ARRANJO ARTISTICO

(Stand de Cristais Prado)

NA EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL
GALERIA PRESTES MAIA
JUNHO A JULHO DE 1951

direção técnica J. O. Souza eng.
direção administ. Morivalde de Matos eng.
direção artística Landerset decorador



WILLEM KALF, 1621 - 1693 (Fully signed)
39 1/2 X 31 1/2

THE MATTHIESSEN GALLERY

PAINTINGS AND DRAWINGS BY
OLD MASTERS
AND
IMPRESSIONISTS

LONDON (ENGLAND) 142 NEW BOND STREET, W. I.

Cables: MATTHIART, WESDO, LONDON

HABITAT 4

ENGLISH Summary

First of all schools

pag. 1

Let us start with schools. Before one endevours to reform men, it stands to reason that they must be trained first, and this where schools come in.

Schools, schools and more schools has become a dogma which by the force of constant repetition has developed into a dim and weary problem, entering the range of abstract enterprise and ministerial discussions. The question of schools is, however, a very much alive, dramatic and up-to-date one and should be regarded as such.

—What is a school for?

It is a place where one learns how to read and write, how to tell the time and to take advantage of it and most of all, to be proud of one's own Country, thanking God every day for being born in X instead of Y, whose inhabitants are notoriously less intelligent than we are! Yes, many are the things we learn at school and the summary of it all becomes our heritage for life.

—What is a school like?

A School is something with a look of its own and a very particular smell about it, is something with teachers in it who work on the horse-racing system — a medal to the winner. Finally, it teaches a combination of things which follow us throughout our lives together with a fundamental knowledge of things.

Someday when we have to put knowledge into practice the question will arise: "What is right and what is wrong?" The mind will start analysing and will search for the origin of its convictions and these lay in the far away past: in school. One can hardly stress too much the disastrous results brought about by erroneous and obsolete convictions.

Which is the responsible part, the men or the schools? It is a vicious circle schools depend on men and they, in their turn, must be made by schools.

There is an urgent need to remove the crystallized crust of hundreds of obsolete notions and commonplace inherited throughout centuries. In our opinion the only possible solution would be a sort of humility which might perhaps prevent the periodical appearance of new dogmas which although "true" and thrilling at their time of birth are bound to become routine and commonplace with time.

This humble condition should be constantly cultivated and enhanced so as not ever to become something which is taken for granted. We believe in the possibility of self-improvement.

Although it may not look like it at first sight, the above considerations are intimately linked with the problem of architecture. The school buildings shown in

this issue are all strictly modern. The expanding lines, the gardens, the large windows, the lack of severity are the first steps towards the destruction of barriers. The "prison-school" belongs to the past. The very fact alone that modern architects have been chosen to design all these schools seems to us a good omen. Let us start, therefore, both with schools and with architecture.

Lina Bo

A forecast of progress in Brazil

pag. 2

Amongst the permanent conflicts and contradictions which hamper the development and progress of our Country, the new Brazilian architecture represents a remarkable exception, to which all necessary support is being given. Perhaps this movement could be considered today the most characteristic expression of what Brazil should be like if the vices of its social formation would not have chained it to the worst possible kind of passivity and parasitism.

This new movement also involves a number of conclusions as 1) the liberation from obsolete notions 2) the courageous adaption of old functions to new necessities and 3) a strong confidence in men's capacity to solve their own problems.

Could this not be a start for the outburst of latent powers? Could this not be a sign that the sleeping giant will soon awake and live up to the responsibility of building intelligently the structures of his own destiny?

Complementing the above considerations we think it opportune to introduce the new school-buildings which are being erected in São Paulo in accordance with this new movement of Brazilian architecture. This is an enormous achievement but unfortunately still incomplete due to the lack of proper educational systems.

These buildings could be compared to unpatient poneys, full of life, strength and joy, but still untamed. Brazil needs lyricism — which is the capacity to forget — and virtue — which is the capacity to conquer. Modern architecture is an excellent lesson of these two redeeming attitudes.

Considerations about the "Educational Agreement"

pag. 3

P. M. Bardi, diretor of the "Museu de Arte" of São Paulo, was right in remarking that the Educational Agreement was discovered by the "Habitat" editors. They once came to us and wanted to find out about a

number of modern buildings which had appeared in town rather suddenly and we explained then what our work was for and how we went about it. Ever since "Habitat" has become an efficient cooperator, sharing our endeavour to accomplish something valuable for the education in our Country. The work of the executive commission of the "Agreement" actually started in 1949. Every single school of São Paulo was examined in order to ascertain the number of children without school's and also the conditions of the existing ones which were found to be inadequate from every point of view. It must be said that the less encouraging the results of this investigation, the more energy and enthusiasm grew amongst the members of the Commission in order to find a quick solution for this most serious problem.

An extensive programme has been drawn in order to remedy at once this alarming deficit which by the time of São Paulo's 400 anniversary in 1954 will be absolutely saned. School-buildings are now being erected in a very swift rythm and we do not hesitate in express our pride and satisfaction over this achievement.

The influence of this activity, so far as primary education is concerned, becomes obvious from the below graphic: gradual reduction of scholar deficit which will disappear entirely in 1954.

We believe that this influence will go farther, to the field of education itself, indicating new directions which always have been stagnated by old and unproper surroundings.

It will only be a natural claim imposed by new conditions for a better educational system.

The problem of schools and Architecture

pag. 4

After so many international experiences with to getting a deeper insight in this charming little world called "child", here in Brazil very little has been accomplished to this effect, so far.

Now, however, São Paulo is engaged in an extensive school-building programme resulting from the new "Educational Agreement". Although this appears to be a solution for the quantitative problem, much is yet to be done from the quality point of view.

Two important experiments have been carried out here. One is the aforementioned "Educational Agreement" started in S. Paulo and another movement was started in Bahia by the Secretaria da Educação. We shall give a summary of both these movements below, starting with the "Educational Agreement". Starting in

1949, the first three months were spent in careful investigation of schools and their shortcomings. As a result of this study, it was considered that a period of at least 5 years was required to overcome the existing deficit of schools. This plan set out a minimum of 20 primary schools to be built yearly.

The quantitative angle being thus solved, it was also sought of new teaching systems and a number of modern and healthy educational directions were set out. Of course, these were bound to upset completely the old-fashioned existing systems and now we can say that this happened. A new era is beginning for São Paulo's children. According still to the 5-years plan, each school will have at least four class-rooms and a museum. This museum will not be a dark and sombre place but a living exhibition where children will be able to see and touch things as they please. A lovely example of a child's mind is given by Pigtigrilli: Once a girl was asked to describe a cow and she said: "A cow is neither an ox nor a horse; it is a rather big animal with legs reaching down the ground." Now a few words about Baia's experiment, the importance of which can be realised by the below summary of a message sent by Anisio Teixeira of the Secretaria da Educação to Baia's Government: "The natural urgency arising out of the precarious economic and politic situation of our country, leads us to hurried last-minute decisions which, tending to overlook the actual educational aim, bring about most unfortunate results. Education is an extremely complex art, entirely subjected to surroundings and degree of development. Obviously, our standard cannot be compared with that of more advanced countries. Now, if these devote their closest attention to the problem of education, it is easy to imagine what amount of effort we still have to employ."

Our final conclusion is that nice buildings alone will not be sufficient to solve this acute problem. Architecture is only a valuable complement to a perfect educational programme.

The architectures of the 'Educational Agreement'

pag. 7

It is no small achievement that nowadays plants and flowers have become an indispensable complement of school-buildings.

The monument-school, severe and majestic, is being substituted by the horizontal and cheerful building set in the middle of a garden. It is more important for a child to be taught the love of nature than history, specially that sort of history which consists of names, dates and abstract events only. There should be a new subject for study called "Nature", with all its truth, its beauty and basic lessons of life. The architects of the 'Educational Agreement' appear to have opened the doors for this new teacher.

But where shall these new teachers come from? What we now need is a teachers' school which will educate the new Brazilian educators of the XX Century.

Invitation to young people to become collectors

pag. 41

To collect pieces of art is by no means the privilege of elderly ladies with a cash overdraft and no better ideas as to what use it for. The pleasure of collecting can be extended over a much larger circle than would be expected.

It all depends on a certain degree of culture and, of course, enough passion for such a kind of amusement.

This hobby can, however, present a positive and a negative side. The latter case might be exemplified as a passion only directed to worthless objects.

On the other hand, the positive side is represented by objects of cultural value which prove most educating, not only to their owner, but also to every-one who gets into contact with them.

The sizes, types and origins of these objects are of secondary importance. What really matters is the development of art by means of comparison between several masters and a finer knowledge of the smallest details.

There is a great pedagogic value involved in the habit of collecting, regardless of the monetary cost of these objects. For this reason it should be practised by young people and not only snobbish millionaires. Those who collect for the pleasure of it and for the love of the beautiful, will always have the Museu de Arte's fullest support.

With little expense very good things can be had. Take for instance Souza's refreshing and naive paintings serving both the purpose of collecting and decorating homes.

For all this the true and sincere fashion of collecting should be started by our young people.

Sambonet

pag. 41

Roberto Sambonet is a young Italian painter, presently living in Brazil. São Paulo will certainly remember his excellent exhibition in the Museu de Arte, which was accompanied by a small book called "Massaguassú", after the little village's name where he found most of his inspirations.

The author of this book rightly says that Sambonet's work is plenty of good results and positive efforts — unconcerned with current fashions — have greatly contributed to the creation of a most favourable atmosphere for our art. Meanwhile Sambonet, calm and aware of the fact that art is the result of patience, dedication and hard work, is continuing with his research and discovery work. Some of his drawings reproduced in this issue have called our special attention. They seem to us a genuine contribution to true art, which unfortunately in our country still is a somewhat vague activity. Yet they appear to have been refused in a last-minute organised exhibition by people who were obviously too concerned with the fact of "organising" itself, thus becoming just as blind as justice sometimes does.

Souza, a good painter

pag. 44

Souza was a completely unknown painter, without tradition and schooling. We do not know which were the reasons which induced him to start painting but eventually he became the painter of his beloved Itanhaém. The ocean, fishermen, some scarcely spread churches and huts became his preferred subjects. People started buying those neat little paintings and Souza started being spoken of, and, supported by some well known painters as Volpi, Bonadei and Milliet, who saw real value in his work, he became even well known to a certain extent. The poor old Souza died short time ago in a hospital in Santos and was given a homage from the Museu de Arte by exhibiting his work. Certainly after this, his work will have a greater number of appreciators.

Somehow painting has become the privilege of a few only. Beware God of those who having been born poor, painters could not afford schooling and are, therefore,

automatically separated from art. That is not true. Painting was a dear companion to a simple man as Souza has been.

I did not have a chance to meet him personally but the look of his paintings, so full of honest poetry and colour harmony always made me feel good. Of course his art was limited to his surroundings, but it is worth for all it got in phantasy balance and natural, self-born skill.

Shapes

pag. 49

Humanity creates its architectures and time endeavours to destroy them. When it does not succeed to do so, at any rate it ruins and buries them.

Humanity, in its constant forward trend, considers yesterday outdated and erects new buildings with different shapes and new ideas, never pausing for a moment. Twenty or thirty centuries ago people must have been much calmer. Architecture progressed in a slow, normal rythm. Columns were eventually omitted, giving place to arcs and curves; later columns came into force again and so it went on with little major changes.

Time flies in our days. Men have invented new means of locomotion which only serve to make this rythm swifter still.

Looking over the past centuries one finds great identity between architecture and customs. In the XVII century people build according to their actions and thought in line with their buildings. One might say that at those days architecture was shaped morals.

He, who moans after antique shapes is outside his era. For instance, a tower once built by a gothic master in Milan, to lift his faith up to God, in our days is used as a radio-transmission station.

Architecture changes and so do their purposes. Fortifications which in 1500 were considered undistractable, were looked at as mere screens half a century later.

Nothing can last in architecture. Every day Fashion's restless nature, changing things probability to the improbable. Saint Peter's dome could be done nowadays, twice his size with only half the material employed. Fashion's restless nature, changing things at each new season, is partly responsible too. One actually desires the new. Not even the lines of cars, airplanes or boats have a long life. After a year's time new items are added or removed. This is also architecture's destiny.

Can one ask for balance and harmony in architecture, considering the constant race and pell-mell condition of our modern world?

Yes, times have changed. One seeks simplification, maximum functionalism and utility. Yet, there is a possibility that this reduction to the purely rational angle of life will lead us back to an ardent desire of the "artistic inutility".

Nowadays one can start an art collection with little cash, and good drawings or engravings for instance could be a very good outset. Such work can be had at the Museu de Arte which has its own engraving course given by Poty and Aldemir Martins. There is also a xylography study, headed by Karl Heinz Hassen, shortly arrived from Europe whose work exhibited in our Museum. He, together with elements like Lisa Ficker-Hoffmann, Yolanda Mohaly, Mella Salm, Elsa Saft-Teilheimer and Silo-Flues-Hoeltje are engaged in the study of xylography's expression possibilities.

Considering the different origins and traditions of these artists, this work will prove most valuable and we look forward with interest to the future achievements arrived at by this group.

In the present exhibition and also in future, splendid engraved works can be had at very reasonable price indeed.

Museums outside their limitations

pag. 50

Coming from the museum the other day, I passed a long queue of people who patiently awaited their turn to get into a cinema. It occurred to me that a museum could be made just as interesting and fashionable as a movie.

We know what museums are like all over the world: very fixed organisations, always specialised and limited in the choice of their objects and in their educational efficiency.

A new sort of museums should be started, outside the narrow limits of traditional exhibitions. Instead of supplying vague information it should be a source of education and lively interest. A museum should, therefore, not be a cemetery where old memories linger and dead things are buried. Art must be kept alive as a form of existence and not hidden in a dust-covered shrine.

It is the tendency of old-fashioned museums to separate the different kinds of art from each other, forced by the very structure of their buildings and serving the purpose of historic necessity only. Art however must be considered as a unity as otherwise it becomes dry and incomplete.

I think that the time of reforming museums has now come. Museums will serve to educate people's taste and teach them the love of art.

I come from Europe where I often tried to raise this question, with very little results. Museums in Europe are installed in historic palaces and nothing new can possibly be done in this field. America will, in my opinion, be the first one to understand the educational values involved in such a prospect.

Yet it appears to me that people in Brazil must still realise that daring ideas are never utopies whilst, on the contrary, utopies are never daring.

P. M. Bardi

The Gallery of the Museum of Art Toulouse-Lautrec

pag. 52

As can be observed in our former issues, the Museu de Arte never misses a chance to publish the list of new gifts which have been added to its collection by generous dispendors.

A sharp and witty observer of the Parisian world, Toulouse-Lautrec can be considered as one of the most outstanding painters of the nineteenth century.

Born in Albi, in 1864 from noble family, he lived there for fourteen years and then moved to Paris. As a young boy he suffered two accidents in a short interval and became a cripple for the rest of his life, which no doubt had a strong influence on his way of life and consequently, his painting.

In 1881 he still follows his teacher Princeton, while 1882 opens new horizons to him as he starts attending studios of artists like Cormon, Emile Bernard, Anquetin and Gauzi. In the same year he meets Van Gogh and a new period starts for his painting. He remains 13 years working in the same studio and his favourite subjects become Montmartre with its gay bohemian life, the cabarets and its queer people, which he sees both with a certain amount of sarcasm and a deep and human feeling. This man of high birth, despises ethics and conventions, living a miserable life only to find a new and true angle of human existence.

The eight new paintings which have been added to our collection this year at the same time serve to honour his memory on the 50th anniversary of his death.

Toulouse and the placard

pag. 56

The recent show of Swiss placards organised by the Museu de Arte lead us to a number of considerations in regard to the necessity of improving this activity in our country, such on effort coming from the museum itself and other similar entities. Although some progress has been made in this field, it is still very far from the expected level. Of course, perfection of graphic art cannot be achieved over night. Generally we approve of the new and advance ideas of other countries. What we regret is the influence exercised by North American placards with their indispensable "Coca-Cola girl", which means, half-naked girls as the main motive on placards, whether there is a reason for it or not. Could that be just a lack of ideas? On a retrospective look at the beginnings of placard history we find names of outstanding artists like Cheret and Toulouse-Lautrec who devoted their art to placard painting. Toulouse-Lautrec's work is the result of a great artist's experience applied to the placard and should be considered as excellent material for study in this field.

Gilbert

pag. 57

Gilbert Stuart is the first North American historic painter now represented in the Museu de Arte. He lived from 1755 to 1828, a period in which the U.S.A. were fighting for their independence and preparing to start a new life as a free nation. Yet his paintings cannot deny English origin from his mother's side and the many years he spent in England where he painted king George III and Louis XVI of France. Returning to the States he made portraits of George Washington, Thomas Jefferson and other famous personalities, thus becoming one of best known portrait painters of his time.

He beholds all the charm of the "Sturm und Drang" movement (which sought for the sentimental values in nature) untouched by the cruelties of the ensuing French Revolution. These resources were employed by him in a most charming and pleasant way.

Picasso

pag. 57

Picasso's new painting, "the athlete", which the Museu de Arts is proud to add to its collection, will show us a further phase of this artist's development, so far only represented by one painting of the so-called "blue phase", the "Picture of Mme. Suzanne B" (Habitat n.º 1).

The present work was done in 1909 in the "cubic phase". This was for Picasso a phase of shapes renewal, a stage when colour and dimension still meant something to him. Picasso does not look at his subjects as objective nature but rather approaches them from the psychologic point of view. Parting from this principle he represented shapes as geometric elements, like curves and angles. Perspective and classic norms were abandoned completely. According to cubism, canvas is a straight bidimensional surface to which colours must be added. Thus a symbol had to be found for the representation of the third dimension. This was tied with the deviation of painting into stereoscopic shapes. The first step was to give new life to all representations existing on the surface of a canvas, and a new balance too.

These deformations were of great importance to Picasso for they lead him to abs-

tract composition, to a new conception of colour harmony and finally to the synthesis of figures, which is the real spirit of present days art.

Constable

pag. 58

It is interesting to note that from its early beginning English painting always considered nature as a beautiful background, an almost indispensable complement to portraits. Yet nature was never more than a scenery.

John Constable (1776-1837) represented in the Museu de Arte by his "Landscape with the Salisbury Cathedral", on the other hand tried to give nature a deeper and more important meaning and can justly be called the fore-runner of modern landscape-painting.

His technique is free and easy, almost draft-like and transmits the immediate impression he got from nature. The way in which he uses his greens and the pleasant light effects remind us of the impressionists. As a matter of fact one might say that Constable was a real incitement for the European landscape-movement which followed.

Ausomatism

pag. 59

Last August the "Museu de Arte" had a chance of exhibiting Frederic Karoly's work. He lives in New York at present and came to Brazil especially to get acquainted with our artistic world. His paintings have an exclusively decorative character in the way of abstract composition and his excellent technique and colour-harmony have always granted him enormous success. Simultaneously with his show in Brazil his work was also exhibited in the Independent Art Exhibition of Toquio and the "Realités Nouvelles" saloon in Paris. We transcribe below some of the artist's remarks in connexion with his way of imagining and executing his paintings.

The lady of Odonais on the Amazonas

pag. 60

Fear had turned her hair into snow. It was not easy in those days, between 1770 and 1780, to get near her. The Lady Godin de Odonais wanted peace and forgetfulness only. Unable to come near her we must be contented in watching her from distance. In her small but elegantly furnished room everything seems to speak of a far away past. Some pieces of leather are displayed on a small table.

Eventually I heard her coarse, nervous voice. I had not asked her any question nor did she actually speak. Imagination only started working and let her tell, herself, the sad story of those queer objects. She said:

"On the 1st October 1769 I left Riobamba accompanied by members of my family and 31 Indians to carry our luggage. I had not seen my husband for 20 years as he was a sea-merchant and looked forward very much to seeing him in Oyapok where he waited for me. After wandering for some time we arrived in Canelos which we found completely deserted due to a small-pox epidemic which had killed part of the population while the remaining ones had taken flight as fast as they could. There all our Indians left us running away in panic, and we had to go on by ourselves fighting with increasing difficulties. Not a living soul whom we might have asked for

help, could be seen anywhere. Deadly tired, hurt by thorns and badly bitten by insects our gloomy caravan dragged along. Finally, with no more energy left we had to surrender and await the fulfillment of our bitter fate.

There are no words to express my horror and distress as I watched one by one of my family's members, two brothers and a nephew, and four other companions, struggling with death and perishing. I had lost conscience of everything and for two days lay between my brothers' corpses. Somehow I woke from that death sleep, my clothes torn to pieces and barefoot. I cut off the soles of my brothers' shoes and fixed them to my naked feet. I cannot remember how I ever got to Bobouasa. The memory of that dreadful picture and the horror of taking with me whatever I could in the certainty that all were dead chased me eversince through my days and nights." Thus, after a 20 years' separation and having lived through that unbelievable nightmare, she sunk into her husband's arms.

There she sits in her big arm chair and stares at a pair of soles which is all that was left from her dead brothers and the horror she had witnessed.

This is just a report of what happened. No fiction had to be added as the story, itself, is more than imagination could create.

Zamoysky

pag. 69

As we already have stressed before, in former issues, one of the Museu de Arte's main concerns is that of education. We are constantly thinking of new schools and programmes but owing to the increasing number of paintings which lately have been added to the museum's collection, space is no longer sufficient for additional class-rooms and studios. Therefore, it has been considered to acquire ample ground at Marumbi and build large studios for all the schools we have in mind, i.e. for sculpture, frescos, cenography and ceramics.

We are also glad to inform that sculpture teaching will be at the care of Zamoysky, the Polish sculptor who after a successful past in Europe and America has settled down in Rio de Janeiro where he started an important school. This was based upon his past experience in Poland where art was cultivated with a spirit of cooperation and comradeship, regardless of social standing. We can only hope that this will also be his orientation for this new school.

As these pages are reserved for Zamoysky's work, we consider it very enlightening to transcribe below an interview in which the artist summarises his teaching method as follows—:

—“Which is your teaching programme?”
—“Art cannot be taught but anyone who wishes to express himself freely needs a secure instrument. I want to put all my acquired experience at the pupils' disposal. I will try to give them all necessary technical knowledge, such as cutting stone, polishing it or preparing their own instruments.

Apart from sculpture and model drawing it self, they will study philosophy, history of art and so on.”

—“Which is your artistic orientation?”
—“I do not really want to impress any sort of orientation upon my pupils. I only will try to bring them into a close and sincere contact with life, through their work. I shall encourage them to see nature in a personal authentic way, free of prejudices. I shall help them to resist the temptation of falling into commonplace formulas for easy and quick success, should they feel unable of having true and original emotions. In the subjectivity of the look and of the authentic emotion, there is enough margin for originality.”

The programme of the new generation will disregard academism completely and open the doors to new discoveries. Art will not be considered as a pastime but as a serious means of life which puts us into contact with the unexplainable mysteries of existence. If real art seeks eternal values it must find its emotions in Eternity and its inspirations in the Divine, which will lift us out of our apparent loneliness onto something higher and better. Here lies the transcendental value of art. In order to transmit these indispensable values to the pupils we must first let them have a complete knowledge of the practical side. This is what I intend to teach.”

The picture, resemblance and art

pag. 70

Futility wants the image to be a picture. Futility is right, because the artist gives his work a person's name, thus proving that he meant to represent a certain person. This equally involves the responsibility for him or representing a certain person and not just any one.

Yet, futility under the influence of photography so far as painting is concerned and plaster copies in connexion with sculpture, has a wrong conception of resemblance. According to this conception the features should be reproduced on the paper as they are seen by one's eyes.

This alone, however, does not reveal a thing about a person's innermost self.

It is a hard way an artist has to go in order to arrive, through a variety of outer forms, to the essence, the soul, finally the true personality of his subjects. Both photography and plastic copies only succeed to show a face in a certain unchangeable disposition.

Painting has to deal with surfaces and sculpture with space.

The painter only has to work with two dimensions and his is not the problem of the sculptor who has to face three dimensions.

The sculptor must dominate space. The painter must give life to his angles.

The sculptor searches for a law of shapes. Once this cubic law is found his only task will be to integrate it in his subject.

Count Augusto Zamoysky is the first sculptor who follows this directive. About his working system I could say that once, in my studio, he finished within two hours a bust of myself. Although there is a hole at the place of my eyeballs, people who look at it remark that it holds mysteriously the power of my look.

Adolf Loos

Architecture and religion

pag. 77

Many readers have been writing us, inquiring why we neglect Brazilian religious architecture. They tell us what is being done in other countries, for religious architecture for instance, and as a matter of fact we find it distressing to think what is being done here in this respect, with the exception of a few contemporaneous churches only. Most of them, however, are actual attentates against architecture itself and also against the expression of religious ideas. Take the São Paulo cathedral which has nothing whatsoever to do with architecture nor with the religious ideas and nature of our people.

We can only hope that its pseudo-gothic style, so contrary to our present conception of architecture with its correct proportions, will not be looked at as an example of what religious architecture should be like. In this connection it occurs to us what said by Joséphin in his “Finis Latinorum” “art regains the meaning of ideal and the Church regains the meaning of beauty.”

Open Letter

pag. 78

Dear Mr. Cicillo,

I was very pleased to hear of your appointment as organiser of the festivities which will take place in 1954 for the commemoration of S. Paulo's 400th anniversary and I am quite certain that in your hands these festivities will be prepared with a great sense of art and good taste.

Together with my heartiest congratulations I should like to convey to you a few suggestions which come from competent people, regarding the programme for this important event which will have such a high meaning for São Paulo and its position toward South America and the world.

Perhaps you will be lead to think that the Museu de Arte is trying to interfere or considering it its duty to patronize arts but this is not so. As a matter of fact we are rather shy about it and all we really want is to cooperate, just like you, in the development of art.

For this reason we have decided to publish from now on our proposals and suggestions. The below proposal refers to the architecture show which is planned for the festivity and we are sure it will interest you for all it has got in novelty and daringness.

Proposal for a contemporaneous architecture show on the 400th Anniversary of São Paulo.

Twenty of the most outstanding architects of the world should be selected by a committee of critics and each of them should be indicated a proper ground to build a house. The group of twenty homes thus built, one near the other, will represent the architecture show. Estate-companies could greatly cooperate with this undertaking.

Everyone can easily realise what it would mean for S. Paulo to have a group of houses built by Wright, Gropius, Le Corbusier, Mies van der Rohe, Aalto, Niemeyer, Neutra and other."

Alencastro

“Cortizona” for Terpsicore

pag. 83

Esculapio, Hipocrates and his opposer Galeno could never have dreamed that the most ethereal of all muses, the divine Terpsicore who rules over dance, would be victimated by an ailment so contrary to her very nature, rheumatism!

The poor girl got it right here in São Paulo.

The disease in question seems to have acquired a chronic character in São Paulo, a city of two million inhabitants with only five or six, poorly organised, ballet-schools.

No wonder that young people who study in these schools, seeing no chances for a career, without remuneration and proper teachers, give up hope and pass on to show-business or boites.

Meanwhile the public watches astonished the world-famous groups on our stages and wonders why a country like ours, rich in fascinating popular tradition, could not do likewise.

With daily training given by first class teachers, a perfect dancer can be trained within two years. In São Paulo young people study uselessly for ten years without getting anywhere.

Local dance-teachers must realise that ballet is not a competition business amongst schools. Dance is the ultimate expression of a country's cultural standing and all assistance should be given to those who want to improve and develop this art.

Laura Moret

HABITAT 4

Diretor: ARQ. LINA BO BARDI

SUMÁRIO

LINA BO	Primeiro: escolas
ANISIO TEIXEIRA	Um preságio de progresso
J. AMADEI	O que é o Convênio Escolar
HELIO DUARTE	O problema escolar e a arquitetura
Z. CUNHA P. M. BARDI	A arquitetura do Convênio Escolar Convite a colecionar Formas Musée hors des limites Toulouse - Lautrec no Museu de Arte Toulouse e o cartaz Novas aquisições (Golbert, Picasso, Constable)
F. KAROLY TITO BATINI	Automatismo A Senhora Odona em águas do Amazonas Manaus, teatro Manaus, novidades O escultor Zamoysky
ADOLF LOOS	O retrato, a semelhança e a arte
ALENCASTRO	Arquitetura e religião SP 54
L. MORET	Album de fotografias
F. BIAGI	Bailado: Cortizona para Terpsicore Cinema: Necessitam-se artezãos L'E. Música: Angelicum



Fotografias: Chico Vizzoni, Peter Scheier, Marcel Cautherot, Roberto Maia, Sacha Harnisch, Felipe Quartiermeister, Alice Brill, P. M. Bardi, F. Krauss, Gustav Werner, Marc Vaux, S. Londynski, André Kertész, Soichi Sunami, Matthiesen Ltd., Knoedler Ltd., Diarios Associados, Fredi Kleemann, Farabola, Publifoto, Bruno Schuch, Zygmunt Haar, Jaques Pires, Foto Kurt, C. G. Stillman.

Diretor responsável: GERALDO N. SERRA
Propriedade: HABITAT EDITORA LTDA.
R. 7 de Abril, 230, 8º, Sala 820, São Paulo

Administração e Publicidade:
HABITAT EDITORA LTDA.
R. 7 de abril, 230, 8º, Sala 820, Fone, 34-4403

Assinatura (4 números anuais):
Brasil ... Cr\$ 150,00 Exterior ... US\$ 6,00
c/registro. Cr\$ 165,00 c/registro ... US\$ 7,00
N.º avul. ... Cr\$ 40,00 Exterior ... US\$ 1,75
N.º atraç. Cr\$ 60,00 Exterior ... US\$ 2,75

DISTRIBUIDORES NO RIO DE JANEIRO:
Livros de Portugal, Rua Gonçalves Dias, 62

Clichês: Funtimod - Fundição de Tipos Modernos S. A., Secção Clicheria, Rua Florêncio de Abreu, 762, 2º - Fone, 34-8773 - S. Paulo

Impressão: Empresa Gráfica Editora
Guia Fiscal - Rua da Glória, 653, Fone, 3-3307
São Paulo, Brasil.

Primeiro: escolas

Comecemos pelas escolas; se alguma cousa deve ser feita para "reformar" os homens, a primeira cousa é "formá-los". O argumento é quase esgotado, avalanches de livros e opúsculos, os écos de intermináveis discursos e preleções o acompanham; é natural que se deva começar pelas escolas, todos o sabem, é uma cousa adquirida, que como tódas as cousas adquiridas passou logo para a rotina das cousas que não produzem mais efeitos. Fazer escolas, fazer escolas, fazer escolas, está bem, fazê-las, o fato enquadra-se em iniciativas abstratas, em retumbantes decisões ministeriais; falta o interesse ardente, falta a "dramaticidade" da cousa. E' necessário dramatizar o problema das escolas, torná-lo vivo, presente, cotidiano. O que é uma escola?

E' um lugar onde se ensina a ler e a escrever, onde se aprende a consultar o relógio e a contar o tempo, onde se aprende sobretudo a ser orgulhoso do próprio país, agradecendo tódas as noites a Deus por nós haver feito nascer em X, em lugar de Y, cujos habitantes são notoriamente muito menos inteligentes que nós. Nas escolas estudam-se ainda, em ordem progressiva de tempo, muitas disciplinas, infinitas outras cousas, até o dia em que, ao deixar a escola, o complexo de tódas estas cousas forma a bagagem, o viático para iniciar a viagem através da humanaidade.

Como é a escola?

E' a ESCOLA; com o cheiro todo especial de escola, com aspecto de escola, funcionamento de escola, um conjunto de escola que por tóda a vida lembrará a ESCOLA, com tentativas abortadas de jardim, janelas estreitas, corredores, e a Diretoria; com um professor ou professora incitando os alunos com um sistema de treinadores de cavalos de corrida, estimulados pela chegada, pela medalha, pelas fitas ou prêmios.

Aquela cheiro de escola nos acompanha a vida tóda, juntamente à bagagem-base de conhecimentos adquiridos que continuamos a pôr em prática, sem aplicar entretanto a própria capacidade de exame e de julgamento.

Diz-se: "Fago tal cousa porque é certo fazê-la, sempre a fiz, sei que é certo". Por que é certo fazê-la?

Um dia a mente se detém e circunscreve e analisa esta cousa, volta ao tempo e à origem daquela convicção, daquela crença, e a origem está lá, muito longe, na escola, inculcada na escola, fortemente apoiada pelos pais que por sua vez sabem que é certo fazer esta cousa, porque é certo fazê-la, sem saber o porque; e a origem daquela convicção está ainda numa escola, ainda mais longínqua no tempo. Responsabilidade da escola: ao exame agudo e penetrante aquela convicção revela-se errada, capaz de produzir consequências inauditas. Mas de quem, então, dependem as escolas? E' um círculo vicioso: dependem dos homens que, por sua vez, devem ser formados em escolas.

Exprimimos o nosso pessimismo sobre a orientação geral das escolas baseados numa experiência pessoal longamente meditada. O nosso esforço maior foi o que fizemos para nós libertarmos de uma sobreestrutura cristalizada, de uma camisa de força formada, em nosso caso, por milênios de lugares comuns que, surgidos de esplêndidas renovações, tornam-se através da rotina dos séculos, lugares comuns adquiridos, mortos.

Dissemos nosso esforço; quem escreve nasceu na Europa e pertence à geração criada na época das escolas optimístico-esportivas por excelência, na época das presunções heróicas. Todo aquela castelo tinha sido preparado, antes de mais nada, nas escolas, palavra por palavra, fôlha por fôlha, nuance por nuance; aquelas crenças eram comodas, estavam ali firmes, como rochedos a resolver as situações, defendendo idéias cômodas.

O esforço maior foi o de encontrar, não uma solução que evidentemente não era possível encontrar, mas uma maneira limpa de se adaptar aos fatos como suspeitávamos fossem na realidade — adaptar-se buscando com as próprias forças. E o esforço maior foi o de nos libertarmos da sobreestrutura cristalizada, formada por milênios de lugares comuns, e adquirida desde a escola.

Pensamos que uma solução possível — e pareceu-nos a única — fosse a humildade, e pensamos que talvez na perpetuação desta atitude ter-se-ia podido abolir o nascimento periódico de "dogmas" que, "verdadeiros" e brilhantes no instante do nascimento arrastam periodicamente os homens à catástrofe, transformando-se logo após em rotina adquirida e lugar comum.

Esta condição de humildade deve ser continuamente vivida e dramatizada para não se transformar ela própria em cousa adquirida, e o maior cuidado deve ser dedicado à formação da mentalidade "humilde", extremamente civil e "contra a natureza".

Acreditamos na possibilidade de evolução dos homens e na possibilidade de autoaperfeiçoamento de cada ser humano.

A premissa para edifícios construídos em função de sedes escolares, à primeira vista, aparece transpor o problema arquitetônico, mas é pelo contrário a êle estreitamente ligado. As escolas que apresentamos neste número são tódas rigorosamente atuais, expressas segundo as formas daquela arquitetura contemporânea que se inspira essencialmente no homem e na posição de "humildade" que mencionamos. As formas que se expandem, que se ligam com o exterior, o jardim, as janelas largas, aquele ar de "não severidade", é o primeiro passo para a abolição de barreiras. A escola-fortim, gótica, normanda ou sem estilo mas com denominador comum de edifício-prisão, lembrando quase aos alunos que o estudo é um penoso dever, esta escola tornou-se longínqua e obsoleta. E o próprio fato que arquitetos modernos tenham sido chamados para projetar tódas estas escolas, nos parece uma profecia.

Comecemos pelas escolas e sobretudo começemos pela arquitetura.

LINA BO

Um preságio de progresso

Em meio aos conflitos e contradições brasileiras, nascidos da oposição permanente de forças residuais às veleidades de crescimento e progresso do país, a nova arquitetura brasileira constitui uma exceção, pela amplitude do apoio que vem recebendo e pelo impeto e continuidade de suas realizações.

Talvez seja este movimento, hoje, a expressão mais característica do que deveria ser o Brasil, se os vícios de sua formação social e a maldição histórica de haver nascido velho não nos tivessem chumbado os pés às piores formas de parasitismo e de passividade que jamais marcaram uma nacionalidade.

Com efeito, pela sua nova arquitetura, o Brasil vem participando de um espírito de coragem e de saudável aventura, que não anima nenhum outro setor da vida nacional, embora outro não devesse ser o espírito da civilização que se deveria implantar nas amplitudes vazias e promissoras desse continente. O amor ao adquirido e ao privilégio — hoje conquistado repentinamente — um exasperante senso de segurança e um trágico horror ao risco, aliados, à coragem puramente passiva de tudo suportar, fazem do nosso país, entretanto, a mais palpitante contradição. Ao desafio de todo um mundo a conquistar, respondemos não com a debilidade-força da juventude mas com a decrepitude medrosa e cambaleante da velhice, a pedir muletas, apôios, assistência e proteção.

Podíamos ser os mesmos em arquitetura. E o somos, em verdade, em grande parte. Ao lado do Ministério de Educação lá está o Ministério da Fazenda a responder ao áto de risco e de beleza que é o Palácio da Educação com a mesquinha segurança — era assim que os romanos construiram — no Tesouro Nacional. Um pequeno grupo, entretanto, de arquitetos e engenheiros salva o espírito brasileiro, com essa arquitetura moderna que é, antes de tudo, um áto de confiança no país, no gênio de seu povo e no progresso do conhecimento humano.

Todos nós, que sonhamos um estado de entusiasmo para a grande aventura de construir nacionalidade, temos nesse movimento da arquitetura brasileira, uma pequena amostra do que poderíamos ser, se um estado de esclarecimento e de fé se criasse, como se criou entre esses engenheiros, em nossa agricultura, nossa indústria, nosso comércio, nossa educação e nossos serviços públicos e sociais em geral.

Que caracteriza, porém, a arquitetura brasileira para que estejamos a fazer afirmação desse porte? Nada mais, e também nada menos, do que 1) uma singular liberação de velhas fórmulas mentais, 2) uma corajosa adaptação das antigas e novas funções dos prédios aos recursos novos e novas técnicas da construção e 3) uma confiança lírica na capacidade do homem de resolver os seus problemas. Mas que outros característicos deviam marcar a ação do homem que, nestes meados tormentosos do século XX, se deparasse com um continente a conquistar e todo um país a construir? Não será, assim, essa arquitetura como um preságio das forças latentes do país? Não será ela um sintoma, um sinal antecipado de que vamos despertar e, um dia, o



O Brasil precisa de civismo; mas os meninos precisam de "clima"

espírito do arquiteto não dominará apenas as construções ocasionais que lhes entrega o acidentalismo de nossa vida pública e privada mas todo o país e todas as suas atividades, lançadas final na grande aventura criador de um povo entregue à construção voluntaria e inteligente do seu destino?

Wells, em uma de suas profecias a respeito do nosso mundo, imagina-o renascendo de uma fase de destruição total, por intermédio de um pequeno grupo de aviadores, que recolhe a herança da atitude científica eo espírito de confiança na ação humana. Quem sabe se, entre nós, a missão não caberá aos arquitetos? Primeiro o seu trabalho toca em todos os setores da atividade humana. Nada do que é humano lhes é estranho. Segundo, o hábito de projetar para todos fá-los sensíveis e objetivos, inteligentes e desapaixonados. Em nenhuma outra arte, além desta, o casamento entre a ciência e a beleza é mais íntimo e mais inevitável. Não estarão aí as condições para a formação inesperada dos líderes nacionais?

Com estas palavras é que intentamos fazer a apresentação dos novos prédios escolares que São Paulo edifica, acompanhando esse belo movimento da nova arquitetura à brasileira. A direção técnica do plano de construções foi confiada à figura de arquiteto e de artista que é Helio Duarte, em cujos projetos a fantasia delicada e jovial se mistura com uma real severidade de propósitos e a técnica mais escrupulosa.

Para julgar esses prédios, entretanto, é necessário que se levem em conta os dois aspectos da arquitetura. Se, por um lado, é uma técnica a usar os conhecimentos e recursos do seu tempo a respeito dos materiais e uma arte a praticar a coragem de imaginação das novas formas, por outro lado o obedece ao programa e aos objetivos da consciência de educação a que estiver servindo.

Há, assim, possibilidade da construção de belos edifícios modernos para uma educação obsoleta e essa desproporção entre os ideais e as atitudes que informam o estilo do pré-

dio e os que inspiram os seus ocupantes torna a arquitetura moderna, no país, por vezes, como já o insinuamos, um pungente e doloroso espetáculo que, paradoxalmente, tanto aflige aos que não a compreendem e por isto a odeiam, como aos que a sentem e amam. Este é o resultado do desenvolvimento desharmonioso e contraditório dos países, a crescer dentro da camisa de forças das suas, até agora irredutíveis, cristalações residuais. Somos, de certo modo, um fossil a lutar por viver e crescer. E, por força, há de ser grotesco o resultado! Sob este aspecto é que o Palácio da Educação, no Rio, pode deslumbrar o *forasteiro*, como Julien Husley que, ao saltar em nossa Capital, do cais mesmo se dirigiu para o Ministério, e, por outro lado, nos cortar o coração aos *nativos*, sentirmos a contradição trágica entre a eloquência daquelas formas, a singela esbelteza daquela juventude, a eficiência nervosa daquele organismo e a triste alma dos burocratas que o ocupam e dos pedintes que o circundam.

Reconheçamos, entretanto, que nenhum outro elemento é tão fundamental, no complexo da situação educacional, depois do professor, quanto o prédio e suas instalações. Reconheçamos, também com Pascal que o homem é feito de tal modo que embora o sentimento anteceda o gesto, na sua ordem natural, o gesto pode gerar o sentimento. No Brasil, estamos a procurar este efeito. Façamos o gesto da fé para ver se a adquiriremos. A arquitetura moderna é esse gesto. Possam estes prédios escolares, concebidos em juventude, ardegos e elegantes como pôtros de raça, impacientes de dinamismo e de amor a vida, comunicar a educação e, pela educação, a existência brasileira, as suas finas e altas qualidades de inteligência, coragem e desprendida confiança no futuro. O Brasil precisa, para se realizar, de lirismo — que é a capacidade de se esquecer — e de virtude — que é a capacidade de se superar. A sua arquitetura moderna é uma lição magnífica dessas duas atitudes redentoras.

ANISIO S. TEIXEIRA

O que é o Convênio Escolar

Afinal, perguntarão os que lêem este número de *Habitat*, o que é o "Convênio"? Uma lei federal, de 1942, retificada e ratificada em 1946 pela Constituição, mandava que União, Estados e Municípios aplicassem, anualmente, na manutenção e desenvolvimento do ensino, determinada porcentagem da arrecadação de impostos.

A princípio visava a lei tão somente o ensino primário. Em a nossa Capital a situação se apresentava da seguinte forma: — todo o ensino nos seus mais diversos grados e modalidades a cargo do Estado ou da iniciativa particular atendendo a Municipalidade tão somente a uma parte da assistência devida ao escolar através das bibliotecas e parques infantis e de auxílios a entidades oficiais ou particulares.

Do exame da situação resultou ser apreciável a porcentagem da população escolar de 7 a 14 anos que não sabia ler nem escrever e sem scola, que as várias modalidades de assistência aos escolares nessa idade era diminuta.

Constatado ainda foi não haver escolas de grau médio em número suficiente para receberem as crianças até 14 anos, idade em que passavam a tornar-se aptas para o trabalho e ao trabalho em sua maioria eram encaminhadas.

Consequentemente, o problema das crianças ao abandono nas ruas se apresentava impressionante, uma porta aberta para o parasitismo e a delinquência.

O que fazer? Já cumpria o Estado, e o excedia mesmo, a obrigação da despesa mínima determinada pela lei. Devia a Prefeitura, que longe estava de atingir tal mínimo, constituir organismo próprio para difusão do ensino paralelamente ao do Estado?

Um exame da situação mostrou logo que a principal causa da deficiência residia na falta de prédios escolares. Uma simples constatação o demonstrava: 70% dos prédios para o ensino primário estadual eram de aluguel, adatados, imóveis, a maioria sem os necessários requisitos higiênicos-pedagógicos, alguns inomináveis, como aliás, provadamente, existem no mundo inteiro.

Para atender à população escolar, trespassavam-se os cursos. E a insuficiência se acentuava de ano para ano com o crescimento espantoso da população.

A solução se apresentou então simples e prática: a Prefeitura passaria a construir todos os prédios escolares até alcançar o número suficiente para atender a população escolar e para todos os graus e modalidades de ensino excluído o superior, e a ministração do ensino, como até então, continuaria a cargo do Estado.

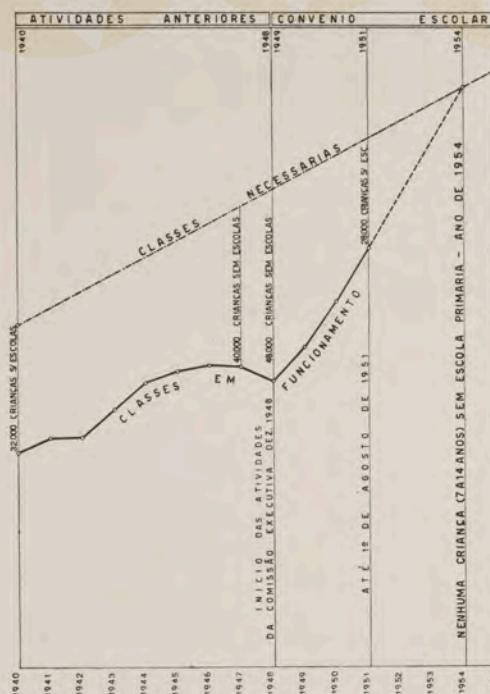
E celebrou-se então um acordo entre o Estado e o Município. E esse acordo denominou-se Convênio Escolar.

Suas finalidades ficaram bem definidas: — construção de prédios escolares e para as instituições auxiliares do ensino, auxílio às Caixas-Escolares, manutenção das instituições auxiliares dependentes da Municipalidade, auxílio às entidades oficiais ou particulares que concorressem, gratuitamente, para a difusão do ensino e assistência ao escolar.

A primeira parte, construção dos prédios, ficou, a princípio, a cargo da Secretaria de Obras da Municipalidade.

Como, porém, a organização administrativa

INFLUENCIA DAS ATIVIDADES DA COMISSÃO EXECUTIVA DO CONVENIO ESCOLAR NA DIFUSÃO DO ENSINO PRIMARIO OFICIAL



municipal obrigava, pela distribuição de atividades especializadas, a uma excessiva dispersão de esforços, houve por bem a Municipalidade criar um órgão que congregasse tódoas essas atividades, órgão esse aliás previsto no próprio Convênio. E daí o que passou a ser chamada "Comissão Executiva do Convênio Escolar". Esses os fatos em sua essência.

O trabalho da Comissão Executiva, criada em fins de 1948, teve início, praticamente, em 1949. Para o seu sucesso foi necessário um tempo apreciável para a pesquisa, o conhecimento real do problema. Não foi fácil esse trabalho, pois os elementos estatísticos eram deficientes. Não fôsse a colaboração leal e entusiasta, principalmente do professorado e do povo, nenhum plano prévio poderia ser estabelecido.

Visitando escola por escola, bairro por bairro, a extensão do problema se apresentou com ares de tragédia à Comissão, motivo forte para o seu justo entusiasmo à procura da solução imediata.

E todo um emaranhado de dificuldades se erguia ante a Comissão na parte relativa ao prédio escolar.

Como devia este ser concebido ante a organização existente do ensino? Quais os rumos, as tendências dessa organização para o futuro? Dever-se-ia seguir as antigas normas ou introduzir nelas alterações e em que extensão? quais as necessidades a atender, e as mais urgentes?

Os arquitetos, engenheiros e o professorado, com as autoridades escolares, em um trabalho de equipe, resolveram o problema. E aí estão os novos prédios que a Comissão passou a construir e vem construindo com a rapidez possível. Não nos cabe julgar o trabalho da Comissão. Mas não será faltar à modestia se dissermos que nos orgulhamos dêle.

Se pouco de novo fizemos, porque a idéia que logo se concretizou, verifica-mo-lo depois através do conhecimento posterior do que se fazia pelo mundo, não era original, um aspecto podemos destacar, o seu caráter eminentemente local, bem brasileiro, esse caráter de brasiliade dado a arquitetura, pelos eminentes arquitetos da nova geração e cuja obra já transpõe, de muito, os umbrais da nossa Pátria.

Recebê-mo-la e saudê-mo-la com regozijo. Ela se colocou ao serviço do escolar e do professor para resolver-lhes os problemas. Sem se despreocupar da forma, preocupou-se com a função: a criança interessasse mais, desejar mais a escola pelo ambiente e assistência oferecidos e o professor ter a sua tarefa suavisada para o maior rendimento de sua alta missão.

A mesma orientação está sendo aplicada nos ambientes para a assistência à infância e adolescência complementando a parte instrução primária: — recantos e parques infantis, bibliotecas para adultos e menores, teatros infantis, dispensários médicos, escolas pré-primárias, vocacionais, profissionais, ginásios e colégios, escolas para anormais, escolas rurais.

E' todo um vasto programa visando sanar, até 1945, ano em que a nossa Capital vai comemorar o quarto centenário de sua fundação, o deficit alarmante que a Comissão encontrou.

São Paulo que nasceu com uma escola à sombra da Cruz se apresentará ao mundo com o seu problema escolar definitivamente resolvido honrando o mesmo signo que presidiu o seu nascimento.

Passando rapidamente à parte prática — das realizações do Convênio, nos dois e meio anos de sua existência, inclusive o período de pesquisas e organização, cumprimos salientar a construção de quarenta prédios para escola primária dos cento e vinte necessários, e muitos com ambiente para o pré-primário, duas escolas de aplicação ao ar livre, escola rural modelo, cinco dispensários médicos, dois grandes parques infantis, seis recantos infantis, três teatros para menores, excluídos os que fazem parte dos parques infantis, auxílio financeiro de vulto a várias instituições de ensino médio e profissional do Estado, inicio de três grandes prédios para o ensino secundário parte dos dez a serem distribuídos pelos vários distritos da Capital e número avultado de reformas e adaptações de prédios do Estado e do Município. A influência dessas atividades, limitada a observação ao campo do ensino primário, está clara no gráfico que ilustra esta apresentação: sensível redução do deficit escolar que será suprimido, até 1954, com a possibilidade de criação de classes nas novas salas de aula fornecidas ao Estado, e mantido o ritmo atual de trabalho que pode ainda ser acelerado.

Acreditamos que essa influência não ficará limitada ao número. Ela se fará sentir dentro em breve no próprio campo da instrução e da educação da infância e da juventude evidenciando novos problemas e novos rumos que, em parte, os antigos ambientes asfixiavam e que as condições do momento e as perspectivas já concretas de um futuro não muito remoto estão a reclamar os responsáveis pela formação da nossa gente.

ENG.º JOSE' AMADEI

O problema escolar e a arquitetura

Após tantos anos de experiência internacionais processadas no setor educacional com o fito de penetração nesse mundo desconhecido e encantador que é a criança, quando até na China e no Japão a experiência europeia, montessoriana ia sendo difundida, pouco, ou mesmo nada, de positivo, se fêz entre nós.

Se uma ou outra tentativa herculea devido a espíritos abnegados, foi feita, não mereceu, sequer, a visita oficial. Contraíram-se tódas, na luta contra o indiferentismo em meio absolutamente apático.

Como se não bastasse a incuria e a inércia, a programação das matérias veio crescendo assustadoramente — ao passo que os métodos, os meios inteligentes de proporcionar às crianças uma melhor qualidade de conhecimentos continuaram invariavelmente os mesmos: ineficazes, caducos e rotineiros.

Ao processo do pensamento infantil nada se adjudicou; ao seu ser bio-psíquico nada foi dado; condenaram-na, antes, a suportar uma nova sobrecarga de noções abstratas. A isto chamou-se: ensinar e educar. São Paulo, vem de iniciar, gracas a um Convênio de Ensino, grande número de construções escolares. Vêm travando, pois, a batalha do Ensino. Seu primeiro escopo será a aniquilação das hostes analfabetas. Eram, ainda ôntem, 48.000 e são hoje 28.000 as crianças sem escolas.

Mas se o problema olhado pela face quantitativa tem as suas determinantes bem nítidas e expressas em números o mesmo não acontece se o encararmos sob o ponto de vista qualidade.

A nós arquitetos e engenheiros, ocorreu-nos perguntar? — Para que espécie de ensino deveriam ser feitos os grupos? Quais os rumos da Educação? Qual o meio subjetivo adequado a uma melhor integração da psíquica infantil? Qual o ambiente físico mais propício? Essas nossas perguntas ficaram sem respostas. Procuramos, então, contornar o problema imaginando um novo tipo de grupo que mais se aproximasse da mentalidade infantil. E' possível que um ambiente modernizado imponha, certo modo, por si mesmo, uma reforma de Ensino. Resta-nos, ao menos, essa esperança. Há, presentemente, em nosso país, em prática, duas grandes experiências em tentativa para equacionar o problema da construção de prédios destinados ao ensino e à educação. Refere-se uma ao Município de São Paulo, através das realizações da Comissão do Convênio Escolar, diz a outra da magnifica atuação da Secretaria da Educação de Salvador ex-secretário sob a direção de seu ilustre secretário o educador Anísio Teixeira, hoje, infelizmente, paralizada.

Sobre ambas discorremos, ligeiramente, abordando em primeiro lugar os estudos levados à efeito pela Comissão do Convênio Escolar. Não nos deteremos na análise da situação, apenas diremos que diante dessa realidade tão vexatória quão humilhante, para os nossos brios de cidadãos, frente a um problema crucial a exigir solução inflexível e imediata, começou a trabalhar em janeiro de 1949 a Comissão do Convênio. Em primeiro lugar foram visitadas tódas as escolas, apontadas e fichadas suas deficiências, sugeridas e anotadas as adaptações e melhorias indispensáveis.

Como trabalho subsidário organizou-se um mapa onde, a falta de elementos estatísticos certos sobre a densidade infantil em idade escolar, foi ela calculada, "a priori", contentando-se a Comissão com as pesquisas e informações locais sempre árduas de colher e quasi nunca reveladora dos verdadeiros números.

Duraram os trabalhos preparatórios acrescidos da procura inicial e localização definitiva de novos terrenos para as novas edificações, nada menos de três longos meses, funcionando a Comissão, tão somente, com três engenheiros, um arquiteto, um contador e uma dactilografa.

Examinados todos os óbices, avaliados e discutidos seus pormenores chegou a Comissão a conclusão de que necessitaria de, pelo menos, 5 anos de franca atividade para poder cobrir o deficit apresentado pela insuficiência de vagas no ensino primário. O plano quinquenal então elaborado fixará em 20 o número de grupos a construir como programa mínimo a ser cumprido em cada ano.

100 grupos em 5 anos correspondendo a uma inversão mínima de construção, em cruzeiros de 300.000.000,00 e totalizando 1.200 salas de aulas capacitando assim, ambiente adequado para 48.000 crianças infelizmente angustiadas, ainda, pelo regimem altamente nocivo ao ensino do tresdobraimento do período escolar.

O plano quinquenal previra, além do mais, a construção anual de 2 bibliotecas infantis, 2 dispensários a manutenção de parques infantis e instituições auxiliares de ensino. Estabelecidas as premissas da equação consubstanciadas num programa construtivo, em extensão; resolvida, de outro lado, a questão financeira indispensável ao bom desempenho da missão, foram surgindo outros problemas, não menos sérios de cujas soluções dependeria, em grande parte, o resultado final.

Indagações sobre o programa escolar, sobre a vida ativa de um grupo, pesquisas sobre os novos métodos de ensino, consultas às boas fontes da psicologia infantil, tudo foi, sumariamente, passado em revista, comentado e discutido. Trabalho de monta, apenas iniciado, e que figura como condição indispensável e como complemento determinativo para um bom projeto.

Reuniões com os delegados de ensino, onde a par da troca de idéias eram sugeridos quesitos sobre as questões pertinentes à programação de um grupo.

- Como deveria ser um grupo escolar?
- Como deveria funcionar uma unidade de ensino?
- Como distribuir equitativamente a prioridade para construção pelas várias Delegacias?

- Não eram todos os problemas número "um"?
- Como vive a criança na escola, como é tratada, como deveria viver?
- Satisfaria o mobiliário adotado, até então?
- E as carteiras não necessitariam um es-tudo mais rigoroso tornando-as mais adequadas às formas evolutivas da educação?

Enfim um aluvião de perguntas, de "cosmos" a espera dos "porquês".

Pouco a pouco, mas seguramente, chegou a Comissão às seguintes resoluções parciais.

a) a característica primordial, arquitetônica, de um grupo escolar deve estar subordinada em primeiro lugar à criança.

E' para a criança que se faz um grupo e não para os professores — como se faz um hospital para os doentes e não para os médicos. "Tudo o que é bom para o professor é mau para o aluno e vice-versa" assim se expressava o imortal criador de Iasná — Poliana.

b) o problema a resolver, no momento, é o de ordem quantitativa o grupo deverá ter tudo quanto necessita, mas será planejado de forma absolutamente econômica. A qualidade virá como consequência da experiência adquirida.

c) todo o grupo deverá ter seu mobiliário geral padronizado tendo em vista os ambientes para os quais vão servir.

d) todo o pessoal que trabalha no grupo tem direito à possibilidade de um conforto simples mas efetivo.

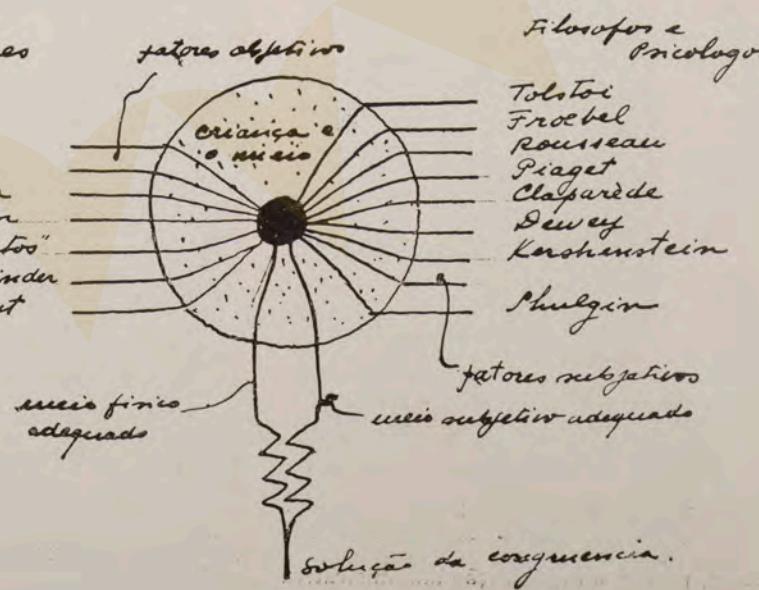
e) a criação de "ambientes" é sumamente deseável. Sempre que possível a Natureza deve penetrar nas salas e nas diversas peças que constituem um grupo.

Como é natural, essas diretrizes impunham uma revolução nos métodos até então aplicados na construção de estabelecimentos de ensino. E tal se deu. Vai começar uma nova era para as crianças de São Paulo. Suas escolas foram traçadas para o espírito infantil. Serão alegres e acolhedoras. Serão construídas, também, em ritmo acelerado.

Poderiam ser melhores, poderiam, outros sim, sem mais especializadas. O fator, tempo, impedia um estudo mais em profundidade na análise dos métodos de ensino e depois iríamos entrar em terras que as nossas aguas não banham — a teoria da Educação — a teoria não, as teorias...

Experiências e experimentadores

- a Montessori
- o Dr. Deiróly
- a escola Winetka
- o plano Dalton
- o método de "projetos"
- o mest. Miss Mackinder
- o self-government

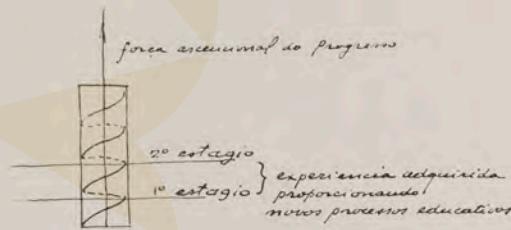


Por que, na realidade, só poderíamos planejar uma escola nova sabendo de antemão para que tipo de educação ela se destinaria.

A nós arquitetos faltou o conhecimento resultante das experiências até agora realizadas no mundo. De um lado vemos os experimentadores e de outros os psicólogos e filósofos da educação. Todos os seus esforços foram dirigidos para as crianças no intuito de lhes proporcionar um melhor aprendizado.

Estudos exaustivos têm sido feitos nesse sentido. Mas, para nós, subsiste, ainda, a incognita da equação não resolvida. Acreditamos sejam funções congruentes: o meio físico e o meio subjetivo adequados quando essas duas funções forem satisfeitas então poderemos projetar uma escola de verdade. Já passou o tempo em que as construções destinadas à escolas eram tratadas à maneira de adultos. A evolução social da arquitetura colocou a escola dentro do módulo infantil. Quebrou, outrossim a analogia sistemática entre a escola e a prisão: muros altos, janelas por onde não se pudesse olhar... todo um mundo de tabus oriundos de um desconhecimento profundo da psicologia infantil foi reduzido a pó.

E assim mesmo, a escola planejada para uma determinada época encontrará, mais tarde, uma outra forma, melhor condizente com a realidade dos processos educacionais sempre em evolução e por ela será invariavelmente substituída.



Deixemos, todavia, de lado essa consideração para vermos como, graficamente, o problema se nos apresenta.

Inicialmente, na sua condição mais primária, a escola mínima se assemelha a uma ameba. É um ser unicelular. Pode ser representada por, apenas, uma sala de aula. Seu crescimento corre paralelo à satisfação das necessidades baseadas no aumento da densidade infantil e, assim, vai o organismo, em processo evolutivo, tramando uma rede de tecidos e se diferenciando em funções especializadas, até que, atingindo o ápice do processo, estacione. Suas linhas de influência ficam limitadas, então, a um círculo de raio igual a 1.500 metros, abrangendo o máximo das solicitações externas. Ao dar corpo, no entretanto, ao organismo, encontramos incidências físicas que nos levam à soluções as mais diversas no intuito de harmonizá-las com a programação admitida. A topografia quasi sempre torturada, os ventos nocivos, as proximidades indesejáveis, a orientação magnética e solar, o panorama; tudo tem que entrar em consideração.

O prédio não deve utilizar o terreno, antes ser com ele homogêneo, adaptar-se-lhe, ser como cousa "posta" e não "imposta". Para a programação de um grupo de 12 salas de aulas estabelecemos as seguintes funções todas concatenadas:

— ensino
— recreação
— administração (incluindo o setor assistencial)

Na zona "ensino" dispomos as salas de aulas, o museu escolar, a biblioteca infantil e a ginástica programada.

Na zona "recreação" previmos o galpão para recreio coberto, o cinema educativo, com palco para dramatizações.

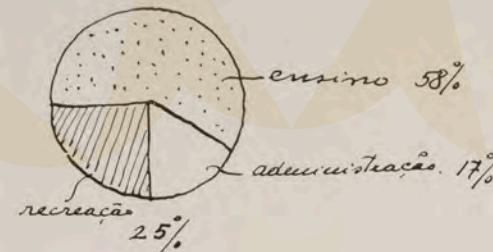
A "administração" se compõe de três sub-zonas:

a) administração, propriamente dita, com salas para diretoria, secretaria, arquivo,

material escolar, sala de professores, biblioteca didática, almoçariafado, e comodo dos serventes.

b) assistência escolar, abrangendo as assistências: médico, dentária, social e de nutrição.

c) zeladoria com apartamento próprio. A distribuição percentual em área construída para as diversas zonas acentúa, como mostra o gráfico abaixo, a importância exagerada da zona administrativa em detrimento das zonas mais ligadas à infância.



Os caracteres principais para as diversas unidades que constituem as zonas estão representadas nos desenhos dos "conjuntos". A unidade sala de aula manteve-se dentro do limite de 48,00 m² ou seja 1,20 m² por aluno para uma classe de 40 crianças. Consideramos o índice baixo, todavia, esperamos ainda dentro do nosso plano quinquenal não só melhora-lo, como darmos à unidade — sala, uma fórmula mais apropriada aos trabalhos de equipe. De qualquer maneira cada grupo ficou dotado de pelo menos quatro salas maiores capazes de comportarem o desenvolvimento de classes especiais como as de geografia, ciências e trabalhos manuais.

O museu foi colocado à entrada, é peça de passagem obrigatória, não mais uma sala fechada, cheirando a morto e morta, mas uma exposição viva, onde a criança deverá ter a faculdade de ver, pegar, sentir enfim o que mais lhe interessar.

Que pretendão, finalmente, os modernos pensadores da pedagogia infantil? "Harmonizar, parece, o rendimento das crianças com as desenvolturas dos programas".

Ao antigo princípio inflexível e disciplinar do aproveitamento escolar, contrapõem o do natural prazer e o da expansão. É justamente nesta ordem de ideias: prazer e expansão que está contida toda a vida afetiva da criança, e que as escolas do tipo acadêmico, se assim me posso expressar, não davam a maior importância.

Conta Pitigrilli em uma das suas crônicas de Buenos Aires a história de uma menina que deveria descrever uma vaca leiteira em uma composição e que assim o fez.

"A vaca leiteira não é um boi nem tampouco um cavalo; é um enorme animal cujas patas chegam até o chão."

E continua Pitigrilli, "... quem não compreender a beleza e o subjetivismo desta definição, não estará jamais em condições de compreender uma criança".

Foi pensando talvez, na riquesa plástica do pensamento infantil que julgamos poder executar algo de interessante no museu — exposição. Por que ao invés de decorarmos as paredes com painéis azuleijados, caríssimos, representando cenas cívicas da nossa nacionalidade, cenas escolhidas sem critério comprehensivo e inacessíveis à criança, por que não decorarmos utilizando a habilidade infantil fazendo os pequeninos trabalhar em equipes expressando um pensamento que a nós pode se nos afigurar desajustado, mas que a realidade infantil diz muito mais que qualquer Visconde de Itaúna assinando, antes de morrer, decreto indispensável à nação.

Tão grande é a plasticidade infantil, tão sensitiva e concludente que me não furto ao prazer de citar uma vez mais a Pitigrilli:

— "Uma amiguinha minha, a quem tinha falado de Garibaldi, de seu valôr e de seu amor a todas as criaturas, especialmente aos passaros, disse: — "Garibaldi era um

bom homem. Gostava de ouvir o canto dos passaros. Um dia enquanto escutava um pintassilgo, um soldado lhe disse: Ai vem a guerra. E ele lutou em todas guerras da independência."

Não é isto surrealismo puro?

As unidades celulares que constituem a administração, propriamente dita foram dispostas em conjunto com visível economia de espaço, de circulação e de esquadrões.

A recreação se processa ao ar livre e coberta, atendendo sempre que possível aos imperativos da mobilidade infantil.

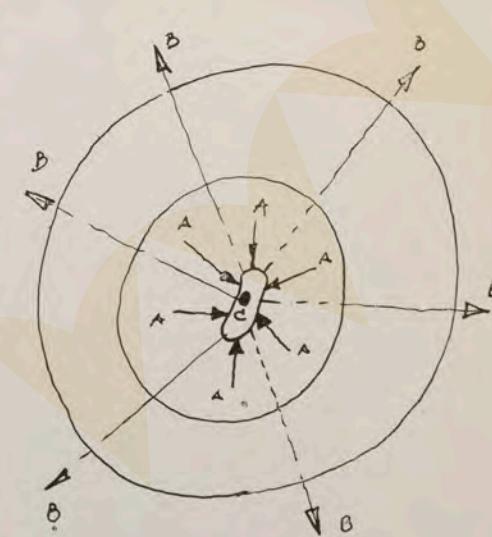
Como bem pode ser verificado, existe em todas unidades apresentadas a mesma ordem de ideias — porque arquitetura é isto mesmo — ordem, questão de organização — estabelecimento de espaços ordenados com dimensões apropriadas de sorte a assegurar com um mínimo de esforço humano a ligação lógica das peças afim de que o conjunto seja, necessariamente, uma unidade congruente e definitiva. É sob este ponto de vista que a arquitetura é, precisamente, trabalho de síntese.

Assim acontece quando se estuda uma cozinheira, uma sala de viver, como também, quando se analisa um problema de Banco, Hospital ou Escola. Apesar desta última a mensuração humana — o módulo humano de adulto, procura se por de acordo com a mensuração infantil — o módulo infantil não só no domínio da medida escalar mas já dentro da órbita da psicologia infantil.

Esta a experiência que estamos tentando no Convênio Escolar para o município de São Paulo. Experiência ainda subordinada, infelizmente, ao problema quantitativo; breve, porém, esperamos que com a ajuda dos educadores, professores e professoras possamos lançar as bases definitivas de uma nova era para uma escola renovada. Há, ainda, um ponto que folgariamos debatido.

Porque não considerar em cada bairro — a escola, o grupo escolar, como fonte de energia educacional, como ponto de reunião social, como sede das sociedades de "amigos do bairro", como ponto focal de convergência dos interesses que mais de perto dizem com a vida laboriosa de suas populações?

Nela, com o aproveitamento integral do prédio, em rodizio de um farto número de horas, poderíamos, a par da educação ministrada, à noite à adultos, recrear e educar um grande número de pessoas.



A escola passaria a ser um verdadeiro círculo no amálgama da nossa heterogenea população. Reuniões de pais, pequenos bailes, cursos para mães e noivas, pequenas palestras, cinema e teatro educativos, biblioteca, audições de música, teatro de bonecos e jogos. Tudo aí poderia ser realizado. Forças centripetas convergiriam

para a escola e seriam as concorrentes da formação intelectual, social, e profissional dessas pequenas comunidades, onde depois de processadas passariam a ser as fôrças centrifugas — difusoras do conhecimento adquirido.

Se a experiência em São Paulo vai se conduzindo dentro do setor revolucionário da arquitetura e dos processos de construção, a experiência que se tentava ainda — ontem na Baía, possui um campo muito mais largo porque alcança até o processo da renovação da educação.

Cedo percebeu Anisio Teixeira as muitas vantagens de entrosar em um mesmo âmbito escolar as atividades normais do aprendizado primário com outras atividades completivas e não menos essenciais: Trabalho, educação física e atividade especial que denominou de "Socializante". Entusiasta, culto e abnegado, desistiu Anisio de um especial convite da UNESCO para direção da Secção de Educação daquela entidade internacional, afim de, como Secretário da Educação, colocar e resolver o problema do ensino com o único fito de dotar a Bahia de um sistema escolar digno.

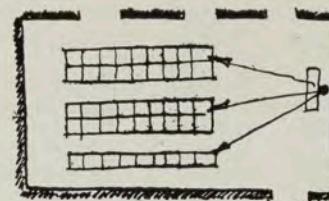
Discípulo de Dewey, o famoso educador americano, procurou Anisio enriquecer os métodos de ensino baseado em filosofia de novo conteúdo que considera a educação como "processo de reconstrução e reorganização da experiência".

Não me furtarei ao prazer de citar um trecho da mensagem do professor Anisio Teixeira ao governo do estado da Bahia em abril de 1949. "O natural imediatismo decorrente da situação econômica e política sumamente precária, que domina o país e o estado, conduz-nos, naturalmente, a soluções apressadas e de emergência, em que o maior perigo é, sempre, o do disvirtuamento e perda de objetivos das próprias instituições educativas. Sendo a mais complexa das artes e além, disto, profundamente dependente das condições do meio, do gráu de aperfeiçoamento de causas e homens nesse meio, é evidente que a educação tem de ser, entre nós, algo de muito mais custoso e difícil do que a educação em países de civilização adiantada. Ora, se esses países, apesar de civilizados, devotam à obra de perpetuação de seus padrões o esforço, a seriedade e a meticulosidade que todos sabemos, mantendo ensino primário de nunca menos de seis anos para todas as crianças e, alguns, ainda o ensino secundário de seis anos, o que equivale a oferecer a "todos" uma educação mínima de doze anos; se faz para que um país civilizado "se conserve" civilizado que se não deverá fazer para "criar" essa civilização? Porque entre nós, o problema não é de "perpetuar" as nossas condições de cultura, mas o de eleva-las ao nível das civilizações superiores.

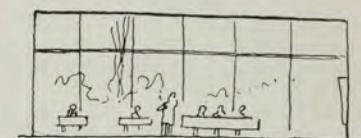
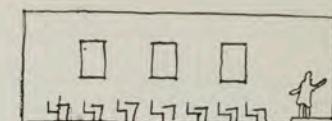
Ao invés disso, tudo simplificamos e tudo aceitamos na ilusão de que qualquer causa é sempre melhor do que nada, o que seria verdade se educação não fosse antes "qualidade" do que "quantidade". Não importa "quanta" educação, mas "qual" a educação que está a criança recebendo. Se a simplificação dos meios e a pobresa dos mestres levam a escola a ensinar a criança a ser inexata, impontual, inficiente, estúpida, mistificadora, irreal e falsa, está claro que ela não está recebendo, pelo menos, um pouco de educação, mas "péssima" educação. O que se supunha ser apenas "pouco", é "pouco e péssimo", e sómente menos péssimo porque pouco. Se, pelos mesmo processo, formos com a educação até ao ensino superior, então teremos "muito e péssimo".

Deste equívoco de se julgar que se pode fazer educação um processo de "faz-se-conta" decorre, em muito, a terrível situação brasileira, em que o problema da educação não é sómente o de sua deficiência, como acontece em qualquer país, mas o da própria qualidade da educação ministrada. Não é a falta de escolas que nos deve horrorizar no Brasil, mas a qualidade

... a "sala estática", parada; o professor fala e ninguém o escuta ...



... a "sala dinâmica"; o ponto focal é o trabalho de equipes ...



Comparação entre dois tipos de sala, sendo a primeira de tipo tradicional e a segunda evidenciando a pedagogia ativa

de suas escolas. Ora, como esta qualidade não só, de modo geral não melhora, mas, antes, se agrava, fôrça é insistir neste aspéto do problema.

E foi pensando neste aspéto do problema "qualidade" versus "quantidade" que Anisio Teixeira se propôz a executar um sistema novo onde a instrução de classe fosse completado pela educação dirigida. Segundo esse plano,meticulosamente estudado, as escolas elementares terão organização especial, formando centros de educação, em que as atividades tradicionais da escola serão realizadas em prédios construídos expressamente para esse fim, enquanto que as atividades de educação física, social, artística e industrial funcionarão em outros prédios, também especializados. Dessa forma, o conjunto abrangerá dois tipos de estabelecimentos: a "escola-classe" e a "escola-parque". Na primeira será ministrada a instrução, propriamente dita. Na segunda, a educação em seu sentido amplo completará a atividade escolar da criança. Cumpre notar que a "escola-classe" (edifício econômico de doze salas de aula) ocupará terrenos relativamente pequenos, reservando-se os grandes terrenos apenas aos parques escolares.

"A cidade precisa, no mínimo, de uma rede escolar para 30.000 crianças" — diz, em seu relatório de 1948 ao Governador do Estado, o Secretário de Educação e Saúde; e acrescenta:

"Essa rede seria dividida em 30 "escolas classes", para mil alunos cada uma, em dois turnos, e 7 a 8 parques escolares para 4.000 alunos cada um, também em dois turnos. A unidade do sistema ficaria constituída com quatro escolas-classes, localizadas, em relativa proximidade, em torno do seu eixo, que seria o parque-escolar. A criança freqüentaria ambos, isto é, a escola classe pela manhã e, à tarde o parque escolar, ou vice-versa. Na escola classe faria, em 4 horas, o seu curso básico de ler, escrever, contar e mais ciência e história. No parque escolar, faria educação física, recreação e jogos, desenhos e artes industriais, música,

educação social, educação de saúde e atividades extra-classe em geral. Teria o parque escolar instalações para jogos de toda espécie, inclusive ginásio, ateliers e oficinas de desenhos e artes industriais, salas para música e clubes, refeitórios e cantinas, auditório, teatro e biblioteca. Essas instalações, com os espaços ao ar livre, deverão atender a 2.000 crianças, pela manhã, outras tantas à tarde e serão em tudo, unidades administrativas com seu diretor, corpo administrativo e corpo docente. Pensamos que a instalação da biblioteca poderá ser suficientemente ampla para atender também à noite aos adultos, mantendo cursos de continuação e salas de leituras para o público".

À base destas duas experiências nacionais poderia ser programado debates em torno do problema. A crítica construtiva viria coadjuvar o reerguimento da educação e do ensino em nossa terra.

A insuficiência mental do nosso povo não tardaria a desaparecer, se os problemas de instrução e educação merecessem dos nossos governos um interesse maior capaz de levá-los, com inteireza, até às mais amplas camadas das massas.

De uma cousa, porém, estamos certos, nada adiantará a Nação e ao Estado a execução de belos prédios escolares sem que, ao mesmo tempo, se renove a nossa pedagogia.

Numa miserável sala, abstração feita do meio físico impróprio, pode ser levado à cabo uma melhor instrução, porque afinal de contas o que interessa é, em primeiro lugar, a qualidade de ensinamentos.

Arquitetura escolar não passa de um binomio, cujos termos são: programa escolar e edificação para o ensino.

Se o Convênio Escolar por fôrça das circunstâncias está dotando S. Paulo de extensa rede de grupos escolares, cabe agora ao governo do Estado traçar novos rumos para a nossa educação, sem o que estaremos, apenas, enfeitando um edifício obsoleto.

HELIO DUARTE



Parque infantil da Praça Buenos Aires em São Paulo. Em São Paulo faltam as árvores

COMISSÃO DO CONVÊNIO ESCOLAR

Presidente: eng. José Amadei; Presidente da Sub-Comissão de Planejamento: arquiteto Helio Duarte; Presidente da Sub-Comissão de Execução: eng. Julio Cesar Lacerda.

Corpo de arquitetos: arquitetos Eduardo Corona, Roberto Tibau, Oswaldo Gonçalves.

Corpo de engenheiros fiscais: engenheiros Jorge Luizello, Helio Teheran, Marco Aurelio Verlangieri, Geraldo Pires, Antonio Carlos Pitombo, José Vitor Oliva, Luiz Eduardo Gouveia e Marcelo Mendes.

Professores representantes da Secretaria da Educação: Theodomiro Monteiro do Amaral e Dirceu Ferreira da Silva.

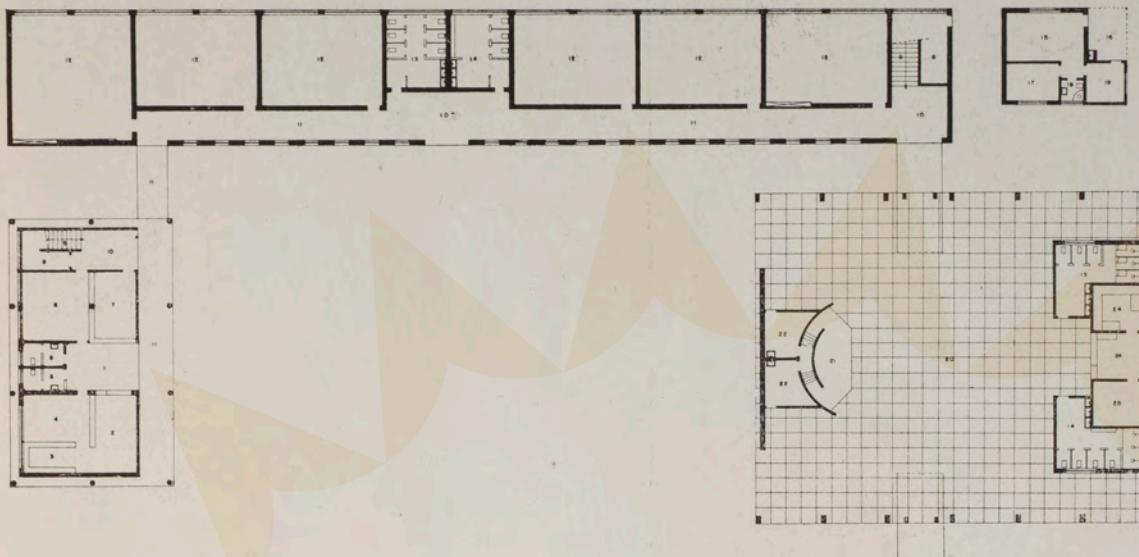
Chefe da contabilidade: Celso Hahne.

As arquiteturas do Convênio Escolar

Não é absolutamente uma pequena conquista o fato de se considerar as plantas, hoje em dia, como elemento integrante da arquitetura escolar. A escola-monumento, a escola majestosa e austera, está cedendo seu lugar à escola alegre, horizontal, no meio de jardins. Para um menino, é muito mais importante ensinar-lhe o amor à natureza, do que a história, principalmente a história ensinada com aquêle método frio, tipo mau-sóleu, feita de nomes, datas e acontecimentos abstratos. Em nossas escolas deveria haver um professor ensinando uma matéria absolutamente nova, a "Natureza", com seu enorme valor de realidade, de poesia, de base da nossa vida. Os arquitetos do

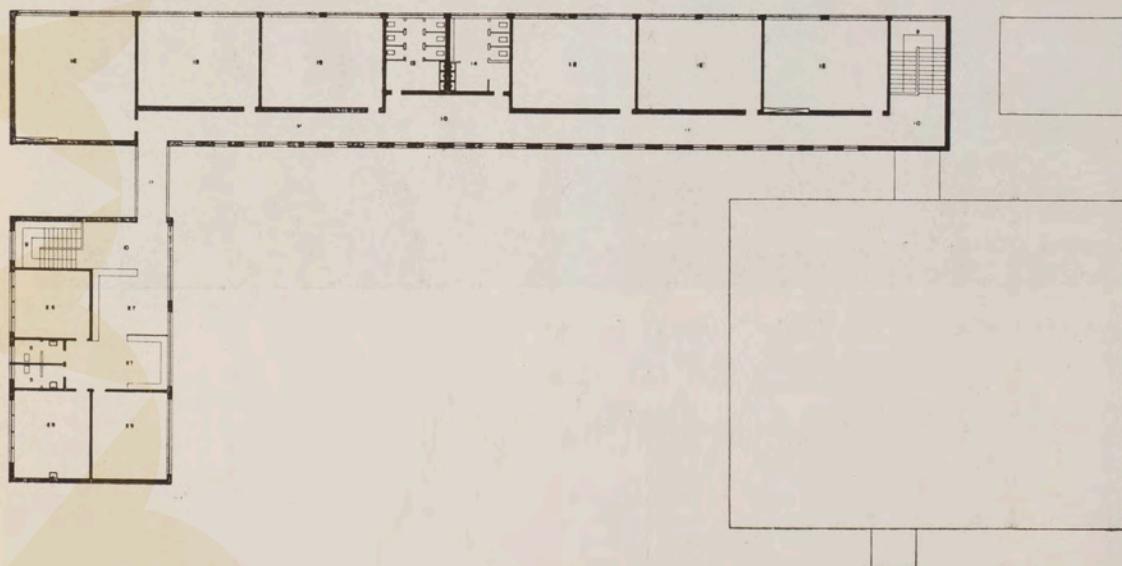
Convênio parecem ter aprontado o caminho para o advento dêste novo professor. Mas, quem poderá instruir êste professor, quais serão os mestres desta personagem escolástica que estamos augurando? Tivemos ocasião de ver no México algo de muito inteligente na organização escolástica daquele país: a criação da nova Escola Normal, para formar os novos professores — com conceitos novos; abaixo com o passado pedagógico superado pelos tempos — professores êstes que irão resgatar a República do analfabetismo. E êste um novo problema: a Escola Normal, com a tarefa de educar: os educadores do Brasil do século XX





Pavimento terreo

escala 1:500



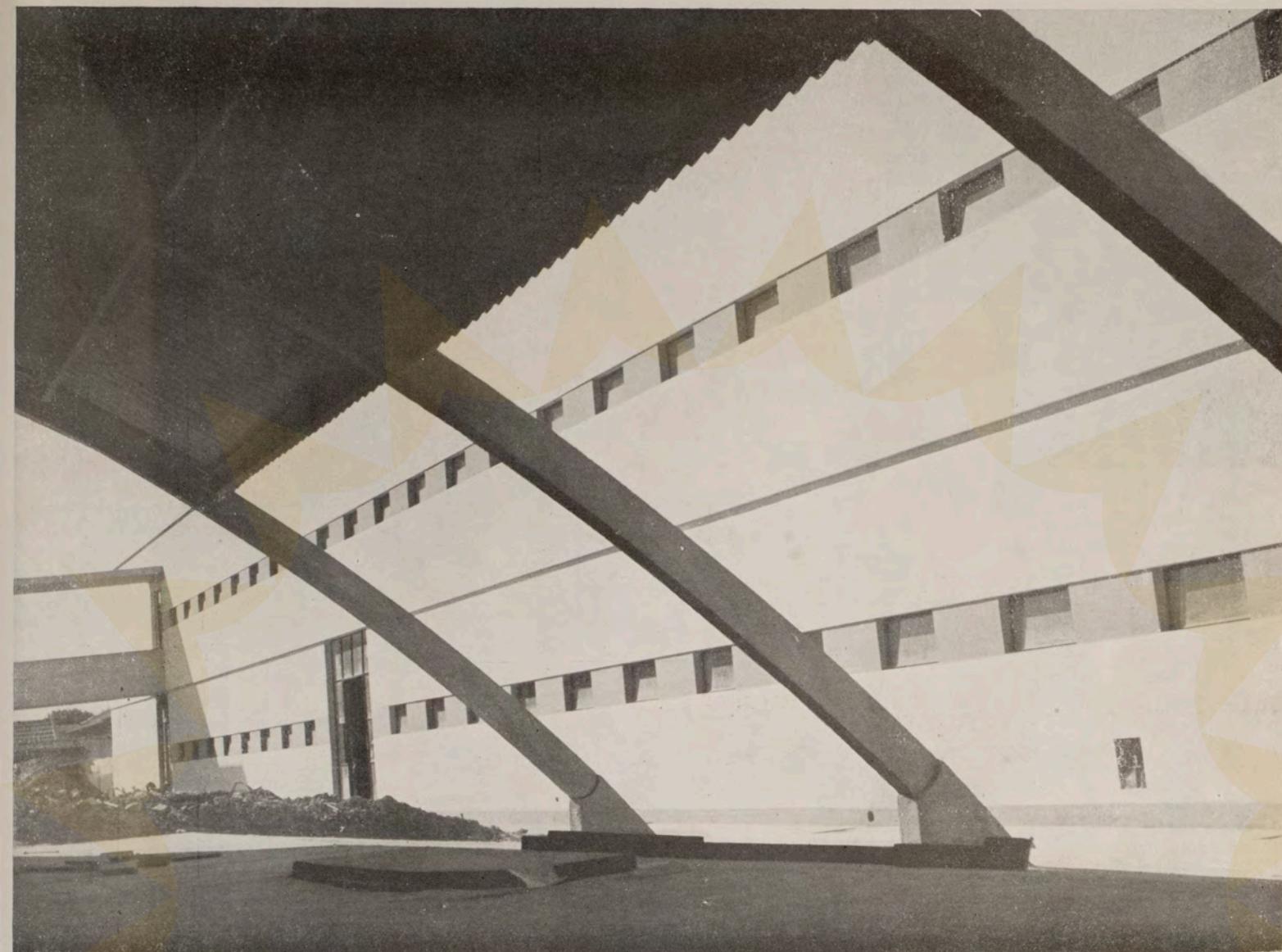
Pavimento superior

- 1 entrada
- 2 secretaria
- 3 arquivo
- 4 diretor
- 5 sanitário
- 6 professoras
- 7 biblioteca
- 8 depósito
- 9 escada
- 10 hall
- 11 circulação
- 12 sala de aula
- 13 sanitário
- 14 sanitário
- 15 sala
- 16 jardim
- 17 quarto
- 18 banheiro
- 19 cozinha
- 20 galpão
- 21 palco
- 22 vestiário
- 23 cozinha
- 24 distribuição
- 25 nutricionista
- 26 médico
- 27 sala de espera
- 28 dentista

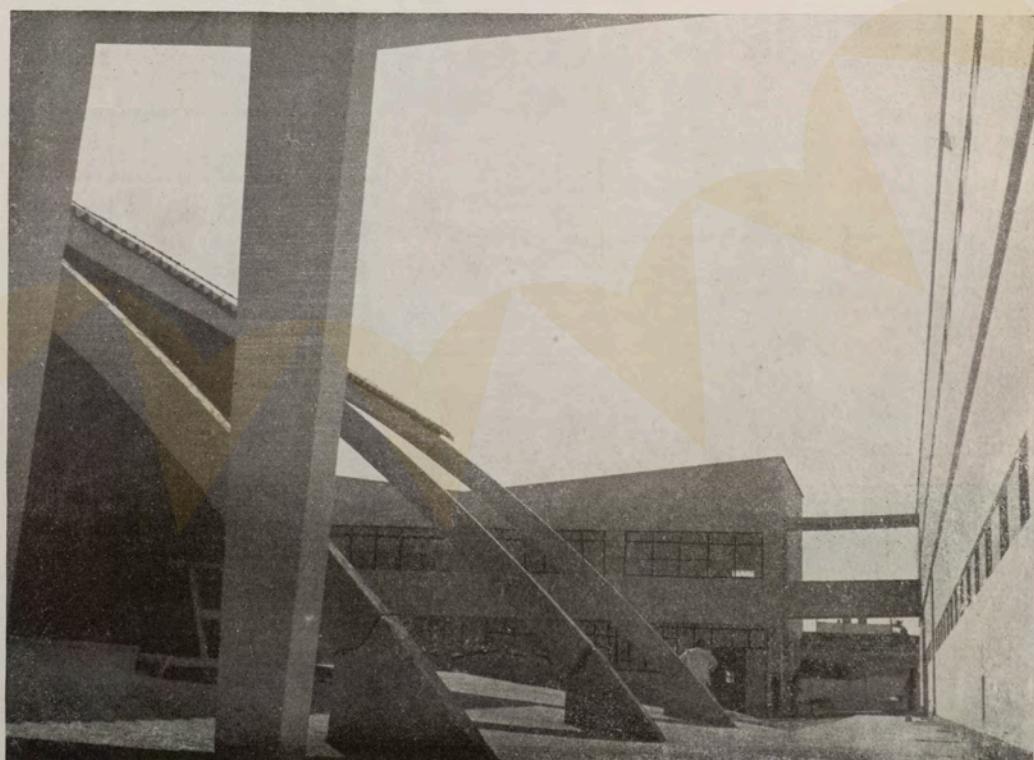
Vila Ipojuca



Uma juventude nova, cheia de saúde e de belas idéias, sairá destas escolas espáçosas, alegres, de paredes lisas e de espírito pedagógico em dia com nossa época. Esta será a juventude do verdadeiro futuro do Brasil



Vista do Grupo Escolar "Romeu de Morais" em Vila Ipojuca. Projeto do arq. Osvaldo Gonçalves. Vista do galpão de recreação



Perspetiva do Grupo Escolar "Romeu de Morais" em Vila Ipojuca

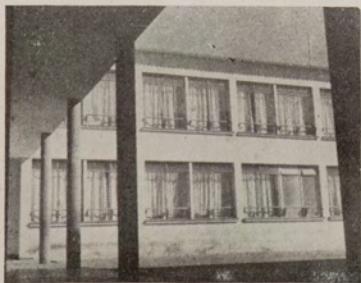
Vila Madalena



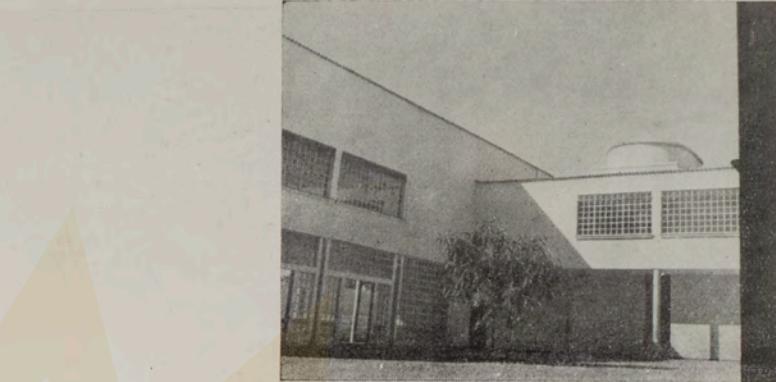
Angulo de fachada

- 1 servente
- 2 quarto zelador
- 3 sala zelador
- 4 banheiro zelador
- 5 cozinha zelador
- 6 cozinha
- 7 distribuição
- 8 nutricionista
- 9 sanitários
- 10 galpão
- 11 sanitários
- 12 depósito
- 13 passagem
- 14 biblioteca
- 15 professoras
- 16 sanitários
- 17 museu
- 18 secretaria
- 19 arquivo
- 20 diretoria
- 21 mat. escolar
- 22 dentista
- 23 médico
- 24 assist. social
- 25 espera
- 26 sala de aula

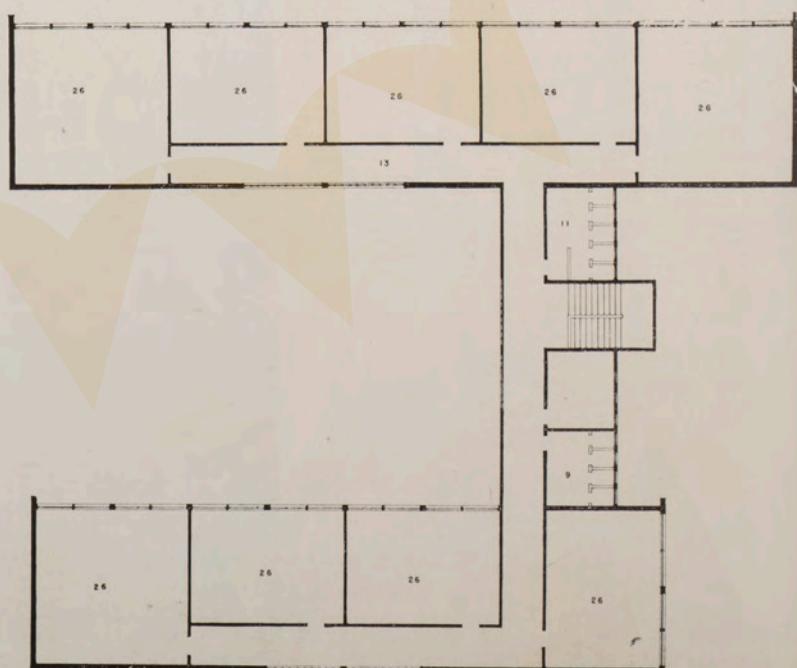
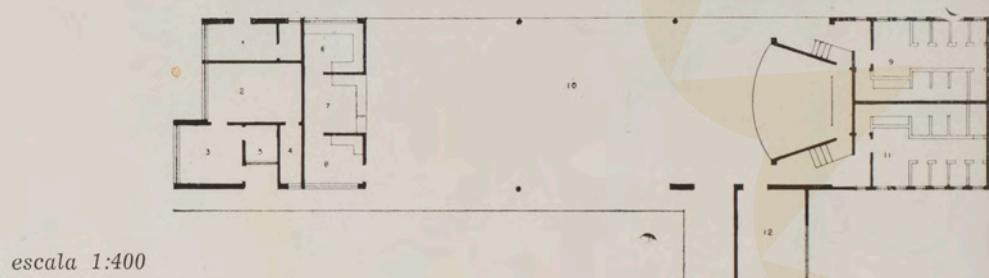
Vista do pátio



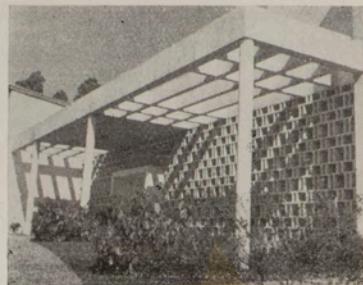
Pavimento superior



Vista para o pátio do Grupo Escolar "Brasil Machado", no Alto Pinheiros. Projeto do arq. Helio Duarte



Luz



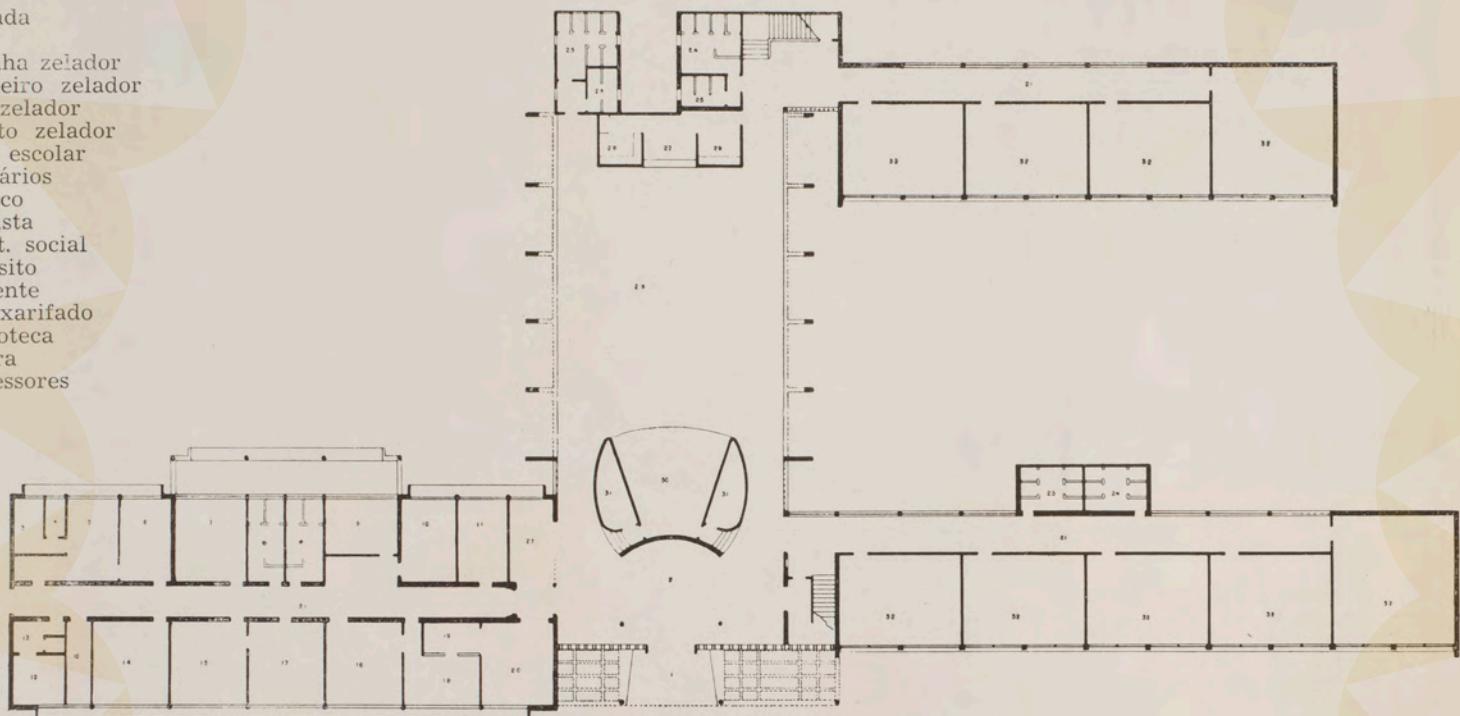
Detalhe de entrada



Vista geral do Grupo Escolar "Prudente de Moraes" na Luz. Projeto do arq. Helio Duarte

Pavimento terreo

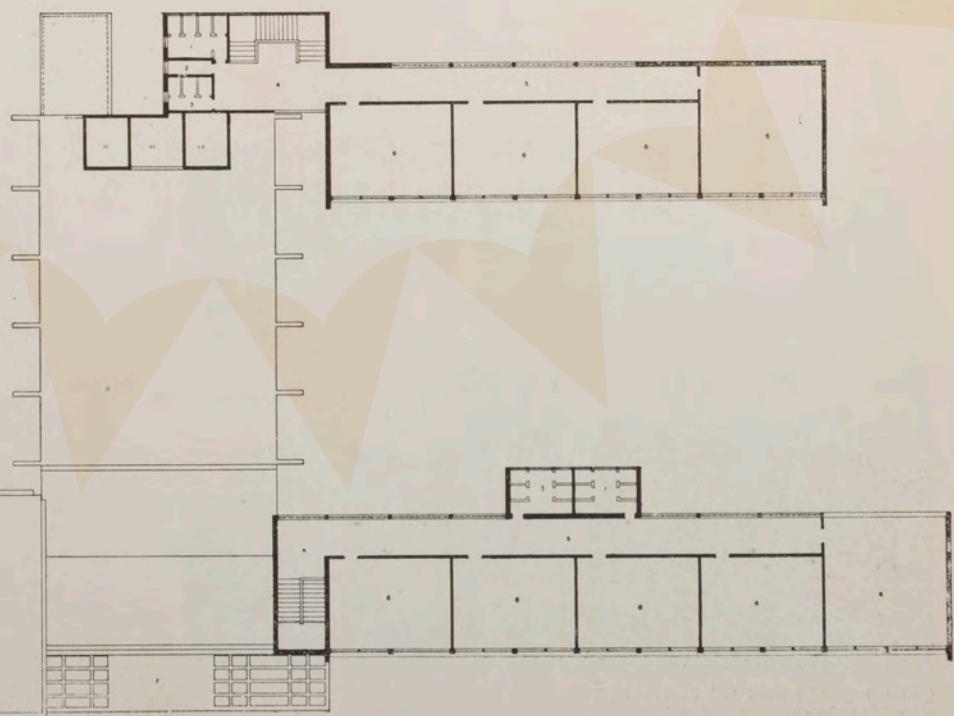
- 1 entrada
- 2 hall
- 3 cozinha zelador
- 4 banheiro zelador
- 5 sala zelador
- 6 quarto zelador
- 7 mat. escolar
- 8 sanitários
- 9 médico
- 10 dentista
- 11 assist. social
- 12 depósito
- 13 servente
- 14 almoxarifado
- 15 biblioteca
- 16 espera
- 17 professores



escala 1:500

Pavimento superior

- 18 diretor
- 19 arquivo
- 20 secretaria
- 21 circulações
- 22 museu
- 23 sanitário
- 24 sanitário
- 25 chuveiros
- 26 cozinha
- 27 distribuição
- 28 nutricionista
- 29 galpão
- 30 palco
- 31 vestiários
- 32 salas de aula



- 1 entrada
- 2 circulação
- 3 escada
- 4 sala
- 5 sanitários
- 6 sanitários
- 7 hall
- 8 secretaria
- 9 arquivo
- 10 diretor
- 11 mat. escolar
- 12 sala de espera
- 13 assist. social
- 14 biblioteca
- 15 professoras
- 16 sanitários
- 17 sanitários
- 18 dentista
- 19 médico
- 20 chuveiros
- 21 cozinha
- 22 distribuição
- 23 galpão
- 24 palco
- 25 vestiário

Vila Monumento

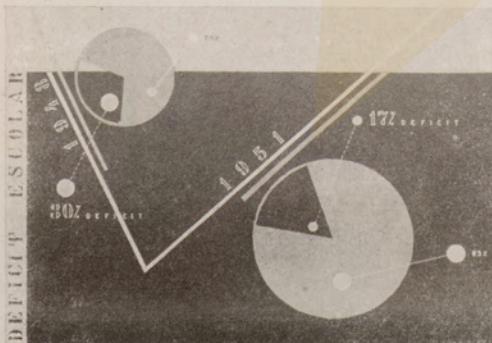


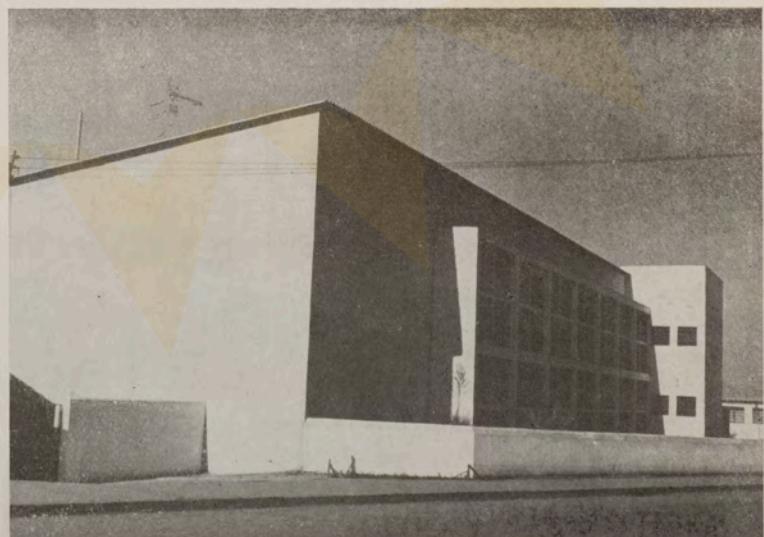
Gráfico mostrando a redução do déficit escolar, em matrículas, que de 30% em 1948 baixou para 17% em Agosto de 1951, graças ao programa de construções do Convênio Escolar



São as crianças do povo que devemos salvar da rua, dirigindo-as para os belos parques escolares, e ver que estas paredes, estes galpões, estas bibliotecas e auditórios se tornem seu reino benéfico



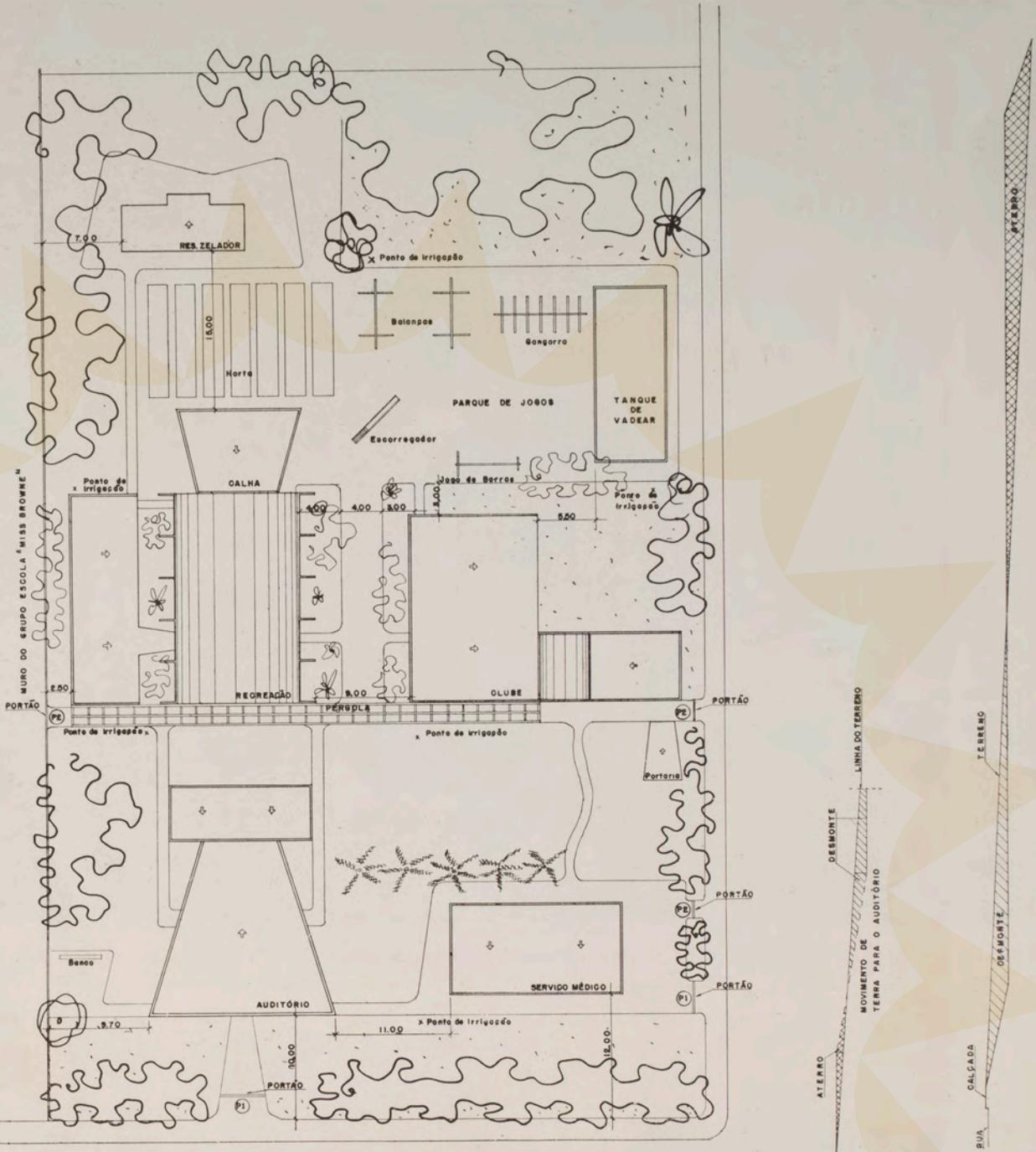
Galpão de recreação do Grupo Escolar "Murtinho Nobre", em Vila Monumento. Projeto do arq. Helio Duarte



Perspectiva do Grupo Escolar "Murtinho Nobre", Vila Monumento

A escola pela qual todos passamos, está ligada em nossa lembrança à sua arquitetura. Qual o prazer para os paulistas de amanhã, lembrar estas belas arquiteturas dos novos construtores do Convênio. Arquiteturas claras, inventadas sem preocupações de fatores estranhos ao fator funcional, estudadas com a única consideração de que as crianças têm necessidade física de ar, de espaço, de luz, de contato com a natureza

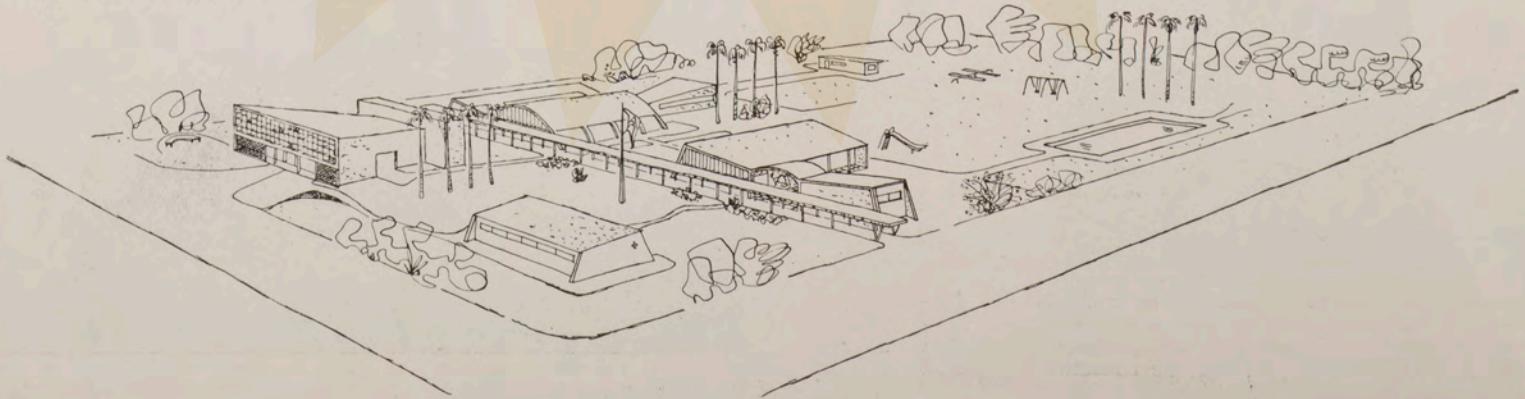
Vila Pompeia



Parque infantil em construção em Vila Pompeia. Projeto do arq. Eduardo Corona

escala $1m = 1,7\text{ m/m}$

Perspectiva do parque





Parque infantil em construção
em Vila Pompeia

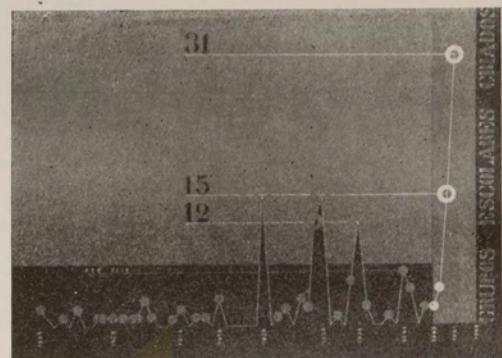
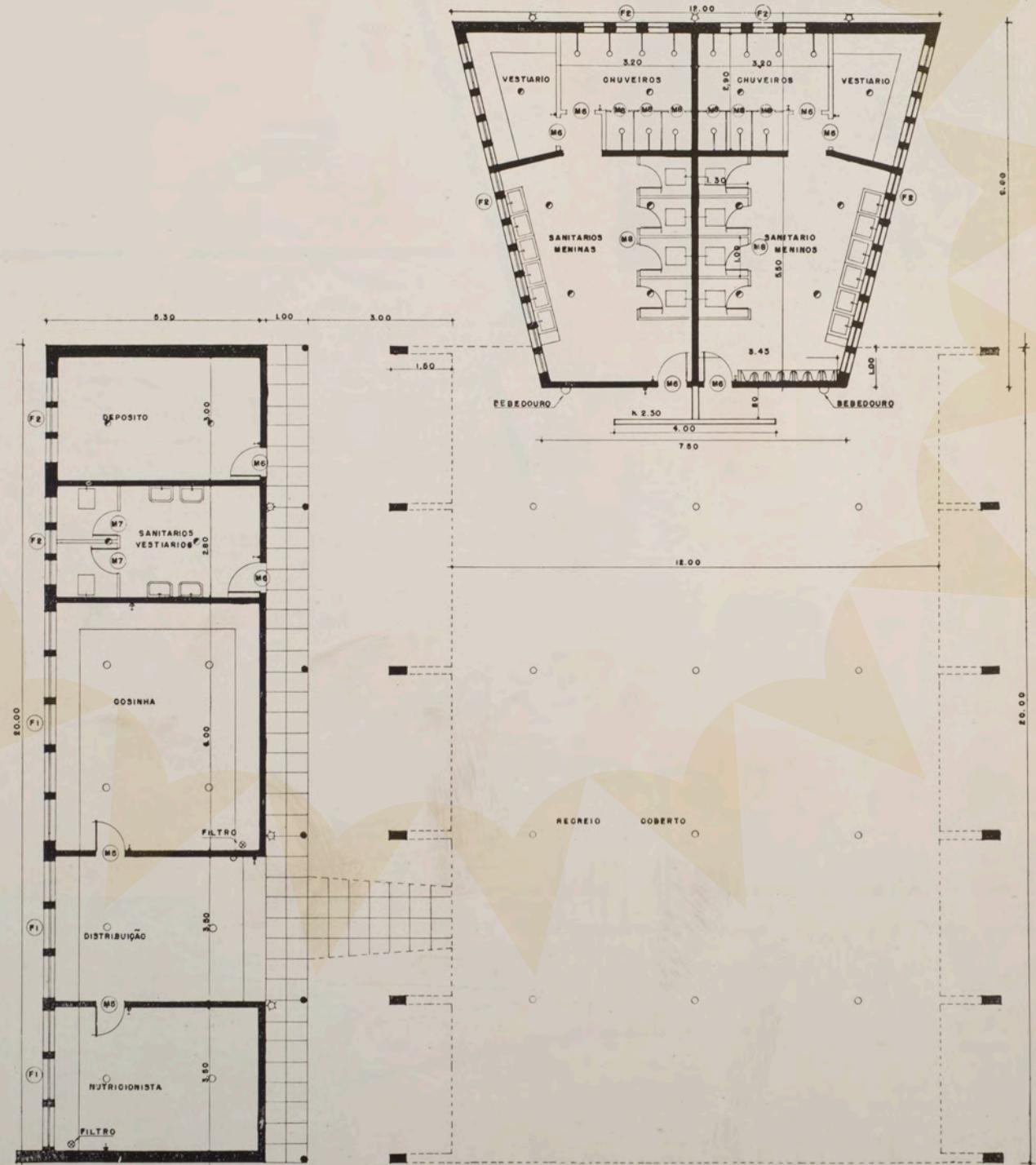


Gráfico demonstrativo da criação dos grupos escolares em São Paulo. Com os trabalhos do Convênio foram criados em 1948, 15 grupos e até 1951, 31 grupos

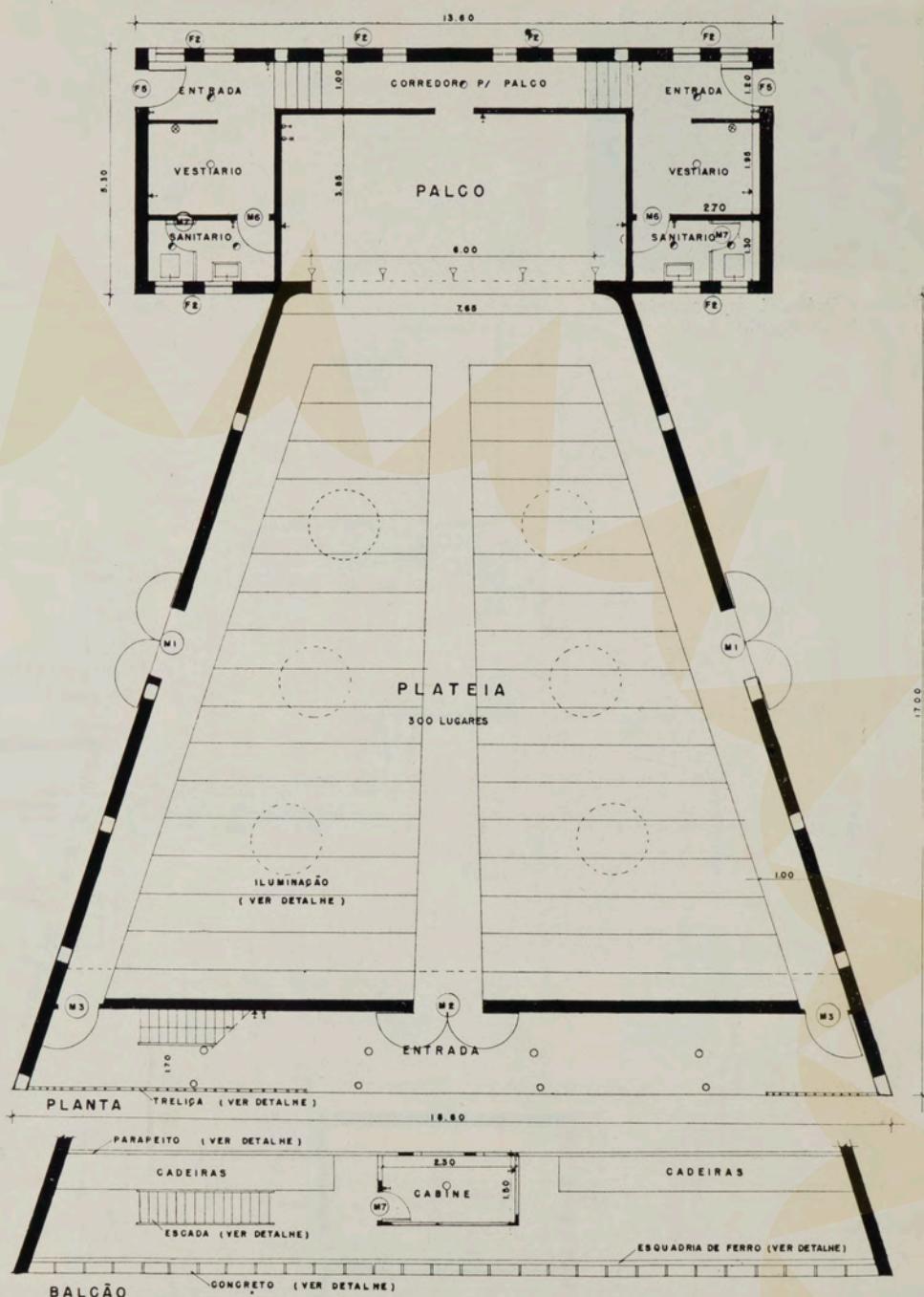
As atividades recreativas, e no lado a merenda escolar. No centro o galpão coberto para reuniões infantis



O teatrinho e cinema infantil permitem levar à cena pequenas peças. Também esta idéia, de criar pequenos teatros nos grupos escolares, constitue uma contribuição educativa extraordinária e é a indicação para o futuro homem que o prazer da vida é antes de mais nada um prazer espiritual

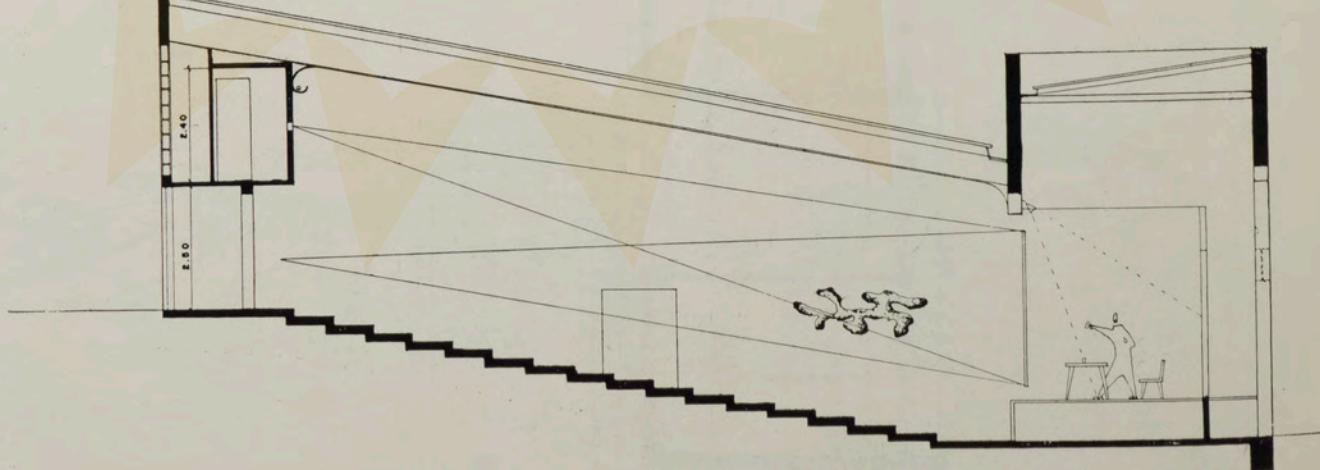


escala 1:500

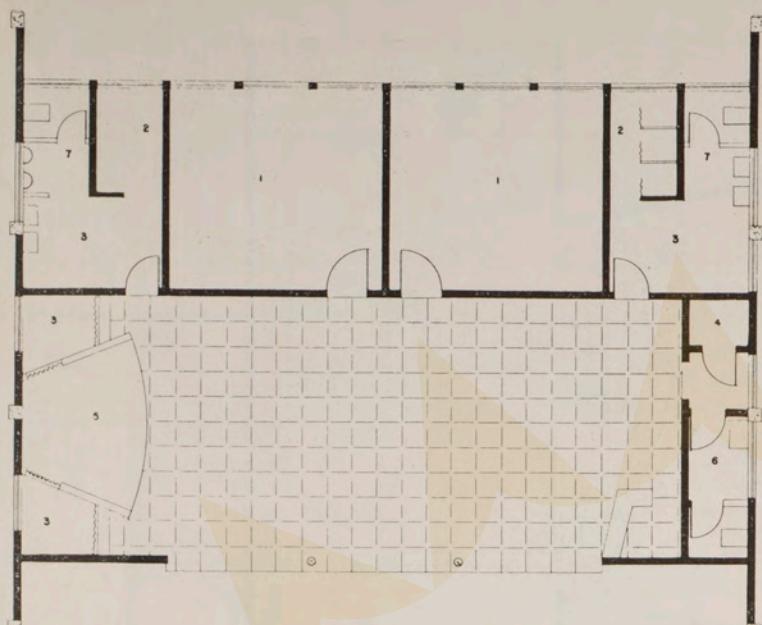


Planta do teatro infantil de Vila Pompeia

Secção no pequeno teatro para crianças

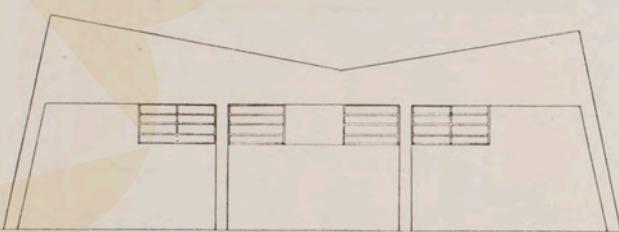


Recanto infantil tipo



escala 1 m = 6,7 m/m.

Recanto infantil, construído no Jardim da Luz, nas praças Buenos Aires e José Roberto



Fachada lateral



Cada bairro deverá ter seu Recanto infantil ou seu Parque infantil de acordo com suas populações

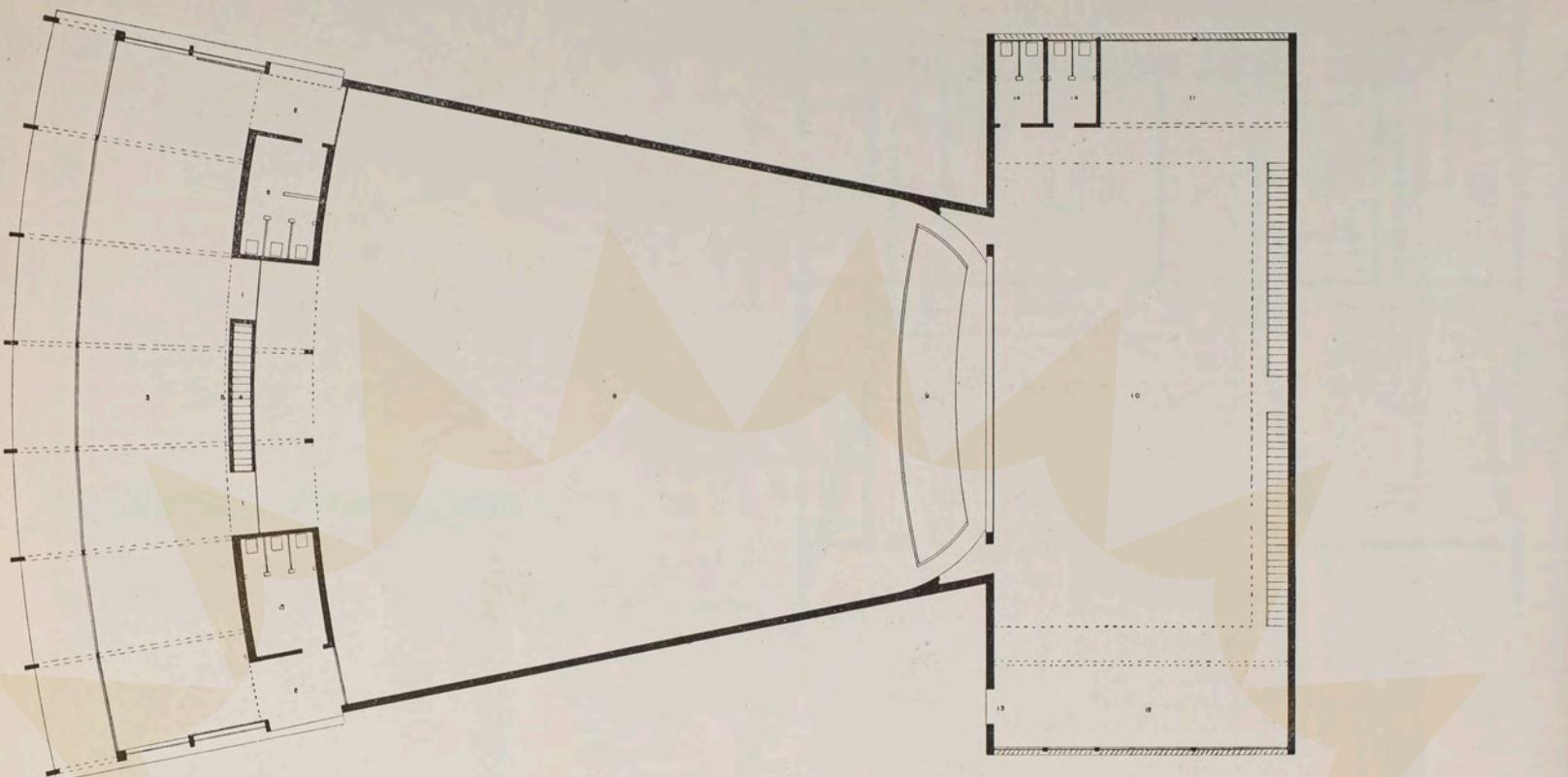


Fachada lateral

- 1 sala
- 2 chuveiro
- 3 vestiário
- 4 armário
- 5 palco
- 6 lavatório
- 7 sanitários



Não a escola-monumento, escola-fortim que infunde respeito e que aparece às tenras fantasias das crianças como algo de tenebroso, de aulico e até de inimigo. Muros sobre muros, janelas estreitas, simetria, gravidade. Esta foi a escola das velhas gerações, onde aprendemos nossos conhecimentos: desde então sabíamos que haviam escolas ao ar livre, escolas estreitamente ligadas à natureza, a própria natureza que entrava na escola como amiga, mensageira de visões amplas de generosidade, de sentimentos de alegria. Eis que agora a nossa querida cidade de São Paulo já passou ou está em fase de superar as escolas carrancudas e compostas como a "Caetano de Campos" na praça da República. As escolas do Convênio são amplas, horizontais, espaçosas no meio de jardins, são um convite amigável para as nossas crianças, com belíssimas classes nas quais há realmente conforto e um agradável ensino moral e estético

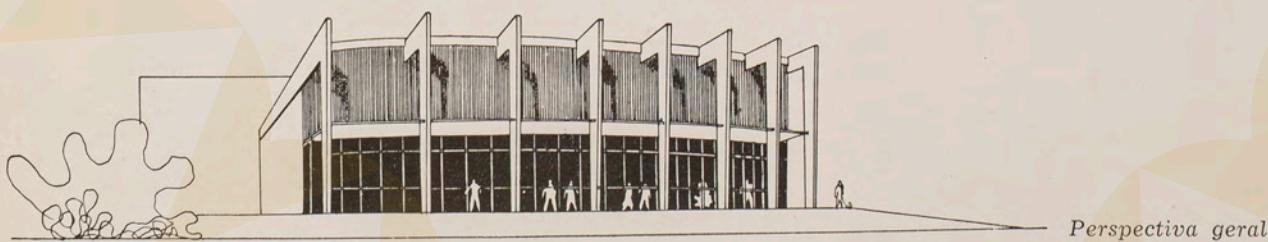


Teatro popular, em construção no Alto da Moóca e em Vila Clementino. Planta ao nível do palco. Projeto do arq. Roberto Tibau

Teatro popular

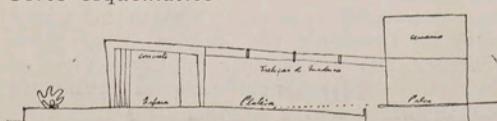
escala 1 m = 4 m/m

- 1 entrada
- 2 saída
- 3 espera
- 4 escada para a cabine
- 5 painel mural
- 6 toalete
- 7 toalete
- 8 platéia
- 9 caixa da orquestra
- 10 palco
- 11 guarda-roupas
- 12 carpintaria - cenários
- 13 entrada - serviços
- 14 sanitários

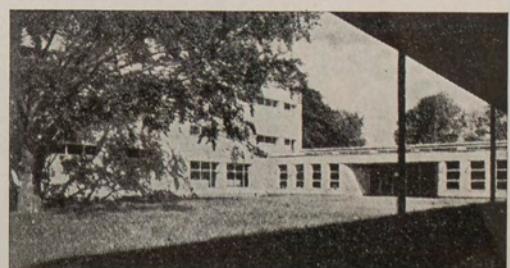


Perspectiva geral

Corte esquemático



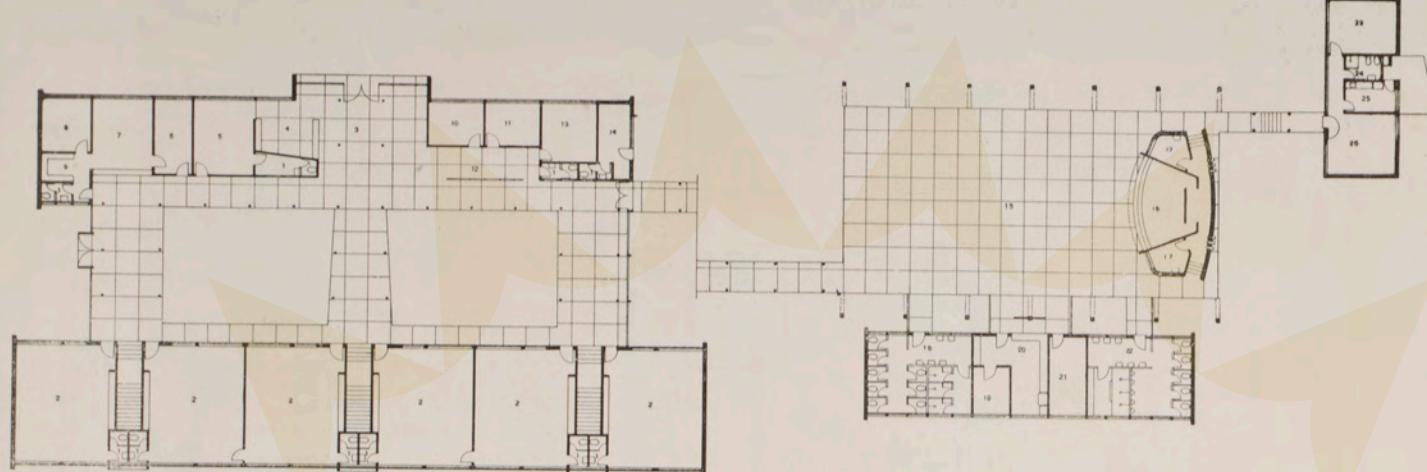
Uma escola inglesa. Também as escolas modernas se inspiram na natureza e no verde



Vila Clementino



Pavimento térreo

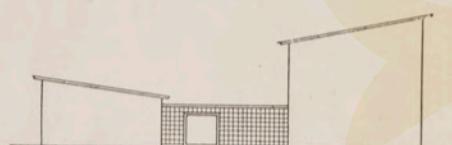


Grupo Escolar "Pedro Voss", em construção em Vila Clementino. Plantas do térreo e superior. O arquiteto procurou eliminar os corredores das salas de aula introduzindo ainda a iluminação bilateral para as mesmas. Projeto do eng. E. Roberto Mange

- 1 sanitário
- 2 sala de aula
- 3 museu
- 4 biblioteca
- 5 sala professores
- 6 mat. escolar
- 7 secretaria
- 8 diretoria
- 9 arquivo
- 10 assistente social
- 11 dentista
- 12 espera
- 13 médico

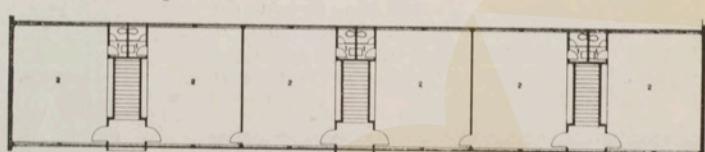
- 14 sanitário e vestiário servente
- 15 recreio coberto
- 16 palco
- 17 vestiário
- 18 sanitário e vestiário
- 19 nutricionista
- 20 cozinha distribuição
- 21 depósito
- 22 sanitário e vestiário
- 23 dormitório zelador
- 24 banheiro zelador
- 25 cozinha zelador
- 26 sala zelador

escala 1:500

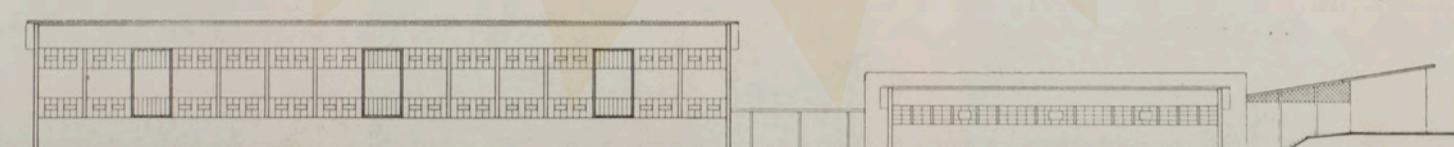


Fachada oeste

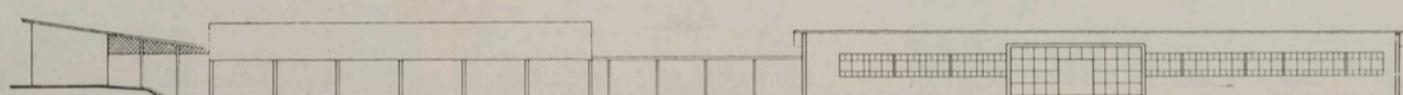
Pavimento superior



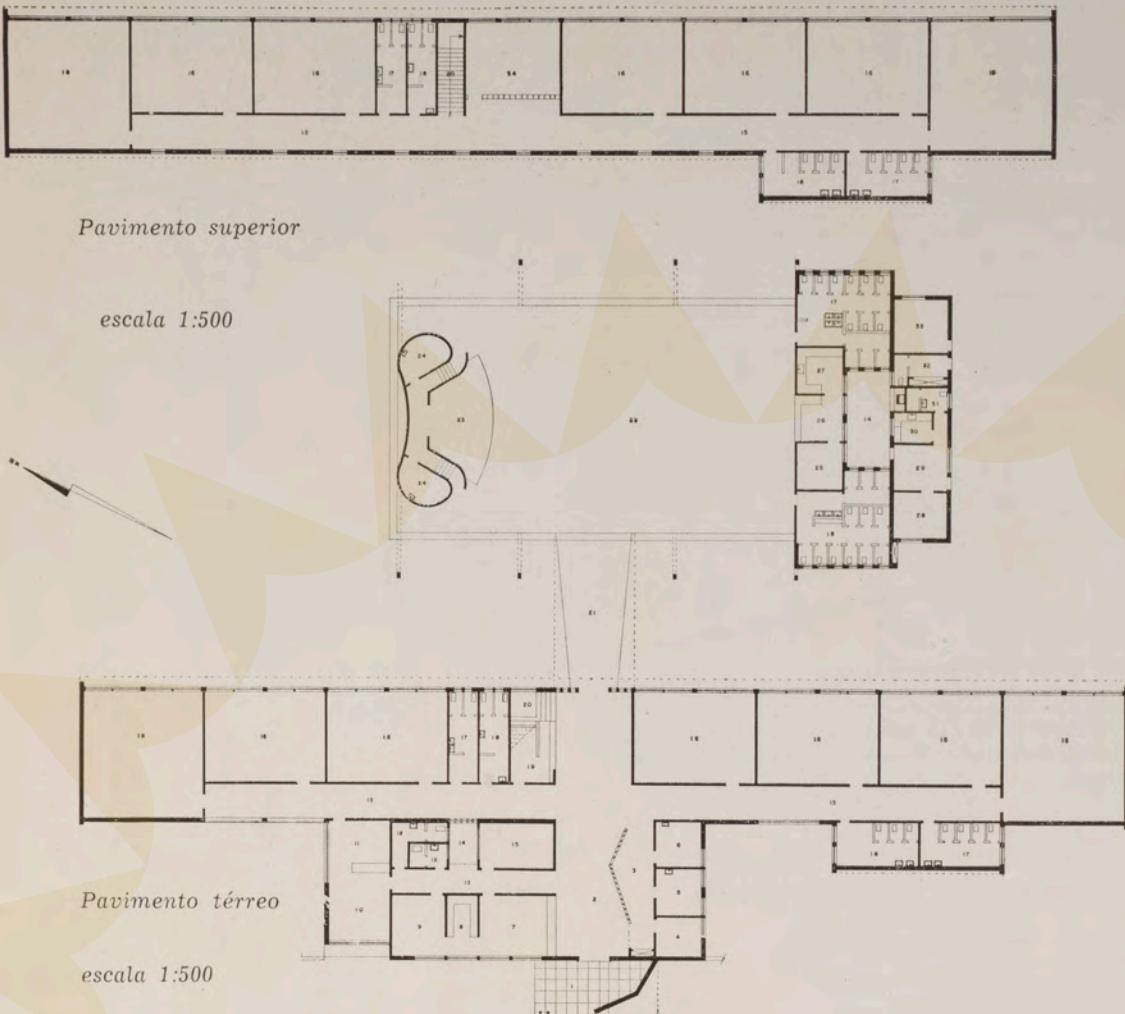
Elevação sul



Elevação norte



l oumpnß
a en lug
m u f f e ß



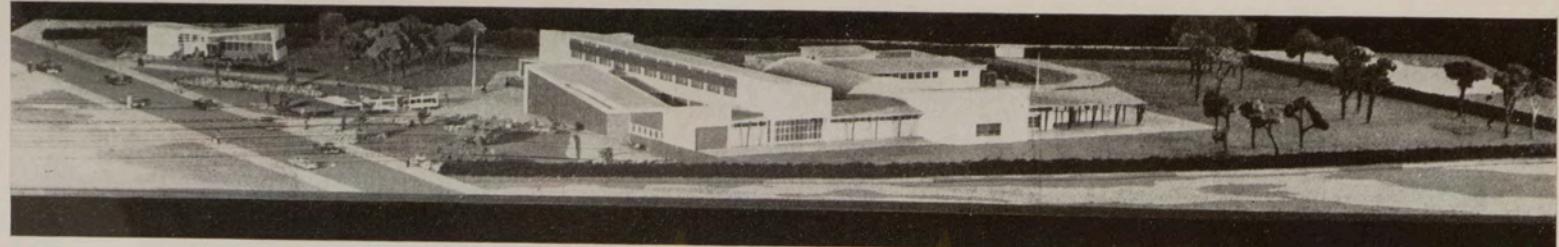
Grupo Escolar "Almirante Barroso" construído na Av. Jabaquara. Projeto do arq. Helio Duarte. Deste conjunto arquitetônico publicamos a fotografia em Habitat 3

Vila Jabaquara

Escolas do passado. Fotografia tirada do primeiro volume de Maria Montessori, a grande educadora italiana que não pode ser esquecida por uma cidade que festeja o advento de novas escolas



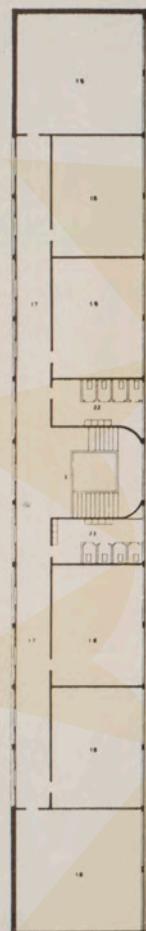
Fotografia do livro "Il Metodo della pedagogia scientifica applicata all'a educazione infantile nelle case dei bambini" de Maria Montessori (Cidade de Castelo, 1901)



Grupo Rural "Alberto Torres". Projeto do arq. Roberto Tibau. O grupo está sendo construído no Butantã

escala 1:500

Butantã



Pavimento superior

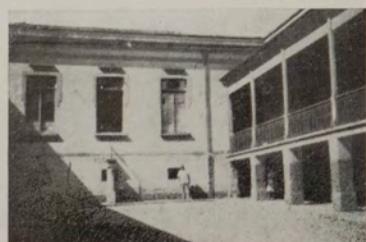


Pavimento térreo

escala 1:500

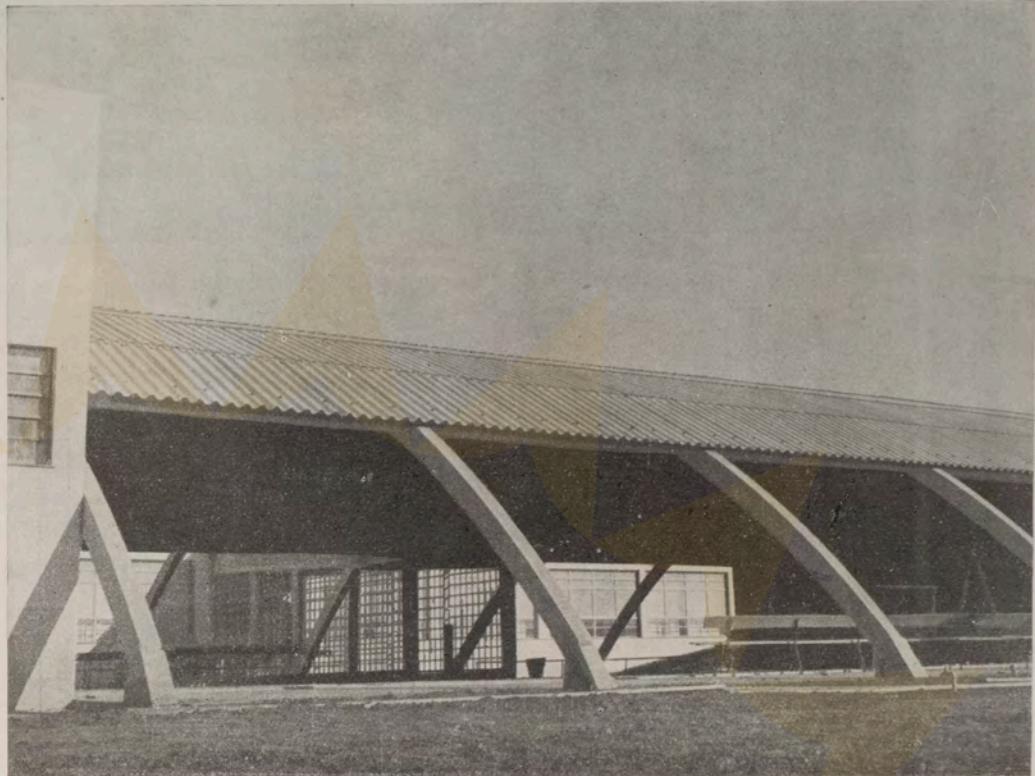


Breve não haverá mais
destas escolas

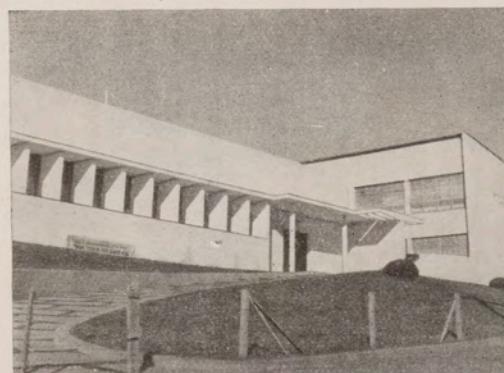


- | | | | |
|----|---------------------|----|-------------------------|
| 1 | entrada principal | 24 | chuveiro meninas |
| 2 | entrada de alunos | 25 | pateo |
| 3 | hall | 26 | recreio |
| 4 | guardados | 27 | exposição |
| 5 | depósito | 28 | sala de reunião |
| 6 | portaria | 29 | garagem |
| 7 | mat. escolar | 30 | coelheiras |
| 8 | médico | 31 | chuveiro meninos |
| 9 | dentista | 32 | vestiário |
| 10 | assist. social | 33 | vestiário |
| 11 | secretaria | 34 | palco |
| 12 | arquivo | 35 | galpão |
| 13 | diretor | 36 | vestiário |
| 14 | sanitários | 37 | macas |
| 15 | sala de professoras | 38 | refeitório |
| 16 | espera | 39 | nutricionista |
| 17 | circulação | 40 | distribuição |
| 18 | salas de aula | 41 | cozinha |
| 19 | depósito | 42 | carpintaria |
| 20 | jardim de infância | 43 | quarto |
| 21 | passagem coberta | 44 | sala |
| 22 | sanitário | 45 | serviço |
| 23 | sanitários | 46 | entrada jardim infância |

Vila Baruel



Galpão de recreação do Grupo Escolar "José Carlos Dias" em Vila Baruel. Projeto do arq. Helio Duarte



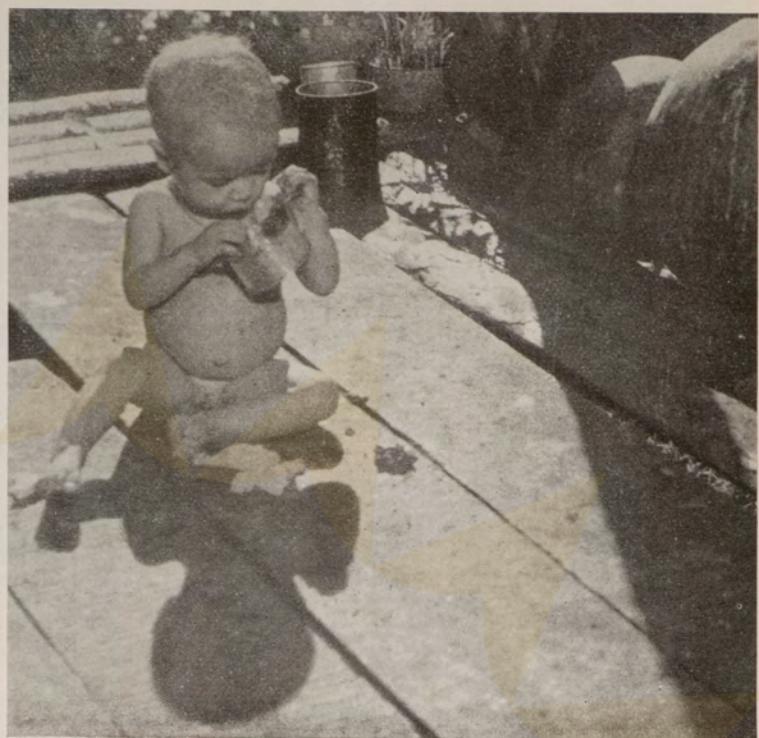
Vista do Grupo Escolar "José Carlos Dias" em Vila Baruel



Cada época tem as suas escolas; nós temos, no entanto, as escolas mais lógicas, mais estudadas em suas exigências. Publicamos ao lado uma das tantas escolas de São Paulo antigo. O desenvolvimento excepcional da cidade não calculará com um plano sistemático e racionado de edifícios escolares. Portanto, a um dado momento, foi necessário alugar residências comuns e adaptá-las da maneira melhor possível para funcionarem como escolas. Ainda hoje vemos a maioria dos institutos de ensino primário e secundário instalados em palacetes que, do ponto de vista didático, são um anacronismo inconcebível. Esperamos que a ação do Convênio Escolar anime todos os industriais do ensino (e por haver tantos dêles deve ser que o negócio é bom), que os anime a renovar uma vez por todas as escolas, construindo-as segundo o gosto e a técnica do nosso tempo. Seria benvinda uma lei obrigando todos os que do ensino fazem uma indústria, indústria aliás muito merecedora, a oferecer aos alunos o que há de melhor em conforto de classes e instalações.



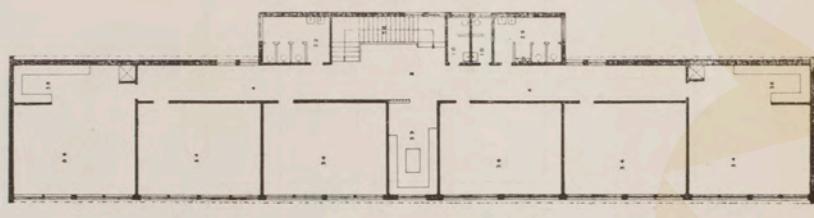
Se São Paulo se orgulha "disto", o que não deverá fazer para orgulhar-se dos paulistas de amanhã?



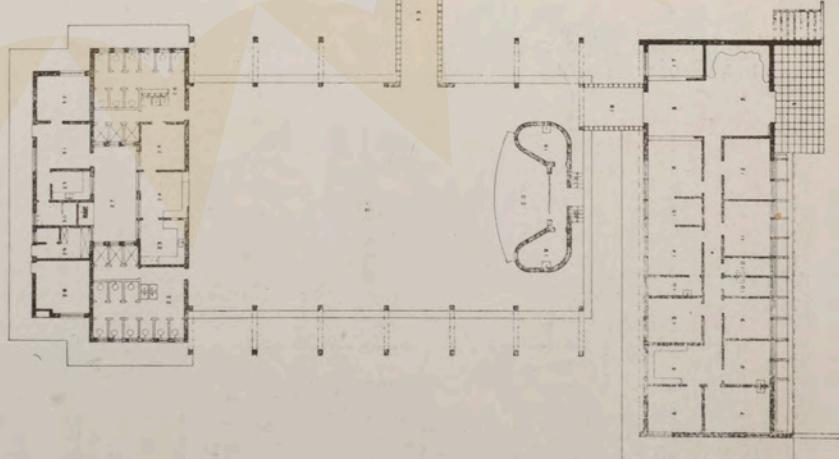
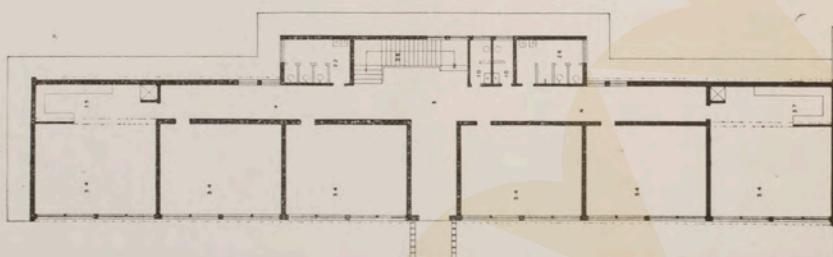
— Qual o teu futuro?

- 1 entrada
- 2 museu
- 3 hall
- 4 circulação
- 5 sala de espera
- 6 assistência social
- 7 médico
- 8 dentista
- 9 material escolar
- 10 w. c.
- 11 professoras
- 12 biblioteca
- 13 almoxarifado
- 14 diretor
- 15 arquivo
- 16 secretaria
- 17 guardados
- 18 passagem coberta
- 19 vestiários
- 20 palco
- 21 galpão
- 22 sanitário
- 23 cosinha
- 24 distribuição
- 25 nutricionista
- 26 sanitário
- 27 pateo
- 28 depósito
- 29 w. c. serventes
- 30 w. c. chuveiros
- 31 sala — zelador
- 32 quarto
- 33 passagem coberta
- 34 sala de aula
- 35 geografia — história
- 36 escada
- 37 museu ciências
- 38 manipulação
- 39 leitura

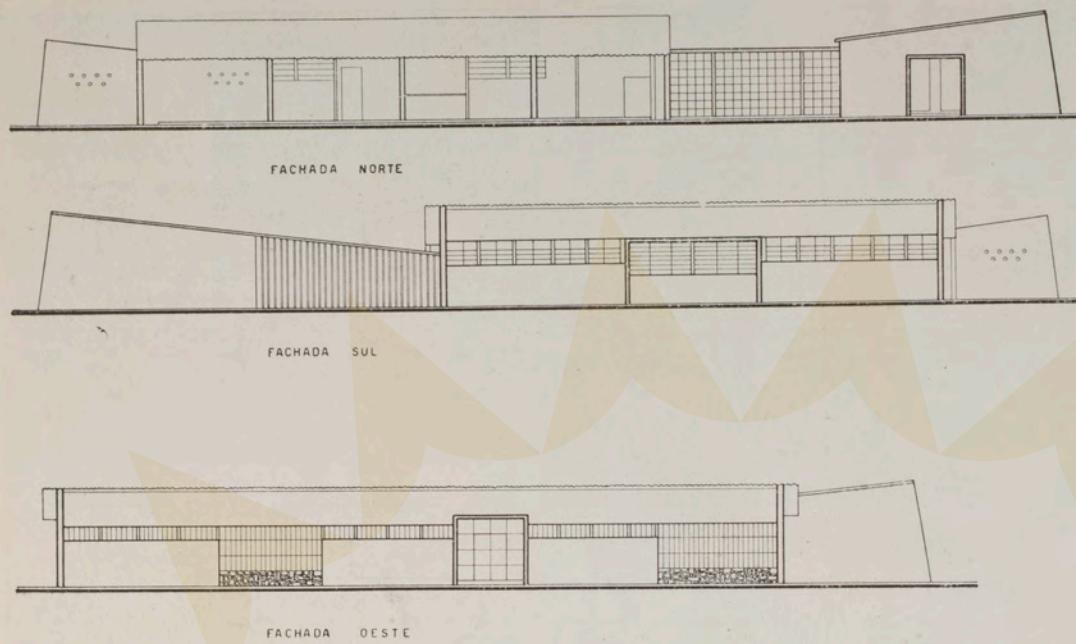
escala 1:500



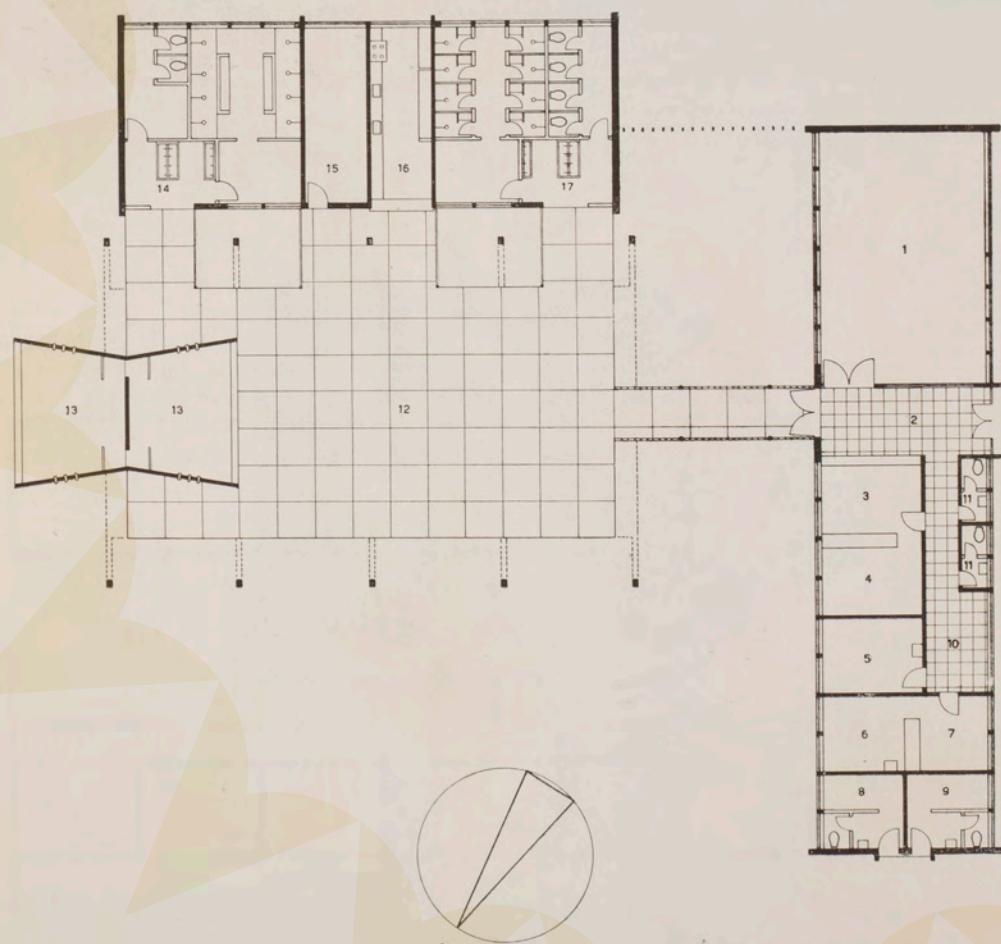
escala 1:500



Planta do Grupo Escolar "José Carlos Dias"

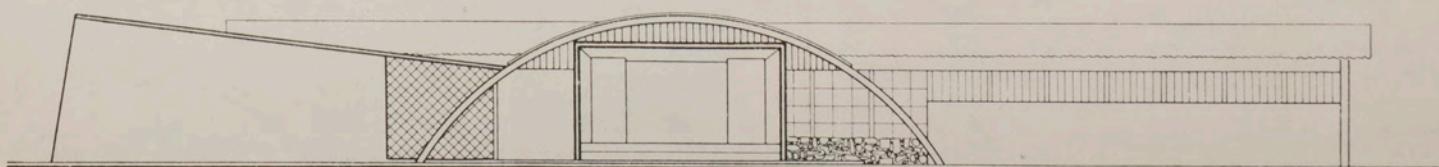


Parque infantil
tipo médio



Parque infantil (tipo médio) em construção na Varzea do Ipiranga. Planta da unidade. Projeto do eng. E. Roberto Mange

escala 1 m = 3,4 m/m.





Teatro ao ar livre no Parque Infantil do Cambuci. Projeto eng. E. Roberto Mange



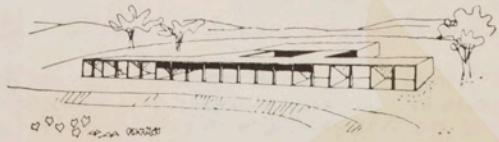
Antigo Parque infantil substituído, no Cambuci



Parque infantil em construção, no Cambuci

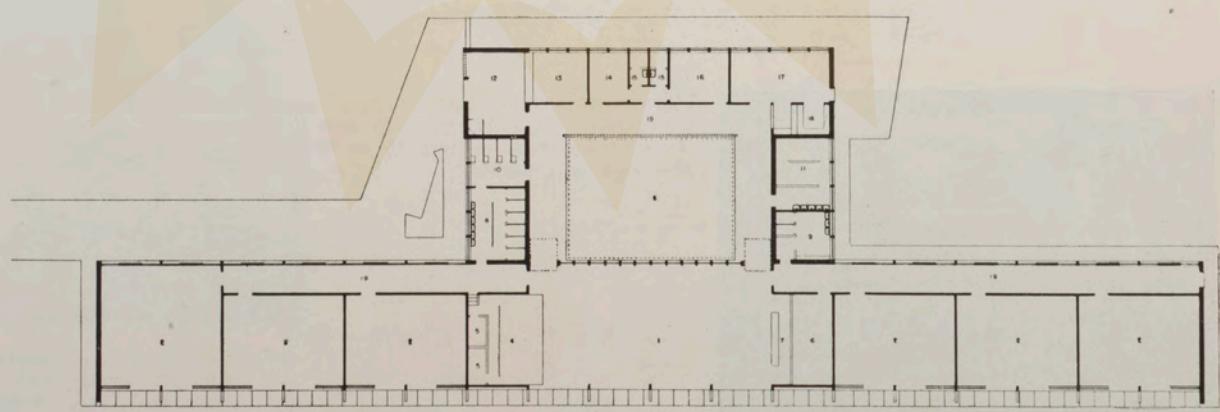
Cidade Lider

Grupo Escolar "Cidade Lider", em construção na "Cidade Lider". Planta baixa. Grupo econômico de 6 salas de aula com possibilidade de duplicação. Projeto do arq. Roberto Tibau

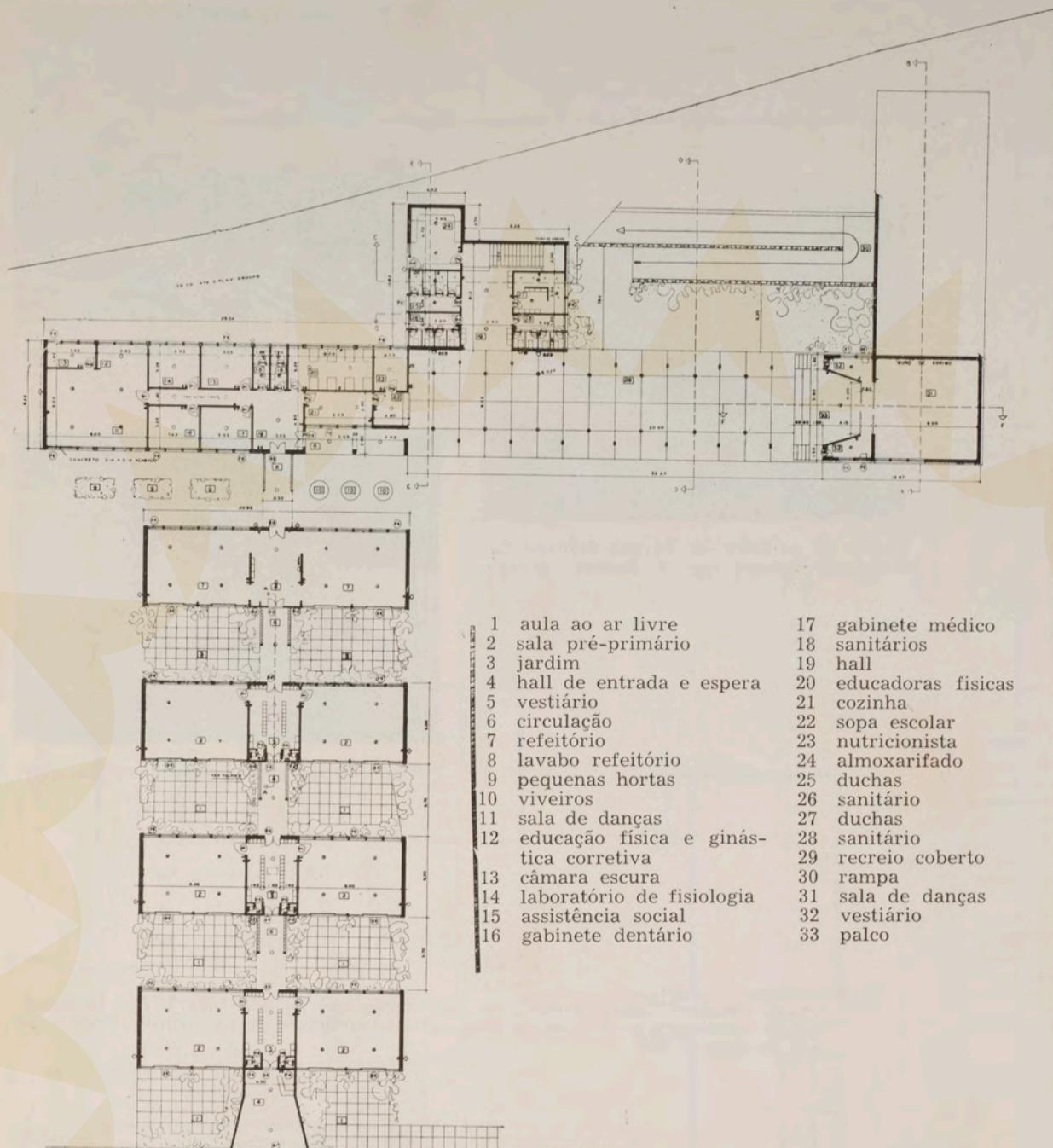


escala 1:500

- 1 galpão
- 2 sala de aula
- 3 jardim
- 4 palco
- 5 vestiário
- 6 depósito
- 7 distribuição de sopa escolar
- 8 sanitário
- 9 sanitário
- 10 chuveiro
- 11 chuveiro
- 12 entrada
- 13 secretaria
- 14 diretoria
- 15 sanitário
- 16 professoras
- 17 biblioteca
- 18 estante de livros
- 19 circulação
- 20 aulas ao ar livre
- 21 recreios

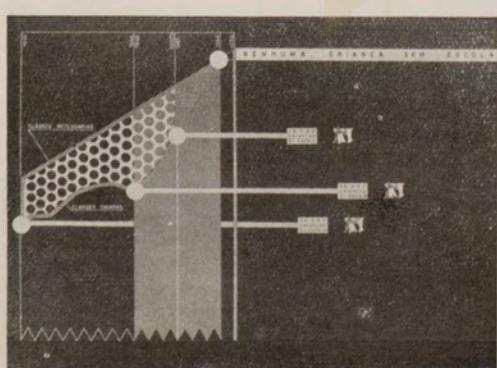


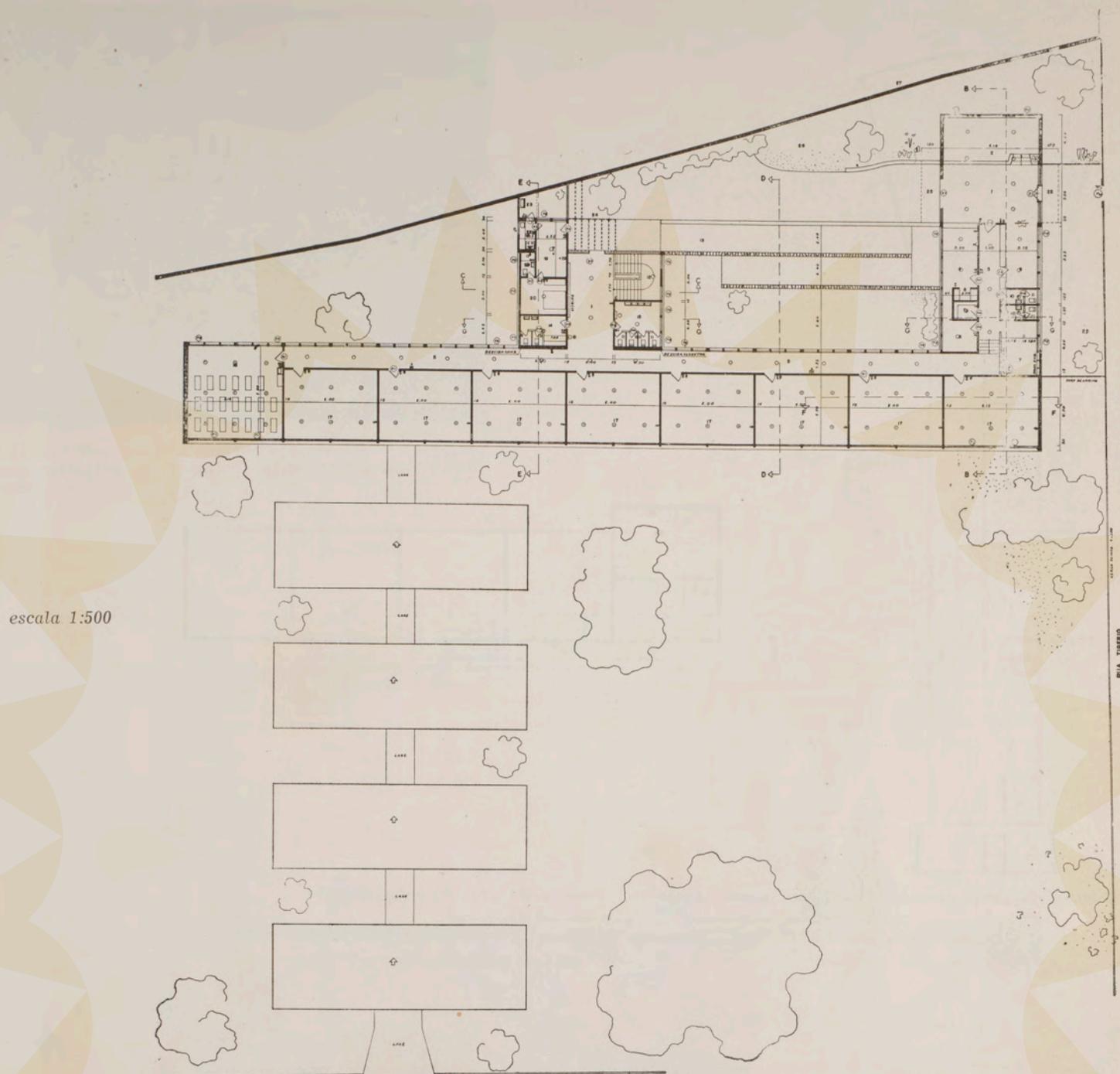
Agua Branca



"Escola ao Ar Livre" em construção em Água Branca. Planta do pavimento térreo com as salas especializadas de jardim de infância e a parte recreacional. Projeto do arq. Roberto Tibau

"Nenhuma criança sem escola" é o ponto que pretende atingir a Comissão do Convênio, em 1954, quando das comemorações do quarto centenário da Cidade. As atividades da Comissão se iniciaram em 1948, quando São Paulo tinha 48.000 crianças sem escola





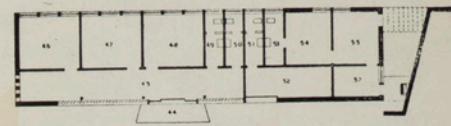
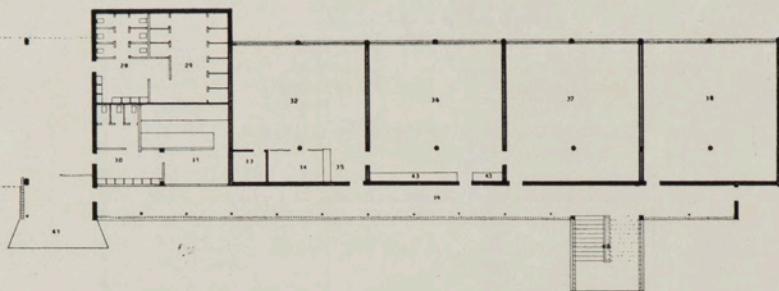
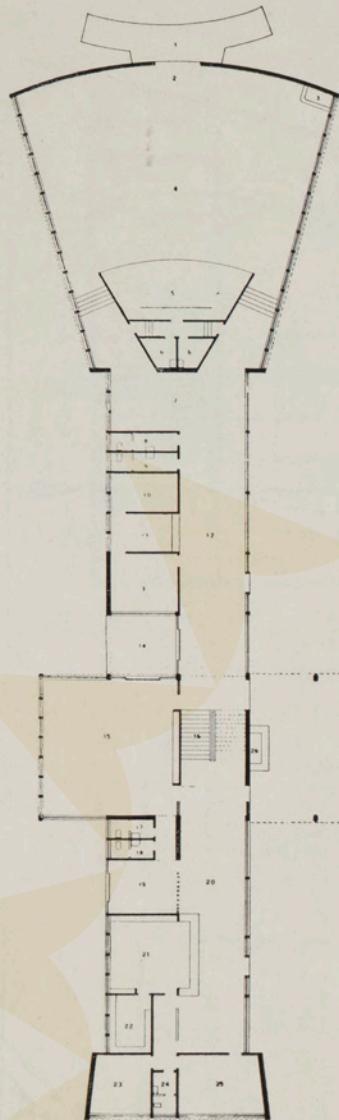
Planta mostrando a localização das salas de aula do "primário" em ligação direta com a administração



As crianças pensam na escola como num lugar no qual não é permitido se divertir. Temos que tornar a escola um prazer real para as crianças

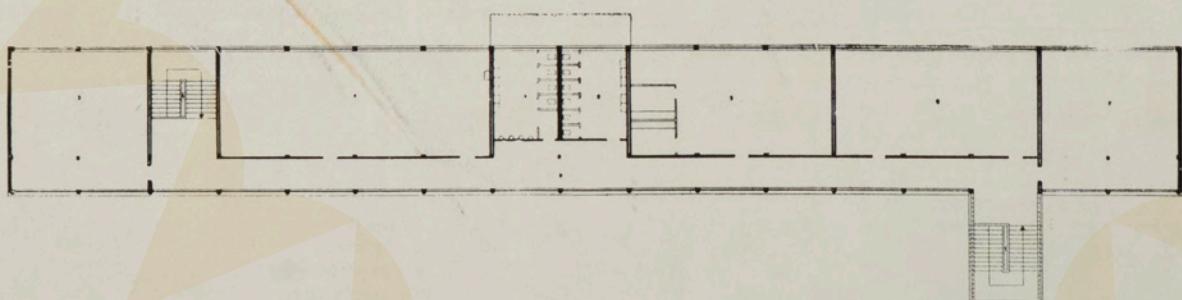
- 1 hall
- 2 museu
- 3 biblioteca
- 4 secretaria
- 5 circulação
- 6 diretoria
- 7 sala de professores
- 8 arquivos
- 9 mat. escolar
- 10 lavatórios
- 11 sanitário
- 12 escada
- 13 rampa
- 14 sanitário
- 15 sanitário
- 16 bebedouro
- 17 salas de aula
- 18 trabalhos manuais
- 19 sala
- 20 quarto
- 21 banheiro
- 22 cozinha
- 23 tanque
- 24 pergola
- 25 marquise
- 26 jardim
- 27 empenados prédios vizinhos

Santo Amaro

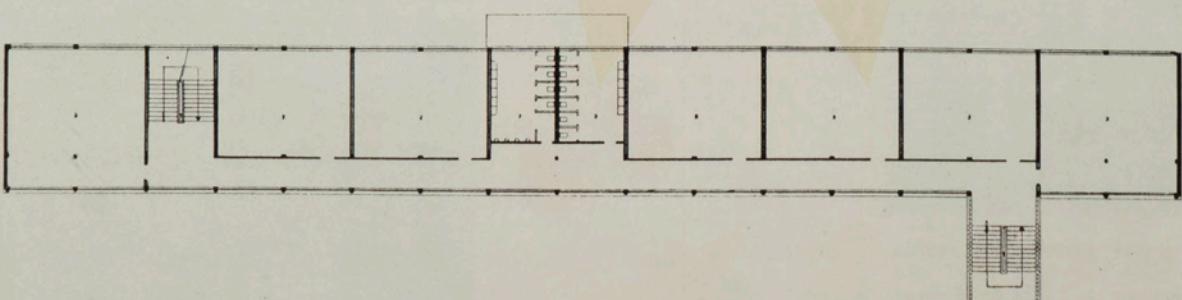


Ginásio de Santo Amaro. Planta do pavimento térreo. Projeto do arq. Roberto Tibau

escala 1:500



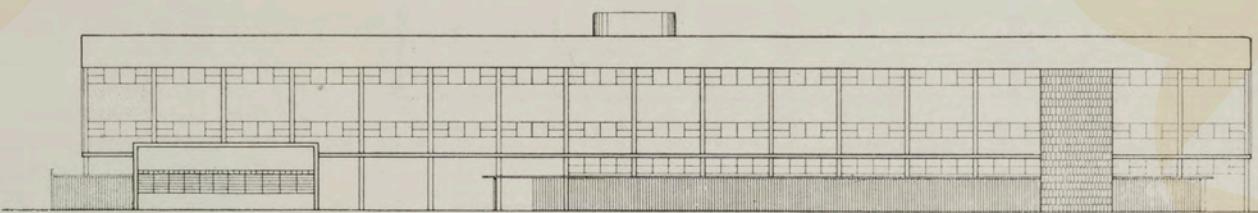
Planta do primeiro andar



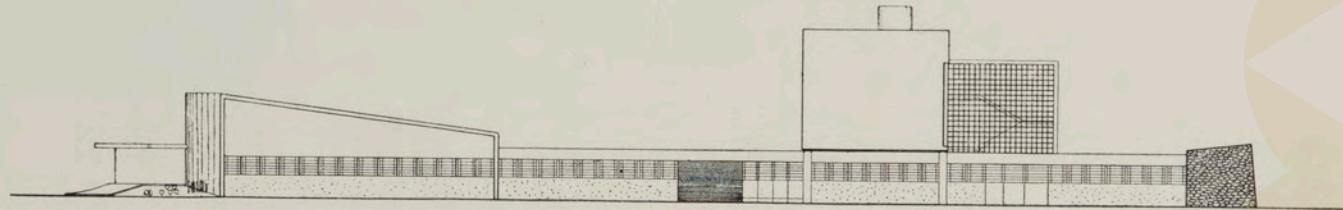
Planta do segundo andar



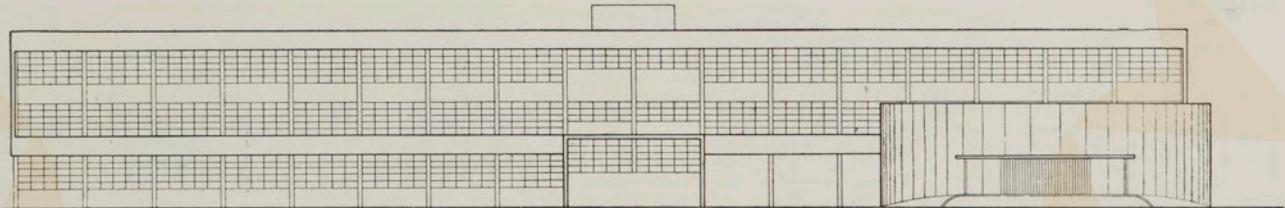
As atividades da Comissão do Convênio compreendem a edificação de grupos escolares, ginásios, bibliotecas, parques infantis e postos de saúde.



Ginásio de Sto. Amaro, fachada sudoeste



Fachada sudeste



Fachada nordeste

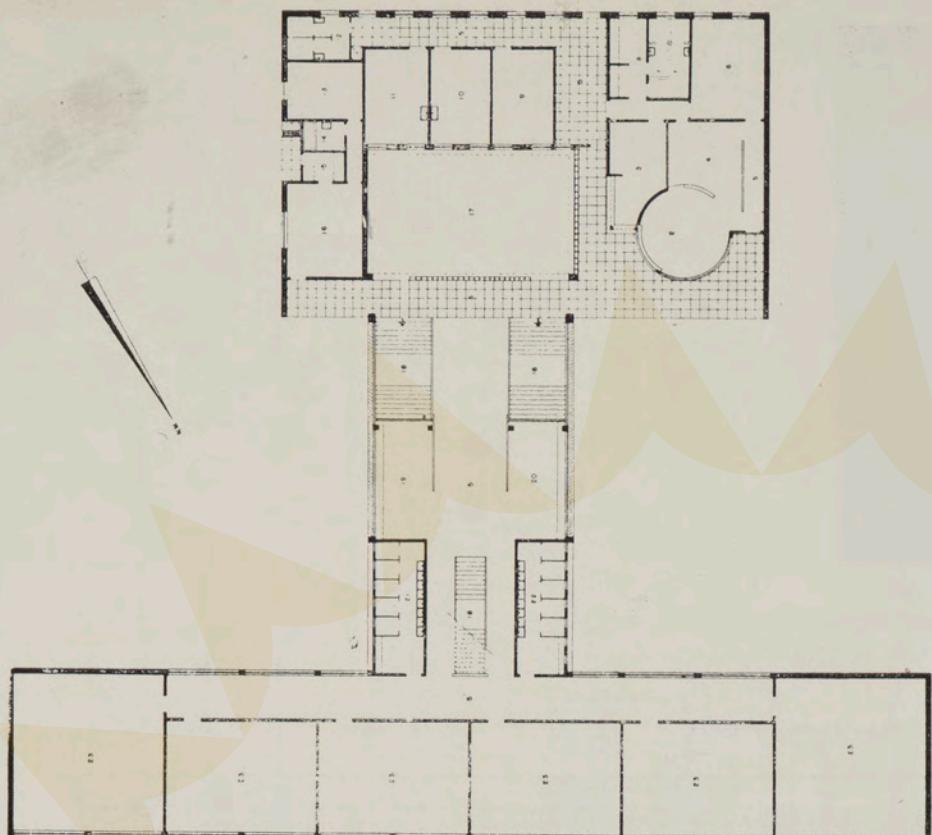
TERREO

- 1 entrada para o público
- 2 cabine de projeção
- 3 chapelaria
- 4 auditório
- 5 palco
- 6 vestiários
- 7 sala de exposição
- 8 sanitário
- 9 sanitário
- 10 sala de imprensa
- 11 cooperativa
- 12 sala do grémio
- 13 diretoria do grémio
- 14 jardim
- 15 biblioteca alunos
- 16 escada
- 17 sanitário
- 18 sanitário
- 19 sala de professores
- 20 hall
- 21 secretaria

- 22 arquivo
- 23 diretor
- 24 sanitário
- 25 congregação
- 26 cantina
- 27 recreio coberto
- 28 sanitário
- 29 chuveiro
- 30 sanitário
- 31 chuveiro
- 32 química
- 33 capela
- 34 gabinete estúdio
- 35 biblioteca
- 36 anfiteatro
- 37 física
- 38 ciência e história natural
- 39 circulação
- 40 escada
- 41 entrada alunos
- 42 biblioteca professoras
- 43 estante
- 44 entrada

- 45 circulação
 - 46 médico
 - 47 dentista
 - 48 enfermaria
 - 49 sanitário
 - 50 sanitário
 - 51 sanitário e vestiário zelador
 - 52 depósito
 - 53 sanitário e chuveiro
 - 54 quarto
 - 55 sala
 - 56 pergola
 - 57 cozinha
- 1.º e 2.º PAVIMENTO
- 1 escadas
 - 2 sanitários
 - 3 geografia
 - 4 desenho
 - 5 línguas
 - 6 trabalhos manuais masc.
 - 7 trabalhos manuais fem.
 - 8 circulação

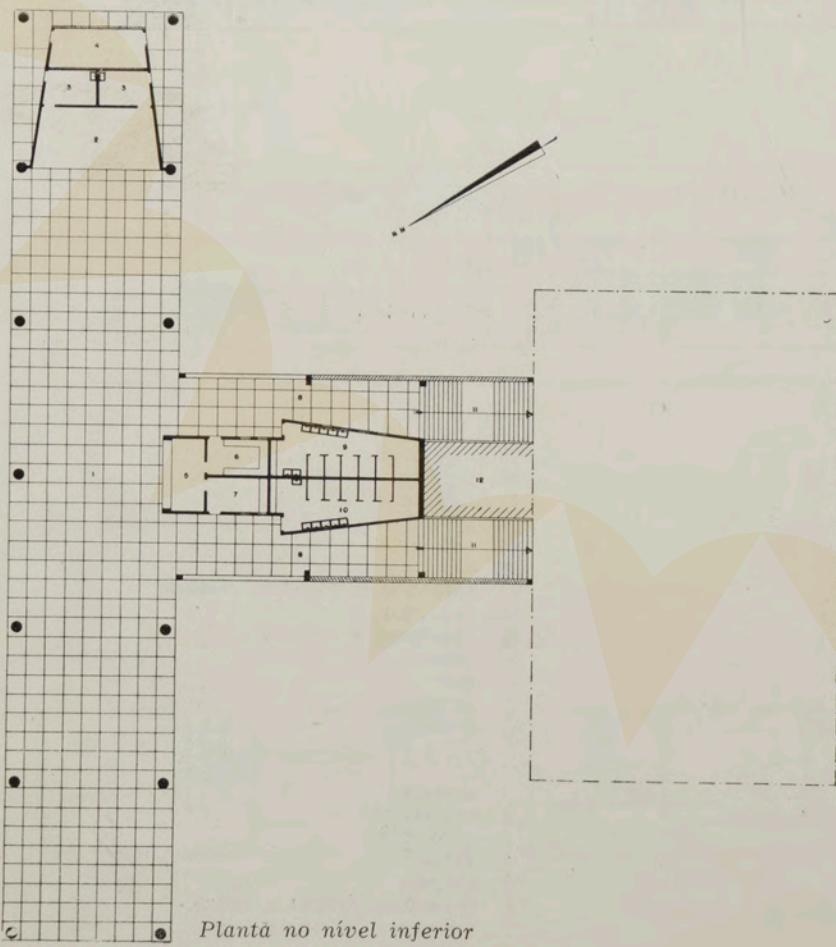
Tatuapé



Grupo Escolar "Erasmo Braga", a ser construído em Tatuapé. Planta no nível médio. Projeto do arq. Eduardo Corona

escala 1:400

- 1 entrada
- 2 biblioteca
- 3 secretaria
- 4 sala professoras
- 5 circulação
- 6 diretor
- 7 sanitário
- 8 arquivo
- 9 assistência social
- 10 dentista
- 11 médico
- 12 sanitário
- 13 quarto
- 14 banheiro
- 15 cozinha
- 16 sala zelador
- 17 jardim
- 18 escada
- 19 museu escolar
- 20 biblioteca infantil
- 21 sanitário
- 22 sanitário
- 23 sala de aula

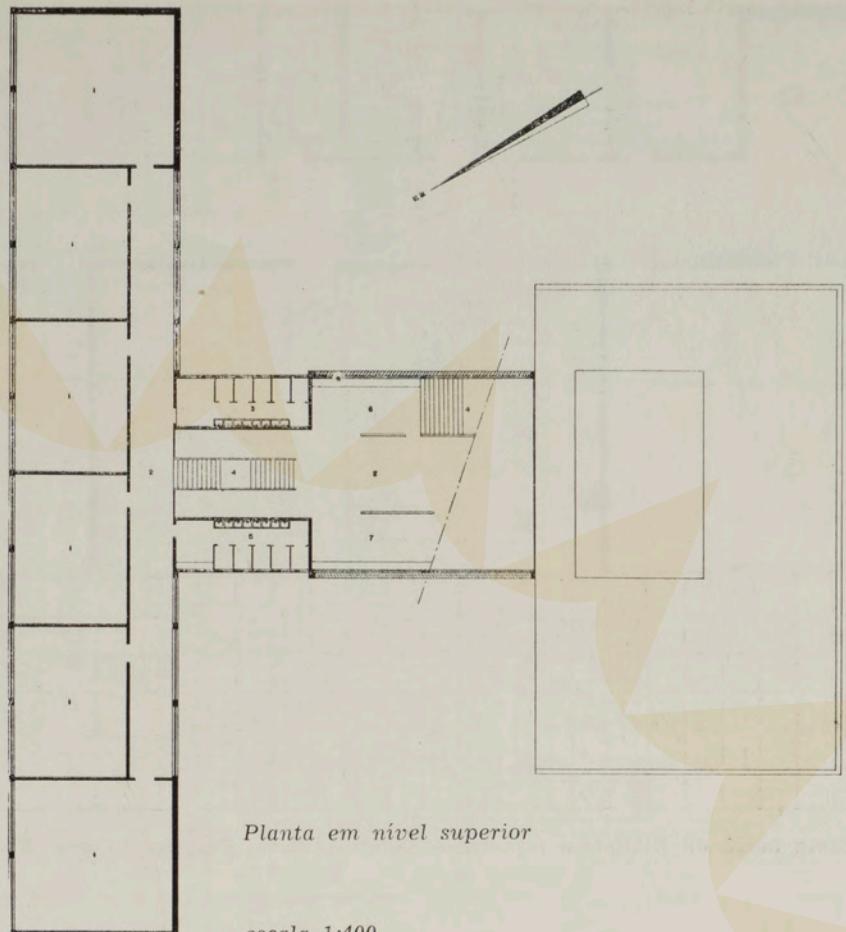


Planta no nível inferior

- 1 galpão
- 2 palco
- 3 vestiário
- 4 depósito
- 5 distribuição
- 6 cozinha
- 7 nutricionista
- 8 circulação
- 9 sanitário
- 10 sanitário
- 11 escada
- 12 aterro



- 1 sala de aula
- 2 circulação
- 3 sanitário meninas
- 4 escada
- 5 sanitários meninos
- 6 vazio do museu escolar
- 7 vazio da biblioteca infantil

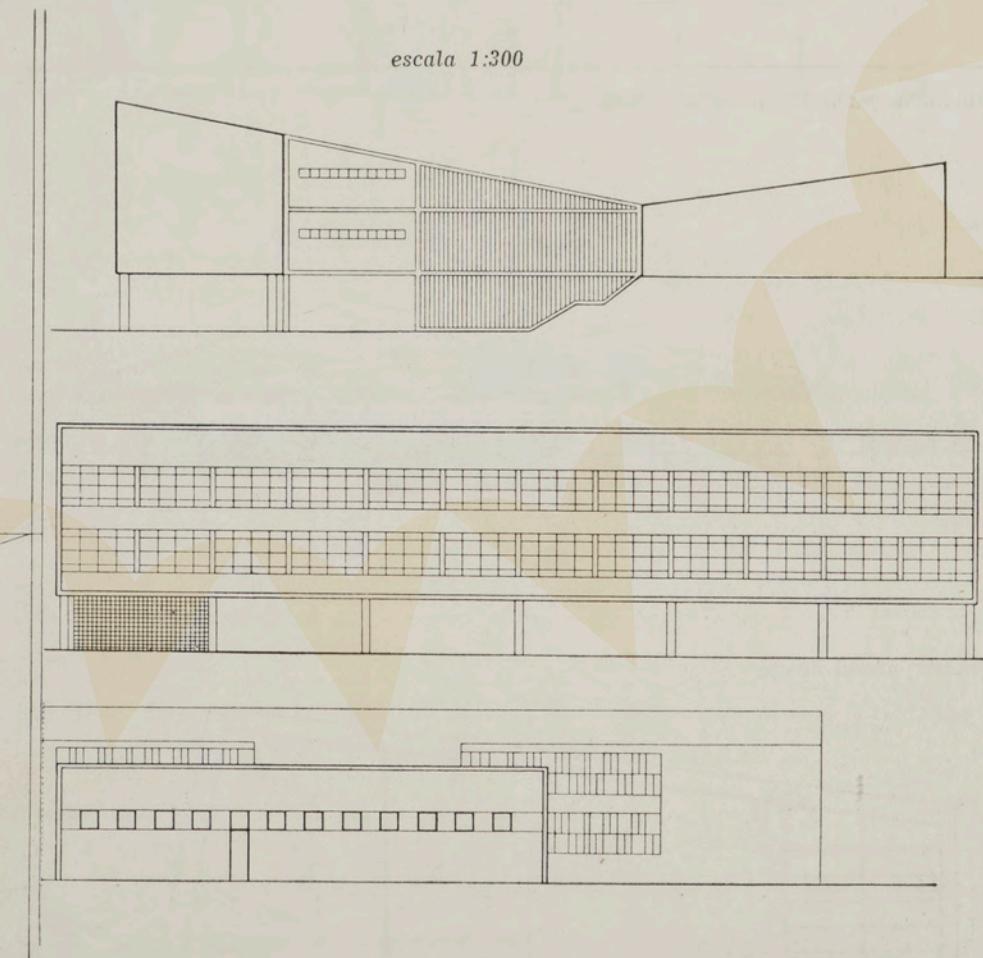


Planta em nível superior

escala 1:400



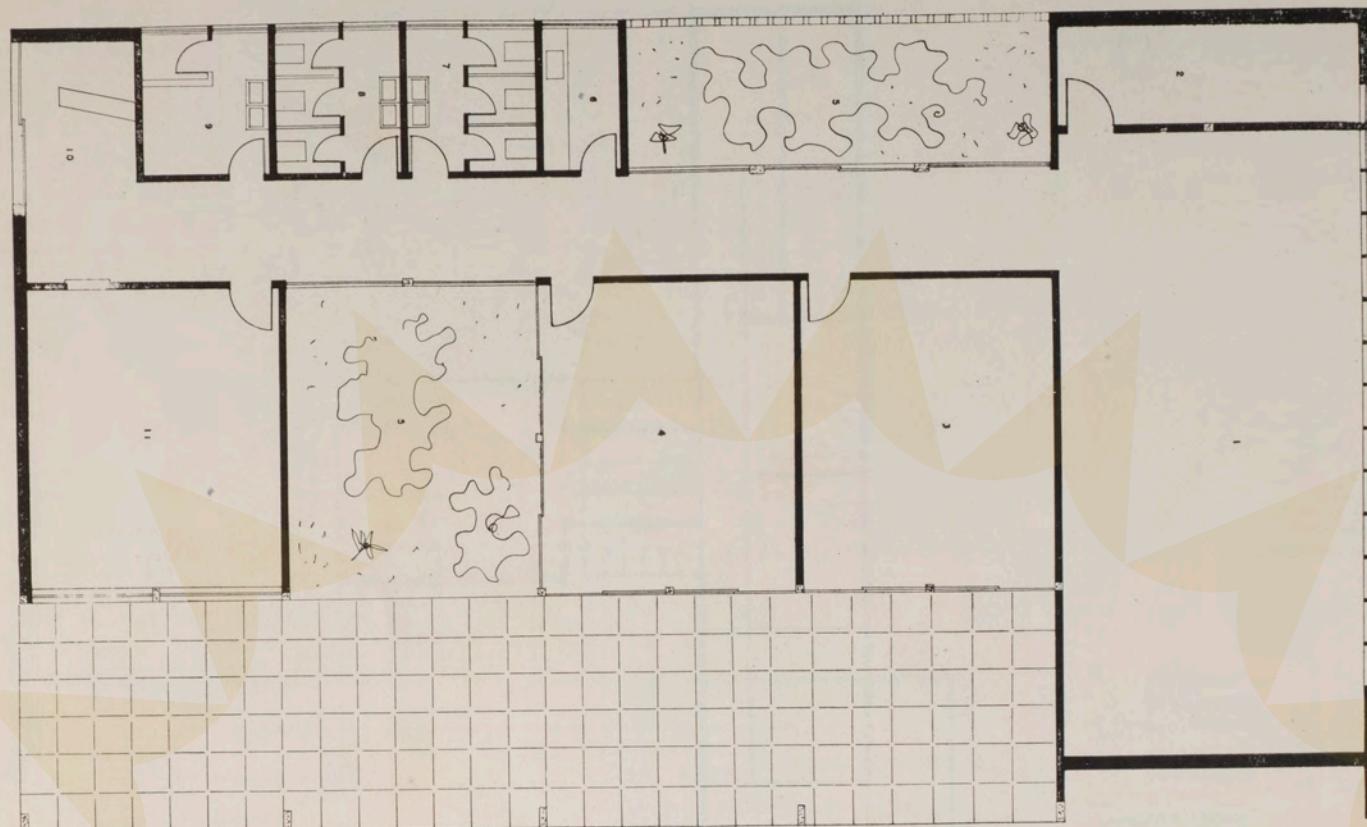
O Prefeito de Fortaleza visita a Exposição do Convênio no Museu de Arte de São Paulo



Fachada lateral voltada para o noroeste

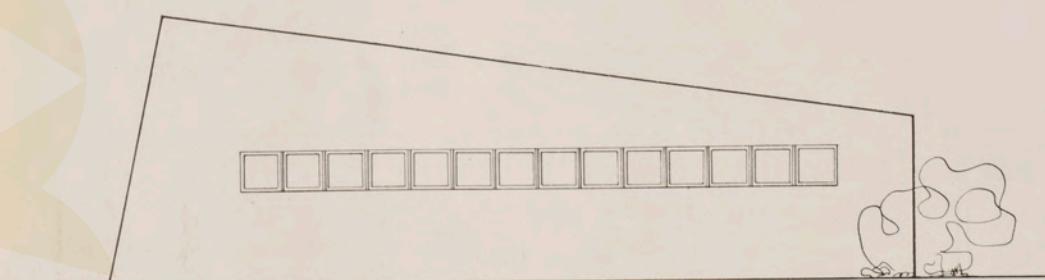
Fachada posterior voltada para o nordeste

Fachada principal voltada para o sudoeste



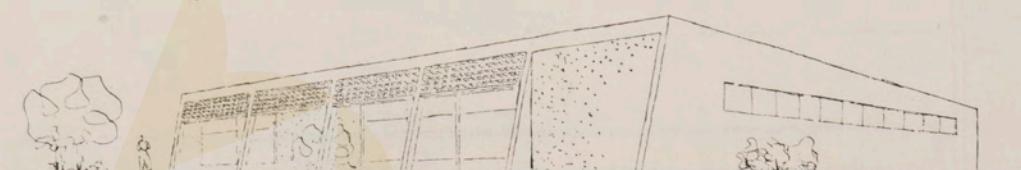
Planta baixa da Biblioteca infantil de Santo Amaro. Projeto do arq. Eduardo Corona

Biblioteca infantil de Santo Amaro



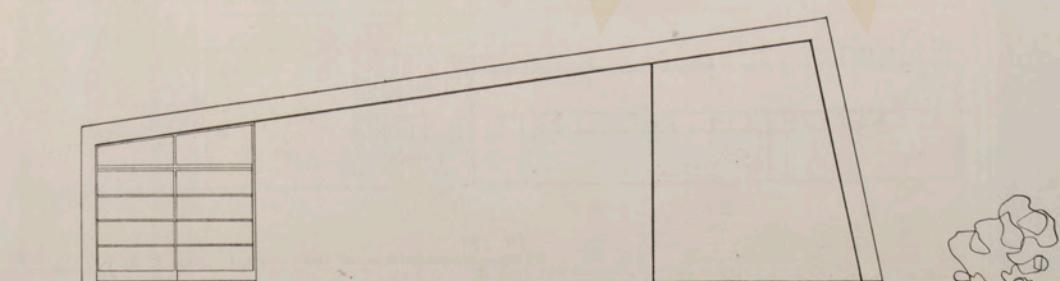
Asp^eto da fachada lateral esquerda

escala 1 m = 6,6 m/m

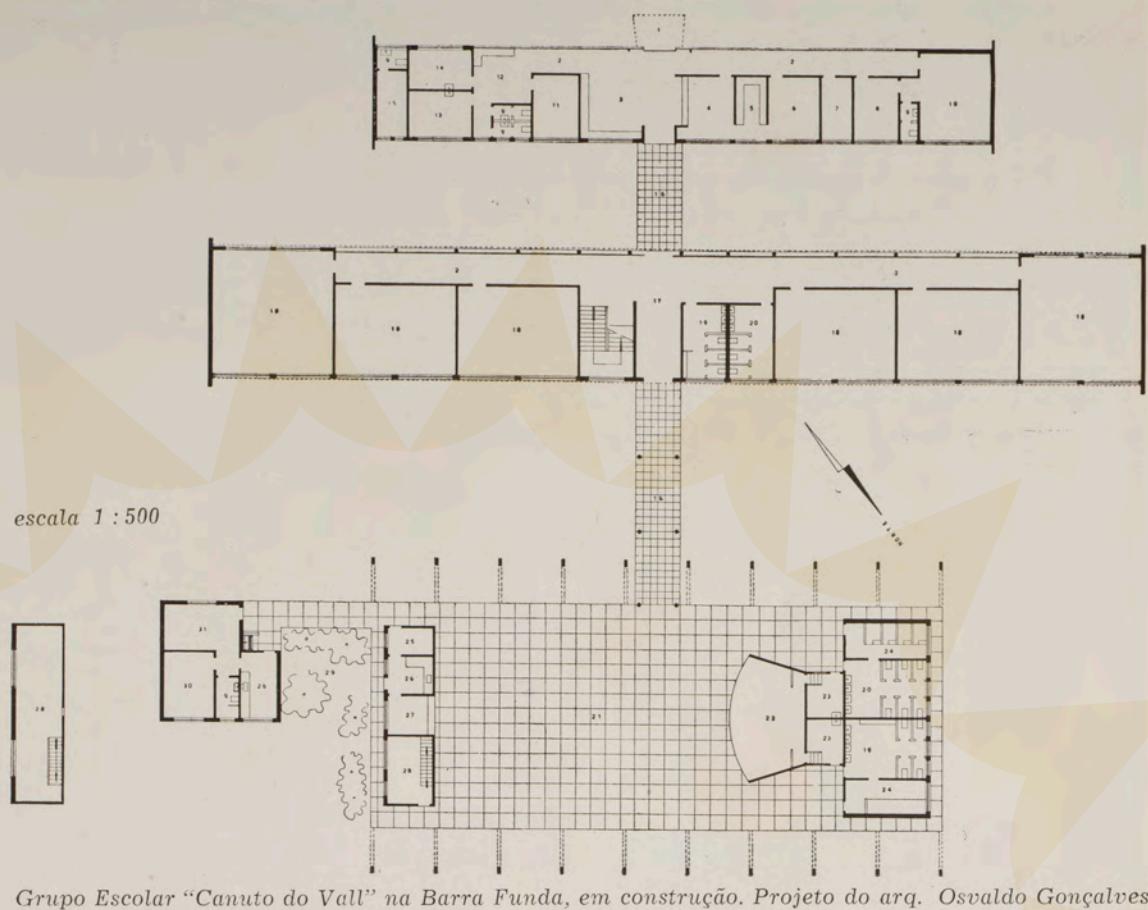


Perspetiva da Biblioteca cuja construção vai ser iniciada

Fachada lateral direta



- 1 sala de leitura e projeção
- 2 cabine de projeção
- 3 seção fixa
- 4 sala de jogos
- 5 jardim
- 6 copa
- 7 sanitários
- 8 sanitários
- 9 sanitários
- 10 portaria
- 11 seção volante



Grupo Escolar "Canuto do Vall" na Barra Funda, em construção. Projeto do arq. Osvaldo Gonçalves

Os que contribuiram

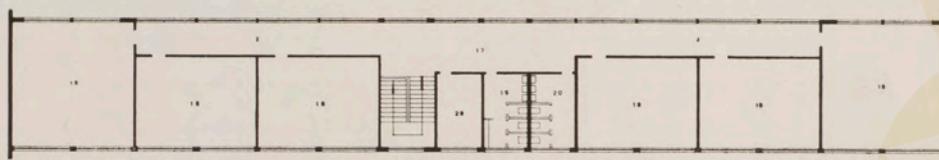
A importante e complexa realização das escolas do Convênio, ilustradas nestas páginas, tornou-se possível graças à contribuição da técnica paulista que mais uma vez provou merecer sua fama. Afim de completar nossa reportagem sobre estas escolas, publicamos aqui, em ordem alfabética, as firmas que trabalharam nestas obras:

FIRMAS CONSTRUTORAS:

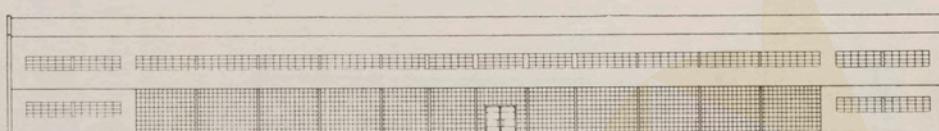
Empresa Metropolitana de Engenharia Ltda.
Escritório de Engenharia Civil Geod Ltda.
Escritório Técnico Ataliba Leonel
Escritório Técnico Capote Valente
Ferreira, Fanuele & Barreto
Godofredo Giger & Falcão Bauer Ltda.
Passarelli & Domingos Pinto Ltda.
Sociedade Construtora Civil-creto Ltda.

FORNECEDORES:

A. Spilborghs & Cia. Ltda.
Carvalho Meira S. A.
Cia. Comercial de Vidros do Brasil C. V. B.
Eternit do Brasil Cimento Amianto S. A.
Haupt — São Paulo & Cia. Ltda.
Indústria Paulista de Porcelanas Argilex S. A.
Metalúrgica São Nicolau Ltda.
Montana S. A. Engenharia e Comércio
Néo-Rex do Brasil Ltda.
Nogueira Guimarães S. A.
Otto Baumgart — engenheiro S. A. Comércio & Indústria Souza Noschese
S. A. Tubos Brasilit
Soc. Tekno Ltda.
Vitrais Conrado Sorgenicht S.A.

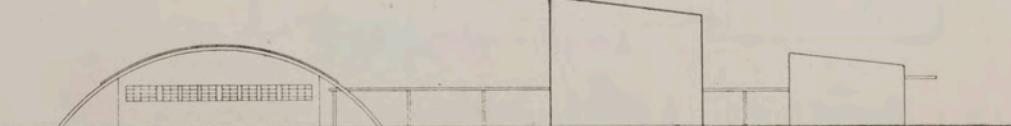


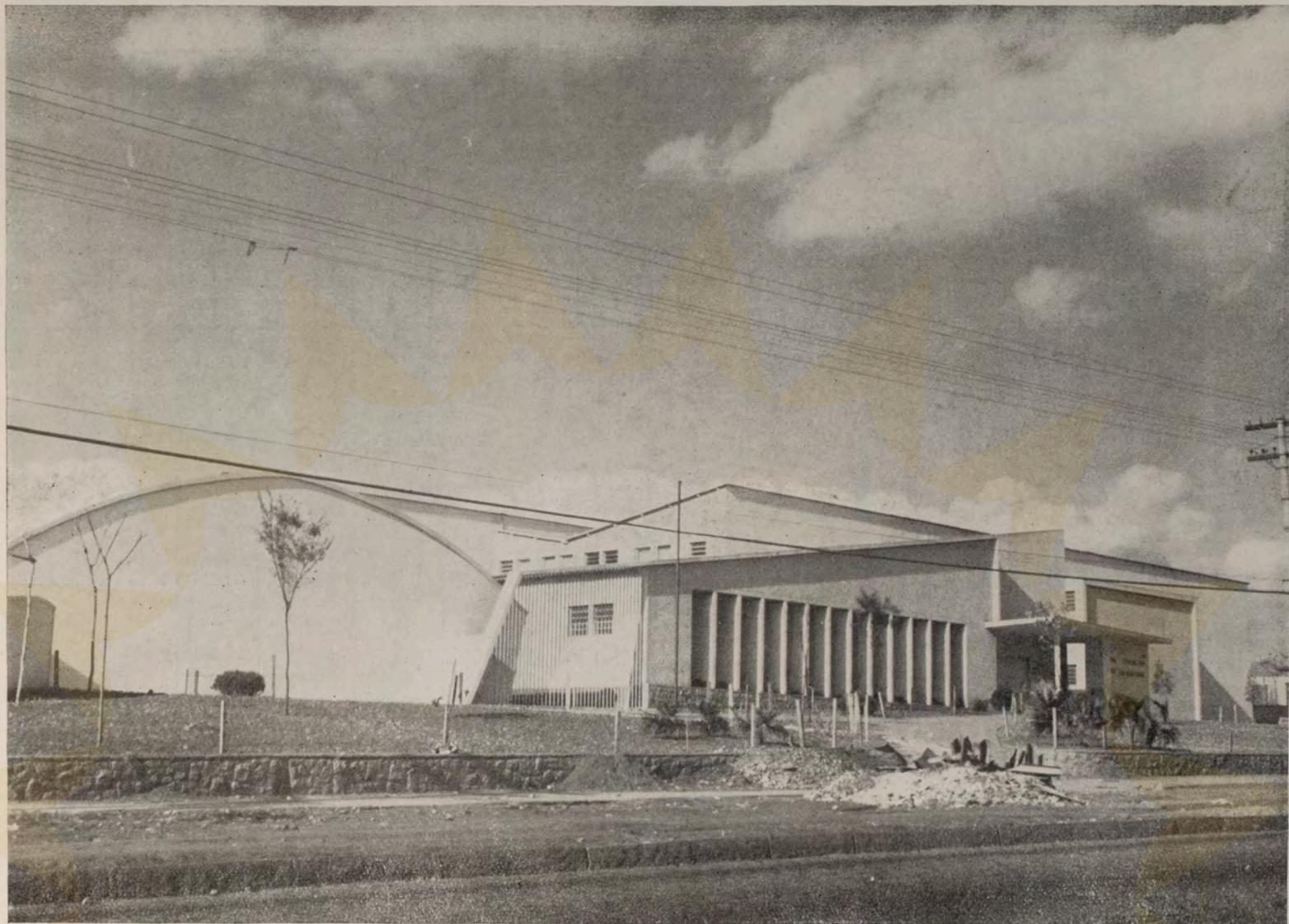
escala 1:500



Fachada sul

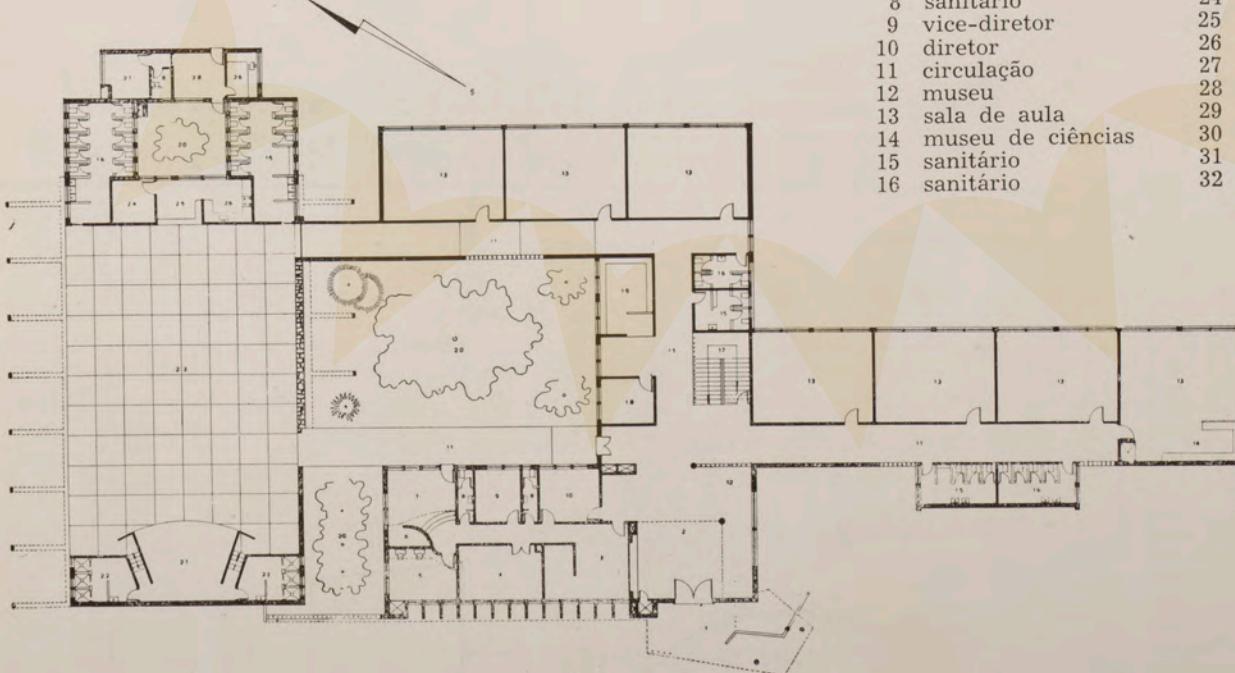
Fachada oeste





Detalhe da fachada do Grupo Escolar "Pandiá Calógeras" no Alto da Mooca. Projeto do arq. Hélio Duarte

Alto da Mooca

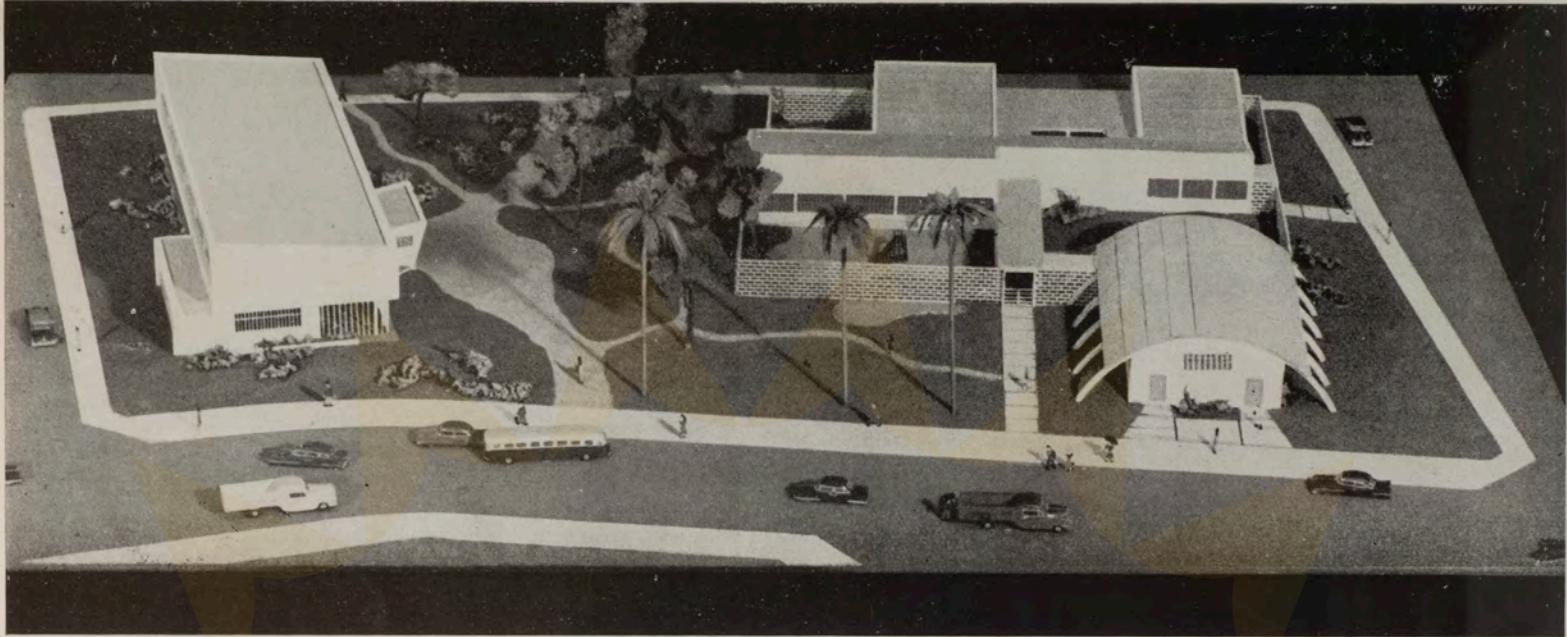




Detalhe da fachada do Grupo Escolar "Pandiá Calógeras" no Alto da Moóca

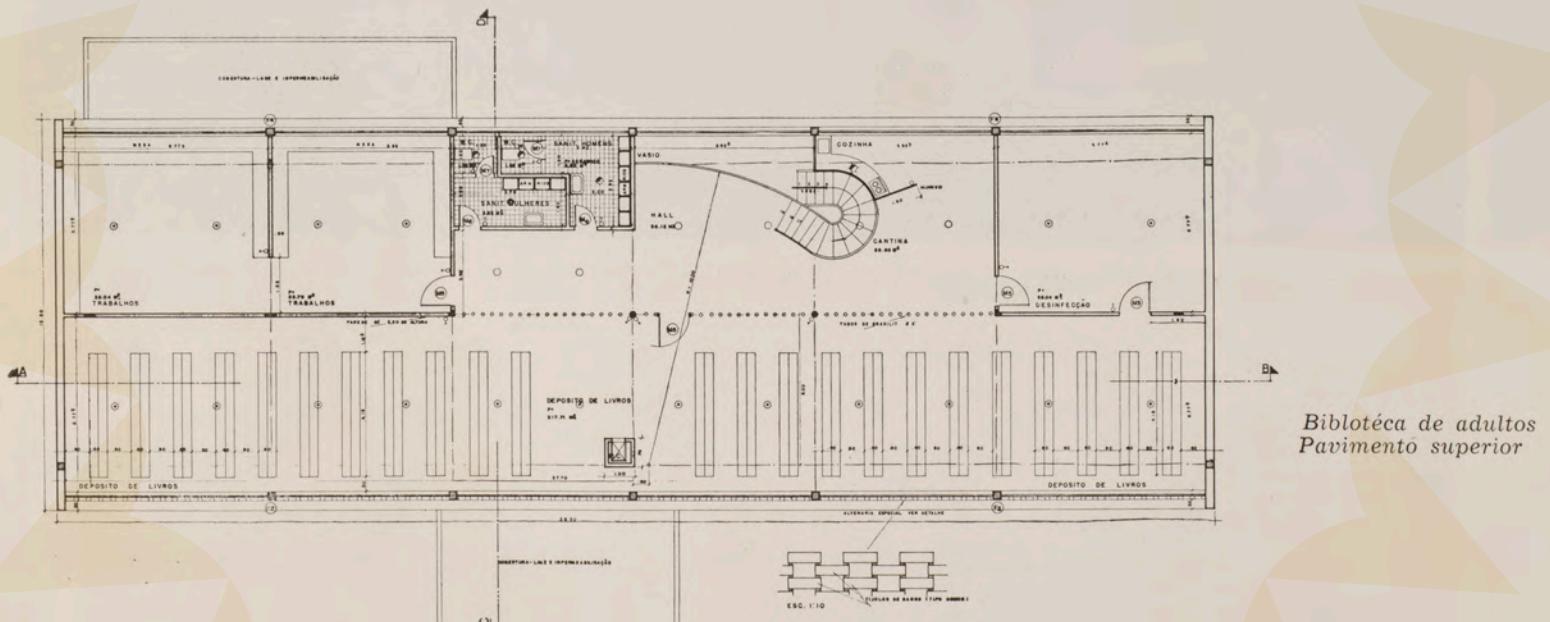
escala 1 : 500



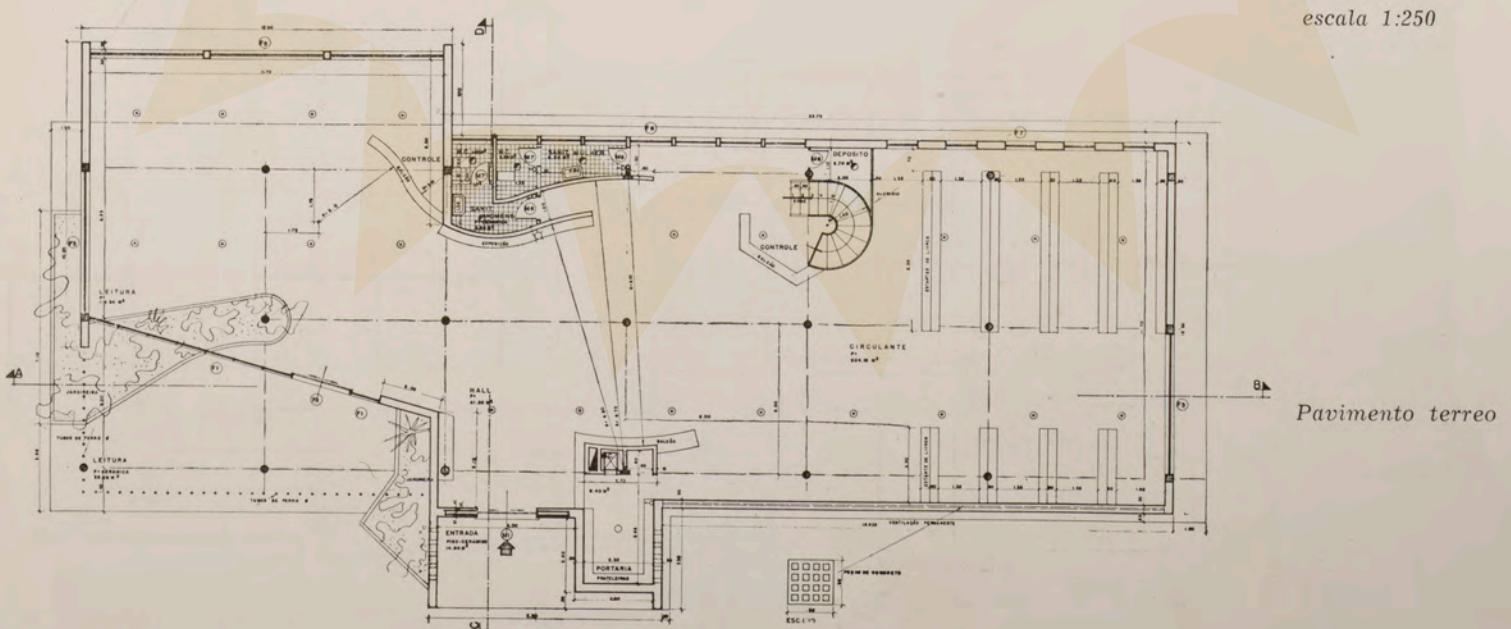


Biblioteca infantil e de adultos em Tatuapé, projeto do arq. Helio Duarte e cuja construção está em andamento

Biblioteca em Tatuapé

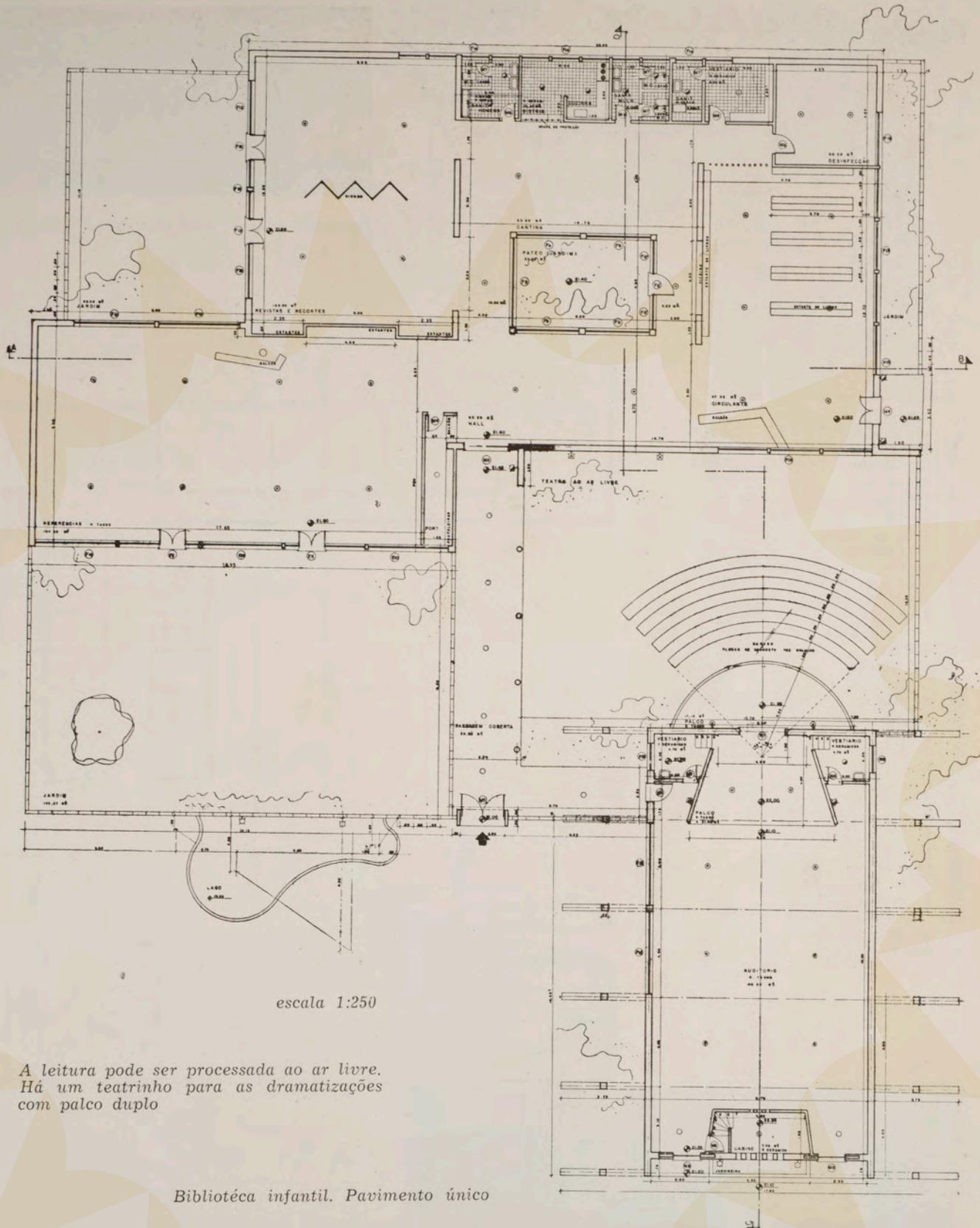


escala 1:250



Pavimento terreo

A “unidade” está colocada em um parque. O jardim penetra na sala de leitura

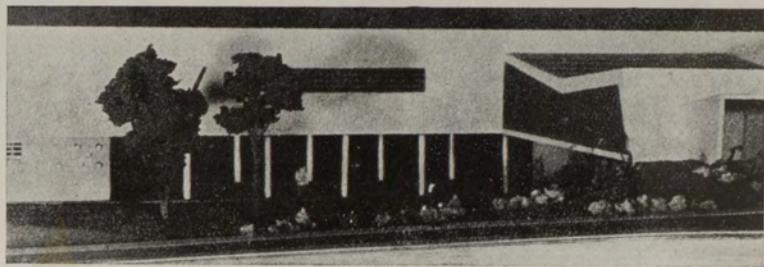


A leitura pode ser processada ao ar livre.
Há um teatrinho para as dramatizações
com palco duplo

Biblioteca infantil. Pavimento único

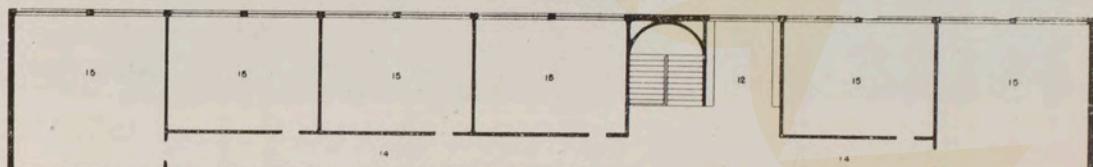


Vila Gustavo

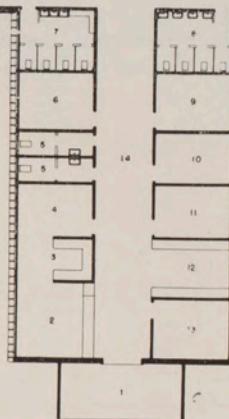


Grupo Escolar de Vila Gustavo. Projeto do arq. Helio Duarte

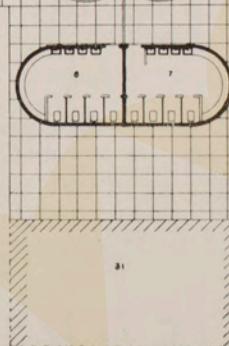
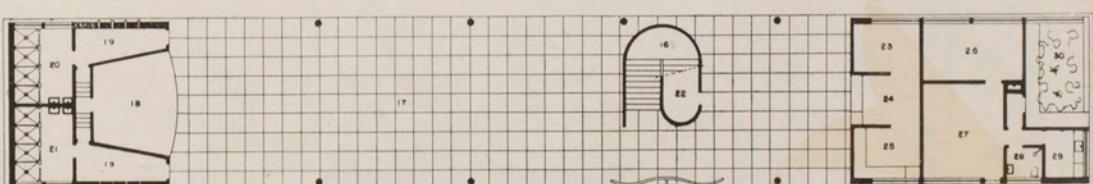
Pavimento superior



escala 1:500



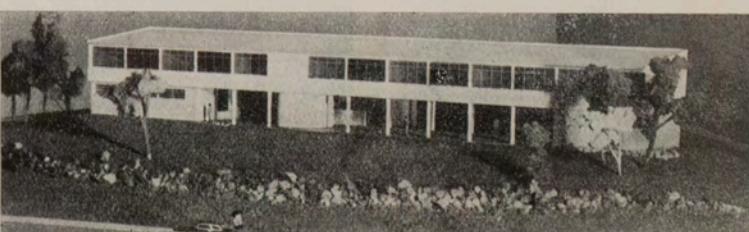
Pavimento térreo



Professores visitando a Exposição no Museu de Arte

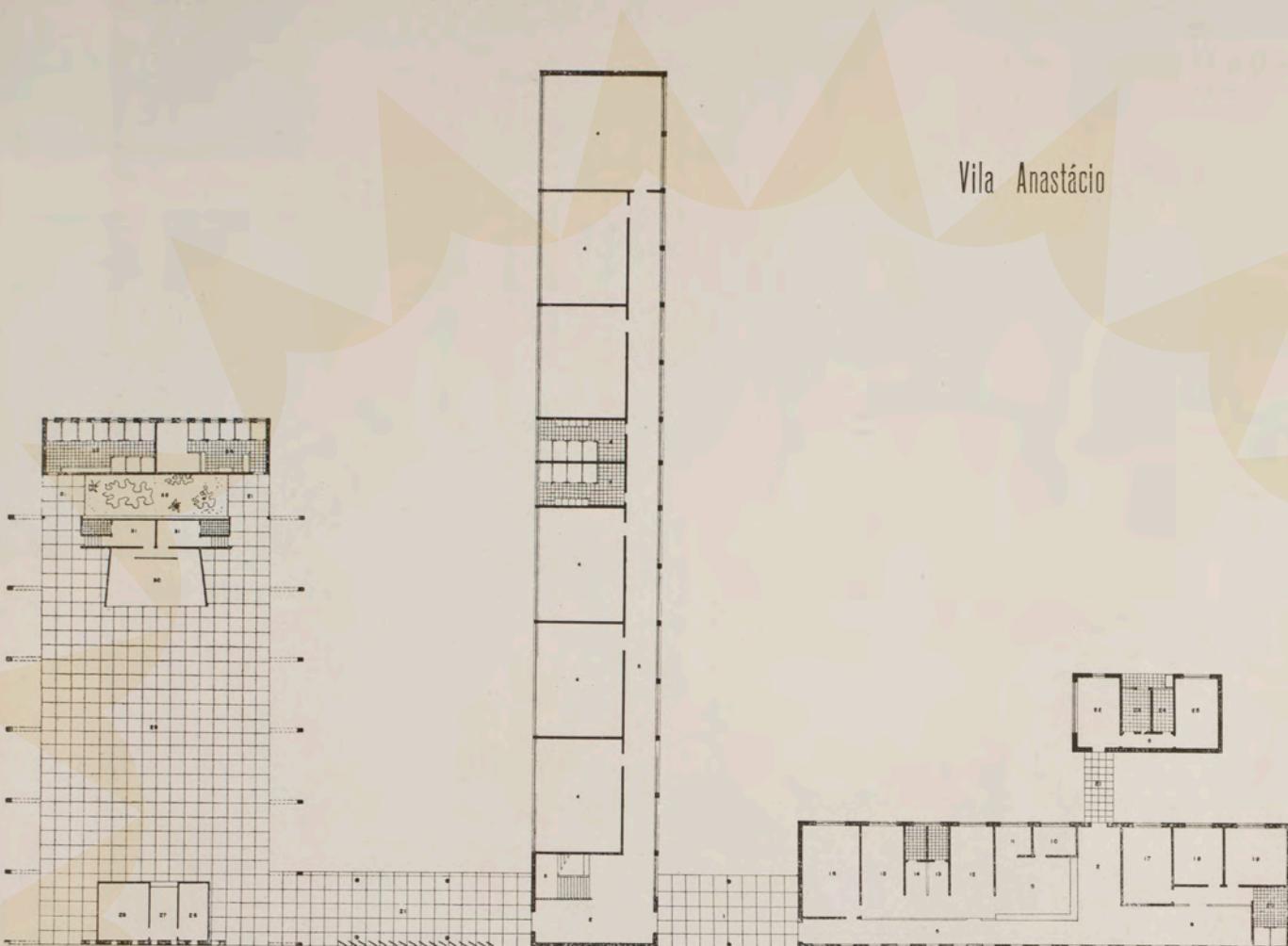


Fachada posterior evidenciando as diferenças de níveis do terreno e seu aproveitamento





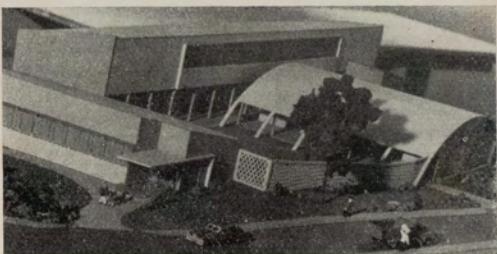
Grupo Escolar "Reinaldo Ribeiro da Luz", perspectiva geral



*Grupo Escolar "Reinaldo Ribeiro da Silva" em construção em Vila Anastácio.
Planta do pavimento térreo onde são perceptíveis as diversas zonas que constituem um grupo. Projeto do arq. Eduardo Corona*



Pensamos em ti

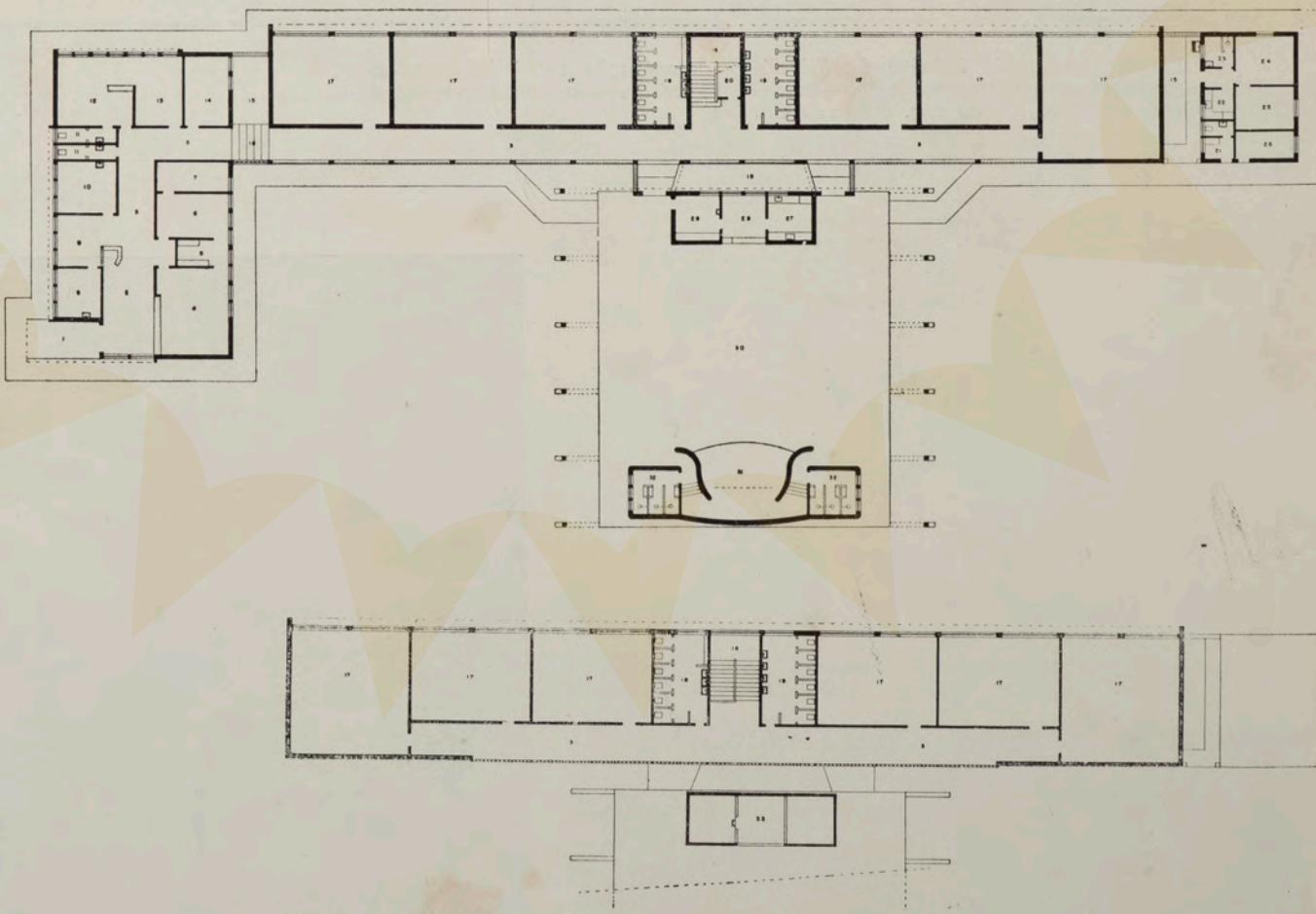


Vila Leopoldina

Grupo Escolar de Vila Leopoldina. Projeto do arq. Helio Duarte, em construção

- 1 entrada
- 2 hall
- 3 circulação
- 4 secretaria
- 5 arquivo
- 6 diretor
- 7 material escolar
- 8 dentista
- 9 espera
- 10 médico
- 11 sanitário
- 12 professoras
- 13 biblioteca
- 14 assistente social
- 15 jardim
- 16 escada
- 17 sala de aula
- 18 sanitários
- 19 saniários
- 20 depósito
- 21 servente
- 22 cozinha
- 23 banheiro
- 24 sala
- 25 quarto
- 26 almoxarifado
- 27 cozinha
- 28 distribuição
- 29 nutricionista
- 30 galpão
- 31 palco
- 32 vestiário
- 33 projeção

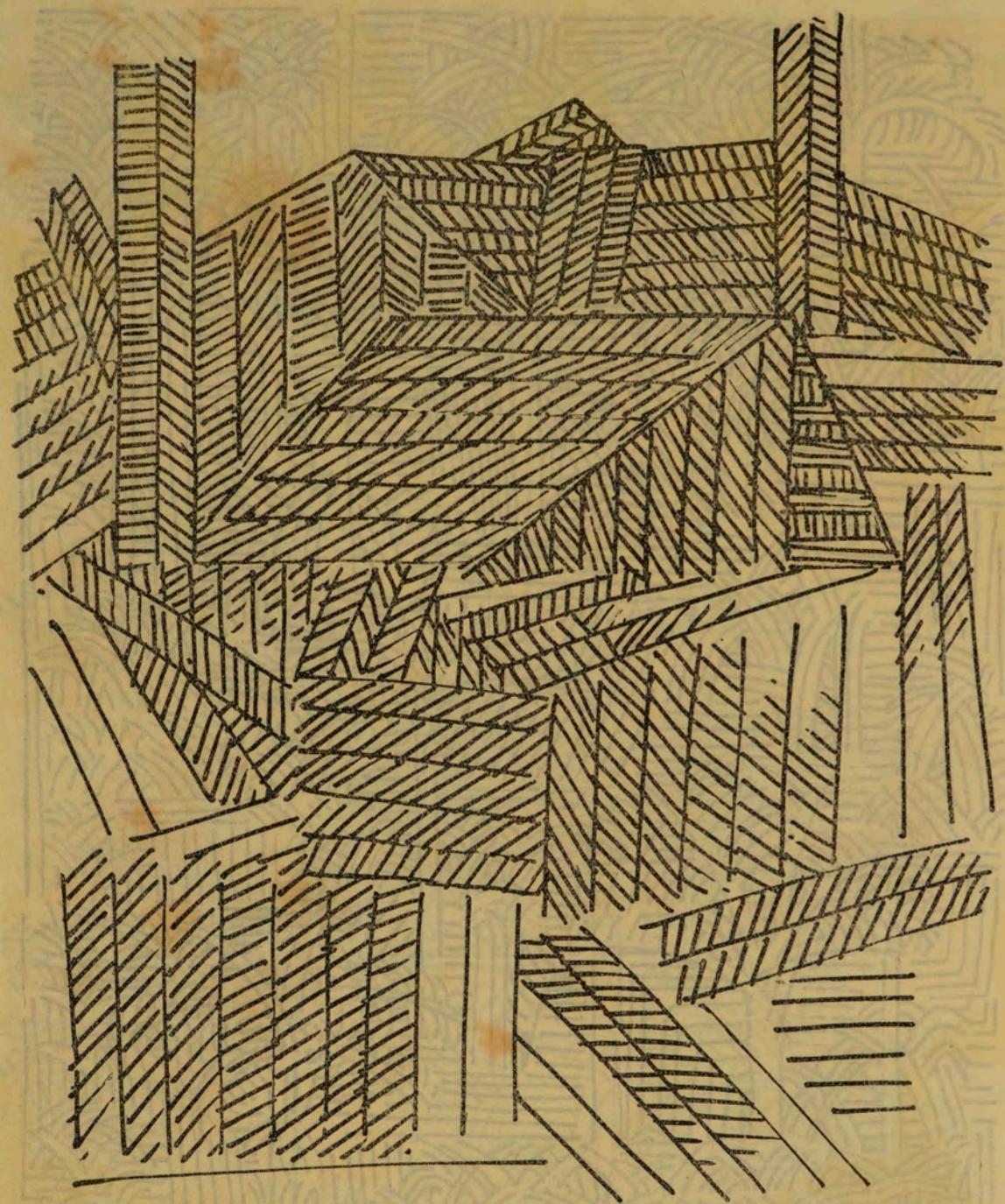
Pavimento terreo



Pavimento superior

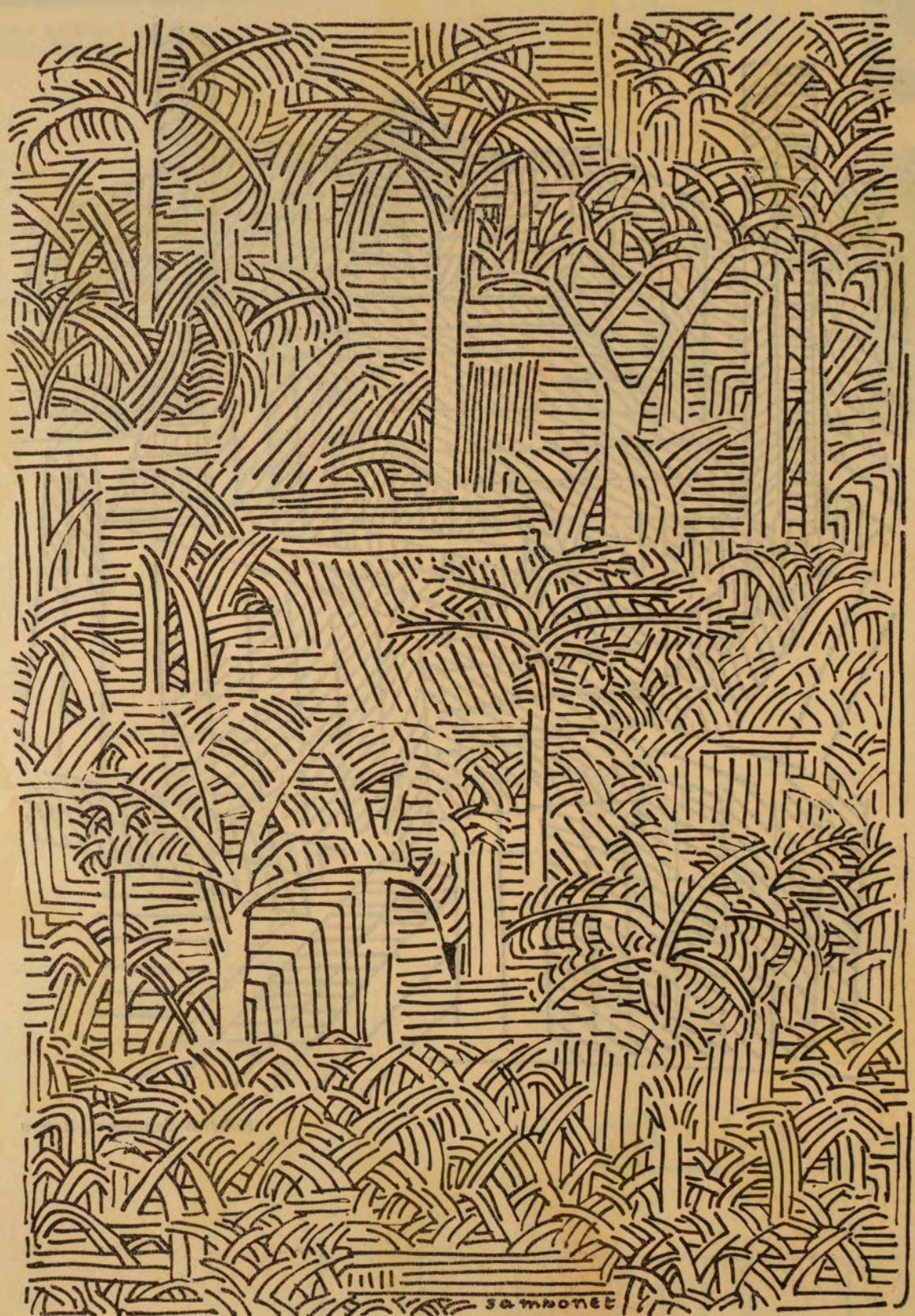


Eles são muitos...



Roberto Sambonet, Bairro

ESTATE OF ROBERTO SAMBONET, CIRADON



Roberto Sambonet, Floresta

Convide a colecionar



Roberto Sambonet, Samambaias



Roberto Sambonet, *Cestas*

Colecionar objetos de arte não é um privilégio de senhoras idosas, capazes de reverter muito dinheiro, levadas provavelmente a esta paixão pelo fato de não ter mais que dispor deste dinheiro por seus negócios.

O prazer de colecionar obras-de-arte pode ser levado a terno por um círculo muito mais vasto de pessoas, do que poderíamos acreditar num primeiro momento. Depende principalmente de um certo grau de cultura e de uma determinada paixão. Portanto também os jovens pertencem a este círculo porque, em primeiro lugar, são eles que têm o entusiasmo. A paixão pelo colecionar pode-se manifestar positivamente ou negativamente. Trata-se de manifestação negativa, seja-nos permitido dizer em primeiro lugar, quando se trata simplesmente de uma paixão, e principalmente quando esta paixão tem como objeto obras sem valor. As figurinhas de campeões de esporte são um exemplo deste apreciamento indecoroso. Trata-se pelo contrário, de manifestação positiva quando se trata de coleção que representa um valor cultural seja para o proprietário da mesma bem como para os seus hóspedes. É indiferente se os objetos são grandes ou pequenos, ou de mais ou menos preço. Bem mais essencial é o amor e a paixão com os quais as coleções forem criadas. Seria interessante se o jovem colecionador pudesse colecionar obras originais, como seria possível para obras gráficas, medalhas ou cerâmicas. Querendo ampliar o seu campo, irá ele acrescentar cópias, reproduções fotográficas e livros que citem seus artistas preferidos. As reproduções de revistas, calendários estampados com cuidado poderão contribuir valiosamente para a divulgação do desenvolvimento da arte, das várias épocas e de determinados artistas. Uma preocupação sistemática neste campo auxilia as comparações interessantes e revela causas novas, atuadas em outros tempos e em outros países. Não todos têm a possibilidade de viajar para os países da antiga cultura, para a Grécia ou o Egito, para a França ou a Itália; poderemos assim ter a oportunidade de estudar os ricos templos e as catedrais dos grandes arquitetos, como também as obras menores de tamanho, mas de tão grande valor artístico. Por outro lado poderão os jovens colecionadores apoiar os trabalhos artísticos da própria terra, interessando-se pelos artistas nacionais, adquirindo gravuras das suas obras, colecionando-as, pois por si mesmas poderão no futuro representar um valor respeitável. Aguafortes, xilogravuras, litografias prestam-se muito bem a serem colecionadas e podem ser achadas a preços acessíveis, também quando de autores antigos e de grande renome, se os colecionadores se dedicam com paixão e acabam sendo verdadeiros entendidos.

Convite a colecionar



Roberto Sambonet, Natureza morta 1951

Deixei de falar das vantagens pedagógicas do colecionar, dos proveitos no campo do conhecimento artístico, histórico e do lado comercial do assunto, para não ser acusado de dar um valor essencial ao fato de colecionar em função do sistema de ensino. Colecionar serve perfeitamente a si mesmo e leva sózinho, sem outras finalidades psicológicas ao seu alvo, quando tratado de maneira certa. A maioria dos grandes colecionadores que se dedicam a esta tarefa pelo amor da arte, das cores, dos fac-similes bem acabados, dum metal nobre ou de não sei que, começaram como colecionadores jovens, não como velhos mecenas, que geralmente colecionam por snobismo antes do que por paixão verdadeira. Esta atitude espontânea e o prazer das formas levadas, tem que ser a religião dos jovens colecionadores. Para eles vão os nossos votos para que sempre mais se satisfaçam com a sua obra. Possam surgir no Brasil alguns destes jovens colecionadores, que terão o apoio incondicional de todas as instituições de cultura e arte.

Roberto Sambonet

Roberto Sambonet é um jovem pintor italiano que está residindo no Brasil desde alguns anos e São Paulo lembra-se da sua bela exposição, realizada no Museu de Arte e acompanhada por um pequeno livro "Massaguassú", em homenagem ao lugar no qual o artista encontrará a inspiração para os temas de suas telas. O autor daquela livro — que fez bastante sucesso especialmente no exterior — pois foi testemunha de que no Brasil está se trabalhando seriamente no campo da arte — o autor daquela livro, dizíamos, escreveu que Sambonet teria encontrado, sem dúvida, um caminho rico em resultados e sa-

tisfações e que seu trabalho — sério e positivo, não preocupado com modas mais ou menos infantis que estão desviando a pintura de sua tradição antiga e eterna — teria grandemente contribuído à criação de uma atmosfera favorável à arte que Antonio Tari colocava na sumidade de sua famosa pirâmide. Sambonet, silencioso, profundamente persuadido que arte é resultado de paciência, de dedicação constante e de sacrifício, está continuando seu trabalho de pesquisa e descoberta. Alguns desenhos que vimos recentemente e que aqui reproduzimos, esta pintura, alguns projetos para decorações que não foram executados porque os comitentes não sabem ver, nos parecem realmente dignos de nota. Num país, no qual a pintura ainda não é uma atividade completamente acertada, sobretudo pela falta de críticos, salvo algumas raríssimas exceções, pensamos que Sambonet esteja dando uma das contribuições mais exemplares. E talvez é por esta razão que este trabalho não foi considerado pelos "organizadores" que, na pressa de organizar, conjugando sómente o verbo organizar, sepultados no caos da organização, não sabem distinguir: no entanto é um fato do qual nós não nos podemos queixar por ter sido sempre assim, isto é, os organizadores de exposições sempre tiveram os olhos vendados como a sorte.

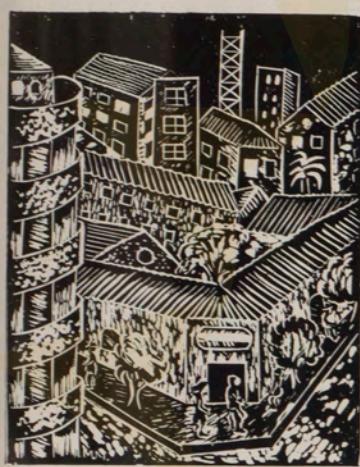


Aldemir Martins, Gravura, 1951 (Executada no Museu de Arte de São Paulo)

Um leitor de "Habitat" está interessado em colecionar pinturas sulamericanas do século XVIII, de pintores coloniais religiosos



Também os objetos podem ser colecionados, especialmente aqueles do artesanato do Brasil. Este galo mecânico do século XVIII foi encontrado numa obra de demolição e estava antes no campanário duma igreja. Hoje está na casa dum colecionador onde será guardado



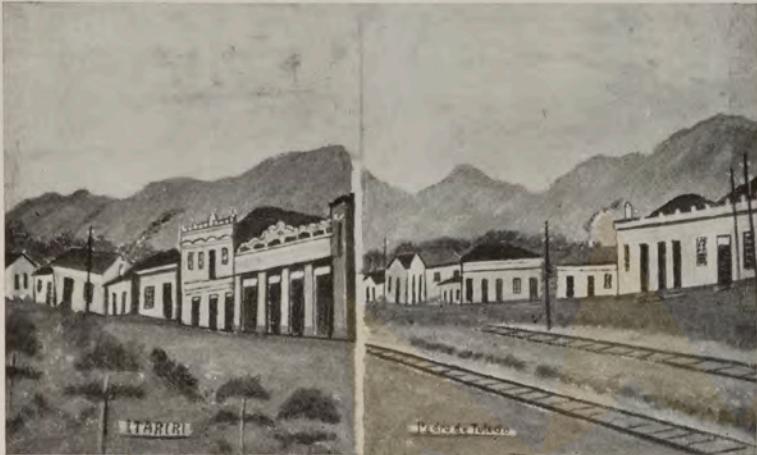
Manoel Martins, Xilogravura
(procura colecionador)



Diego Rivera, Rapaz, 1948 (Coleção de Walter Moreira Salles,
Rio de Janeiro)



Ernesto de Fiori, Adão, Escultura 1929
(Coleção Ilse Scherpe, São Paulo)



Souza, Paisagem: Itariri e Pedro de Toledo



Souza, missionário afugentando as onças

Souza, Iguape (Coleção Elisabeth Nobiling)



Souza bom pintor

Era o nosso Souza um pintor sem latim. Assim se diria se tivesse sido um literato: assim se diria no tempo em que se notava quando um escritor pecava pela forma, não tinha tradição clássica, não tinha escola, numa palavra.

Vindo a pintar, não sabemos si por necessidade de espírito ou por necessidades práticas, Souza se tornou o pintor da sua Itanhaém. O Atlântico, os pescadores, algumas igrejas e um pouco de casas ao seu derredor, e a natureza prepotente do litoral. Depois chegou gente que começou a comprar aqueles quadrinhos reproduzindo as praças da cidadezinha e Souza se tornou uma curiosidade em São Paulo. Mas alguns conhecidos pintores, como Abelardo Freitas Costa começaram a afirmar o seu valor e teve uma certa popularidade o bom velho, falecido num hospital de Santos não há muito. Foi porém uma popularidade restrita: até há pouco tempo ainda, podia-se comprar na Galeria Domus, dêsse generoso pai dos primitivos que é o sr. Fiocca, uma tela de Souza por algumas poucas centenas de cruzeiros. Depois da homenagem prestada pelo Museu de Arte ao velho pintor, é certo que sua obra conta com mais apreciadores. Por outro lado a pintura se vai tornando cada vez mais um assunto de poucos, uma espécie de disciplina para especializados, para "críticos". E Deus nos livre daqueles que são, quando muito, pintores falidos; não falidos porque jamais tenham sabido pintar um quadro mas porque divorciaram-se da pintura já antes de nascerem. Da pintura, que, ao contrário, foi amiga feliz de um simples homem como Souza. A pintura não reside nos estúdios dos artistas que todas as manhãs fazem figurar seu nome nos jornais, si não para escarnece-los, um pouco como aquela senhora de costumes não honestos que Aretino nos "Ragionamenti" nos descreve como emérita enganadora de iludidos. Não há desejo que valha para dar a posse da Pintura, não há acrobacias possíveis, nem saltos mortais, nem lágrimas, nem orações. O nosso Souza a havia desposado no primeiro dia em que empunhou os pinceis sem nem saber porque, e quem sabe com tantas dificuldades e peripécias: ele sabia colocar juntos dois tons sem que os mesmos gritassem por vingança: sabia cortar uma paisagem, o que a maioria dos pintores faz tão bem que chega a revoltar o estômago. E assim por diante. Nada de Salões, nada de salõesinhos, nada de prêmios e

viagem e nem mesmo aquelas grandes medalhas que os artistas levados a sério sómente pelos jurados e pelos amigos da família e arrastam atrás de si como uma bola de chumbo que, em outras eras, os condenados tinham presa ao pé para não poderem fugir: condenados a ser artistas e ainda por cima, artistas oficiais, o que vale dizer condenados também à segregação.

Não tive oportunidade de conhecer Souza, mas a sua presença, desde que estou no Brasil, me alegra por ver freqüentemente certos quadrinhos seus na casa dos amigos Ferrari e, entre outros, um quadrinho com um sacerdote e um menino sentado numa cadeira, e que tenho bem vivo na memória: é uma minúscula obra-prima de honestidade e em que as cores se apoiam com discreção, com amor, com humildade, com paciência. Não estou aqui a afirmar que Souza é Sassetta ou Ticiano; é ele apenas um operário da pintura, um bom operário. O gênio é o gênio. Posso, no entanto, afirmar com conhecimento de causa que certos pedacinhos de casas pintadas por Souza podem ficar ao lado de certos pedacinhos de casas pintadas por Utrillo. A poética de Souza é circunscrita a poucos temas: a sua praça, a sua praia. Naturalmente esta poética se ressente dos limites de cultura e de circunstância. O caso de Souza é diferente: é esse um diabo, um homem de fantasia e é um maroto de quatro costados: um tipo de quem, na Itália se diria: botinas grosseiras e cérebro fino. Há uma outra primitiva da qual pouco se fala e que é de uma sensibilidade extraordinária, puro encontro de uma alma cívica, e os tormentos da cér, um desabrochar de melódicas invenções diante da natureza tropical — a senhora Judith. A reunião destes nomes nos sugeriu a idéia de uma mostra de pintores primitivos brasileiros que deveremos realizar brevemente.

Mas retornando ao nosso Souza: é o pintor que todas as cidadezinhas possuem: o artesão que é chamado para pintar o ex-voto, para dar outra demão de tinta nas estátuas da Igreja, o artífice que, por fim, executa também o retrato do defunto e a tabuleta do açougueiro, com um belo boi rico de carne. Amamos estes pintores e desejariamos vê-los em melhor preço. E é por isso que, indo contra a corrente, abrimos as portas ao mais doce pintor brasileiro, de um Brasil puro, de narrativa marinheira, grandioso e primordial.



Souza, Padre Anchieta escrevendo poemas na areia

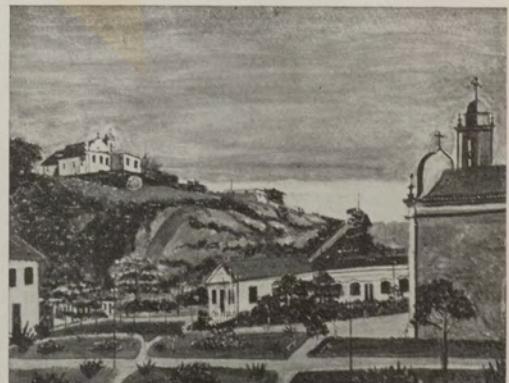


Souza, Paisagem com automóvel



Souza, Marinha

Souza, Marinha, Estes quadros de Souza nos foram gentilmente cedidos pela Galeria Domus de São Paulo



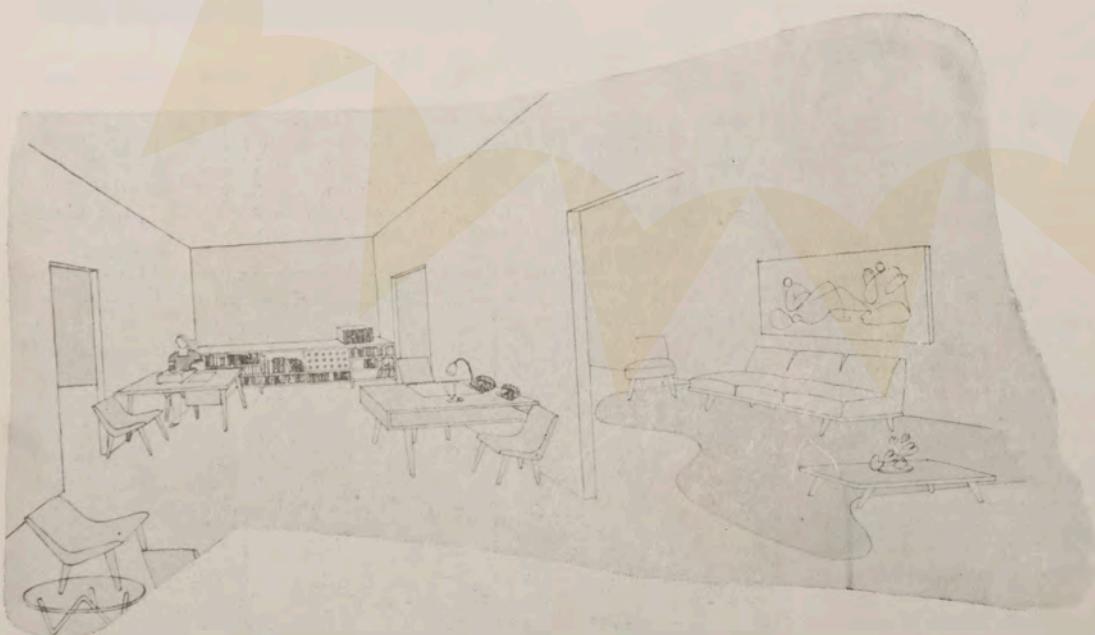
Por exemplo, Souza. Falamos ainda de colecionadores, de futuros colecionadores e especialmente dos jovens que vão acostumando seu gôsto nos Museus, nas revistas de arte e acostumando a mente, assistindo a conferências interessantes, e assim por diante. Por exemplo, Souza, dizíamos. Na outra página dissemos: é um pintor humilde, mas um bom pintor para ser colecionado, para ser colocado na parede. E, fato estranho, poucos são os que compram pequenos quadros, tão frescos e ingênuos,

tão cândidos, são poucos, para não dizer pouquíssimos; e realmente o preço de duzentos ou trezentos cruzeiros não pode comprometer ninguém. Pode-se, portanto, colecionar com pouco dinheiro mas com inteligência, contribuindo ao mesmo tempo ao desenvolvimento da arte e ao bom gôsto das próprias paredes. Um pequeno quadro de Souza estará sempre bem em qualquer lugar. Mas hoje, as pessoas de bom gôsto que querem um Souza, o encontram com dificuldade. É necessário que os jovens antecipem a moda.



Entre as várias exposições realizadas nos últimos tempos em São Paulo, a de Ariadna B. Americano Freire (Museu de Arte, julho) foi uma das mais instrutivas e testemunha do valor da orientação dum bom mestre (André Lôthe). Ariadna Americano, que possui uma vocação verdadeira para as artes, esteve em Paris e frequentou a famosa escola sujeitando-se à disciplina do mestre, e dêle aprendendo todos os elementos gramaticais e sintáticos, necessários para a composição duma pintura. Os trabalhos executados em Paris demonstram o proveito da frequência. Um artista sensível sempre pode aprender algo numa escola, que significa disciplina e educação. Nesta mostra, apareceram as qualidades da pintora. Mas numa cidade de 2.500.000 de habitantes como São Paulo, não se consegue vender uma boa tela.

Atribuímos muita importância, para a formação de novas coleções, aos arquitetos, pois éles constroem as casas, éles aconselham as senhoras, e os maridos que nunca enfrentaram o problema do gosto, da decoração da casa, etc. Eis como o nosso maior arquiteto, Oscar Niemeyer, projetando o novo edifício da Rua Barão de Itapetininga, logo mostrou que no interior dum escritório, é necessário colocar um quadro; um belo gesto de amizade para com o futuro inquilino e para com os artistas.



Gravuras

Não é necessário muito dinheiro para iniciar uma coleção de arte; pode-se, por exemplo, iniciar pelos desenhos e até pelas gravuras. Muitos jovens estão tomando em consideração os trabalhos normalmente executados nos cursos de gravura do Museu de Arte, que além do ensino direto de Poty e de Aldemir Martins tiveram notável influência no ambiente artístico de nossa cidade. Karl Heinz Hansen, por exemplo, chegado há pouco da Europa e tendo realizado uma exposição de xilogravuras no Museu de Arte, reuniu em volta de si um grupo de artistas para divulgação e aperfeiçoamento do estudo da xilogravura. Destes trabalhos participam Lisa Fickert-Hofmann, consagrada artista que se dedica a temas sociais e humanos, Yolanda Mohaly, Mella Salm, Elsa Saft-Theilheimer e Lilo Flues-Hoeltje, cujos trabalhos foram apresentados no Museu, no mês de setembro. A forte possibilidade de expressão da xilogravura, com a sua técnica de branco e preto que leva forçosamente a uma síntese das formas, caracterizou estes trabalhos. Cada artista, embora conservando as características particulares, sujeitou-se às normas artísticas da xilogravura, para chegar a um complexo de impressões muito interessante. O grande efeito e as grandes possibilidades da xilogravura como técnica ilustrativa, encontrou aqui as mais diferentes expressões artísticas. Podemos considerar esta exposição como uma apresentação valiosa da xilogravura, na qual temos de considerar a tradição dos países de origem dos artistas, e aguardamos com interesse os futuros resultados dos alunos dos cursos do Museu, que se dedicam atualmente à arte da gravura.

Nesta exposição e nas outras organizadas, no balcão de informações do Museu foram vendidas belíssimas gravuras por preços acessíveis a todos.

Leonor Fini, Sra. Mendes Caldeira



Mella Salm, Xilogravura



Lisa Ficker-Hofmann



Elsa Saft-Theilheimer



Karl-Heinz Hansen

Michel Larionow, Cavalheiros



O quadro de Michel Larionow, que mostra dois cavaleiros galopando num bosque, nos dá um bom exemplo da arte da vanguarda russa na pintura moderna. Larionow pode ser considerado como um dos maiores contemporâneos de Kandinsky e Jawlensky, artistas que se integraram na primeira década do nosso século com o mundo da arte europeia, impulsionando o movimento moderno no começo do expressinismo, seguido logo pelo abstracionismo. A fase entre estes dois estilos é a mais interessante e justamente a tela — agora incorporada no acervo do Museu de Arte, por doação do casal Gregory Warchavchik, é das mais representativas desta época. Como este quadro chegou ao Museu, vindo de tão longe? Porque um dia foi colecionado, guardado com carinho pelos seus colecionadores que em seguida o ofereceram generosamente ao Museu de Arte, onde pode ser agora admirado pelo nosso público.



Uma vez — uma vez quer dizer no tempo da inolvidável Dona Olivia Penteado — as senhoras de São Paulo iam a Paris e posavam a pintores então na moda. Era o tempo no qual a Paulista gostava das pinturas do frívolo Chabas, capaz de embelezar qualquer cousa. Hoje, os tempos estão mudados, as senhoras paulistas vão a Paris e procuram o retratista na moda. Eis um retrato da Sra. Christiane Mendes Caldeira, que se fez retratar por Leonor Fini, uma espécie de Chabas do Surrealismo. Este é também um sistema de colecionar, porque os retratos são os que mais brilham entre as obras numa coleção. Lembre o leitor que o retrato pode ser feito, além por um fotógrafo, também por um pintor



Cândido Portinari, Rapaz, 1947 (Col. particular)

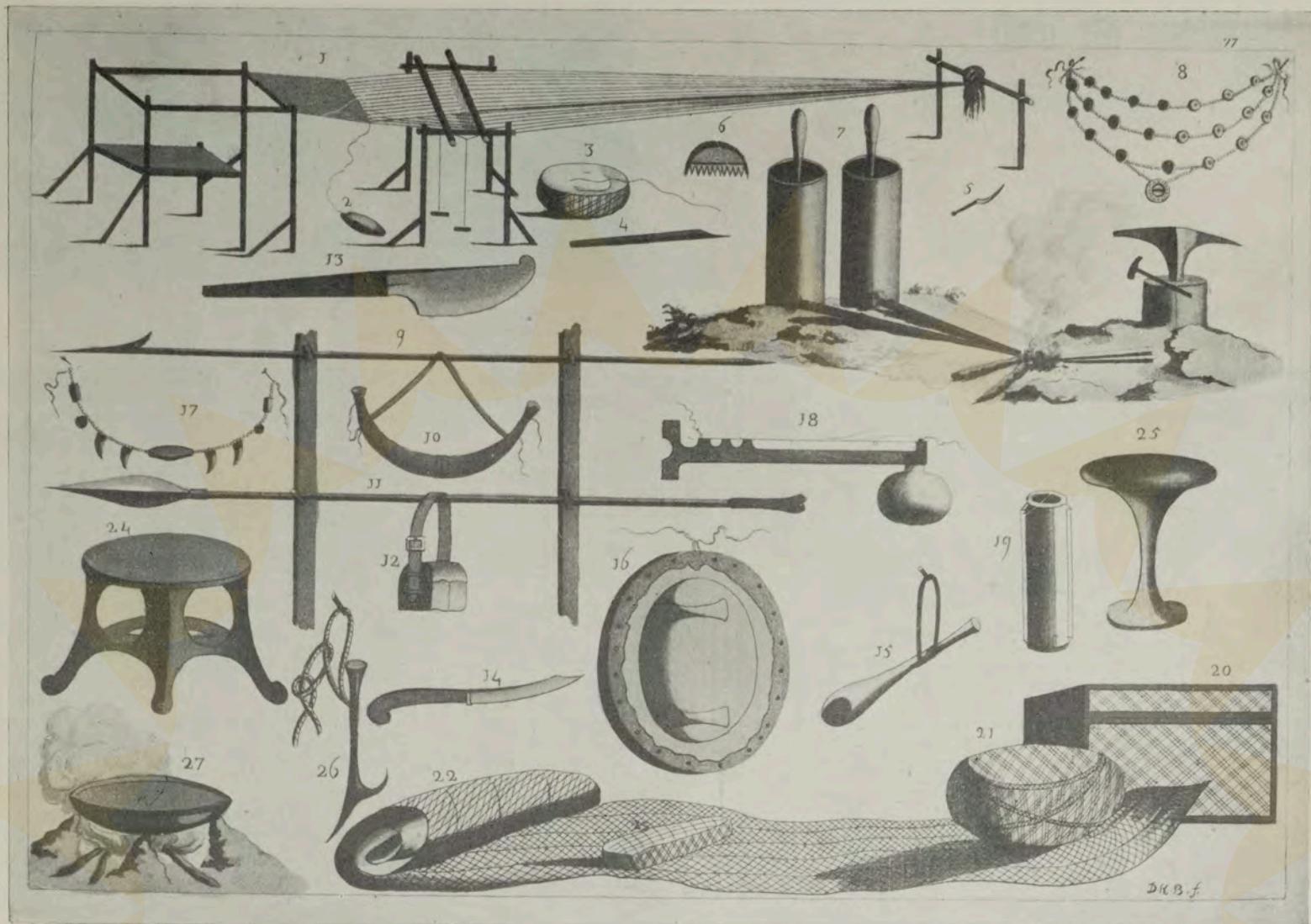
Pintor de saudade

Portinari narra e canta. E sua narração e seu canto falam e cantam a América. Mais exatamente é uma América, isto é, uma jovem humanidade, uma nova tragédia, um espaço imenso que compreendemos na sua pintura. No seu livro colorido, na sua larga composição, no seu desenho dilacerado, não sómente porque a sua mão de criador assim o quer e como o querem todos os nossos artistas daqui que, pelos seus debates plásticos, chegaram a estas soluções plásticas, mas porque também o seu coração e suas recordações não encontraram outra solução plástica para uma expressão dolorosa. Porque ela trás o peso das populações bárbaras que viu nos torvelinhos de seu país, esgotadas, até o esqueleto, pela fome e pelo êxodo.

A pintura de Portinari é rica de poderosos prolongamentos humanos. Além dos méritos de sua substância plástica, traz-nos os prazeres da viagem. Viagem, não tanto num país estrangeiro, como na alma desse país. É todo ressoante de saudade e destes ritmos selvagens que ouvimos na música de Villa-Lobos. Acompanha-se de harmônicos imperiosos. Não se restringe a problemas intelectuais, mas encontra sua paz numa larga dimensão, numa espontaneidade e liberdade que se resumem neste termo: Grandeza.

A isso é levada por aquilo que chamamos: temperamento. Um verdadeiro temperamento de poeta, isto é, de homem.

JEAN CASSOU



Formas primitivas dos Indianos: 1 Trama, 2 Novelo, 3 Cesto, 4 Agulha, 5 Faca, 6 Pente, 7 Fóle, 8 Apetrecho de pesca, 9 Dardo, 10 Apetrecho de pesca, 11 Flexa, 12 Bornal, 13 Facão, 14 Faca, 15 Tacape, 16 Peitoral, 17 Colar com adornos, 18 Apetrecho de música, 19 Recipiente, 20 Caixa, 21 Cesta, 22 Esteira, 23 Travesseiro, 24 Banco, 25 Vaso, 26 Anzol, 27 Gamela

Formas

A humanidade cria as arquiteturas, o tempo as destrói e quando não consegue destruí-las, caruncha-as, aruina-as e as soterra; quando é benigno, envelhece-as. A humanidade que pretende progredir é envolvida no processo do tempo, julga antigos os edifícios de ôntem e ergue outros, com outras formas, outras idéias e nunca se satisfaz de inventar.

Há vinte ou trinta séculos, o tempo devia ser algo mais calmo e a humanidade, uma turba serena ondulante à cauda de quimeras; a arquitetura modificava-se lentamente. Depois, entrou na moda o arco, que desferiu um golpe de esquerda às colunas e aconteceu a revolução; posteriormente, do Norte, ensinaram a edificar as flechas; voltou-se a seguir, valentemente, às colunas; logo, sobreveio a enxurrada das volutas e do arbitrário; ocorreu, depois, nova matança de colunas; e agora desabrocha uma arquitetura que, mal nasceu, já pretende ser a mandante, suplantar as mães, avós e bisavós.

O tempo, agora, vôa mais lépido e a humanidade empenhou-se em abreviá-lo multiplicando seus meios de locomoção, tornando expeditas ao máximos, as máquinas de que se serve durante o dia; e todo esse conquistar o tempo não se perfaz para o gózo de porções de ócio suave, mas é recuperado para aumentar a ação para não sossegar, para obter a palma santa da insônia.

Quem prova com o íntimo da história de cada século pode confrontar — defrontando-se com precisa identidade — a arquitetura com os costumes: em outras palavras, um templo, um teatro, uma casa eram, no tempo de Péricles, o espelho das leis, da filosofia, da vida cotidiana; e no tempo de Napoleão, idem. No século XVII constrói-se tal como se atua, pensa-se tal como se constrói; Salvador Rosa escreve o epígrama contra Miguel Angelo e a pintura é precisamente o oposto do "Giudizio"; Borromini curva todas as linhas e a arquitetura usa fachadas contorcidas. Na época de Squarcione, num seráfico convergir de estudos e de pensamento sobre o classicismo, Mantegna pinta com o fundo dos tempos atenienses. Em suma, a arquitetura é a moral que toma forma.

Quem lamenta as formas antigas com comoção admirativa está fora de seu tempo, tal como os que lamentam as colunas e os timpanos; são preguiçosos que não sabem compreender que as formas evoluem.

As arquiteturas mudam de função; mas, embora mantendo o mesmo emprêgo, mudam a estrutura, o espírito; é o tempo que exige, dia após dia, a novidade. As fortalezas que, em mil e quinhentos Lorini autorizadamente aconselhava, eram imprescindíveis meio século depois.

Em arquitetura, nada pode durar. Todas as manhãs, dobrado à mesa, um engenheiro calcula uma estrutura que rouba ao

impossível outra falta de possível. A cúpula de São Pedro poderia fazer-se hoje três vezes maior e com a metade do material. Devorador, faminto, insaciável, o tempo morde as construções. Vedes, em nossa rua, uma casa de três anos apenas e já vos parece antiga, superada. A moda que reforma, e reelabora em cada estação, desempenha o seu papel nesta mutabilidade e a afeição às coisas sofre de inquietação. Deseja-se o novo, ama-se o novo; nem mesmo as linhas dos automóveis, dos navios e dos aviões conseguem durar; depois de um ano, já existe algo que muda, algo a acrescentar ou a eliminar.

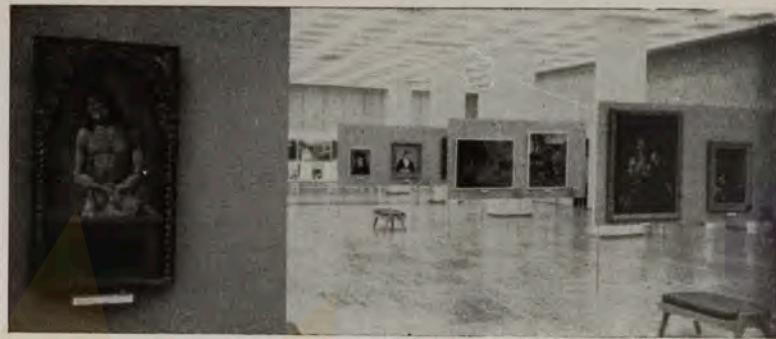
A humanidade é céleste, não está serena, é agitada. Pedem aos edis uma obra harmônica, pausada, de ritmos ridentes, cumprida em meio à natureza e não sabem que o arquiteto não é capaz senão de expressar o próprio tempo.

Há cento e cinquenta ou duzentos anos, o arquiteto abarrotava uma saleta de biberões, espelhos, lâmpadas, como que para tornar mais mórbido e melífluo o ambiente; hoje, não; o arquiteto já não procede assim; parece absorto na intenção de reduzir tudo ao mínimo, ao mais leve, ao mais liso, mais mecânico, ao mais funcional possível, num furor arquitetônico.

Mas, esta adaptação ao mecânico, ao útil, ao racional, não nos conduzirá a certo desejo de decoração, de "inutilidade artística"? ZOROASTRO CUNHA

Musées hors des limites

Museu de Arte, S. Paulo



Je venais du musée et pour descendre du trottoir je dus remonter une longue file de citoyens qui depuis une heure, avec une patience excessive, attendaient leur tour pour entrer dans un cinéma. Je pensais qu'il faudrait rendre le musée intéressant comme le cinéma, faire autour de ceci une truculente publicité, le mettre à la mode.

Nous savons ce que sont les musées du monde entier: des organismes très statiques; toujours spécialisés et circonscrits dans le choix des matériaux, leur efficacité éducative et leur force d'éducation civile disparaissent graduellement. Et, s'il n'est pas juste que les jeunes gens aillent, pendant l'année, cinquante deux fois au foot ball et seulement un millième de fois au musée, il faut bien reconnaître que leurs ordonnateurs ne se creusent pas la cervelle pour diminuer l'infime pourcentage que nous imaginons.

Il faut concevoir de nouveaux musées, hors des limites étroites et des prescriptions de la muséologie traditionnelle: des organismes en activité, pas dans le but d'être informer, mais d'instruire; pas une collection passive de choses, mais une exposition continue et une interprétation de civilisation. Ce qui ne peut pas avoir lieu dans les musées tels qu'ils sont conçus aujourd'hui, dans des édifices de fortune, avec un mauvais éclairage, sans vie.

Dans le meilleur des cas, le musée, ce bain d'antiquité et de choses mortes qu'Ernest Jünger, antiquaire subtil, définissait "toujours angoissant et oppriment" est quelque chose de sentimental et pire que sentimentaliste. On va au musée pour pleurer, se plaindre, regretter. Le sentiment y trouve une pâture macabre, un moyen de s'épancher qui est parmi les moins intelligents. Paul Valéry fait dire à l'architecte Eupalinos: "Il y a des monuments muets, il y a des monuments qui parlent, il y a des monuments qui chantent." La tâche d'un musée doit être celle de faire résonner, d'interpréter avec perspicacité et bonne technique les monuments qui chantent: ainsi seraient évités le risque des sentimentalismes inutiles, de très dangereuses neutralités, les éducatrices hybrides et l'électisme. De l'œuvre antique on doit seulement faire chanter la maxime la plus haute: celle de l'intelligence, de l'ordre, de la mesure, de la parcimonie, de la rigueur. Les choses à dire, à faire remarquer dans un musée ne sont pas nombreuses et sont simples. Il faut aider l'homme dans son énorme effort pour saisir les choses simples, le libérer de la complication, du chaos; il faut le mettre à son aise dans sa recherche de la mesure, de la vérité.

J'ai parlé de musées en général, mais mon propos est de considérer les musées d'art. J'ai tant de fois pensé que l'art, après sa création, est mis de côté et au musée: il est catalogué, casé, il est apparu à un mur, isolé dans une vitrine. L'art qui est le germe renaissez de notre vie, s'en racine: il naît comme acte fécond, sans fin, sans bornes, sans temps et veut être conservé, mais comme germe de vie, pas comme relique. Nous voudrions l'art gardé non dans un vieux musée du 18ème siècle, de la façon paresseuse que nous connais-

sons tous, mais dans un musée école de vie où les choses de l'art devraient être représentées par ce qu'elles contiennent de classique, c'est à dire, de certain, de persuasif, de moderne, d'éternel. Un musée pour tout le monde, intéressant pour tous, pas seulement pour les spécialistes studieux et pour la distraction des touristes. L'extraordinaire ensemble d'enseignements que l'art passé et en développement contient en soi-même doit arriver à jouer un rôle prépondérant dans l'éducation morale de chaque citoyen. Dans notre musée on enseignerait donc à aimer, à comprendre, à étudier l'art, tous les arts où se concrétisent les plus hautes pensées de l'homme. Notre première préoccupation est de donner aux arts une unité, et cela parce que la distinction, ou plutôt le violent divorce qui, de nos jours, s'est établi entre les arts, chacun s'étant replié et enfermé en lui-même jalousement comme dans un compartiment étanche, est une grave déviation: c'est le signe d'une crise arrivée à son comble.

Les musées ont beaucoup contribué à séparer les arts les uns des autres; Le musée ancien formule est, par nature et par constitution, incapable de sentir et de reconstruire d'une manière vivante l'unité fondamentale des arts, ce qui est indispensable, non seulement pour répondre à une nécessité historique, mais encore pour donner à la vie même un sens plus élevé d'harmonie, de cohésion, d'équilibre et de poésie. Sans cette unité les arts se dessèchent au lieu de se perfectionner: la peinture devient une mélancolique peinture de chevalet, l'architecture n'est plus que l'aridité du mur lisse, la sculpture devient une pépinière de reproducateurs en série. L'unité des arts signifiera: participation de l'art à la société et contribution à sa systématisation future. Mais, qui battra le rappel? d'où partira le mouvement? qui engagera la polémique en faveur de cette unité sinon un musée vital dont les dirigeants savent ce qu'ils veulent?

Je crois que le moment est venu de réformer les musées, de les refaire de façon à ce qu'ils servent le peuple, qu'ils dirigent la formation de son goût, qu'ils le mettent devant l'antique, c'est à dire, aux prémisses de sa vie même, pour qu'il en tire des énergies vitales utiles à l'avenir.

Un musée comme nous l'entendons prévoit avant tout une architecture capable de contenir ses activités multiples. Une architecture systématisée de façon à rendre possible le développement organique d'une pédagogie dont les lois sont encore implicitement contenues dans le bon goût, dans l'amour pour l'art et dans la connaissance de l'histoire, dans la participation au travail, dans la précision de la sensibilité. Pas une architecture-prison, mais une architecture libre, avec des intérieurs mobiles, des parois automatiques, des planchers, un éclairage et une acoustique convenables à un séjour agréable.

Dans cet anti-musée, l'histoire de la peinture, par exemple, pourrait présenter le même intérêt que celui d'un spectacle et certainement le spectateur s'amuserait. Le nombre des passionnés de peinture aug-

menterait et le musée élargirait une bien-faisante tache d'huile pour oindre de culture ceux qui en sont avides et même les irrésistibles passionnés du seul turf ou des bains de soleil sur la plage.

Chacun pense à ce que pourrait devenir, dans un musée comme le nôtre, l'intérêt pour l'histoire de l'architecture et pour l'architecture vivante: les gens s'enflammeront pour les problèmes qui vont de celui de leur maison, ou même de celui de la chaise sur laquelle ils s'assoient, jusqu'à l'urbanisme, à la planification du pays et, pourquoi pas? du monde entier. Si nous désirons continuer à parler d'éducation de l'humanité par distraction ou pour raisons électorales, alors ils continueront à exister, les vieux musées poudreux, les corps académiques qui sont préposés aux musées du monde entier, avec leurs toges et leurs hermines; mais si des intellectuels vraiment responsables reconnaissent qu'une ère nouvelle est ouverte et qu'une révolution est à la porte, la révolution de la culture, le problème éducatif se place au premier plan, et notre musée, ou contre-musée, comme on voudra l'appeler, doit être pris en considération.

Je viens de l'Europe. Souvent, là-bas, j'ai prêché au vent ces idées et elles ont seulement soulevé des polémiques inefficaces et momentanées. Là-bas, les musées, comme toute personne cultivée le sait, sont placés dans des palais de caractère historique et quand on en fait de nouveaux on en charge un rinceau de vieilles architectures avec l'intention sadique de faire naître mort un édifice qui doit garder des choses mortes. En Europe, il n'y a rien à faire dans ce champ: la culture est un fait d'érudition très polie dans l'ambiance conservatrice, un fait trop brillant dans l'ambiance qui pense à la possibilité d'une innovation, et d'autre part, la "politique d'abord" gâte dans les meilleurs cerveaux une vision réelle de l'avenir européen. Les idées sont toutes ou étroitement nationalistes ou étroitement internationalistes, ou étroitement orthodoxes, ou étroitement utopiques, et, en chaque cas, elles sont particularistes. Les réformes ne peuvent pas arriver de cette Europe si divisée, si incapable de gestes et de renoncements.

Ainsi, je suis d'avis que les Américains seront vraiment les premiers à comprendre la fonction éducative des nouveaux musées. Le *Museum of Modern Art*, de New York, est le premier pas sur la bonne voie. L'intérêt que j'ai observé au Brésil pour quelques unes de mes initiatives pour faire connaître la peinture italienne ancienne, le travail d'un groupe d'architectes qui ont réalisé une unité d'arts dans un édifice remarquable, l'enthousiasme pour l'art de quelqu'un qui connaît bien le machiavelique "pigliare l'impresa" pour concrétiser avec l'énergie nécessaire les initiatives, me font comprendre que le Brésil, d'un moment à l'autre, résoudra le problème des musées d'une manière exemplaire.

Il me semble qu'au Brésil on se rend compte que les idées audacieuses ne sont pas des utopies, tandis qu'au contraire, les utopies ne sont jamais audacieuses.

P. M. BARDI



O Museu de Arte de São Paulo foi o primeiro museu do mundo que inaugurou o sistema de mostras didáticas, oferecendo ao público, mesmo ao mais simples, um amplo panorama do desenvolvimento artístico. 84 painéis desmontáveis, contendo uma média de 5 até 10 fotografias ou quadricomias. O Museu tem aproximadamente vinte mil documentos

Toulouse - Lautrec no Museu de Arte

Como cresce a coleção do "Museu de Arte" às vistas dos nossos leitores, através das inúmeras publicações que temos feito para as últimas doações? Recorde-se a belíssima oferta do "Almirante Viaud" de Toulouse-Lautrec que apareceu no número 2 desta revista. Agora temos mais estas referências a Lautrec, pelas várias telas que foram doadas ao Museu por um grupo de beneméritos brasileiros. Trata-se das seguintes obras: "Deux femmes", "La Roue", "La comtesse de Toulouse-Lautrec dans son jardin", "Actrice aux gants verts", "Retrato de Monsieur Fourcade", "La femme tatouée", "Retrato de Octave Raquin". Juntamente com o mencionado "Almirante Viaud" e o "Cachorro com fita azul" — já incorporado ao patrimônio do Museu — formaram essas obras um conjunto de nove telas.

Nenhum museu americano dedicou ao grande mestre francês uma homenagem tão calorosa; e esta homenagem só tem paralelo com outra que o "Museu de Arte" consagrhou a outro pintor contemporâneo, Amedeo Modigliani, ao adquirir seis das suas mais célebres pinturas.

Toulouse-Lautrec, agudo, sagaz e preciso analisador do mundo parisiense que sobrevive sómente graças a própria iniciativa, deve ser considerado como um dos grandes pintores do oitocentos. Filho do conde de Alphonse de Toulouse-Lautrec e da condessa Adèle Tapié de Céleyran, nasceu em Albi em 1864, onde viveu até se transferir para Paris. Aos quatorze anos de idade sofreu um acidente na casa de seus pais e fraturou uma perna. No ano seguinte, em Barèges, fratura a outra perna; desta época ambas, praticamente, não crescem mais e mal suportam o peso do corpo que se desenvolve normalmente. E' em 1881 que já encontramos o artista copiando a maneira do seu mestre Princetou. 1882 é o ano em que Lautrec abre novas perspectivas em sua vida freqüentando o estúdio de artistas como Cormon, Emile Bernard, Anquetin e Gauzi. Conhece, nesse mesmo ano, Van Gogh. Rompe com a pintura oficial. Permanece 13 anos num mesmo atelier na rue Tourlaque. Degas torna-se o seu ídolo. Começa a pintar Montmartre, a vida boêmia, os cabarés, toda variedade de tipos humanos, sempre com uma ponta de sarcasmo aliada a profunda humanidade. Este homem que era nobre, caminha de encontro a uma vida que era repudiada pelos seus familiares, para extrair uma visão nova e cheia de verdade para a pintura. Morreu no dia 9 de setembro de 1901. Comemoramos portanto, este ano, o cinquentenário da sua morte. Nada mais significativo para o "Museu de Arte" do que comemorar o cinquentenário de Lautrec, incorporando ao nosso patrimônio artístico oito das suas expressivas telas.



Henri de Toulouse-Lautrec, "Deux femmes" (Museu de Arte)

Henri de Toulouse-Lautrec, "La Roue, Danseuse des Coulisses" (Museu de Arte de São Paulo)





Henri de Toulouse-Lautrec

O atelier



1864 — Nasceu em 24 de novembro em Albi, filho do conde de Toulouse-Lautrec e da condessa Adéle Tapie de Céleyran. Passou sua infância especialmente no Albigeois e mais tarde numa escola em Paris.

1878 — Escorrega na casa de seus pais e fratura uma perna na queda. O ano seguinte, em Barèges, fratura a outra perna, desta época, ambas praticamente não crescem mais e mal podem suportar o peso do corpo que se desenvolve normalmente.

1881 — Se forma em Toulouse. Sua primeira tela é uma cópia à maneira de Princeteau, seu primeiro mestre.

1882 — Lautrec começa a freqüentar o estúdio de Bonnat e em seguida de Cormon, onde trabalha com Emile Bernard, Anquetin e Gauzi. Conhece van Gogh.

1884 — Rompe com a "pintura oficial"; tem um atelier na Rue Tourlaque, onde permanece 13 anos. Degas torna-se seu ídolo.

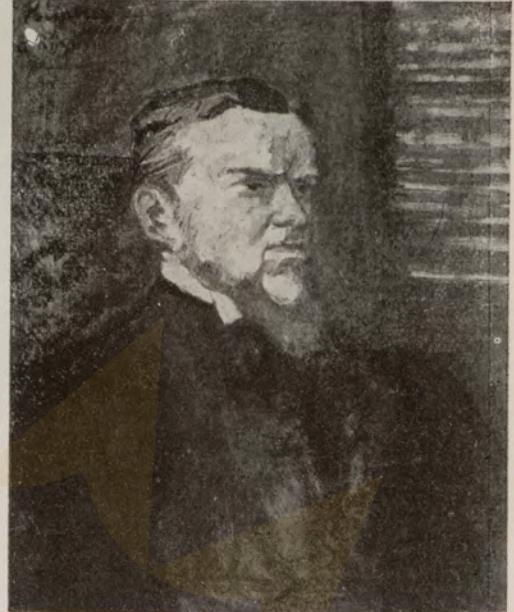
1885 — Lautrec começa a pintar em Montmartre, conhece Aristide Bruant. Muitos retratos.

1889 — Expõe no Salão dos Independentes.

1892 — Viagens a Bruxelas, Inglaterra, Espanha e Holanda.

1899 — Passa a maior parte deste ano numa Casa de saúde, pois está muito doente. Pinta e desenha de memória a série "Au Cirque". Mais tarde, no mesmo ano, vai a Le Havre, onde trabalha no Cabaret "Au Star".

1901 — Sentindo que seu fim está próximo e sua saúde completamente arruinada, alcança a mãe no Castelo de Malromé, onde morre em 9 de setembro deste ano.



Henri de Toulouse-Lautrec, "Retrato do Monsieur Octave Raquin" (Museu de Arte)



Henri de Toulouse-Lautrec, "Actrice aux gants verts" (Museu de Arte)

Henri de Toulouse-Lautrec, "La Comtesse de Toulouse-Lautrec dans son jardin" (Museu de Arte de São Paulo)





Henri de Toulouse-Lautrec, "La femme tatouée" (Museu de Arte de São Paulo)



Henri de Toulouse-Lautrec, "Monsieur Fourcade" (Museu de Arte de São Paulo)

Toulouse e o cartaz

A mostra do Cartaz Suisse organizada pelo "Museu de Arte", deu-nos a idéia para uma série de considerações quanto à necessidade de um movimento a fim de melhorar a produção nesse campo, movimento que deveria partir do mesmo museu e de outras entidades que têm a possibilidade de ampliar e desenvolver essa arte. Não há dúvida nenhuma, que muitos progressos já foram feitos; parece-nos, todavia, que a arte do cartaz não alcançou ainda o nível esperado. Não é possível criar de um momento para outro uma arte gráfica excelente. Em inúmeros casos ainda somos tributários de idéias mais desenvolvidas em outros países. No entanto, não há quem não condene por exemplo, uma das manias lamentavelmente importadas da América do Norte, isto é, a mania da moça nua ou seminua para o cartaz. Pode ser que isto seja causado pelas reproduções populares, pela "Coca-Cola". Para esse cartaz todavia podemos até encontrar alguma justificação: a praia, o calor, a bebida refrigerante. Mas a moça "coca-colense" é usada em propaganda onde a forma duma jovem nada tem a ver. Não é este o momento para esclarecimentos: a rua nos dá uma visão explícita. Será falta de idéias? Pensando na história do cartaz, constatamos que grandes artistas se dedicaram a esse gênero de atividade. Já em 1889, na Exposição Universal de Paris, apareceram cartazes de Chéret, que tinha sido, dez anos antes, o verdadeiro iniciador do cartaz. O mais famoso cartaz, o do "Baile do Moulin Rouge", inaugurou essa bela ilusão da propaganda, através de alegres figuras. Os trabalhos de Toulouse-Lautrec devem ser considerados como a obra dum grande pintor que transcreve para o cartaz a sua experiência de artista, e considerada portanto, toda ela, como um excelente patrimônio para estudo.

Cartaz para Jane Avril. Toulouse-Lautrec executou outros cartazes para esta cantora de music-hall. (Exposição das litografias de Toulouse no Museu de Arte de São Paulo)



Novas aquisições

Gilbert

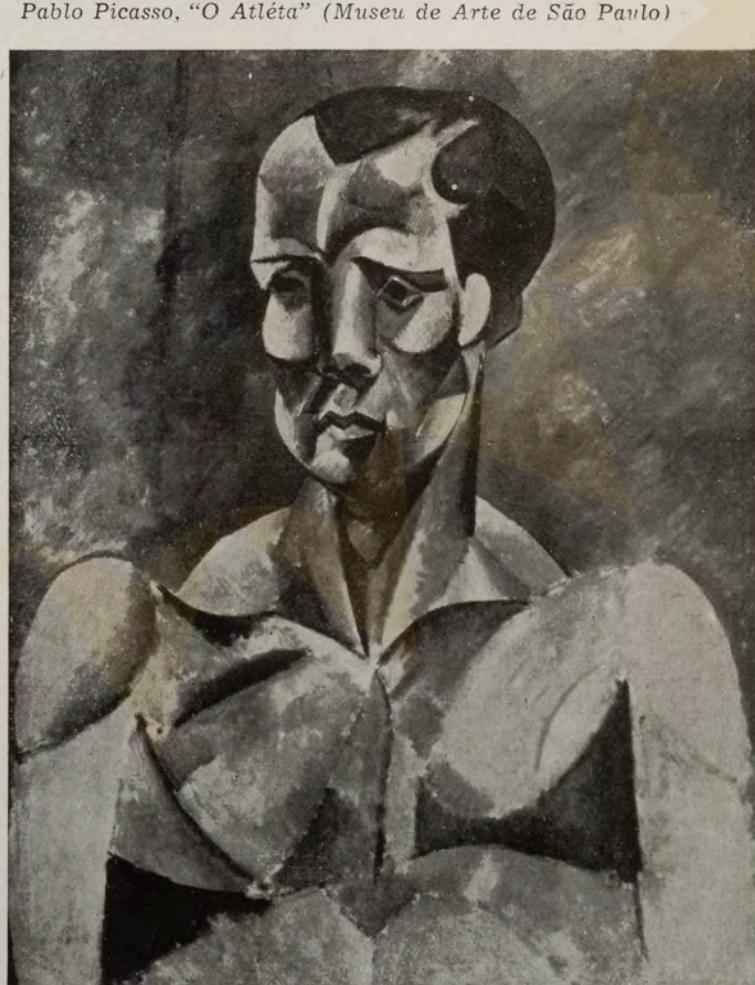
Gilbert Stuart é o primeiro pintor histórico da América do Norte, a ser representado no Museu de Arte de São Paulo. O pintor viveu de 1755 até 1828 justamente no tempo em que os Estados Unidos conseguiram sua independência da Inglaterra e da França e começaram uma vida própria no mundo novo. Na arte de Stuart, apesar disso, não se encontra a independência da terra natal da mãe. Stuart passou muitos anos na Inglaterra, pintando retratos do rei Jorge III e de Louis XVI da França. Voltando aos Estados Unidos, ele pintou George Washington, Thomas Jefferson e todos os outros líderes famosos dos Americanos deste tempo. Estes retratos podem ser considerados em qualidade e caráter iguais aos dos grandes mestres ingleses do século XVIII. Stuart tornou-se assim um dos maiores retratistas da época, época do charme, do fim do rococó e de uma vivacidade sentimental nas formas da pintura. Muito charme tem o seu retrato de Mrs. ffranck Rolleston, que nos leva ao espírito do "Sturm und Drang", do movimento da juventude que procurou os valores sentimentais da natureza, mas ainda bem cultivados, ainda não com a força bruta da revolução francesa, que logo em seguida, abalou o mundo. A representação no nosso retrato fica delicada e sensível, como só podia-a fazer um pintor que esteve em centros culturais e que não entrou na luta do interior das colônias para a fronteira do Far West. Ele guardou todas as qualidades da pintura antiga e usou estes elementos de maneira muito agradável e encantadora.



Gilberto Stuart "Retrato Mrs. ffranck Rolleston" (Museu de Arte de São Paulo)

Picasso

A nova tela de Pablo Picasso "O Atléta", que vai enriquecer a coleção do Museu de Arte, leva-nos a conhecer mais um período deste artista, até agora representado na Pinacoteca por um único quadro do "período azul", o "Retrato de Mme. Suzanne B". (Habitat N.º 1). O presente quadro, "O Atléta", foi pintado em 1909 no período cubista. Foi este um período para Picasso, como sabemos, de renovação da forma, quando cor e dimensão tinham ainda para ele alguma importância. Picasso opera sem considerar a natureza como tal. O objecto a ser representado era para ele um tema observado sómente do ponto de vista psicológico. Partindo desta consideração ele começou a representar as formas, com elementos geométricos, curvas e ângulos. As normas clássicas de representação de paisagem e a perspectiva foram abandonadas. Foi o cubismo que estabeleceu a norma de que uma tela é uma superfície lisa e bi-dimensional, a qual juntam-se as cores. Desta forma foi necessário encontrar um novo símbolo, um novo esclarecimento para a representação da terceira dimensão. Isto foi experimentado com a divisão da pintura em formas estereoscópicas. A primeira preocupação foi de dar uma nova vida a todas as representações contidas na superfície da tela, e um novo equilíbrio, elementos não mais pensados numa profundidade ilusória, mas que logo prendam a atenção do observador. Estas deformações eram para Picasso, quer em teoria, quer em prática, de grande importância, pois levaram à composição abstrata. à nova concepção de harmonia de cores e à síntese das figuras no espírito da verdadeira arte da nossa época.





John Constable “Paisagem com a Catedral de Salisbury” (Museu de Arte de São Paulo)

Constable

Desde o início da pintura inglesa da idade moderna está presente a natureza, como seu fundo nos retratos, contribuindo para a sua atmosfera. Não que a natureza e a realidade fossem procuradas como tais. Quais as intenções do artista ao representar as personagens nos jardins e no meio das árvores? A natureza era sómente o fundo, e como tal permaneceu por muito tempo, ainda quando pintores como Gainsborough representavam-na isoladamente numa atmosfera campestre no meio de árvores antigas e de muitas cerradas. Tratava-se sempre de paisagens num sentido de cenário, com grupos de árvores transparentes como Watteau costumava pintar, ou com cōres escuras e mais pesadas, próprias dos flamengos. No entanto, foi sempre uma pintura linda, diferente daquela dos românticos alemães, principalmente de Caspar David Friedrich que nos deu uma natureza plena de sentimentos e idéias filosóficas. John Constable (1776-1837) representado na nossa Galeria pela “Paisagem com a Catedral de Salisbury”, supera num certo sentido esta representação romântica da natureza e pode ser conside-

rado como o precursor da pintura moderna de paisagem, com seus traços leves e desembaraçados. Carateriza-se a pintura de Constable e de Turner não através dum sentido revolucionário, não por um intuito de representar a natureza duma forma simplificada e leve, sem sacrificar os valores elevados do barrôco e do rococó. Encontramos em Constable uma técnica livre, à maneira de esboço, uma escolha de motivos que se aproxima a uma impressão imediata da natureza, cōres profundas, como o verde, que nós revelam a espontaneidade de seus sentimentos. Mas também este verde, como podemos admirá-lo na nossa tela é abafado por uma tonalidade profunda, dando uma impressão complexa de gebelin, entrelaçado com cōres leves e vivas que deixam de emprestar à natureza aquela vivacidade alcançada pelos Impressionistas, conseguindo porém uma atmosfera de luz das mais agradáveis. Esta característica da arte de Constable foi o incentivo da arte da paisagem européia que seguiu; pois nela encontraram os artistas, especialmente os franceses quanto procuravam; isto é, uma ordem não rígida dentro de uma liberdade de impressões.

O Museu de Arte apresentou em agosto passado uma exposição de Fredric Karoly, artista que reside em Nova York, mas que veio de propósito a São Paulo, para realizar esta exposição e para conhecer o meio artístico de nossa cidade. Seus trabalhos seguem uma orientação abstrata, de composição exclusivamente decorativa; com sua técnica brilhante e a harmonia das cores, Karoly conseguiu sempre enorme sucesso em todas as exposições. Ao mesmo tempo que realizava esta mostra em São Paulo, seus trabalhos eram apresentados na Terceira Exposição de Arte Independente de Toquio, bem como no Salão des "Realités Nouvelles" de Paris. Temos aqui algumas observações do próprio Karoly sobre sua maneira de imaginar e executar as telas, observações que deixamos em língua original afim de não perderem o sabor da expressão.

Automatism

Each painting is for me an emotional adventure. In the process of painting I explore and discover. I penetrate deeper and deeper, entering below the surface until I feel that I cannot go any further. If I miss this moment, any additional effort will confuse, even destroy what I have built and eventually lead to actual destruction - by my own hands - of what I did. Each painting of mine is likely to be the image of an emotion experienced in the past — though not exclusively.

I stated recently that I approach or aim to approach a virgin canvas with a completely empty mind. I mean, of course, an empty CONSCIOUS mind.

There is no such control over one's subconscious mind. It cannot be eliminated or controlled, therefore its reflection is sincere. It is rich in content because it registers all in one's life's experience.

Obviously this sort of painting, if directed entirely by one's subconscious mind, is and has been titled quite correctly "AUTOMA-

TISM" but what is known to us under this title — with the exception of some of Kandinsky's work — possibly some not known to me — does not deserve this name. Not all of my work is directed solely by my subconscious mind, but those which have been completed with no or little activity by the conscious mind are, I believe, the best.

The content of the subconscious may lie latent for years but the stronger the impact of an experience, the sooner and the stronger it will come through. The more real it will be.

One of the visitors at the opening of my recent exhibition at the Museu de Arte of São Paulo, Brazil, approached me and admitted that he had no understanding whatsoever for my work that he had not known such paintings existed nor that they would be taken seriously.

I was very much impressed by his sincerity.

A few days later I met the same person unexpectedly in a party and he asked me

"What is a picture?". He said immediately that he had looked for the definition in several dictionaries and that the one which appealed most to him was the definition accredited to Plato, saying approximately: "a picture is the representation of something perceived".

I pointed out Plato's wisely careful and far-sightedly worded definition. Although based on what was known to him, it is perfectly applicable to any kind of painting whether realistic or abstract provided it is sincere and not done for effect. But I consider my recent paintings only in a very limited sense of the word as abstract because they seem to become more real from day to day. They are abstract in one sense yet very concrete in regard to matters which are deeply registered in my mind — so real and so full of content and impact that they may appear again in another form in future work until I have explored all aspects.

FREDRIC KAROLY



Fredric Karoly, Fachadas II, 1950

Karoly visitando Picasso



Fredric Karoly, Brejo, 1950





A Chatinha, o barco típico do Acre e do Amazonas, espécie de monumento naval das antigas iniciativas dos pioneiros (Foto Scheier)

A senhora Odonais em águas do Amazonas

O pavor deixara-lhe os cabelos completamente brancos. Lisos, ainda sedosos e bonitos. Não era tão fácil chegar até sua cadeira de braços, naqueles tempos em que, entre os anos de 1770 e 80, os monarcas decidiam de seus subditos, encarregando-os de arriscadas missões por terras da América. Traumatizada, a senhora Godin de Odonais procurava tão somente repousar e esquecer, esquecer e repousar. E em não sendo possível chegar até ela, contentemo-nos de a contemplar respeitosamente. Pouco adiante, sobre pequena e elegante mesa, estranhos objéts parecem evocar algo distante no silêncio da grande sala. A senhora Godin volta o olhar sobre êles e estremece. Foram suas próprias mãos que num mal-fadado dia de assim distantes anos, recortou-as dos pés dos irmãos já cadáveres. Tôda vez que encara os pedaços de couro, sua imaginação reconstitui os pés dos dois entes queridos e sêbe ainda por seus corpos inanimados. Mais ao lado, uma saia de grosso algodão lembra-lhe a expressão bondosa duma índia. Não é a senhora Godin quem faz este relato. Não lho permitem suas gastas fôrças. Nem é conveniente reacender a chama das recordações, quando são tristes, quando nelas há desventura. Então aconteceu-me ouvir-lhe a voz intermitente e nervosa. Não que eu lhe perguntasse. Não que ela respondesse. Mas, à imaginação ocorreu que falasse e que interessadamente permanecesse eu por muito tempo atendendo-a a fim de conhecêr-lhe a história e a história dos estranhos objéts. Assim principiou: no dia primeiro de outubro de 1769 parti de Riobamba com meus trinta e um índios e minhas bagagens. Havia vinte anos deixara o lar e não avista-

va meu marido, navegante e homem de negócios, e que então me aguardava em Oyapok, na América. Em breve chegavamo a Canelos, no pequeno Bobouasa, bem perto do Amazonas, um rio que já naquêles tempos povoava a imaginação das gentes. Canelos, porém, estava transformada numa vila deserta. A variola afugentara aos que haviam conseguido escapar. E, ái de mim, experimentei chamar meus índios e não mais pudevê-los. Estavamos a meio caminho do pôrto onde uma nave,posta a meu serviço por dois soberanos, nos aguardava. Depois de muito procurar encontramos dois dos habitantes que já se preparavam para homisiar-se nos bosques e que por fim se dispuseram a construir um pequeno barco. Reiniciamos assim a viagem em direção de Andoas, descendo o Bobouasa, a cerca de cento e cinquenta leguas. Dois dias depois fizemos parada. Mas, também êstes índios desapareceram. Partimos vogando quase que sem rumo certo, até que descobrimos uma habitação nas margens, onde encontramos um índio convalescente, que, apezar disso, resolveu tomar o timão.

Mas, desgraçado convalescente, sucedeu que o senhor R., fazendo parte da comitiva, deixou que seu chapéu voasse à água e devendo ser muito importante esta peça do seu vestuário, mandou que o índio recolhesse e o pobre, sem suficientes fôrças para nadar, pereceu. Eis que a barca passa de novo a ser conduzida por gente sem perícia; logo enche-se de água. Desembarcamos, construindo em terra uma tosca habitação. Cinco dias distantes do primeiro destino, o senhor R., (o do chapéu), parte, com um outro francês e um meu fiel negro. Este

senhor R., porém, passa a cuidar mais dos seus interesses do que de outra coisa. Quinze dias seriam suficientes para enviar-nos um barco e alguns índios.

Esgotam-se vinte e cinco, não nos restava que confiar em nossas próprias fôrças. Construímos uma espécie de jangada, a qual, mal dirigida, indo de encontro a um tronco, submergiu e tudo se perdeu. Fui salva por meus dois irmãos. A pé retomamos o árduo caminho, seguindo pela margem e depois, embrenhando-nos no bosque, onde nos perdemos entre hervas, liames, cipós, arbustos e o mèdo. Feridos pelos espinhos, desprovidos de víveres, perseguidos pela sede, passamos a alimentar-nos de grãos, raízes, frutos selvagens... Mas, vencidos pela fome, pela sede, pelo cansaço, experimentamos sentar-nos e não mais conseguimos sair dali. E três ou quatro dias passados assisti à morte, um depois do outro, dos meus irmãos, um sobrinho e mais quatro dos meus acompanhantes.

Deitada entre os cadáveres, passei cerca de dois dias desacordada. Ao sentir algum ânimo depois de tão prolongado descanso, vimme descalça e semi-nua: uma camisa e duas mantas restavam. Cortei os sapatos de meus irmãos, amarrando a meus pés as solas aproveitáveis. Mas por fim, atingi a pé Bobouasa. A memória do local, o terrível espetáculo de que havia sido testemunha, o horror à solidão e à noite do deserto, o espasmo da morte sempre presente aos meus olhos, impressão que a cada momento deveria redobrar-se, tornaram brancos os meus cabelos. No segundo dia da marcha, que não poderia ter sido muita, descobri água e ovos de côn verde, que não reconheci. Não saberia dizer do que fossem".



Debret, Paisagem brasileira (Museu de Arte). Estes são os índios, com os quais a senhora Odonais teve que se familiarizar.

Eis que a esta altura posso confessar que tudo extráio dum relato verdadeiro e me reconcilio com seu autor, o próprio espôso da infeliz senhora Godin, o qual me dá alguma ajuda, dizendo: "Se lerdes num romance, que uma delicada senhora, acostumada a gozar de tódas as comodidades da vida, precipitada num rio e salva meio afogada, tivesse penetrado um bosque em companhia de sete pessoas, sem estrada que a guiasse e depois de passar muitas semanas, se tivesse perdido, tivesse sofrido fome, sede, fadiga até o extremo, tivesse visto espirarem seus dois irmãos mais robustos que ela mesma, um sobrinho apenas saído da infância, três donzelas suas domesticas, ainda outro jovem; que ela houvesse sobrevivido a esta catástrofe; que permanecendo sózinha dois dias e duas noites em meio a estes cadáveres, em locais onde abundam tigres e muito perigosas serpentes, sem haver encontrado nunca um só dêstes animais, esta senhora tivesse mesmo assim sobrevivido, pondo-se a caminho de novo, coberta de andrajos, errante num bosque até o oitavo dia em que se encontrou em Bobouasa; acusarieis o autor do romance de faltar à verdade..."

E volta a ecoar no grande salão a voz cansada e triste da senhora Godin:

Ao despontar do dia, ouvi rumor de gente. Dois índios procuravam meter uma barca na água. E foram minha salvação. Tão reconhecida sentiu-me, que, ainda mal dando acordo do que diziam e do que me sucedia, ao levar as mãos ao colo senti o peso de duas correntes de ouro. Entreguei-as prontamente aos meus benfeiteiros, mas um jesuíta substitui a dâvida por três ou quatro meadas de grosso algodão. Tão irritada fiquei, que parti no dia imediato para Laguna. Uma índia, de Andoas fez-me uma saia de algodão, que mandei pagar logo que cheguei a Laguna. Meu fiel negro, que partira em companhia do senhor R., ao fazer o mesmo trajéto, encontrou os corpos já cor-

pidos da comitiva e consegui alcançar Andoas primeiro, levando tudo quanto pudera recolher, certo da morte de todos, perdendo-se depois das minhas vistas. Finalmente tive depois fácil acolhida e trahei da saúde antes de prosseguir viagem. Daqui por diante, concedemos a palavra diretamente ao senhor Godin de Odonais, o qual, atendendo a um apêlo do senhor Deperthes, escreveu-lhe longo relato e carta que este inclui na sua obra "História de naufrágios", ou, "Coletanea dos mais interessantes relatórios de naufrágios, desde o século XV ao presente (1822)".

"O governador do Pará havia dado suas ordens, a fim de que todos os locais habitados à margem do trajéto, fossem provistos. Eu me esquecia de vos dizer que minha senhora não se curára de todo e que tinha o polegar de uma das mãos em péssimo estado: os espinhos nêle permaneciam, formando um depósito de tumores; o tendão e também o osso haviam sido atingidos e falava-se em cortar-lhe o dedo. Porém, graças a cuidadosa cura e a sua coragem de suportar as dores sentidas quando lhe arrancaram alguns espinhos da chaga, ela melhorou; melhorou, mas desde então não pôde mais mexer o dedo. A galera prosseguiu sua rota até Curapa, que vos sabeis estar situada a bem sessenta léguas além do Pará; ali chegou também o senhor De Martel, cavalheiro da Ordem do Conselho, major da guarnição do Pará e por ordem do governador, assumindo o comando da galera, conduziu minha senhora ao forte de Oyapok. Mal saindo do rio a galera na embocadura de Carrara Pourí, onde as correntes da costa são violentíssimas, perdeu uma âncora e porque teria sido perigoso prosseguir com uma só, o sr. Martel mandou um barco a Oyapok pedir socorro. Tendo eu recebido notícias, saí do pôrto de Oyapok com uma das minhas galeras e cruzei cerca da praia para encontrar a nave que a conduzia. Quiz finalmente Deus que a encontrasse no

quarto dia, frente a Massacaré e depois de vinte anos de temores, de angustias e de calamidades que a ambos nos atingiram, abracei minha mulher dileta que eu já não esperava revêr. Esqueci nos seus braços a perda dos meus filhos e no presente tempera grandemente minha dor o pensar que prematura morte preservou-os da fúnebris sorte que os aguardava nos bosques de Canelos, onde, se tivessem sucumbido, talvez também sua mãe, vencida pela dor, teria sobre seus corpos espirado".

Continuemos? "Além de tódas estas desgraças que vos narrei, tive uma questão..." Não, leitor. Fiquemos na primeira sôma das desgraças...

Contenta-te de imaginar apenas que finalmente no lar onde não puderam chegar seus filhos, após vinte anos, uma senhora de trato delicado, sentada numa velha mas acolhedora cadeira dos tempos dos soberanos, dos índios prestimosos e dos negros fiéis, contempla pensativa, os olhos ainda não refeitos, um par de solas, última recordação dos irmãos e uma saia de grosso algodão, símbolo da bondade que ainda pôde encontrar em meio a tanta maldade e imprevistos. "Minha espôsa, diz o narrador, tem sempre diante dos olhos o pavoroso quadro das suas desgraças e vãs resultam tódas as tentativas para distraí-la."

E passada a aventura pela imaginação do leitor, após dois séculos, relatados tão simplesmente os fatos, desta feita entocaiada e humilde a imaginação, eu te convido, leitor — a não ser que não creias no senhor Godin de Odonais, tão desventurado, nem no historiador Deperthes, — a convir comigo que a própria realidade disputa ao ficcionista o dom da inventiva. Pois nem vale a pena, diante desta narrativa verdadeira, dar azas à imaginação e prosseguir, inventando um romance daquela cadeira antiga, daquela senhora de cabelos brancos, das velhas solas recortadas, da pesada saia de algodão...

TITO BATINI



Fotos do teatro de Roberto Maia

Manaus, teatro

Quando havia as lendas sobre a borracha, nos românticos falavam-se em seringueiros e eram eles conhecidos na Europa toda, pensava-se em Manaus como numa nova São Francisco. E as lendas todas eram ligadas ao teatro da nova cidade, às mulheres guerreiras que talvez existiram sómente na fantasia dos viajantes

Em frente ao famoso teatro de Manaus, há um monumento dedicado às artes

O castiçal que ilumina o edifício da Alfândega, no cais de Manaus





Esta parece ser uma mesa de canto, autêntica do Neo-Classico; as molduras todavia denunciam que o estilo passou através Louis Philippe e o hibridismo da segunda metade do século XIX



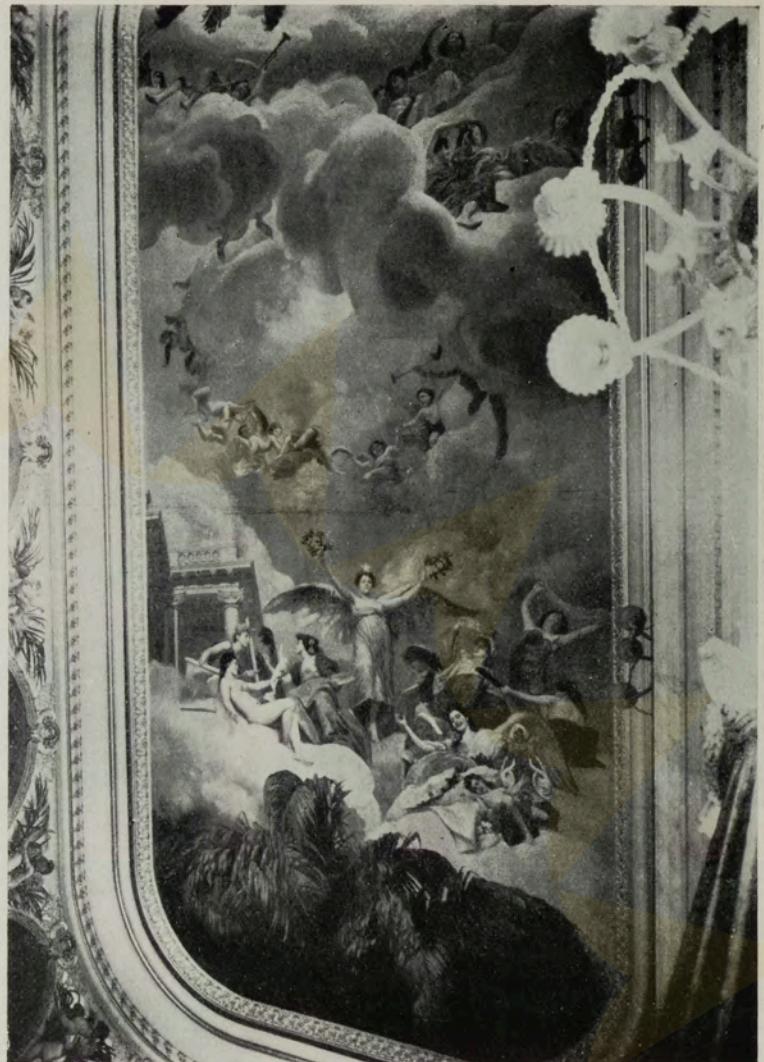
Os saguões são majestosos, conforme os belos modelos do início do "Oitocentos"; no entanto, os arcos do primeiro andar mostram como é difícil harmonizar vários estilos

O leite da seringueira transmudado para a majestade das grandes e faustosas colunas de mármore da Europa





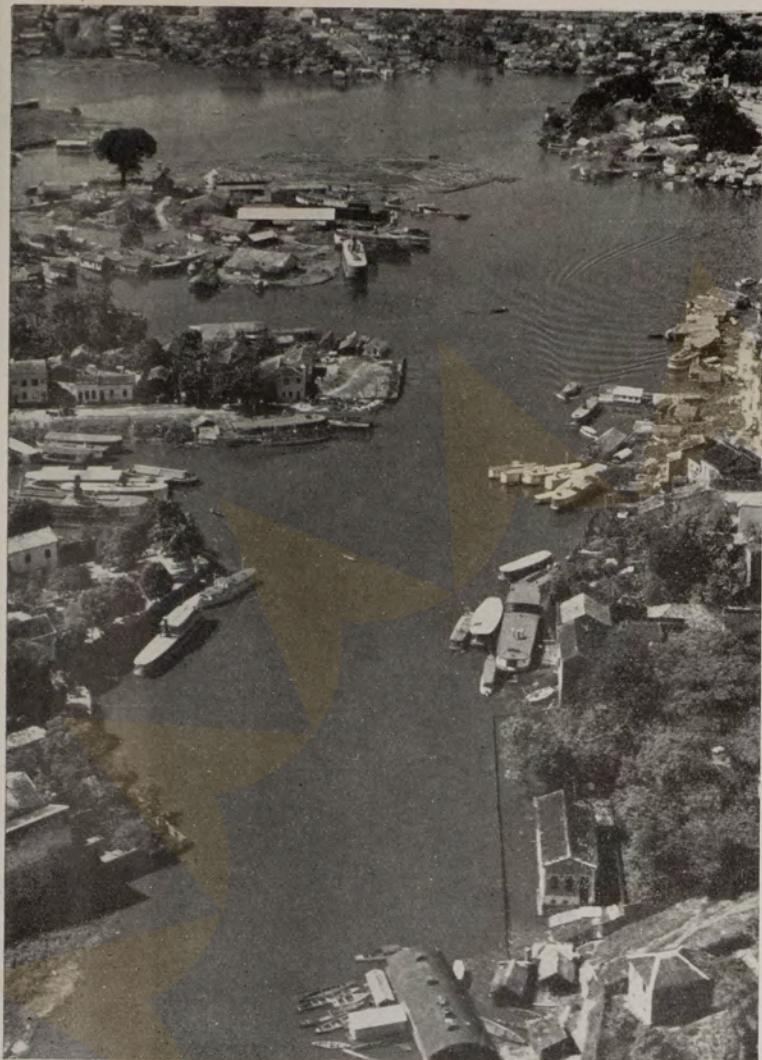
A abóbada floreal airosa



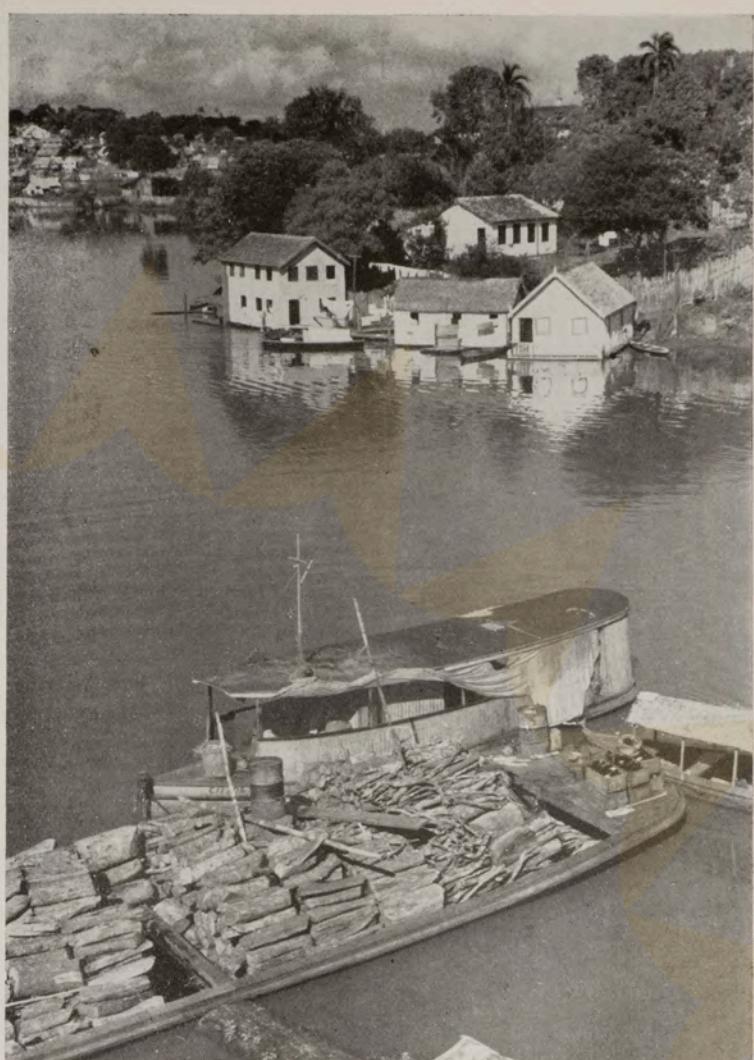
A grande decoração mural acabou com Gian Batista Tiepolo, e não mais foi possível renová-la, apesar da boa vontade dos pintores do 800. Tiepolo possuia o gênio para o afresco, para fantasiar, e todos os recursos dum pintor poderoso

O teatro de Manaus pode ser também colocado naquela atmosfera de culturalismo que se reflete no Brasil, aliás como em todos os países do mundo, com atrazo natural. O teatro do sertão verde, famoso por ter coincidido com o momento de fulgor da borracha naquela região, representa uma das obras mais elaboradas da arquitetura, do ponto de vista da reunião hábil dos mais variados estilos e de suas particularidades. O conubio entre elementos variados forma às vezes representações de forma estranha e híbridas





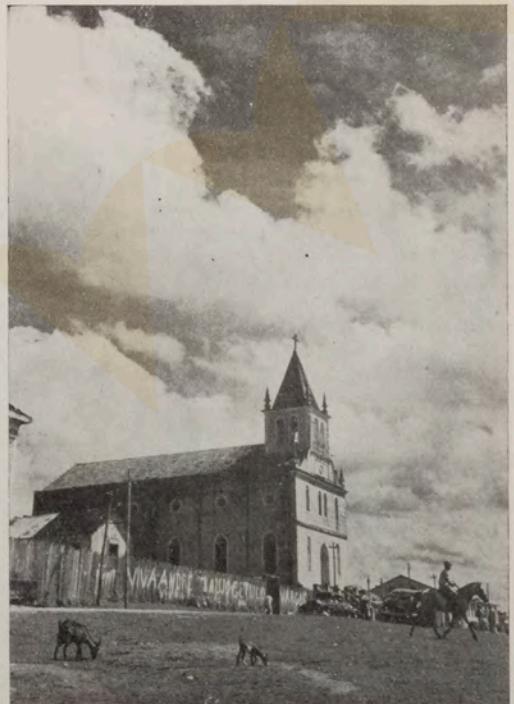
O canal de Manaus todo habitado nas suas margens



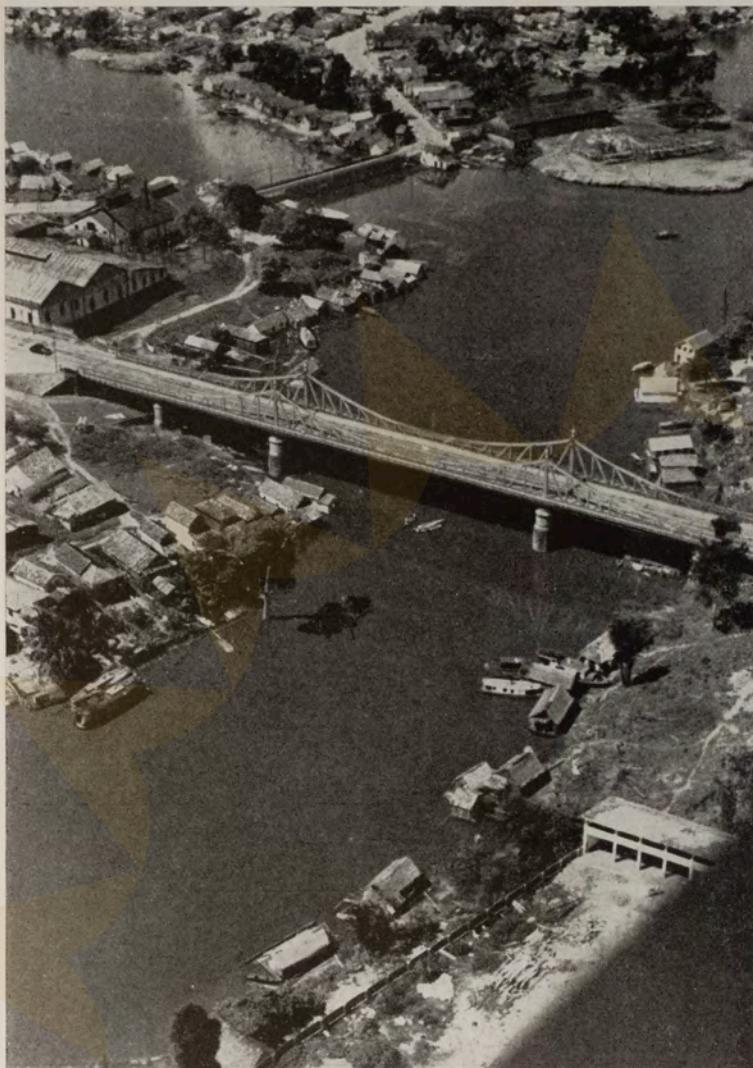
Carregando madeira no Canal. As casas à flor da água



Casas do fim do século, lembrando as do Báltico. Não há dúvida que foi um alemão que de lá trouxe o gôsto para uma arquitetura com frontões de cúspide



A Igreja de São Raimundo



Uma das pontes de Manaus



Casa flutuante no Amazonas

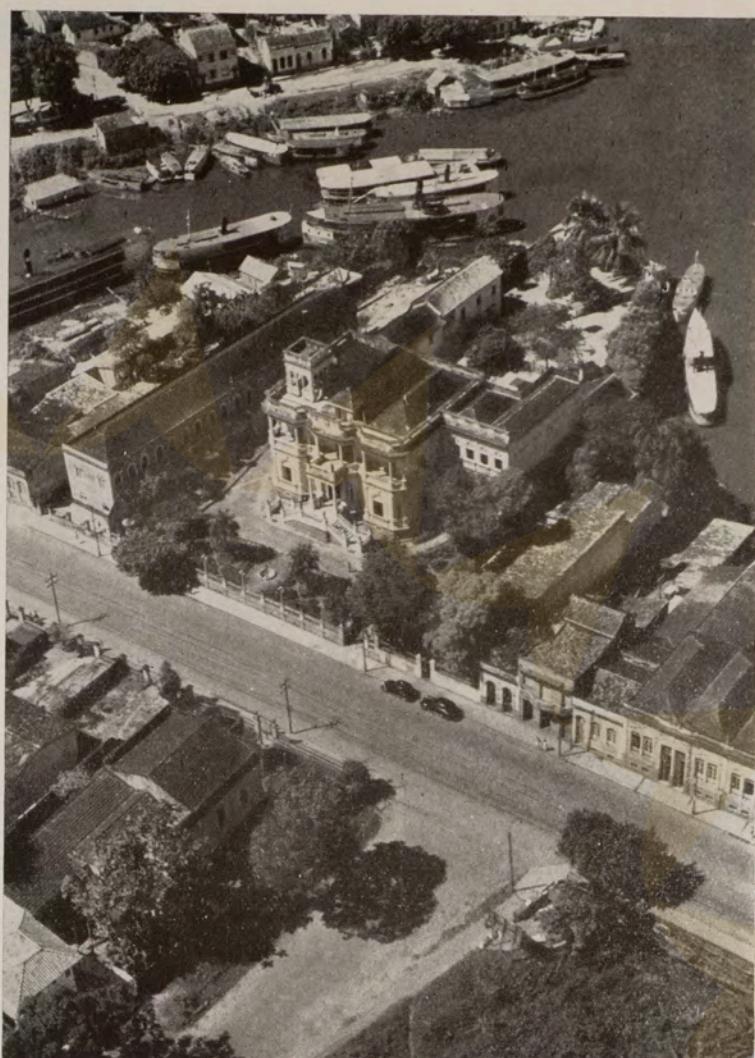
Desde o nosso primeiro número, nosso interesse tem se dirigido à Amazonas, porque quanto mais pensamos naquela região no que há de ser feito, mais achamos que se deveria começar um trabalho de exploração daquela zona que nós esconde ainda quem sabe quais surpresas; é a Amazonas por enquanto rica demais de propósitos e não de fatos, de futuro antes que de presente. Esperamos que as propostas feitas no Congresso do Unesco em 1947 tornem-se em breve realidade

Casa de sapé na baixada do Amazonas





A Matriz de Manaus e o Jardim Zoológico



O Palácio do Governo de Manaus

Estas cidades características do Brasil, e especialmente aquelas construídas no Norte em épocas a nós mais próximas, como Manaus ligada a acontecimentos tão extraordinários da nossa história, deveriam ser consideradas num plano de conservação da arquitetura tradicional. A iniciativa particular deve pensar no direito da história, que é o direito do homem moderno. A história e o que nós substancialmente fazemos sua síntese. O respeito para o antigo deve ser para nós um fato concreto, uma aspiração moral.



Um pavilhão de rua

Manaus, novidades



O novo Hotel Amazonas, construído graças à iniciativa tenaz e ampla do sr. Adalberto Ferreira do Valle. Iniciativas como esta levam de novo o Amazonas aos esplendores dos tempos em que as ruas eram pavimentadas com o precioso leite da seringueira. Arquiteto: Paulo Antunes Ribeiro; construtor: Engenheiro Luiz J. da Costa Leite



O pátio do Hotel Amazonas



Zamoysky, Cabeça, granito, 1918

Um trabalho da fase cubista do ilustre escultor, que Habitat apresenta hoje aos seus leitores: escultura esta que testemunha ter o artista participado dos movimentos da vanguarda, hoje, infelizmente repetidos, após trinta ou trinta e cinco anos, sem ligação nenhuma com a época e com o espírito da época

O escultor Zamoysky

Zamoysky, Les Deux, 1922



Como já lembramos aos nossos leitores (Habitat 1) o Museu de Arte, sempre mais interessado com a educação dos jovens, pensou em estabelecer novas escolas, desta vez não mais na sede do próprio Museu que está se tornando sempre mais apertada pelo constante aumento da pinacoteca. Estas escolas necessitarão de muito espaço e respiro, pois trata-se de: 1. Escola de escultura; 2. Escola de afresco; 3. Escola de Cenografia; 4. Escola de Cerâmica. Pensou-se portanto de adquirir amplos terrenos no novo bairro do Morumbi, e nesta zona serão construídos os estúdios.

Damos esta informação para anunciar que a orientação da Escola de Escultura será entregue a Augusto Zamoysky, o escultor polonês, que após um brilhante passado na Europa e na América, vive, desde muitos anos no Rio de Janeiro, onde estabeleceu uma importante escola da qual todos têm grato recorde. Zamoysky acredita no ideal clássico, no sentido de perfeição da forma segundo a interpretação da natureza. Provém êle de uma família aristocrática de Varsóvia, cujo palácio era um famoso centro de reunião cultural e artística.

Apesar das repetidas interferências de guerras que agitaram seu país, Zamoysky dedicou sua vida à arte, tendo estudado a escultura na Alemanha e na França, e ensinado em Varsóvia. A escola estabelecida no Rio de Janeiro seguiu o molde da outra escola que êle tinha na Polônia, isto é, um atelier no qual os jovens aprendem esta arte, sendo que seus trabalhos são vendidos com um benefício dividido igualmente entre todos.

Auguramos que este mesmo espírito de cooperação e camaradagem reine entre os futuros alunos da Escola de Escultura.

Zamoysky, Retrato de Adolf Loos, 1917

Dedicando estas páginas á obra de Augusto Zamoysky, temos a oportunidade de publicar em Habitat um breve ensaio inédito de Adolf Loos (1870 - 1933), o grande arquiteto de Viena que pode ser considerado um dos profetas da nova arquitetura. Uma sua construção do ano 1910 em Viena é o primeiro monumento racionalista. O que distingue Loos de seus contemporâneos é a concepção espacial, em cujo nome sacrifica éle a decoração. Os volumes externos das construções de Loos são em geral caixas fechadas, estereométrias que apenas deixam entrever que dentro delas há vida. Mas no interior sucedem-se fantásticos jogos da fantasia, volumétrica e espacial. Experiencia valiosa foram suas repetidas viagens aos Estados Unidos, onde em contacto com o racionalismo americano, conseguiu assimilá-lo e elaborá-lo com consciência e espírito europeu. O ensaio se refere a obra de Zamoysky.



O retrato, a semelhança e a arte

O fútil quer que a imagem seja um retrato. O fútil tem razão, pois o artista intitula a obra com um nome de pessoa, e com isto éle quer dizer que está apresentando esta determinada pessoa. Com isto éle também se responsabiliza pela reprodução não de uma pessoa qualquer porém desta mesma pessoa.

Todavia o fútil, influenciado pela fotografia na pintura e pela cópia em gesso na escultura, possue uma falsa concepção da semelhança; supõe que os traços do rosto devem ser reproduzidos no papel, na tela ou na escultura do mesmo modo como se refletem na retina.

Verdade é que com isso nada se revela do ser íntimo da pessoa.

É preciso vencer muitas dificuldades para chegar, través da forma, ao ser, à esséncia da pessoa. A fotografia ou a cópia em gesso só podem apresentar o rosto em um determinado estado de espírito. Sem falar na pose, que cada indivíduo assume e que nada diz a seu respeito, uma determinada situação não tem valor nenhum para o retrato. O fariseu à espreita, no quadro da moeda de censo, de Tiziano, ou o risonho tocador de alaúde de Frans Hals não são retratos.

Tão pouco a forma precisa de um rosto imóvel nada revela sobre a forma. Jamais a forma externa consegue dar a verdadeira impressão que temos da pessoa ao nosso lado. Formas nobres podem causar uma impressão vulgar, formas vulgares podem

causar uma impressão nobre. Um nariz grande pode aparentar pequeno, um nariz pequeno pode parecer grande.

A esséncia da pessoa, sua auréola, capaz de transformar o recinto em que se encontra, capaz de modificar o outro indivíduo que confronta, rejeita totalmente todos os meios mecânicos do retrato artístico.

Grandes são pois a responsabilidade e a tarefa do artista que se entrega ao retrato. Muitos pintores e desenhistas conseguiram incluir na evolução natural de sua obra a arte de retratar.

A pintura joga com superfícies, a escultura joga com o espaço.

O pintor que trabalha com duas dimensões não enfrenta o mesmo problema que o escultor que considera tres — a terceira dimensão constitue uma simplificação para o leigo e significa uma dificuldade a mais para o artista.

Exijo do artista o domínio do espaço. Levando em conta o retrato, exijo que o pintor, por sua vez, ao projetar suas formas sobre a superficie, saiba ao mesmo tempo, dar vida a todos os ângulos. Incumbência que não cabe ao escultor. As dificuldades a serem vencidas por este, parecem quasi que invencíveis.

O escultor está a procura de uma lei da forma. Uma vez achada esta lei cúbica, seu encargo é saber integrá-la ao ser da pessoa.

É verdade que alguns escultores, como Archipenko, enfrentaram construção da

forma, todavia não seguiram o caminho acima apontado.

A meu ver o conde Augusto Zamoysky é o primeiro escultor a seguir esta trilha até o fim.

Este livro contém reproduções fotográficas de quadros. Pouco ou nada revelam da obra em si. Em outro lugar já chamei a atenção para a impossibilidade de considerar como pintura uma obra gráfica ou pictórica que se pode representar plásticamente. (Quadros vivos, o tirolês de Defregger no panóptico). Um crepúsculo de Monet não pode ser representado no panóptico. Do mesmo modo uma obra de arte cúbica jamais pode ser representada em superfície plana.

No livro que inclue recordações das obras de Zamoysky, consistindo apenas em fotografias, torna-se necessário dizer algo sobre o método de trabalho do artista. Executou em 2 horas, em minha residência, um busto naturalista que poderia valer como obra perfeita para todo aquele que não deseja penetrar no mistério e na lei da forma. Zamoysky porém levou o busto para o seu atelier onde deveria servir de modelo para o seu trabalho. Compreendo perfeitamente esta sua maneira de proceder — para descobrir o mistério da forma é necessária a solidão.

Embora não vejam o meu globo ocular, todos os que contemplam meu busto asseguram que élé retém, misteriosamente, a força do meu olhar.

ADOLF LOOS



Augusto Zamoysky, Cabeça, mármore

Uma das esculturas executadas no Rio de Janeiro. Zamoysky trabalha o mármore com uma perícia digna dos antigos e consegue dêste material uma extraordinária suavidade de forma



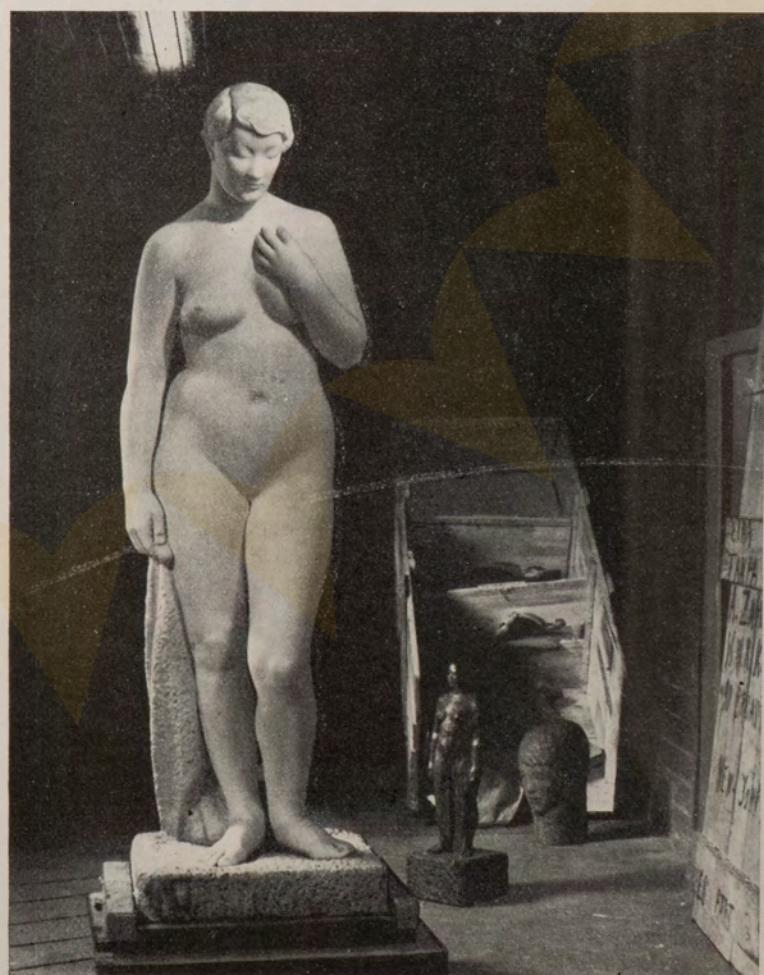
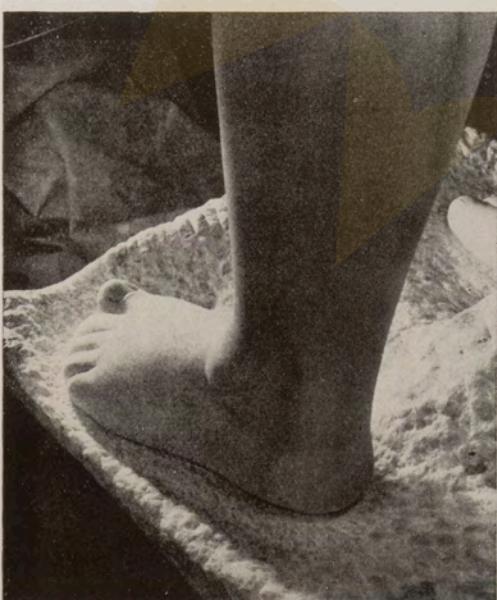
Zamoysky, *Nu*, granito, 1934

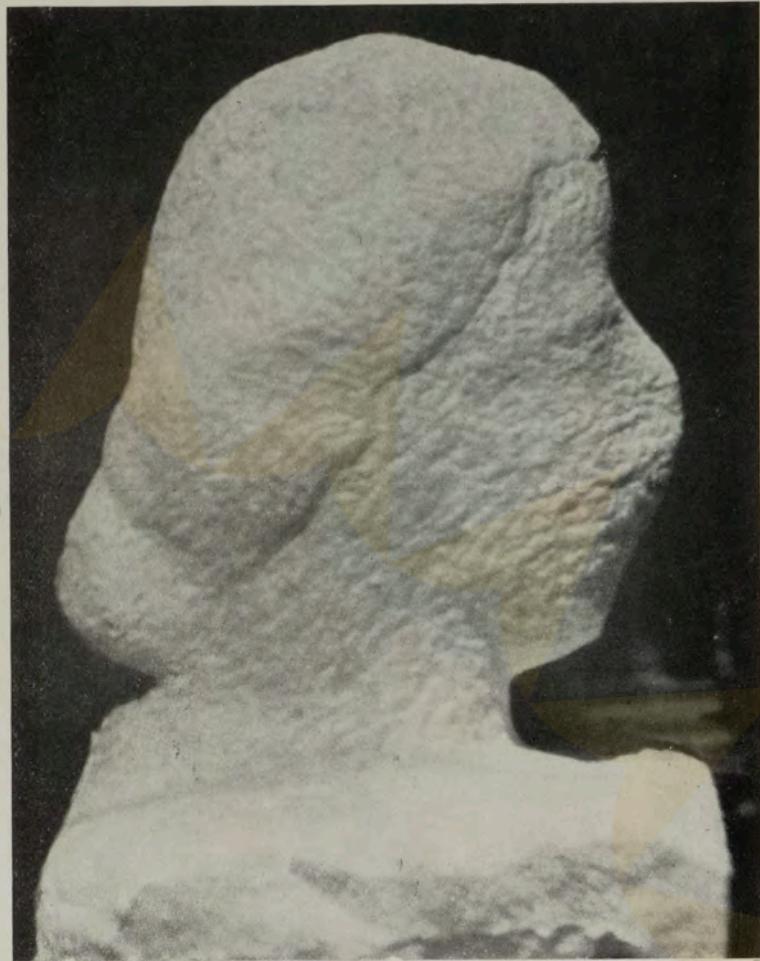
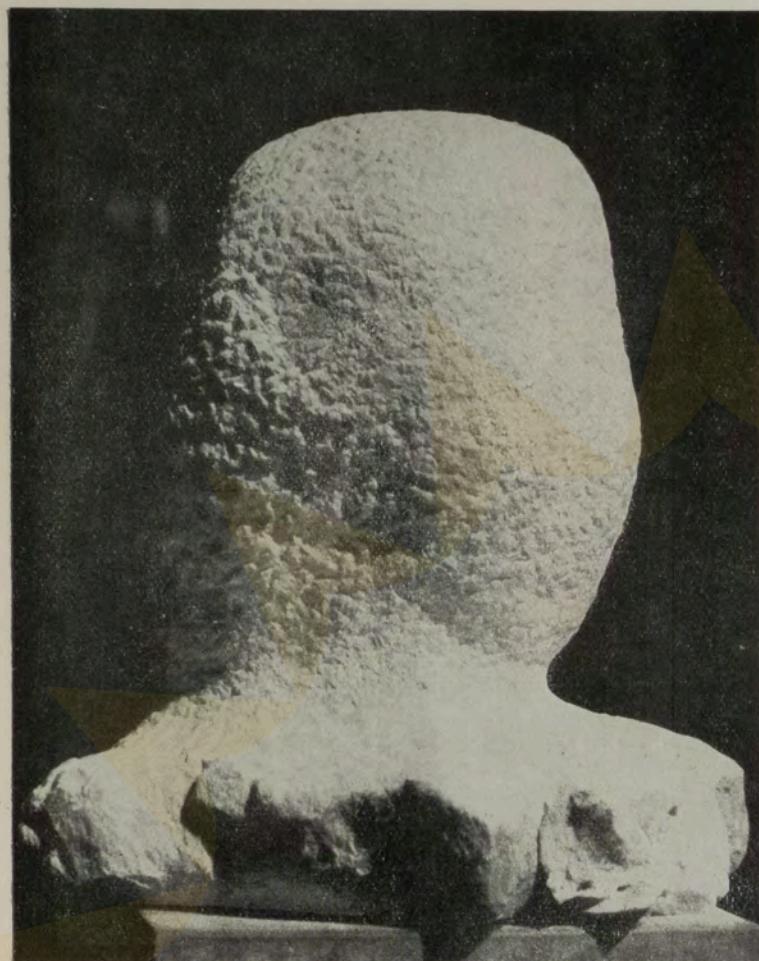


Zamoysky, *Estudo*, bronze,
para a estatua da *Rhea*

Zamoysky, *Venus*, 1939

Detalhe da *Rhea*, mármore





A metamorfose duma cabeça em mármore de Zamoysky. Miguel Ângelo dizia que uma escultura já existe no bloco de mármore: trata-se sómente de libertá-la de tudo o que a envolve.



O escultor sente a forma maciça e corpulenta, tem o prazer das curvas, da musculosidade. Dir-se-ia que a época inaugurada pelo romantismo de Miguel Ângelo está durando ainda hoje. A beleza do material, o mármore, o bronze bem trabalhado, aumentam o valor da escultura de Zamoysky



Zamoysky, Cabeça, granito, 1931, "Grand Prix" de escultura, Paris, 1937

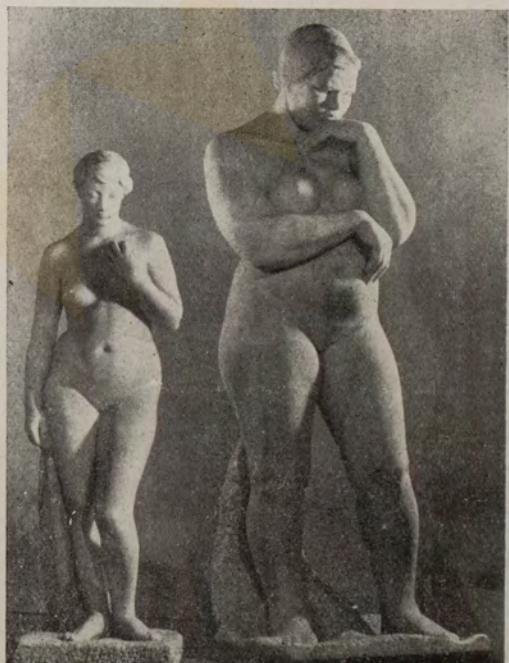


Zamoysky, Marmore de Serravezza



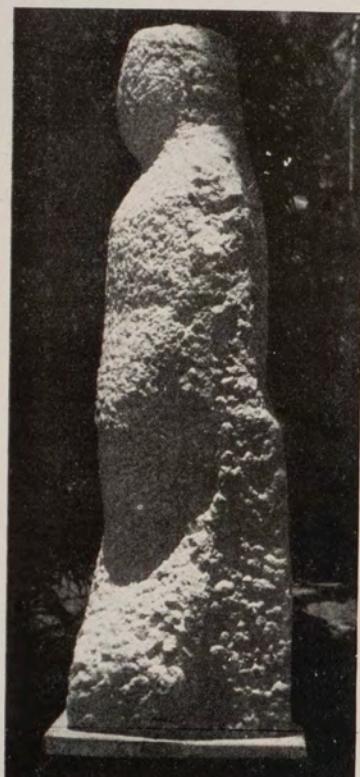
Zamoysky, Retrato Príncipe Zanguszko, 1943

Zamoysky, Venus e Rhea





Metamorfose duma estátua executada por um aluno de Zamoysky



Numa escola de escultura é necessário antes de mais nada, aprender a técnica. Éste é o intuito da futura escola do Museu de Arte, nos novos ateliers de Morumbí



Pampulha, estátua de Zamoysky, no conjunto arquitetônico de Oscar Niemeyer

A Escola de Escultura

Perguntamos ao Sr. Zamoysky: — qual o seu programa de ensino?

Ofício e probidade artística — nos respondeu. Arte não se ensina — Mas quem deseja se expressar livremente necessita de um instrumento seguro e dominado.

Desejo por à disposição de meus alunos todos os conhecimentos que adquiri durante longos anos de prática no ofício. Procurarei ensinar-lhes todo o necessário para que possuam as técnicas que lhes serão indispensáveis na sua vida de escultores. Aprenderão a retirar os seus blocos da pedreira, a cortá-los e manejá-los. Aprenderão a forjar e temperar os seus próprios instrumentos. Aprenderão a desbastar os seus blocos, treinarão o "talhe direto" e saberão também fazer o "talhe refletido" (com a ajuda de cálculos e medições). Poderão polir as suas pedras e manobrar as suas estatutas, mesmo pesadas. Aprenderão a fazer formas em gesso, e moldes à cera perdida, para depois fundirem os seus próprios bronzes. Saberão cisalhos e patina-los. A estatua sendo essencialmente a expressão de nossa emoção diante do humano, os alunos terão — além de várias horas diárias de modelagem e desenho com modelo vivo — cursos sobre vários assuntos que interessam ao homem: filosofia, história de arte etc...

Qual a sua orientação artística?

Não pretendo propriamente "orientar" os meus alunos a se exprimirem desta ou daquela

maneira — mas procurarei animá-los no sentido de um contato verdadeiro e "sentido" com a vida, através do seu trabalho. Procurarei dar-lhes coragem para ver a natureza de uma maneira pessoal, autêntica, livre de qualquer preconceito. Procurarei ensinar-lhes a se defenderem da tentação de — quando se sentirem incapazes de ter uma emoção original e sincera — precipitarem-se dentro de alguma fórmula a sucesso no momento, para obterem rápidos aplausos. Na subjectividade do olhar e da emoção autêntica há bastante margem para a originalidade. O programa da nova geração deverá ser uma insurreição contra todos êstes "ismos" (academismos já arcaicos, há quase meio século!) e um corajoso esforço para novas descobertas, conscientes de que arte não é divertimento, mas sim um ministério dos mais graves, pois nos põe em contâto com o mistério da existência — mistério que mesmo se nos fosse revelado, nós não o poderíamos compreender. Se a arte quer possuir valores eternos tem que buscar a sua emoção no Eterno — tem de procurar a sua inspiração no Divino para dar-nos a alegria da presença deste Absoluto e, elevando-nos, tirar-nos de nossa aparente solidão. Neste "quantum" imponderável e, às vezes quase imperceptível, reside todo o valor transcendente da arte. E' para poder transmitir êstes valores imponderáveis que precisamos de uma dominação completa do ofício. E é só isto que pretendo ensinar — concluiu o Sr. Zamoysky.



Escola de escultura de Zamoysky no Rio de Janeiro



Escola de escultura ao ar livre



Escola ao ar livre



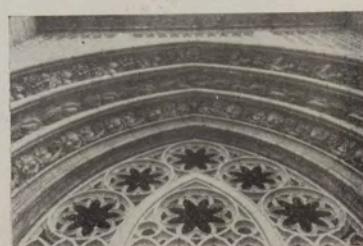
Os fieis inteligentes preferem orar nestas pequenas e humildes igrejas do tempo dos imigrantes

Arquitetura e religião

As considerações com as quais conclue esta nota podem suscitar alguma polêmica, mas o leitor deve saber que não foram escritas comleviandade. Pelo contrário, foram muito meditadas, e queríamos que alguém tomasse nossa nota para levantar o problema e para discuti-lo

O pseudo e desagradável gótico da nova Catedral de São Paulo

Muitos leitores têm-nos dirigido cartas, cartas estranhas às véses, para nós perguntar porque descuidamos quase totalmente da arquitetura brasileira. Falam-nos em ótimas arquiteturas religiosas que nasceram ou estão para nascer nos vários estados. Estas perguntas nos deixam muito tristes, justamente quanto o destino da arquitetura religiosa brasileira que, com exceção de pouquíssimas igrejas contemporâneas, é algo de inacreditável, como arte e como expressão de idéias religiosas. E em nome de todas lembramos a já famosa catedral de São Paulo que nada tem que ver com arquitetura, com o tempo em que vivemos, com idéias religiosas de nossa época, com a natureza de nosso povo. O porque pode ser facilmente entendido: porque o estilo gótico se encerrou há já muitos séculos, porque hoje às grandes dimensões se substituiu uma grandeza conforme medida do homem, porque hoje é uma época de proporções corretas, certas, muito refletidas; e assim por diante. Se a arquitetura religiosa tem como eixo e bandeira esta Catedral de estilo psêudo-gótico (pois este estilo não é gótico como o público acredita em boa fé), então podemos declarar desde já a falência desta arquitetura. Surge à nossa mente a polêmica de Joséphin, seu profético "Finis Latinorum", seu lema "Ad Rosam per Crucem, ad Crucem per Rosam" que significava aproximadamente: que a arte readquira o senso do ideal, que a Igreja readquira o senso da beleza.



Carta aberta

Caro Senhor Cicillo,

Com muito prazer soube de sua nomeação para coordenador dos grandes festejos para o IV Centenário de São Paulo, e tendo o Sr. conseguido uma belíssima posição no campo das artes, sinto ainda mais prazer com isto, pois os paulistas em particular e os brasileiros em geral podem estar certos de que os festejos terão um senso de arte, ou pelo menos de bom gosto, além de bom senso. Ou, na pior das hipóteses, a arte e o bom gosto não sofrerão aquêles maus tratos que geralmente sofrem pela ignorância de quem não acha importantes os fatos espirituais acima mencionados.

Ao dar-lhe os parabens com a mais viva das considerações, queria agora dizer-lhe, em nome de algumas pessoas que leem e escrevem corretamente que do Sr. se espera um programa de causas a serem feitas, e aprontadas.

Justamente, outra noite estávamos relendo um livro que o Sr. a esta hora já terá devorado, o livro sobre as grandes exposições editado por Gallimard. Atribuímos muita importância, talvez quanto o Sr., à história, não à história como crônica de acontecimentos, mas como ensinamento para nossos atos, como fonte de vida atual que age como estímulo. Relendo aquêle livro e observando de qual maneira as comemorações de arte através das grandes exposições tenham sido uma sequência de verdadeiros índices de civilização, além do início de novos períodos de gosto e da aspiração para um progresso energico, pensamos que São Paulo, pela importância que tem hoje em dia na vida da América do Sul, poderá, por ocasião de seu quarto centenário, pronunciar uma palavra de alta significação. Por estas razões, pelo amor que nós liga à esta cidade, esperamos juntamente ao Sr. que tudo corra bem, que tudo seja feito na melhor maneira possível, e que o Sr. venha a ser considerado como um novo Haussmann. E não se magoa por isto, porque com todo direito pode pensar em ter seu nome numa avenida ou praça de São Paulo.

O Sr. talvez pense que nós, da Habitat, passamos nossos dias quebrando o nariz das estátuas. Pelo contrário, somos as

ovelhas mais tímidas e inocentes da cidade e desejamos colaborar com todos os que, como o Sr., estão se dedicando ao renascimento das artes.

Eis porque, começando com este número, vamos expor, de agora em diante, nossas propostas — escritas e publicadas para que a idéia seja fixada: sabemos por experiência que muitos são os que gostam de idéias alheias e os que se enfeitam com os adornos de outros. Desta vez, a proposta que o Comitê do Centenário deveria realizar, refere-se à arquitetura. (Soubemos que se pensa em organizar uma mostra de arquitetura internacional sem idéias novas, sem traçados lógicos, históricos ou críticos; deveria portanto gostar desta idéia pela sua novidade).

SP54

Sugerimos que, de agora em diante, os acontecimentos esperados em 1954 para o Quarto Centenário de São Paulo, sejam sintéticamente chamados com as duas letras e os dois números, como acima

Exposição de arquitetura: proposta

Para uma Exposição de Arquitetura Contemporânea por ocasião do Quarto Centenário de São Paulo.

1. Convidar vinte arquitetos dos mais representativos do mundo, por meio dum estudo preliminar feito por uma Comissão (limitada, pequena) de críticos (no verdadeiro sentido da palavra, estrangeiros).

2. Escolher uma zona contígua à zona das Exposições (grandes) do Centenário.

3. Determinar para cada arquiteto um terreno, sobre o qual deverá projetar e construir uma residência.

4. O grupo destas 20 residências assim construídas será a Mostra internacional de arquitetura por ocasião do Centenário.

5. Companhias imobiliárias poderiam com muito proveito ampliar esta iniciativa.

6. Evitar que as seguintes categorias de pessoas se interessem pela iniciativa (pessoas inúteis):

- a) Pessoas esquisitas, autodefidas como críticos de arte.

- b) Medalhões e pistolões políticos (da política) e da política das artes.

- c) Palpiteiros (em geral).

COMENTÁRIO

Cada pessoa pode imaginar o que significará para São Paulo juntar num só bairro construções de Wright, Gropius, Le Corbusier, Mies van der Rohe, Aalto, Niemeyer, Neutra, ect.

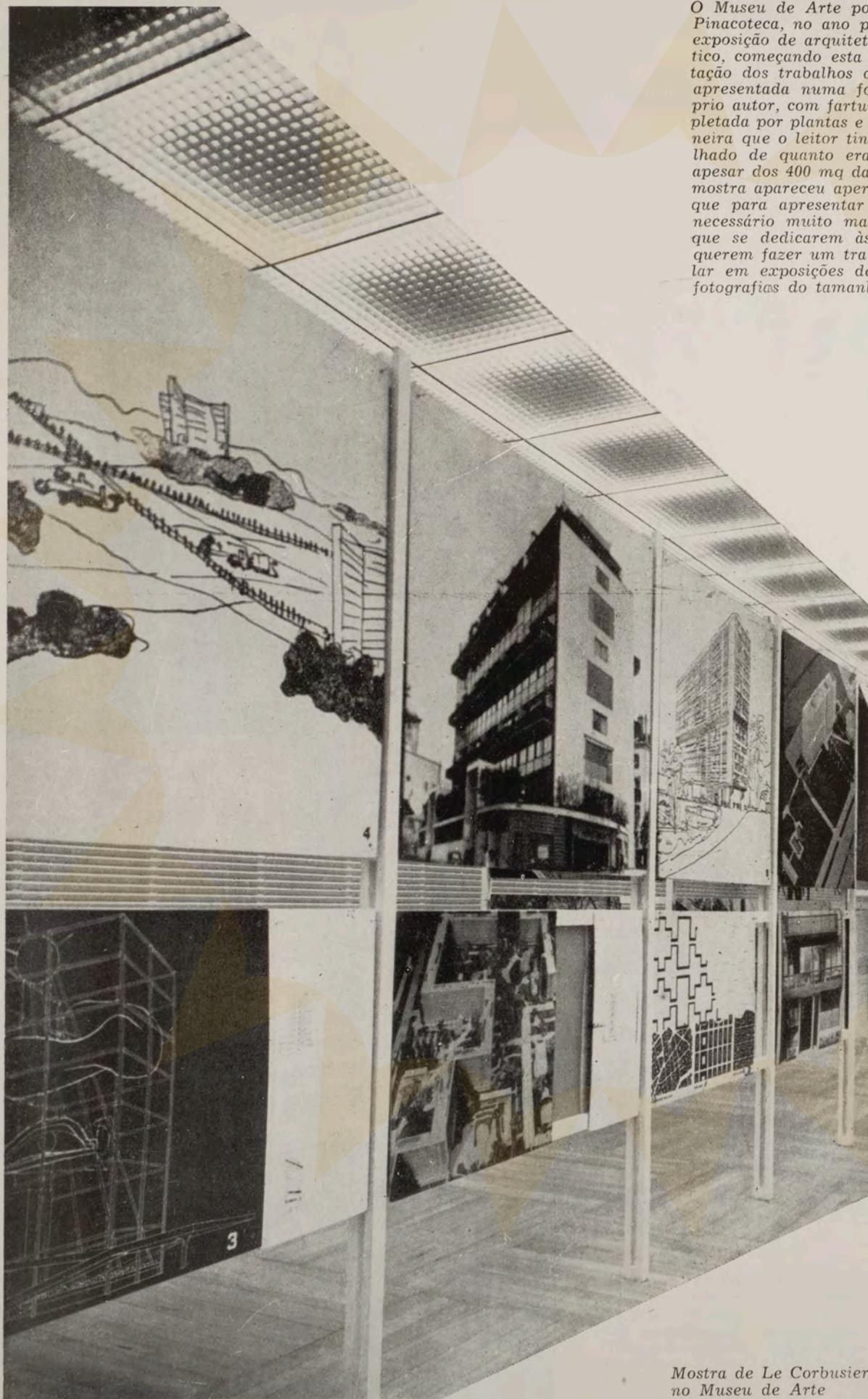
PEDIDO

A nossa idéia pode ser usada e realizada (porém bem realizada). Não é permitido se apoderar das idéias, pois os ladrões de idéias roubam sómente para fins de comércio e indústria. Rogamos portanto de realizar tudo bem.

Caro Senhor Cicillo, queira considerar e aceitar nossa carta como uma colaboração às suas iniciativas centenárias que devem dar à São Paulo, uma situação inolvidável na história.

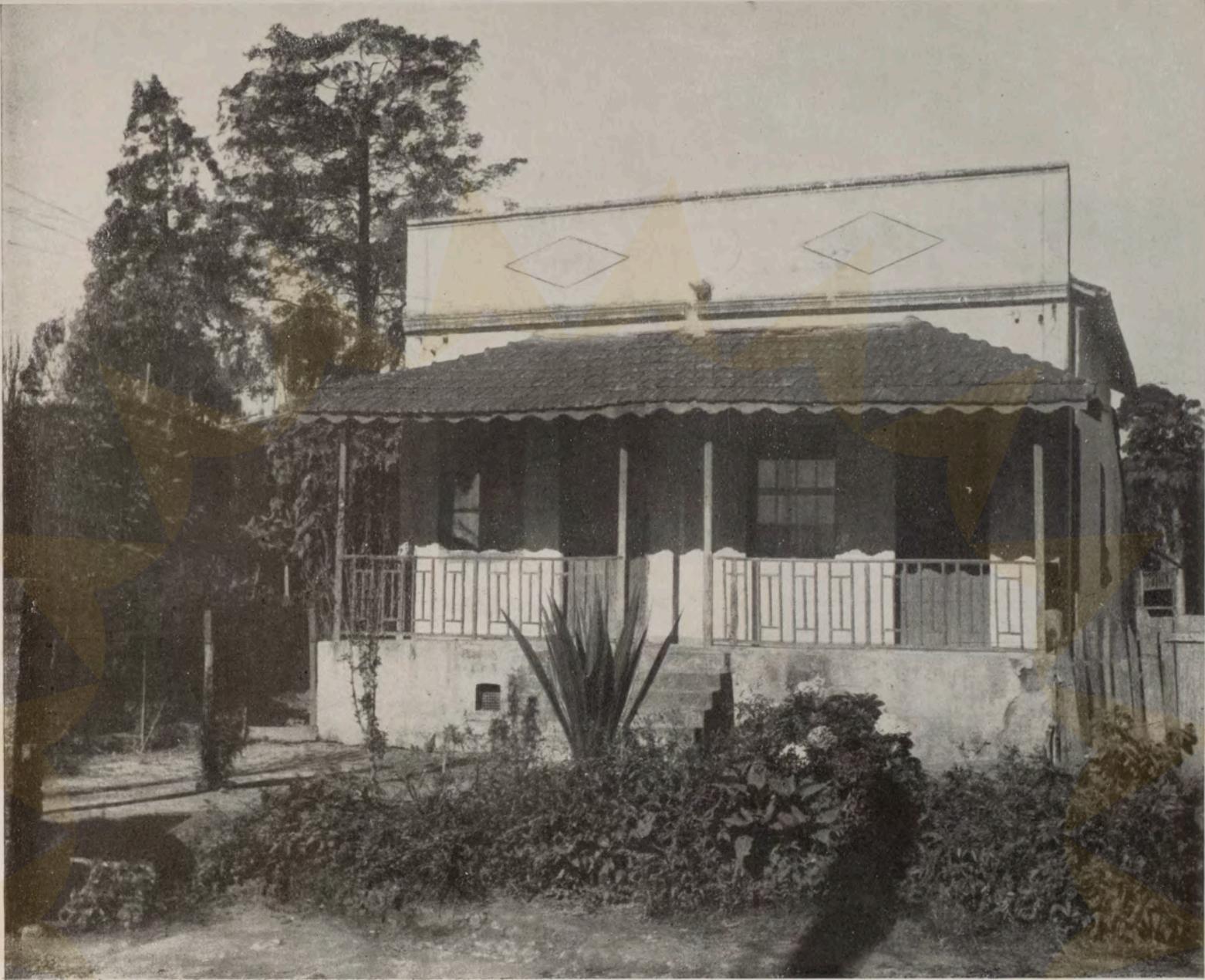
Muito atenciosamente
subscrive-se

ALENCASTRO



O Museu de Arte por ocasião da abertura da nova Pinacoteca, no ano passado, inaugurou o sistema de exposição de arquitetura, compostas com critério crítico, começando esta nova atividade com a apresentação dos trabalhos de Le Corbusier. Esta obra foi apresentada numa forma ampla, cuidada pelo próprio autor, com fartura de material fotográfico, completada por plantas e por extensivas legendas, de maneira que o leitor tinha um quadro completo e detalhado de quanto era apresentado ao público. Mas, apesar dos 400 mq da sala, devemos considerar que a mostra apareceu apertada, e a experiência demonstra que para apresentar a obra dum grande mestre é necessário muito mais espaço. Lembramos isto aos que se dedicarem às exposições de arquitetura, se querem fazer um trabalho interessante. Ouvimos falar em exposições de arquitetura apresentadas com fotografias do tamanho de um cartão postal.

Mostra de Le Corbusier
no Museu de Arte



Casa do emigrante que quis fazer arquitetura, conseguindo-a (foto P. M. Bardi)

Velha máquina para nova
rua (P.M.B.)

Album de fotografias

A história da arquitetura de São Paulo deve ainda ser escrita, e especialmente a história da arquitetura das casas pequenas, criadas pelo gosto do povo, sem a ajuda de arquitetos e artistas. As casas em que cada operário, para não dizer cada família, proporcionou com o senso da economia, um bom gosto e uma inteligência que nunca serão suficiente notados. E' esta a arquitetura menor, a mais importante de nossa época; porque a outra, oficial, grandiosa, híbrida, não tem valor nenhum

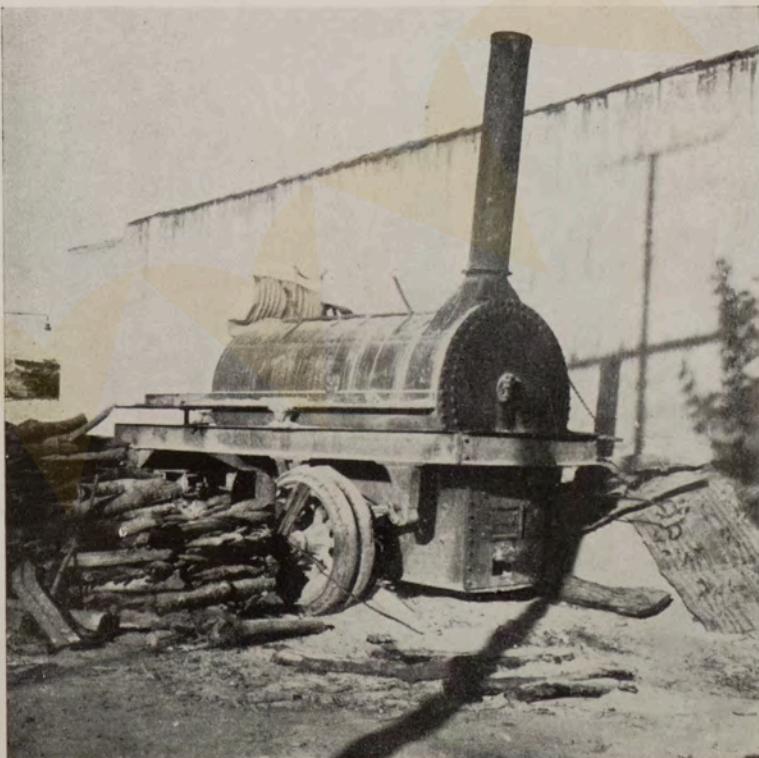
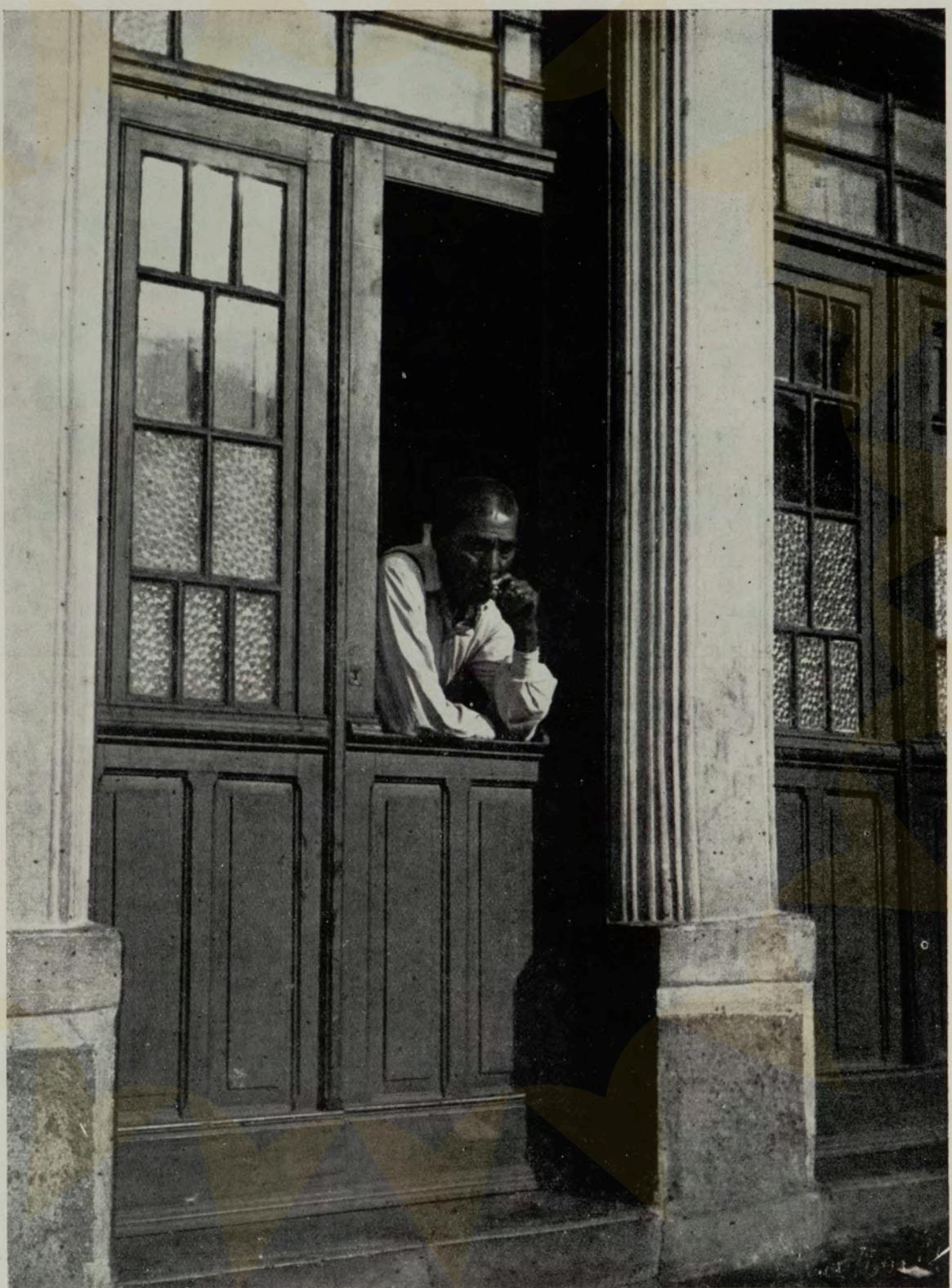




Foto P. M. B.



Domingo

Foto de Alice Brill



Janela no bairro popular (Foto Alice Brill)

Flores num copo de E. Nobileg



Conhecemos no Rio de Janeiro, faz alguns anos, um fotógrafo de valor, Sacha Harnisch; desejariamos ter suas notícias. A foto acima é dele

Bailado

Cortizona para Terpsicore

O sumo Aesculapio, Hipócrates ou seu antagonista Galeno, não teriam jamais imaginado que a mais etérea dentre as musas, viesse a ter um dia necessidade dos cuidados médicos, e exatamente para uma doença que é a antitése da sua própria função. A musa em questão é Terpsicore que preside a dança; os médicos, ainda estão por serem encontrados; mas o remédio é bom e está pronto: o cortizona, esta extraordinária descoberta dos nossos dias que se destina a combater o artritismo.

Terpsicore tem artritismo. Contraiu-o aqui, em São Paulo.

O mal parece crônico. São Paulo, cidade com mais de dois milhões de habitantes, dispõe apenas de cinco ou seis escolas de bailado e seriam talvez suficientes se não funcionassem com fins exclusivamente comerciais, ou seja aqueles de arrecadar o que pagam os alunos em benefício de seus professores; êsses para justificar suas funções e atrair os aspirantes à arte de Terpsicore, promovem anualmente uma reunião para mostrar aos parentes e amigos dos próprios alunos, algumas exibições de passos aproximativos e figurações sedentárias. E isto, geralmente, tem lugar sobre o palco do máximo teatro da cidade, o Municipal, que deveria constituir o mais almejado e difícil objetivo e não o campo experimental para recrutas mal preparadas.

Mas assim é. De resto, o Teatro Municipal não conta com um corpo de baile próprio e, em caso de necessidade, serve-se da Escola do Departamento de Cultura, a qual, não sendo outra causa que uma escola, em emergência, oferece aquilo que pode. Na verdade, como é possível pretender que elementos juvenis e infantis vejam correr os anos sem a mínima esperança de fazer carreira, sem perceber remuneração, privados daquela maior estímulo que é a luz da ribalta? E eis que por fim, um qualquer desses elementos, abandonando o conceito de arte pela arte, vai parar no estrado das boites, ou bem, crendo que os sacrifícios suportados durante anos e anos tenham sido suficientes para lhes dar uma certa competência, dedicam-se ao ensino, transmitindo aos seus discípulos os mesmos erros, a mesma incapacidade de que foram vítimas. Cria-se dêste modo um círculo vicioso. E o artritismo terpsicoreano aumenta.

Entretanto, sob os olhos ávidos e entendidos do público paulista, desfilam sobre o palco do Municipal, ballets de diversos países, todos admirados e aplaudidos. E talvez ninguém se pergunte: "Como, entre tantas nações que cultivam a dança e o ballet, não figura o Brasil?" Este Brasil tão rico de inspirações, de sagas, de lendas, de amor pelas expressões de arte e beleza, de improvisações popularescas no campo da dança, este Brasil que possue ritmos universalmente acolhidos, que emana tanto fascínio e tanta cõr?

Uma só manifestação produziu o Brasil: aquêle estupendo Teatro Folclórico Brasileiro, que passou quase despercebido do público e que, sem dúvida, provocará ondas de entusiasmo e altas recomendações nos palcos europeus.

Bem, a iniciativa disto é devida a um estrangeiro: um livreiro polonês. As autoridades não tomaram conhecimento da importância dêste teatro folclórico, infelizmente. Nem os espías chamados "críticos". A arte da dança é a expressão das carac-



A bailarina Laura Moret no "Estudo revolucionário" de Chopin

terísticas mais íntimas de um povo, dos sentimentos mais profundos, das aspirações mais sentidas. O costume, a etnologia, o nível artístico sempre encontraram na dança sua forma de expressão; assim foi para o antigo Egito, para a Grécia, para a mística Etrúria, cujos movimentos de dança desenhados ou esculpidos, serviram aos estudiosos para reconstruir a história daqueles povos. Descuidar da dança num país, significa um sacrifício artístico de seu povo, significa castigar as aspirações autóctonas, sufocar o reconhecimento de sua genialidade estética no estrangeiro.

Mas, denunciando o mal, é necessário sugerir o remédio. Antes de tudo, deve-se proporcionar aos aspirantes à dança, mestres competentes. A América do Norte conta com um Blanchine e um Lichine, a Argentina com Ileana Leonidoff, Paris com Boris Kiashev, os Sackaroff correm o mundo dando admiráveis ensinamentos do que seja arte pura.

E' necessário constituir uma escola dirigida

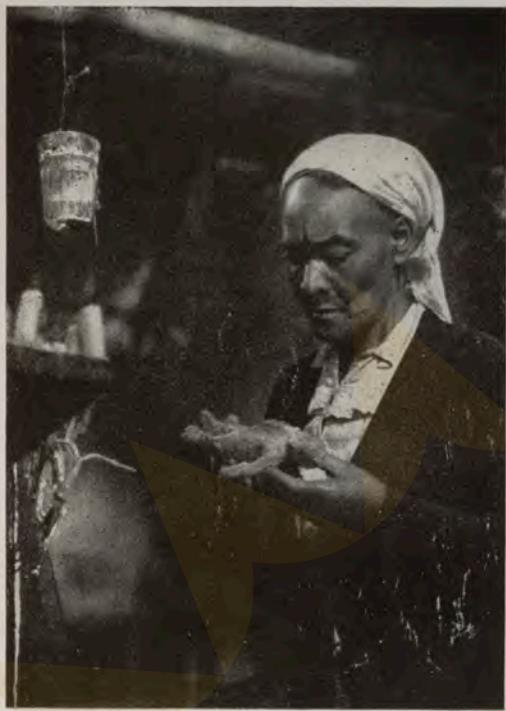
por um grande e reconhecido mestre da arte, uma escola que não faça vã academia mas instrua e prepare aqueles elementos bem selecionados que garantam se-
guro resultado.

De um elemento com real vocação, es-

tudando seis horas por dia, poderá no fim de dois anos, resultar um bailarino, ou bailarina, perfeito; e, tratando-se de um elemento excepcional, num ano só. Aqui intervém também a habilidade do mestre. Em São Paulo, existem alunos que estudam há dez anos inutilmente, prestando-se ao jôgo de ineptos mestres improvisados. E' necessário formar um corpo de baile profissional e não um inútil amontoado de dilettantes.

E' necessário que os atuais professores de dança mudem aquela sua mentalidade que criou o atrito de escola contra escola, como negociantes em concorrência, e procurem construir positivamente para o teatro e o ballet nacionais. E' necessário instituir um Teatro Brasileiro de Ballet, banco de julgamento perante o público, para estimular os novos elementos de dança e formar os futuros coreógrafos, músicos, mímicos e cenógrafos brasileiros. E' necessário sobretudo incutir no ânimo dos aspirantes aquele senso de disciplina rigorosa, de sacrifício, de dedicação, sem o que a arte da dança, a mais difícil dentre quantas o homem tenha criado para se aproximar da suprema beleza, não poderá jamais libertar-se nem exteriorizar-se.

LAURA MORET

Caiçara (*Magia negra de Cavalcanti*)

Cinema

Necessitam-se artezãos

Quais são os resultados de dois anos de trabalho do novo cinema brasileiro? A resposta mais simples e espontânea seria esta: mínimos e modestíssimos. Num meio tempo nasceram muitas sociedades cinematográficas, muitas idéias, um número infinidável de projetos — mas poucos filmes. Em compensação não se contam as polêmicas. Enquanto a "Maristela" está reorganizando os seus programas, firmemente decidida a prosseguir suas atividades, uma notícia nos informa que "o cineasta Alberto Cavalcanti iniciará, no fim do ano corrente, a montagem de grandes estúdios em São Paulo. Estes estúdios serão construídos num vasto terreno, doado nas imediações de Santo Amaro. Logo que estejam concluídos os trabalhos de montagem, Cavalcanti dará início à produção de filmes de longa metragem, financiados por vários bancos paulistas". Cavalcanti está ainda colaborando com sua opinião no projeto do "Conselho Nacional de Cinema". Mas tratemos de desvendar para os leitores de "Habitat" um panorama mais detalhado e preciso da situação passada (um passado assaz recente, aliás, porque parte do novembro de 1949, da criação da "Vera Cruz") e da situação atual. Em fins de 1949, o diretor de "En rade", Alberto Cavalcanti, deixava a Europa para assumir a direção e organização da primeira grande firma produtora brasileira de filmes: a "Vera Cruz". E para esta, realizou dois filmes "Caiçara" (que representou o Brasil no Festival de Cannes) e "Terra sempre terra". Depois deste último foi encarregado de organizar, por conta do Governo, o tão discutido "Conselho Nacional de Cinema". Vejamos agora o que é este "Conselho Nacional de Cinema", aperfeiçoado por Cavalcanti e talvez tornado possível por ele. Numa entrevista concedida a um jornal do Rio, "A Hora", Cavalcanti exprimiu-se deste modo:

"O Conselho se preocupará sobretudo em criar um departamento de patentes que permita uma fiscalização efetiva de técnicos, impeça a vinda de novos aventureiros ao Brasil e exerça um controle real sobre as condições de exibição das salas de espetáculo nas capitais e no interior. O povo tem direito a uma boa exibição de filmes pelo dinheiro que paga. Por outro lado a questão de direitos autorais no cinema é um problema que o C. N. C. procurará resolver amplamente. Essa proteção não existe atualmente, podendo qualquer canastrão deturpar o sentido literário de uma obra clássica, e mesmo usar um título falso só para ganhar publicidade em torno de um mau filme. Não haverá qualquer pressão sobre a produção. Apenas o Conselho se outorga o direito de alertar o povo sobre o que ele vê por meio de categorias de qualidade A, B, e C, que serão afixadas ao certificado de censura, gozando os filmes de melhor qualidade como é natural, um maior número de privilégios no tocante ao pagamento de taxas, concessão de prêmios e exportação para o estrangeiro."

Outras finalidades do Conselho:

"O Conselho possuirá também um departamento de documentários. Esses documentários, serão feitos ou por iniciativa do C. N. C., com capital que lhe for posto à disposição, ou para os vários Ministérios e agências governamentais, por requisição destes. E' preciso fazer documentários no Brasil com a maior urgência, que possam educar o povo dentro de um sentido humano, dramático, dinâmico. O Brasil simplesmente ignora o que seja um verdadeiro documentário. Esses documentários poderão ser levados aonde quer que haja estradas no Brasil, e com cooperação dos governos estaduais e autoridades municipais. O Conselho terá camionetas próprias para tal."

"O plano é formidável. Já estou em contacto com meus amigos da Europa para que nós facilitem a aquisição de filmes clássicos para a Cinemateca do Conselho. Essa Cinemateca exercerá um papel importantíssimo na formação de novos técnicos — pois é preciso estar sempre vendendo bom cinema — e muito ajudará os cineclubes já existentes no Brasil."

Em linhas gerais estas declarações podem ser plenamente endossadas. Pensamos, de qualquer modo, porém, que seja um tanto paradoxal a criação de uma nova burocracia para uma exígua fileira de diretores e técnicos. A confirmação disto é: basta correr a lista dos filmes realizados pelas duas maiores produtoras do Brasil desde 1949 até nossos dias. Da "Vera Cruz" saíram três filmes: "Caiçara", "Terra sempre terra" e "Angela", produzido e dirigido por Tom Payne e Pereira de Almeida, depois da saída de Cavalcanti. Da "Maristela" saíram dois: "Presença de Anita" e "Suzana e o Presidente". Atualmente, a única que continua rodando filmes, em ritmo lentíssimo, porém, é a "Vera Cruz" que, abandonando a corrente de "Caiçara" dedica-se a uma produção mais comercial. Cavalcanti, que caminho tomará? A pergunta é legítima. E sua resposta ao diretor francês Clouzot, que publicara na conhecidíssima revista "Match" algumas fotografias tomadas durante sua estadia no Brasil, torna ainda mais legítima a nossa interrogação. Eis o artigo de Cavalcanti: "Clouzot veio ao Brasil e, pode-se mesmo dizer que ele quis fazer o Brasil. Recebi-o em minha casa, em São Bernardo do Campo. Lá, contou-me o argumento do filme que pretendia realizar. Nesse tempo eu era produtor numa companhia de São Paulo o que me possibilitou oferecer-lhe estúdios, técnicos e a quantia que eu próprio tinha à minha disposição para os filmes que eu então produzia e que me pareciam planejados dentro de orçamentos normais. Mas isso não interessava a Henry Clouzot. Ele queria ser o produtor de seu filme brasileiro. Ele me disse: — Exijo que me paguem soma idêntica à que me foi oferecida por Hollywood —. Clouzot foi embora. Ao que parece, o tal oferecimento americano não se concretizou. Parece que Clouzot diz nos meios cinematográficos parisienses que ele filmou oito mil metros no Brasil e que nossa censura impediu a saída desse material. O dr. Melo Barreto Filho, chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas, nos informa que nunca filme algum foi vetado antes da exportação, muito menos de Clouzot que nem sequer foi submetido à censura. Naturalmente, não quis exhibir a sua incursão no documentário. Mas a censura tem as costas largas! No "Match", revista muito popular aqui e conhecida como uma das de maior tiragem em todo mundo, Henry Clouzot publicou uma reportagem sobre sua viagem. Esta reportagem chocou o público brasileiro. As fotografias escolhidas e, coisa curiosa, assinadas por Clouzot, que, todo mundo sabe, não é fotógrafo, apresentam um pitoresco de uma violência excessiva. A macumba é apenas um pequeno aspecto da verdadeira fisionomia do Brasil. Se se mostram as práticas de magia negra ou branca tão comuns nas aldeias do coração da Inglaterra, isso não tem importância. Todo mundo conhece a Inglaterra e todos sabem estabelecer a justa proporção dos fatos. Mas mostrar os nossos negros domésticos lambuzados de sangue e praticando rituais africanos como a única coisa vista por ele no Brasil digna de ser mostrada, é uma atitude um tanto esquisita. Por isso venho à presença de "Match" para botar os pontos nos ii. E' preciso explicar as causas dessa escolha infeliz. Há no Brasil muita gente como eu que não é "patrioteira" e que absolutamente não se importa de que nos mostrem como nós somos. Para nós dá no mesmo que os nossos visitantes nos mostrem como elas vêm. Mas no caso Clou-

zot isso nos aborrece. A nossa sorte é que outros franceses vieram cá antes e depois do sr. Clouzot. Vieram o galante Villegagnon, o delicioso Debret e o "nossa" talentoso Taunay, como êles, muitos outros nos compreenderam. Jamais os esqueceremos. Procuremos esquecer o senhor Clouzot."

Se recordamos bem, o primeiro filme supervisionado por Cavalcanti, "Caiçara" mostrava "muito Brasil" com aspectos folclóricos: macumbas, congadas, rezas exóticas e magia negra. A mesma cousa chamou em seguida a atenção de Clouzot, mas em tom mais "realista" e "pessoal". Evidentemente, o diretor Cavalcanti, depois da resposta a Clouzot, não produzirá mais filmes como "Caiçara". Qual é seu programa, então? Pensamos não seja sólamente a falta de técnicos, de diretores a trazer falhas à recente produção brasileira. Se olhamos para o cinema italiano do após guerra, concluímos que o chamado neo-realismo não nasceu ao acaso, mas foi antes construído por longos anos de polêmica, de estudo, de trabalho.

O renascimento do cinema italiano atual é devido a fatores de valor e natureza diversos, sociais e artísticos, sobre um terreno preparado antes e durante a guerra por todo um movimento crítico, cultural e por filmes como "Ossessione". Numa entrevista concedida em 1950 à revista "Cinema" na Itália, Cavalcanti declarou a propósito deste cinema: "Agrada-me o que tem de improvisado, de aventuroso, de indisciplinado, porque esta é exatamente uma força vital". Muito bem, no entanto esta força vital não foi improvisação, mas sim fruto de intenso trabalho. As estradas do cinema não são infinitas como as do Senhor: urgem idéias claras, um programa preciso e muitos sacrifícios. Não é com filmes como "Presença de Anita" e "Suzana e o Presidente" (feitos nos moldes de velhos filmes que conseguiram sucesso comercial, aí por 1930) ou "Angela" que se chega à "descoberta" dum país, mas através, como diz Luchino Visconti, de "homens vivos dentro das cousas e não as cousas por si mesmas". O Brasil é São Paulo com edifícios que tocam o céu e é o pequeno país sepultado por distâncias enormes.

Não tem importância, outrrossim, que o diretor seja brasileiro. O "Homem do Sul" do grande diretor francês Renoir é um dos poucos filmes verdadeiramente americanos. Isto naturalmente, porque Renoir compreendeu a América.

A Cavalcanti não faltarão os meios técnicos. Revendo "Luzes da cidade" é fácil pensar que a técnica conta relativamente. Necessários à vida do cinema são os artezãos. Sobre tudo quando falta uma verdadeira indústria como é a da América do Norte. A vitalidade, a força do cinema europeu firma-se nesses homens. Criam películas decorosas, polêmicas sempre interessantes, assegurando aquêle filme médio tão necessário para a emancipação do gosto do espectador; enriquecem a história dos costumes; fazem viver o cinema. Estes diretores baseiam-se no fato, não perdem o fio da história; as imagens têm talvez uma linguagem anônima, exclusivamente mecânica; não lentidão mas ritmo constante; os atores desempenham bem, usam o material plástico esplendidamente. "Juventude perdida", de Germi e "Scarface" de Hawks, são dois ótimos exemplos de artezanato.

Encontra-se nesses diretores, uma coragem insólita e uma atenção inusitada pelos problemas de hoje. São observadores escrupulosos, repórteres cinematográficos que fazem crônica, não poesia, fugindo aos vínculos literários. Documentam o tempo que passa: a guerra, os gangsters, a maffia, os manicômios; aspectos crús, desoladores, da humanidade. O cinema brasileiro necessita artezãos. Mas não daqueles rapazes que acreditam ser suficiente girar muita película pelas ruas para fazer um filme realista.

FRANCESCO BIAGI



Musica

Sergio Cardoso, definido no início um novo Talma, muito inteligentemente não acreditou neste apelido e começou a trabalhar com uma seriedade que mesmo poucos entre os jovens têm em nosso teatro

Angelicum

No campo da música acontecem hoje em dia fenômenos interessantes e sobretudo vivos, como o do "Angelicum" de Milão que veio ao Brasil por toda uma temporada. Partiu a orquestra, partiram os onze cantores, escolhendo a via aérea para viajar. No quadrimotor tomaram ainda lugar o Padre Enrico Zucca, guardião do convento dos frades franciscanos em Milão e o Padre Alberto Parini. Falava-se há tempo desta viagem; mas podia ser apenas um dos tantos projetos do Padre Zucca. Ele já havia estado no Brasil e tinha-nos falado do seu amor pela música clássica italiana, que julga por várias razões mais espiritual que a moderna: se não por outro motivo, a idade tornou-a espiritual. Além de "Bastien e Bastienne" de Mozart, assistimos também às representações do "Fratello innamorato" de Pergolesi, do "Matrimonio segreto" de Cimarosa e de uma encenação de "Serenata a tre" de Vivaldi, e ouvimos músicas de Corelli, Vivaldi, Tartini, Scarlatti, etc., e de muitos autores contemporâneos. Financiou o governo uma excursão musical tão importante não só do ponto de vista artístico? Apoia com todo vigor esta iniciativa? Não sabemos. Estamos tentados a não acreditar. Imaginamos que as cousas tenham andado do seguinte modo: o Padre Zucca esteve no Brasil e teve, fóra de dúvida, muitos colóquios com os funcionários do Rio, São Paulo, etc. Não se falou exclusivamente de cousas franciscanas e de religião: também se falou de arte e música. Os franciscanos ficaram ouvindo e entendendo. Era preciso dinheiro; êles o obtiveram ou vão obter. Do resto, a empreza, se não é tal de conseguir sucesso financeiro, com cer-

teza vai concluir com um equilíbrio razoável ou com um prejuízo não muito grave. Rossini, Cimarosa, Vivaldi, Mozart nunca levaram ninguém à ruina.

O fato é, com o quadrimotor partiram uma cinquenta de pessoas, que no programa do "Angelicum" não consta música de bilheteria e que aquelas 50 pessoas devem viver por dois meses com os proveitos da música espiritual. O Padre Zucca nunca será ministro da Instrução Pública nem Diretor Geral do Teatro. E' um fraude; e para os frades, nos países católicos, está reservada apenas uma afetuosa complacência nas repartições públicas; sem contar as proibições da ordem. Mas o Padre Zucca tem o intuito que os funcionários, superintendentes, empresários — jamais compreenderão: a Itália tem um imenso patrimônio de arte, quase desconhecido de todos ou semi-desconhecido, que pode ser divulgado no estrangeiro sem necessidade de se recorrer às subvenções.

Que homem de negócios teria financiado a exposição do Caravaggio com esperança de lucro? E no entanto, há meses já, que a multidão faz filas mais longas diante da mostra do Caravaggio que das bilheterias de cinema. A verdade é que para certos negócios, para ver um pouco adiante do próprio nariz, para ter em mira os interesses coletivos e nacionais sem excluir os do indivíduo, é bom ignorar tudo sobre a Bolsa, mercado, ações, obrigações, e não é mesmo mal não possuir aquela experiência da vida que não raro conduz ao hábito, debilita a imaginação, torna miope, dispõe ao ceticismo. A fé é também largueza de visão da qual vem a coragem.

L'E.



Museus

Tem sido recentemente readaptado um museu de Genova, a "Galeria do Palácio Bianco" arranjo cuidado pelo diretor da mesma, o prof. Pasquale Rotondi. Na revista "Genova", encontramos um referimento feito pelo próprio prof. Rotondi sobre este trabalho e o transcrevemos parcialmente, porque o trabalho que o Museu de Arte de São Paulo vem desenvolvendo desde quatro anos, segue as mesmas diretrizes e o mesmo ideal.

"Desejamos afirmar, antes de mais nada, que tudo quanto foi realizado nasceu, e deve ser portanto considerado, como um ato de fé nos valores da cultura: um próprio ato de cultura. E como tal, pensamos que esta readaptação há de ser apontada a todos aquêles — muito infelizmente — que da função dos museus artísticos e dos problemas a ela ligados, têm idéias pouco claras ou até não exatas. Achamos, portanto, oportunidade lembrar a essas pessoas que o intento dum museu de arte, além da conservação das obras, é o de valorizá-las, apresentá-las como testemunho de humanaidade, para a compreensão dos visitantes. É desta maneira — e sómente assim — que uma coleção artística pública consegue desempenhar sua tarefa cultural, se enxertando na atualidade do nosso mundo e participando da mesma. O intuito dum museu não é o de conservar tudo — como muitas vezes se supõe — colocando tudo ao mesmo nível, obras primas e trabalhos de interesse menor. Desta forma, a função de quem organiza um museu, reduzir-se-ia a uma mera classificação exterior do material disponível, sem distinção nenhuma entre os valores que se reconhecem nas obras de arte autênticas. Pelo contrário, são justamente essas obras e sómente essas — que podem ser consideradas aptas a desempenhar um papel essencialmente educativo. É portanto a elas que o organizador deve dirigir sua atenção, quer individualizando-as, quer valorizando-as com uma exposição que consiga focalizar sua supremacia. O organizador dum museu de arte, de fato, a fim de poder desempenhar a função cultural dêle exigida, não tem outro meio — é mister reconhecer — a não ser o de expor. Poderá ser ele um



Visite a exposição didática da cadeira no Museu de Arte

escritor sobre arte, e portanto, após estudadas as obras da coleção que lhe é entregue, poderá também publicar as conclusões de seus estudos, pondo em foco as cousas mais significativas e as mais secundárias. Mas até ele não souber expôr convenientemente essas obras, valorizando-as justamente na maneira de apresentá-las, pensamos não ter-se ele ainda submetido às suas tarefas. Mas o que quer dizer expôr? Em geral, julga-se que isto significa sómente saber criar para a obra de arte um ambiente adequado, e a maioria interpreta por ambiente algo bem diferente de quanto veremos. Ambientar confunde-se de fato quase sempre com decorar: o que, para a maioria significa aproximar a obra de arte a móveis ou outros objetos que sejam mais ou menos contemporâneos, numa tentativa evidente de reconstruir as condições decorativas da época. Não pensamos todavia que de tal maneira se venha confundir o universal e o eterno, com o particular e transitório. A obra de arte — quando realmente digna deste nome — é um mundo já concluído em si mesmo, tanto mais ativo em nosso espírito, quanto mais abando-

nada a sua função poética específica. No entanto este mundo — tão concluído numa sua universalidade que quer ser considerada e completamente gozada em si mesma — pode ter infinitos laços espirituais com outras manifestações artísticas de épocas mais remotas, ou contemporâneas ou posteriores. A obra de arte não nasce na solidão; mas brota de situações espirituais complexas, nas quais estão ativos referimentos, reações e influências. Se toda obra prima é universal e em si mesma concluída, é também certo que cada obra-prima pode ser ligada às demais por um comum clima espiritual. Daí a necessidade essencialmente cultural — para o organizador dum museu de arte — de saber individualizar estas referências nas obras a serem expostas, de maneira a dar às instalações da coleção uma articulação apta a sugerir no visitante as relações mais próprias para a melhor compreensão das obras exibidas. E' justamente a capacidade de dar vida a estas sugestões que em nossa opinião, deveria estar intimamente ligado o fato de expor. Pois, se fôr verdade que, saber expor obras de arte num museu, significa saber realizar para cada uma delas o ambiente mais adequado para a compreensão, e outro tanto verdade que neste caso por "ambiente" não podemos entender outra cousa a não ser o resultado destes vínculos espirituais que unem entre si as obras a serem expostas. Portanto, individualizar estes vínculos, torná-los ativos com a disposição das obras, significa realmente dar à organização dum museu uma função cultural e educativa das mais consideráveis. Julgamos ainda que sómente desta forma quem apresenta uma coleção artística, pode desempenhar sua função específica para com os visitantes da própria coleção. E' justamente pela própria maneira como uma obra de arte é colocada em relação às demais, pela maneira como uma parede de telas joga com outras da mesma sala, ou como uma sala está em relação às demais, que se consegue guiar o visitante através da coleção. E' um guia misterioso, invisível embora sempre presente que se apodera do visitante ao entrar ele no museu e acompanhá-lo até à saída, nunca deixando-o, dando-

lhe sempre indicações e explicações. ... O fio condutor do qual se serve quem expõe, para conseguir ser o guia invisível mesmo do visitante inexperto, está na maneira como as obras são isoladas ou agrupadas, colocadas ou não em evidência. Portanto, de sua própria disposição harmônica nascem as explicações mais aptas para a compreensão das obras e da civilização por elas documentada.

Torna-se, então, evidente que, tratando-se de fatos não exteriores à arte, mas sim intrínsecos, ligados aos mais altos valores humanos, premissa para esta disposição será a necessidade de afastar todas as obras que não são autênticos documentos artísticos: obras que poderão formar uma secção do museu franqueada sómente aos que a elas se interessarem por razões de estudo ou pesquisas. Por meio desta escolha realiza-se uma das mais notáveis funções da cultura, pois esta é a única maneira de tornar realmente ativo quanto de valor excepcional e considerável permanecerá exibido nas salas da Galeria.

Dêstes breves dados aparece clara e evidentemente que os problemas conexos com a readaptação dum museu de arte não são simples e que a necessidade de edifícios construídos para este fim, torna-se sempre mais precisa: deverão porém ser construídos segundo o plano da organização do material artístico, de maneira que cada trabalho tenha seu lugar em perfeita reciprocidade com os demais que serão exibidos juntamente, e tudo terá que ser determinado pela exigência figurativa de cada conjunto. Sómente desta forma, pois, obdecer-se-à às exigências da cultura".

Urgências

Foi um prazer — no meio de tantas tipografias de gosto banal e técnica provincial — fôr um prazer, dizíamos, receber dos "Produtos Roche" do Rio de Janeiro, um livro estampado de maneira perfeita e exemplar. Trata-se dum livro técnico, de medicina, redigido pelo dr. Renato Clark Bacelar da Universidade do Brasil. No meio de tantas urgências, não esqueçamos que é urgente também fazer progressos na tipografia.

Rodzinsky

O maestro Arthur Rodzinsky, em seu último concerto, ofereceu ao público um inédito raro: interrompeu a execução, para recomeçar outra vez. Houve um momento de deceção, pois não se entendia a quem coubesse a culpa:

- a) Falta da orquestra
- b) Barulho atrás do pano
- c) Ataque de tosse bronquial entre o público

Talvez interrompeu Rodzinsky pelas três razões.

Lírica

Dar uma olhada aos programas da temporada lírica do Municipal para compreender que parece estarmos vivendo no ano de 1912, no que diz respeito aos programas musicais.

Villa Benivieni

Está se trabalhando para abrir aos jovens brasileiros a Villa Benivieni de Florença, que o Museu de Arte adquiriu afim de estabelecer naquela cidade um instituto de arte e de história de arte. Ainda este ano serão organizados os concursos para as bolsas de estudo, sendo que os alunos dos cursos do Museu serão preferidos. Os concursos serão destinados aos jovens brasileiros que tencionam aperfeiçoar seus estudos.

Cacilda

Vários artistas de teatro queixaram-se por termos publicado a fotografia de Cacilda Becker (Habitat 2) com a seguinte legenda: "Cacilda Becker, com toda justiça considerada a maior atriz brasileira."

E' nossa opinião; mas também é opinião dos dez entendidos no assunto.

Niemeyer

"A arquitetura brasileira gosa hoje de fama mundial. Uma equipe de profissionais patrios de alta competência, seguindo as diretrizes da construção moderna, deram às formas plástico-arquitetônicas, a grande beleza que decorre de um sentimento artístico, liberto do formulário ornamental acadêmico e disposto a fazer valer toda a expressão inventiva em conjugação com o racionalismo construtivo. Nas



Eis como a senhora elegante queria seu telefone, para combinar com a casa.



Rodzinsky visita o "Museu de Arte"; da esquerda: arq. Korngold, Dona Ivone Levi, diretora dos cursos de música para crianças do Museu, Rodzinsky, arq. Lina Bo, Sra. Rodzinsky e P. M. Bardi



Quando de sua recente viagem à Inglaterra, o dr. Assis Chateaubriand teve ocasião de palestrar com os artistas mais conhecidos de Londres que se dedicam ao desenho industrial. Vemos nesta fotografia o dr. Chateaubriand, patrocinador do Museu de Arte, rodeado por esses artistas ingleses, com os quais teve a oportunidade de trocar idéias sobre vários assuntos de interesse comum. Na fotografia vêm-se da esquerda para a direita: sra. Madge Garland, (desenho de moda); prof. R. D. Russel, R. D. I., (madeira, metal e plástico); prof. R. W. Baker, A. R. C. A., (cerâmica); prof. Rodrigo Mongnihan, A. R. A., (pintura); prof. Frank Obson, A. R. A., (escultura); prof. Robert Godden, R. D. I., (prata e joias); sr. Robin Darwin, R. C. A., diretor; dr. Chateaubriand; prof. Richard Gayatt, (desenho gráfico)

grandes Universidades europeias e americanas, a lição tirada de nossa arquitetura moderna corre as suas escolas especializadas. Este grupo de jovens arquitetos, venceu todos os carrancismos que sempre ofuscaram o brilho da construção no Brasil pela transplantação dos caducos estilos europeus."

"O próprio ensino da arquitetura, graças a esse movimento

modernista, atirou finalmente à cesta das coisas inúteis e prejudiciais, o horroroso método "Vignola", que de longa data imolava a possibilidade melhor dos nossos estudantes. Do estrangeiro chegam hoje pedidos que atestam a maestria do arquiteto patrio, e se nomes quisessemos citar, teríamos que lembrar bem uma dezena de profissionais, para nos cingirmos aos que mais se destacam

na estética arquitetural contemporânea. As mais importantes publicações especializadas de todo o mundo, enchem suas melhores páginas com material colhido nos escritórios dos nossos patrios, e a influência de suas magníficas criações marcam indelevelmente muito do que se faz presentemente em arquitetura nos pontos mais distantes do mundo. Com certa vaidade lemos há dias em "Domus", uma das mais importantes revistas europeias de arte, uma referência às notórias "influências das formas livres à maneira brasileira". Isto que dizemos, faz-nos pensar no que se passa presentemente com a recusa intempestiva de Oscar Niemeyer pelo diretor da Faculdade de Arquitetura de São Paulo. Se quissemos dizer um nome para simbolizar a grandeza da arquitetura brasileira, nenhum melhor que o de Oscar Niemeyer. Fundada aquela unidade da Universidade de S. Paulo, o nosso grande arquiteto obteve por concurso a cadeira de composição de Arquitetura. Exultaram de orgulho as autoridades do ensino superior no Estado bandeirante e rejuveneceram-se os jovens estudantes por lhes haver sido dado um grande mestre.

"O fato dos últimos dias, passado na Faculdade de Arquitetura de São Paulo, que tão inesperadamente sacrifica os direitos do ilustre arquiteto, terá o desfecho que por justiça se impõe, isto é, a integração de Oscar Niemeyer no posto que tão legitimamente conquistou e ao qual patrioticamente saberá honrar, oferecendo os benefícios de sua alta competência."

Eis as palavras de Quirino Campofiorito no "O Jornal" do Rio, as quais nós aplaudimos.

Medalhas

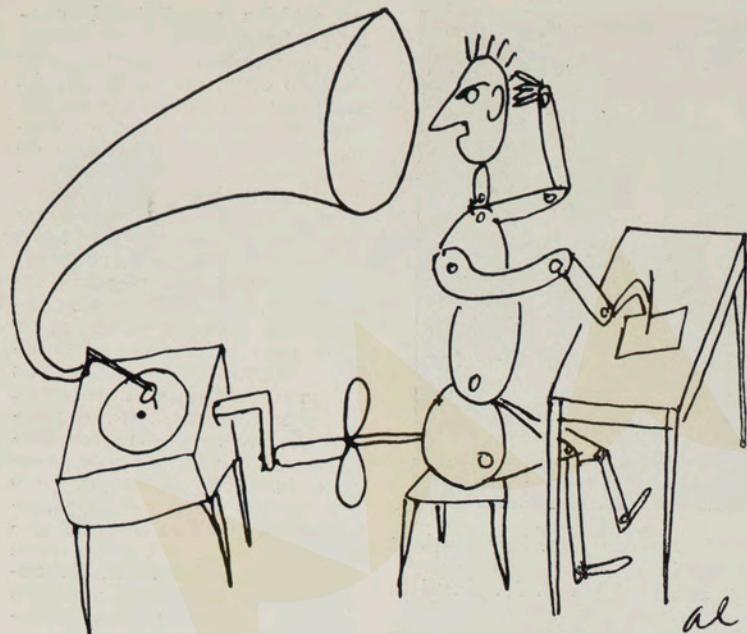
Alencastro sugere instituir medalhas, para serem conferidas aos artistas que se distinguiram no campo das artes. As medalhas serão de ouro, de prata e de latão.

Medalha de ouro: Ao arq. Heilio Duarte pelo seguinte motivo: "Está orientando o serviço de arquitetura do Convênio Escolar da Prefeitura, com inteligência e com um senso de contemporaneidade, na maneira de um daquêles "silenciosos" nos quais fala Carlyle, não permitindo que as fanfarras toquem glória (o que em geral acontece falando num pintor que põe umas duas pinceladas na tela).

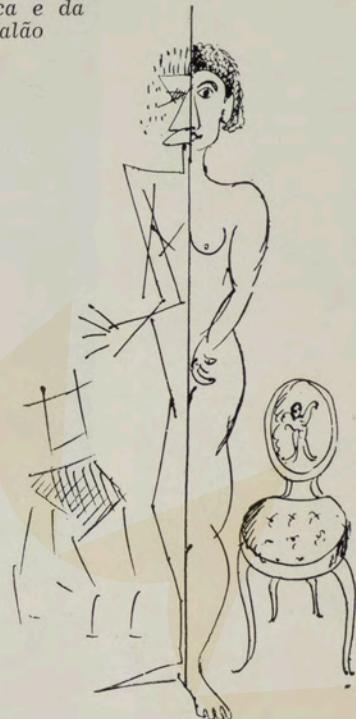
Medalha de prata: Ao casal Fiocca pelo seguinte motivo: "Resistem há já quatro anos à indiferença do público dos assim chamados apaixonados de arte de São Paulo, fénix esta, criada pela fantasia do tenaz casal italiano".

Medalha de latão: Aos artistas que num só ano conseguem realizar 3 exposições individuais, recebendo páginas e mais páginas de crítica dos jornais.

Outra medalha de latão: Aos críticos que de exposição como acima conseguem escrever quilômetros de artigos (elogiando).



Nú da secção acadêmica e da secção moderna num salão



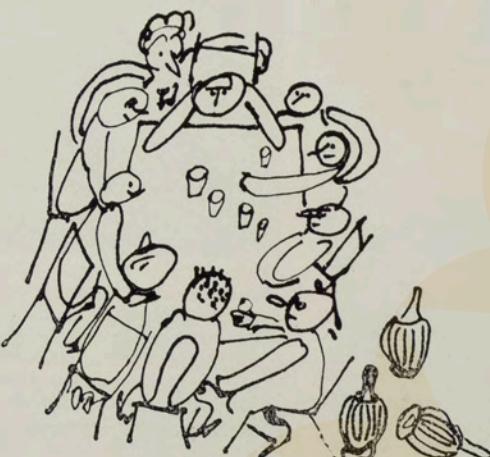
O crítico de corda conseguiu afinal sincronizar o mecanismo com a manivela do novo fonógrafo "A Voz de seu Dono"



— Eu vou mandar esta tela à Bienal e quero comprar um bilhete da Preferida: alguma cousa deve dar



O crítico de corda está ouvindo com atenção máxima a "Voz de seu Dono"



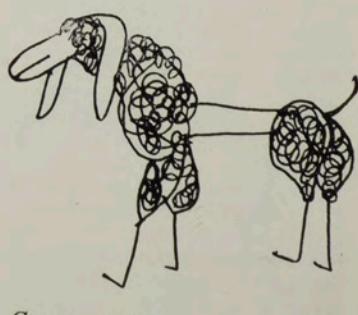
— Falamos em arte!



Desespero pela torcida mal sucedida



Se continuarmos neste passo,
no lugar da cabeça teremos a
bola



Cave canem

Turismo

Parece que o português de nossa revista não seja dos mais puros. No entanto é sabido que nossa revista não é uma revista literária, e quanto à língua não é superada em pureza pela forma dos críticos que avançam esta censura. Às vezes nossos manuscritos passam por três ou quatro revisões literárias, e cada autor da revisão julga que quem escreveu não sabe escrever o português. Alguém entre os revisores, chama de analfabeto o autor do escrito, e este defende-se dizendo ser o outro analfabeto. E nós, não competentes em fato de purismo, largamos as reáreas de nosso cavalo...

N. B. Uma vez experimentamos mandar rever o texto por um professor catedrático de faculdade literária: e foi a pior das vezes.

Prêmios

Veiu agora a moda dos prêmios, e esta moda está se tornando uma verdadeira orgia. No entanto os prêmios, para serem úteis à arte devem, em primeiro lugar, ser disputados entre artistas verdadeiros e, em segundo lugar, devem ser distribuídos por comissões capazes de entender a importância da repercussão do próprio prêmio.

Clube

Os que participaram do concurso para o interior do Clube dos Artistas em São Paulo, não gostaram em geral de nossa iniciativa de assinalar como o melhor projeto, o do arq. Fongaro (*Habitat* 3) e uns deles chegaram até o ponto de pensar que deveríamos ter publicado todos os projetos, ou pelo menos os projetos que ganharam, com uma crítica relativa. Estes, não compreenderam ainda que *Habitat* não é um saco, no qual todos podem despejar o que bem entendem. *Habitat* dá suas opiniões sem prestar contas a ninguém, a não ser para o público de seus leitores.

Bases

Eis as palavras (Geraldo Ferreira, "Florescimento sem base", "O Jornal", 1 de julho) que se nos afiguram acertadas, consequência duma reflexão cuidadosa:

"Imaginemos agora que há uma escola de arte que se constrói no Pacaembú, a fundação deixada por Armando Penteado, e que ficou ao zélo dos que puderem compreender a importância desse patrimônio em disponibilidade, a enriquecer com trabalho. Há um campo imenso, e seria necessário que alguém mais interessasse pelo que será a escola de arte de São Paulo, a emergir dessas condições, quase automaticamente, porque assim o querem as contingências formadas nesta situação. Poderia o



Leopold Haar, vitrina para a Tecnogeral - Olivetti, São Paulo

Ministério da Educação estudar o caso paulista de arte? Poderiam os poucos mas melhores intencionados elementos de nossa vida intelectual e artística levantar essas iniciativas, coordenar esses fatos, estimular os jovens, participar nessa conjuntura muito séria, visível, mas ainda não de todo examinada em seu conjunto? Quantas missões artísticas devemos encaminhar para São Paulo? Como solucionar essas possibilidades que se levantaram no meio e estão sem apoio, como se se lançasse num espaço vazio?

"Porque, não tenhamos dúvidas, há que pensar na organização da base. As condições que se formaram não podem voltar ao nada sem uma série de consequências muito sérias, e é necessário aprofundar o que se acha construído em superfície, não alicerçado em elemento humano, nem em fatos técnicos ou na tradição inexistente, mas dispondo o presente a projetar-se no futuro. O que está aí se produzindo surpreende pela improvisação com que se formulou, pelo imediatismo e pela possibilidade oferecida. Mas o meio não está à altura de tudo isto e necessitamos estudar as soluções com que suportar os problemas levantados, que são de maior envergadura.

"Já há quem apele para os recursos governamentais, para o município e para o Estado, mas nada se faz, organizadamente. O que se está cuidando de arranjar é apenas dinheiro, para manter o que se levantou, e que não ficará de pé apenas com dinheiro: urge a organização da base social do meio, educacional, de consumo, suplementar em tudo o que um florescimento artístico desta

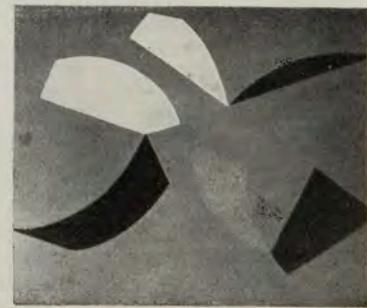
ordem reclama. Não se pode cruzar os braços diante da magnitude da tarefa e empreender com os elementos dispersos com que se apresenta São Paulo, para a formação de sua base produtora e consumidora de arte. Porque é isto que se desenha diante das iniciativas, presentes e atuantes — mas quase que operando no vácuo. Busquemos reconhecer isto com humildade, e trabalhar pela solução necessária."

Santa Rosa

A apresentação da primeira mostra individual de Tomás Santa Rosa, que se realiza no Museu de Arte de Resende, diz "não ter ele necessidade de ser apresentado." Basta dizermos para gáudio de nosso modesto Museu de Arte que estas 10 telas representam a primeira mostra individual de Santa Rosa, após sua adesão ao abstracionismo, o qual "procura resolver o problema da representação plástica no espaço bi-dimensional, servindo-se de formas geométricas ou simplesmente de invenção, coordenadas dentro do ritmo que o espaço suscita. A essa bi-dimensionalidade, acrescentam os abstratos atuais o conceito da quarta dimensão (tempo), através da qual as formas, mesmo estáticas, sugerem um movimento centrífugo que as impele além dos limites da tela. Além dessas qualidades despolidas de quaisquer relações com os objetos naturais, o problema da cor é mantido no sentido de sua maior vibração". ("Tribunal das Letras", 28-4-51). Sobre a celeuma levantada pela oposição do abstracionismo ao figurativismo, eis a opinião do próprio Santa Rosa: "A obra de boa qualidade transcende este aspecto polêmico, de uma ou de outra parte; o essencial é que seja uma autêntica realização de plástica. A discussão ganha calor e toma esse sentido de luta devido à ignorante atitude de muitos, obstruindo a priori qualquer possibilidade de raciocínio. Não compreendem que tóda idéia tem que ser desenvolvida até às suas últimas consequências, e que só a experimentação vale como verdadeiro indicador dos resultados." ("Revista Branca", n. 15).



Autori, Pintura primitiva



Flexor, Pintura abstrata

Igrejas

Falando à imprensa de Belo Horizonte, D. Clemente Maria Silva Nigra, perito em belas artes do S. P. H. A. N., e arquivista mór da Ordem de S. Bento, declarou: "Infelizmente nada existe de assentado sobre a moderna arquitetura de igrejas. A primeira tentativa, em todo o mundo, nesse sentido, foi a de Oscar Niemeyer, com a construção da igreja da Pampulha. Em vários países europeus constroem-se igrejas com cimento armado, usando-se porém formas tradicionais. Seria realmente bom que alguém fixasse um estilo de arquitetura religiosa, tendo em vista o espírito, a técnica e o material modernos. O que existe por tóda a parte são imitações de estilos antigos e algumas boas realizações do neoclássico, que vigorou no século passado".

Talvez as primeiras igrejas em estilo "moderno" anticipam de décenios as de Niemeyer. Banting, por exemplo, foi um dos primeiros a introduzir o estilo na arquitetura religiosa. No entanto, Niemeyer foi o mais ousado dos novos arquitetos, e deixando ao lado alguns pequenos erros que não pertencem à arquitetura, a massa da Igreja da Pampulha é harmoniosa e muito interessante. O campanário porém é causa triste, aliás tristíssima, como também a "marquise". Mas não há dúvida alguma de que a Igreja da Pampulha seja a única igreja digna da arquitetura brasileira.

Programas

Os concertistas e regentes que chegam da Europa e da América do Norte, continuam apresentando-nos programas, dos quais constam sómente obras muito conhecidas, pois acham os ambientes do Rio e de São Paulo não estarem ainda maduros para músicas novas. Rangel Bandeira, no "Diário de São Paulo", dirigia-se justamente ao Maestro Sanzogno com as seguintes palavras: "Para um especialista de música contemporânea, como é o maestro Sanzogno, tomo a liberdade de aconselhá-lo a consultar a obra (que seja, apenas, a obra sinfônica) de um Villa-Lobos (as Bacchianas, os Chôros, os poemas sinfônicos, como "Papagaio do Moleque", "Madona", etc.), de um Camargo Guarnieri (a 2.a Sinfonia, a suite "Brasiliana", a "Dança Brasileira", a "Abertura Concertante", etc.), de Lorenzo Fernandez (o Batuque, a 2.a Sinfonia, o poema sinfônico "Imbapara", etc.), de Francisco Mignone ("Congada", o poema sinfônico "Festa das Igrejas", etc.), de Radamés Gnatalli (a "Fantasia Brasileira"), de Claudio Santoro ("Música para Cordas, 1945"), de Guerra Peixe, de Dinorah de Carvalho, de Heckel Tavares, de Luís Cosme, de Brasílio Itibirê, de Eunice Catunda e de tantos outros. Tenho certeza de que o maestro Nino Sanzogno não perderá o seu precioso tempo." Tudo isto está muito certo; mas

gostaríamos de saber o que está sendo feito para iluminar os eminentes músicos acima, fora do Brasil? Com os cinco milhões conferidos pelo Estado ao "Palmeiras" para os bem acertados chutes a uma bola, ter-se-ia resolvido o problema que estamos agora avançando. Invocamos que a música seja salvada, pois o futebol se salva, infelizmente, por si mesmo.

Ouivesaria

O Brasil possui uma notável tradição no campo da ouivesaria, tradição absolutamente autônoma e rica de belas invenções. No entanto, como vem sendo hoje em dia continuada esta tradição? Podemos logo dizer: da maneira a mais banal, isto é, copiando mal, sem entusiasmo nenhum, as formas antigas, ou pior ainda, experimentando falsificar as cousas antigas. O balagandão, que originariamente é uma soberba peça de ouivesaria, uma vez imitado ou na maioria dos casos falsificado, torna-se antipático. A indústria do falso antigo é quanto sobra de uma situação gloriosa. Isto tudo acabaria se os ouives, inspirando-se ao antigo, entendessem que o antigo há de ser germe de vida, estímulo para novas criações, para novidades originais a serem colocadas ao lado das antigas. Muito esperavamos da Escola de ouivesaria do "Senai"; no entanto, aí, onde o ofício é aprendido com toda perfeição e diligência, o gosto está atrasado de, pelo menos, trinta anos: é o gosto do "Salon des arts decoratives de 1926", gosto duvidoso e superado.

Panem

Há umas noites, no mês de agosto, tivemos dois espetáculos em São Paulo: um no Teatro Municipal, "Il matrimonio segreto" de Cimarosa, e outro, um jogo de futebol, um daquêles encontros sem interesse nem brilho que deixam bocejar o verdadeiro entendendo. Um musicólogo, dirigindo-se ao primeiro espetáculo, mal conseguiu salvar-se, àquela noite, da maré de automóveis, de caminhões, de motocicletas que de todas as partes da cidade confluíam ao estádio do "panem et circenses", cume da pirâmide construída por coitados para coitados.

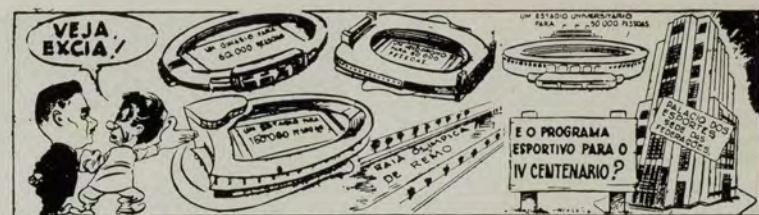
Antes

Há estudantes de arquitetura que no segundo ano abrem um escritório, fazem projetos e construções: quer dizer, seis anos antes.

Atenção

E' necessário muito cuidado em julgar concursos de cartazes. O juri é de boa fé; quando porém, os concorrentes não o são e não o fossem outra cousa a não ser a reelaboração de modelos tirados e copiados de revistas e livros de publicidade?

Isto aconteceu com o cartaz premiado no Concurso do Pê-



Aqui está, senhor governador Garcez, um programa mínimo de realizações concretas que o esporte paulista precisará por ocasião dos festejos comemorativos do IV Centenário de São Paulo! V. Excia. acha isso realizável? Faltam 880 dias!

Este desenho apareceu em plena página da "Gazeta Esportiva", jornal cotidiano dos esportistas. Que fartura de pedidos ao Governador: estádios, piscinas, palácios, velódromos, além daqueles, demais, que já existem. Por nossa vez pedimos uns institutos de arte e de cultura para acrescentá-los aos poucos que existem

segundo. Vide: "29 Annual Advertising and Editorial Art", editado por Art Directors Club of New York, n. 209.

Passeata

Se os quadros, os lustres, os adoros, os tapetes da maioria dos salões burgueses, se animassem de repente e organizassem uma passeata de protesto, veríamos pelas ruas um desfile de tão mau gosto, que os transeuntes morreriam pelo susto.

Boites

Parece que as boites pensam agora em dar mão à cultura, afim de contribuir a sua difusão e elevar o espírito dos clientes em altas esferas de poesia e de arte. E para realizar isto, dedicar-se-ão à cultura das batatas.

Bom senso e aposentadoria

Lemos no jornal "O Tempo" de São Paulo uma entrevista com uma, ao que parece, notável artista, Joana d'Arc, a qual declarou-se completamente desenganada sobre o futuro do teatro no Brasil, e afirmou: — Estou trabalhando em tea-

tro pela última vez. Amigos meus no Rio de Janeiro, estão apenas aguardando o meu regresso para colocar-me numa repartição pública. Prefiro ser funcionária, com um futuro assegurado, do que continuar numa profissão que, agora mais do que nunca, só traz apreensões e dúvidas atrasadas. Leiam bem estas palavras as muitas funcionárias públicas que querem renunciar a um empréstimo certo e à aposentadoria, para se aventurar nas cenas.

Escolas

Precisamos de escolas de belas artes, num sentido novo, adequadas aos tempos e aptas a cultivar as capacidades artísticas do nosso povo genial. Mas para este fim, teríamos de apresentar os inúmeros professores-funcionários públicos que já tiveram seu tempo e que não souberam adaptar-se à época. Não seria contraindicado nomear uma comissão para examinar os resultados das escolas B. A. à antiga, bem como as escolas autônomas, para assim dizer, de fiscalização superior. Isto seria interessante para estimular a renovação das artes no Brasil e para dar rumo novo, mais alegre e mais vigoroso a tanta antiguidade anacrônica com os nossos tempos.



Giselda Klinger,
Desenho (Curso
de gravura no
Museu de Arte
de São Paulo)

Campos Eliseos

Foi lançada a idéia de reunir num só centro as diversas instituições culturais da cidade. Nos mais recentes congressos de urbanística, sempre que se tratou dos problemas de zonificação de uma cidade, previu-se um bairro, não muito longe do centro, para nêle erigir as bibliotecas, os museus, os conservatórios, os teatros experimentais, e demais instituições culturais. A pessoa culta que vai a procura de uma informação, poderá satisfazer tanto melhor sua informação quanto maior fôr a unidade do centro que informa. Nêstes últimos anos assistimos ao magnífico trabalho das Universidades norte-americanas em colaboração com os museus, e pudemos averiguar a necessidade que representa para uma escola ter o material de estudo à mão. Foi por isso que muitas dessas Universidades instituiram seus museus próprios.

Dai consegue-se que instalar em São Paulo, num mesmo centro, as diversas instituições culturais, é medida devérás salutar é que dentro em breve tornar-se-á uma necessidade.

A zonificação é algo que se impõe na urbanística de uma cidade moderna: por exemplo, se a velha idéia do dr. João Fernando de Almeida Prado se concretizasse amanhã, teríamos nos Campos Eliseos o centro cultural de São Paulo. Mas como será possível neste caso transportar para lá o monumental Museu da fundação Penteado que está sendo construído no Pacaembú? E' curioso observar como o Pacaembú terá um dia a cem metros de distância um Museu com uma Escola de Belas Artes e o Estádio Municipal. E' de se esperar que pelo menos parte dos torcedores passarão a preferir as galerias de pintura aos torneios futebolísticos; seria além do mais um fracasso se os alunos da escola de belas artes cabissem as aulas para aumentar o número dos freqüentadores do estádio.

Comparações

"Há, em Paris, naquele bairro sugestivo do "Quartier Latin" uma "boite" pequenina — tão pequenina quanto a própria palavra — que uma cantora negra da orquestra de Louis Armstrong acabou de inaugurar. Chama-se "Chez Ignaz". Ali é que se reúnem, quase todas as noites, os mais famosos artistas da atualidade francesa. Jean Louis Barrault não perde ocasião de degustar seus calvados; Maurice Chevalier engurita, quase que sozinho, uma garrafa inteira de uma Veuve Clicquot; Jean Pierre Aumont exibe sua linda mulher, a famosa Maria Montez; dizem que Vivien Leigh e Lawrence Olivier, quando de permanência em Paris, nunca deixaram de lá assinar o ponto... Enfim é um refúgio acolhedor e amável que o bom gôsto escolheu e impôs. Em São Paulo, há um lugar assim. E' o Nick-Bar. Artistas que se reunem e se



Continuam no Museu de Arte, as aulas do Seminário do Cinema. Sem propaganda, sem barulho, esta nova escola brasileira vive já no seu segundo ano de vida e aparece mais do que nunca ativa e útil. No clichê vemos uma aula do sr. Tito Batini

dispersam. Nidia Licia, Sergio Cardoso, Mauricio Barroso, Marina Freire Franco, Anselmo Duarte, Paulo Autran, Cacilda Becker."

(Do jornal "O Tempo", de 17 de julho).

Parnaso

Julgando pelos adjetivos que tôda semana as colunas literárias dos importantes cotidianos destinam aos novos poetas, o nosso deve ser realmente um Parnaso, circundado de miríades de Parnasinhos e Sub-Parnasinhos.

N. B. Sugerir-se-ia de limitar o emprêgo do adjetivo grande.

Conservatórios

Pensam construir em São Paulo novos conservatórios de música, oficiais, é claro, com verbas belíssimas e alentadoras. Esta é uma idéia ótima, aliás idéias ótimas. Iremos a Santos, para receber os professores estrangeiros que serão contratados, pois aqui, salvo raras exceções, não se sabe onde recru-

tá-los (Porque se houvesse elementos, poderia funcionar o Conservatorio que já existe).

Cineastas

Se juntarmos os cineastas italianos chegados ao Brasil que falaram ter sido assistentes de Rossellini em "Roma, cidade aberta", conseguíramos encher um ônibus, daquêles grandes, às seis horas da tarde.

Próximo

Acontece quase sempre os artistas não estarem satisfeitos com o próximo. Acham sempre o próximo dever-lhes mais: que o próximo, afinal, tem a obrigação de mantê-los vivos. Ouçam um pintor e vereis essa se queixando de não vender quadros; um gravador, e dirá que as casas editóreas não encomendam ilustrações; um escultor, queixar-se-à dos comitentes que não existem; e os arquitetos, chorando pela falta de liberdade na execução da arquitetura como elas bem entendem; e assim por diante.

Quais são, portanto, as obrigações do próximo com os artistas? Na nossa opinião, o próximo não tem obrigações específicas com os artistas, especialmente com aquêles que assim pretendem ser considerados. Os artistas verdadeiros, os que nada requerem, que trabalham em silêncio, sabem perfeitamente que o próximo não os percebe.

Televisão

A televisão está progredindo muito satisfatoriamente no Rio e em São Paulo, os programas estão melhorando com a experiência. A televisão mais do que qualquer outra atividade. Se os organizadores nos concedessem na televisão uma só hora por noite, para apresentar ao público os nossos problemas de cultura, como estariam satisfeitos!

Bôa gente

Muitas vezes, parados meia hora numa rua do centro, devido à circulação, por causa de planos urbanísticos bestas, pela falta de um regulamento de trânsito, pensamos naquêles bons funcionários que, em seus gabinetes, de cigarro na boca, cafêzinho na mesa e perante seus olhos um projeto a ser aprovado. Este projeto, suponhamos, refere-se a uma nova casa, uma nova rua, um novo bairro a ser loteado: enfim, à urbanística, que envolve a vida normal e material de todo o povo. Businam os motoristas, blasfemam os transeuntes, perdem a paciência os guardas; e nós lembramos daquêles bons funcionários que deixam de resolver os problemas acima mencionados. O nosso pensamento vai também aos legisladores que não se preocupam demasiadamente com as exigências da cidade moderna. E a eles associamos aquêle princípio dos urbanistas que com grande esforço chegou a considerar a possibilidade de termos avenidas de dezesseis metros de largura. Essa boa gente tôda tem os olhos vendados e não enxerga o futuro das nossas grandes cidades.

O que falta

Não faltam as iniciativas artísticas, novos clubes, cursos, instituições etc. O que falta é a continuidade, a constância nas iniciativas. Muitas vezes ouve-se barulho para uma ou outra atividade, e já sabemos que após um mês, tornar-se-á rotina, para depois se esgotar e para enfim, nunca mais sei lembrada.

Caribê, Baia





Milton Dacosta, *Figura* (Exposição na Galeria Domus de São Paulo)

Cinema

Após as crises (aliás previstas) de duas companhias cinematográficas, os capitalistas parecem desconfiar daquela indústria tão recente no Brasil e tão complexa. Isto é um erro. O único receio de quem quiser reverter capitais no cinema, deveria referir-se aos dirigentes improvisados, sem passado nem um, e pior ainda, sem respeito pela competência.

Salões

Sugerimos para o ano vindouro, que em lugar de serem organizados Salões, sejam organizadas salinhas nas quais, em vez de apresentar quilômetros quadrados de pintura e quilômetros cúbicos de escultura, seja exibido aquêle pouco de valor produzido por poucos.

Congonhas

O aeroporto de Congonhas em São Paulo, quer dizer um dos maiores aeroportos das Américas, pelo tráfego, está surgiendo arquitetonicamente falando, da maneira pior, talvez até sem desenhos e plantas, pelo contrário, com inúmeras brincadeiras decorativas que realmente doem. No entanto, tivemos uma grande festa e os jornais publicarão tratar-se da mais bela obra arquitetônica e assim por diante. Será possível que no mesmo país hajam dois aeroportos, no Rio e em São Paulo, o primeiro belíssimo e o outro tão feio?

Tobacco Road

Publicamos em *Habitat 3* uma série de figurinhas de embalagem de cigarros, em uso há uns trinta anos: gôsto atrazado, provincial, embora não lhe faltam a poesia dum tempo no qual tudo era criado com dificuldade; por outro lado não existiam, então, escolas de desenho industrial. Escreve-nos um leitor que os desenhos das fábricas de cigarros não progrediram muito, dominando ainda em parte o provincialismo de então. Achamos isto um exagero, embora não estando ainda satisfeitos, sob o ponto de vista do desenho, com a embalagem em que se nos apresentam os cigarros.

Trianon

Uma cousa que merece ser louvada incondicionalmente é a demolição daquêles feios botos arquitetônicos do Trianon, na Avenida Paulista. Esperamos que as novas arquiteturas que os substituirão sejam dignas do lugar encantador, sem dúvida um dos mais sugestivos de São Paulo.

Dixit

Falou o sr. Yllen Kerr às "Folhas": "Não possuímos ainda no Brasil uma escola de gravação no sentido amplo. Temos alguns ensaios, cursos especializados de gravação em madeira ou metal, mas do que precisamos realmente é de uma escola que abranja todos os setores da gravação."

Ele não parece ainda saber que em São Paulo há tudo quanto está clamando e mais precisamente no Museu de Arte: Escola de gravação (metal, madeira, linóleo, pedra, e até "pouchoir").



Arthur Rubinstein, moço

Rubinstein

Existem felizmente ainda casas nas quais é possível reunir-se em companhia de pessoas que falam em música, em pintura, em poesia; isto é uma espécie de oasis no meio das outras muitas casas nas quais há reuniões para ouvir falar ainda em negócios ou acabar com o balanço na mão, esperando as horas matutinas para constatar quem tem sorte e quem não tem. Nisto estávamos pensando, uma noite de julho, na bela casa de Nene e Luis Medici, enquanto Arthur Rubinstein conversava e os convidados nos pareciam cidadãos dumha pequena república que, para honra à civilização não deve e não pode perecer. Rubinstein, do qual a "Pró Arte" nos ofereceu uns concertos belíssimos, é espirituoso, brilhante, capaz de criar alegria numa sala; estávamos pensando nisto, imaginando tôdas aquelas pessoas de cara fechada em volta dum tapete verde. E pensavamos ainda que as casas, nas quais as pessoas se reunem para tratar do tema arte, estão se tornando sempre mais raras. Talvez raciocinámos como costumava-se fazê-lo em 1913; então, viva aquela época.



Elizabeth Nobiling, desenho

Valor do silêncio

Tem-se lido nos jornais que o Instituto Nacional de Cinema deverá abrigar sete departamentos principais, assim especificados: Departamento de Planejamento e Pesquisas, Departamento de Controle e Fiscalização, Cinemateca Brasileira e Biblioteca, Fototeca Brasileira, Departamento de Censura, Escola Prática de Documentários e Distribuição de Documentários.

O primeiro documentário a ser produzido será o "Valor do silêncio", segundo o argumento de Albino Aníbal Machado.

Curso

A Universidade de São Paulo deveria ter afinal uma cadeira de história da arte; não existindo no Brasil professor algum em condições de preencher esta cadeira, o Conselho universitário deveria contratar um do exterior, realmente capaz de honrar a história da arte e a Universidade. Hoje em dia este ensino é indispensável, após o interesse levantado pelos vários cursos nesta matéria mantidos em diversos institutos e museus. Nêstes cursos foi realizado o que era possível: os professores improvisaram-se como puderam para suprir a falta de especialistas; os resultados foram satisfatórios, mas a Universidade tem agora o dever de organizar cursos regulares que não podem ser dados, a não ser por um famoso e verdadeiro professor. As tentativas de preencher a cadeira de história da arte com pistoleiros e recomendações devem ser consideradas tentativas ingênuas.



Sugestão

Um jornal, durante uma entrevista publicou as seguintes palavras: "O Instituto de Arte Contemporânea (desenho industrial e arte aplicada) é considerado como uma das realizações mais importantes. "Prepara os artistas dentro da orientação de validade para a estética contemporânea". São dois anos de estudos. Além dos cursos técnicos, há cursos de sociologia, história da arte, psicologia, etc. Aprendem o desenho de móveis, cartazes, máquinas, etc.

Quer dizer que é, em grande parte, um curso de decoração? perguntei.

— Se quiser, mas não gostamos da palavra, pois decoração implica o fato de decorar. Imagina-se logo a superposição de uma porção de coisas, o que não está de acordo com a orientação da arquitetura moderna, despojada. Arquitetura interior seria mais apropriado... mas haverá, por contraste, uma arquitetura exterior? O termo exato ainda está para ser encontrado!" Ao ler este trecho, o arq. Lucio Costa fez a seguinte sugestão: "Curso de equipamento arquitetônico e ambientação interior".

"Américas"

A revista "Américas" é uma revista que une num só bloco tôdas as repúblicas americanas e cada mês dedica, a cada uma delas, artigos e ilustrações que servem de intercâmbio cultural, aliás um dos mais inteligentes. A história, a ciência, as letras, a arte, a vida cotidiana das Américas, encontram nas páginas dessa revista a confirmação duma idéia que está acima de tôdas as idéias, a idéia americana, a idéia de liberdade, de respeito para o homem, de paz e de trabalho. Por esta razão apreciamos sobremaneira o referimento simpático a esta revista no N.º 35 de "Americas", a esta nossa revista que como espelho das artes no Brasil, quer ser antes de mais nada americana.

Muito bem

Na próxima temporada do Teatro Brasileiro de Comédias, teremos "Cirano" de Rostand, "A dama das Camélias" de Dumas, "L'annonce faite à Marie" de Claudel, e parece, também peças de Shaw, Ibsen, e Shakespeare.

B. A.

Caro arquiteto Gomes Cardim, quando é que terá cinco minutos de tempo para pensar sériamente na reforma radical da Escola de Belas Artes que preside e outros cinco para pô-la em dia? O Sr. é uma pessoa inteligente, de muita capacidade, um grande organizador: consagre pois êstes cinco minutos para erguer o destino da mais anti-contemporânea de tôdas as escolas de São Paulo. E acrescentará mais uma nova benemerência às muitas que a cidade lhe deve.



Clovis Graciano, Aguaforte, 1951 (Galeria Domus, São Paulo)

Alienados

Nós também nos interessamos do fenômeno da arte dos alienados; no entanto, francamente, estamos todos começando a exagerar, esquecendo que afinal de contas, os grandes gênios da arte não foram alienados; e os poucos alienados que foram gênios confirmam a regra de que a arte é produto de espíritos sadios.

Alfândega

O Brasil é um dos raros países em que há uma taxa de alfândega para as obras de arte que chegam, uma taxa por volta de 38%. Isto demonstraria ter o Brasil um "parti pris" contra a arte, o que não acontece na realidade. Quando é que um deputado apresentará uma lei contra esta incongruência?

Últimas notícias

Lemos nos jornais: "Sob o patrocínio do prof. Jaime Regalo Pereira e sob a orientação do prof. Gaetano de Genaro, pretende-se organizar em São Paulo a Sociedade Brasileira de Pastelistas com o objetivo de

estimular e propagar o conhecimento e a prática do pastelismo, ramo da pintura tão divulgado nos meios artísticos europeus".

Mensaje

Assinalamos que a revista "Mensaje", publicada em Montevideu, dedicou o número de março último exclusivamente aos pintores e escultores brasileiros. Trata-se de uma verdadeira mensagem cultural entre os países da América latina.

Precisa-se de...

Repetimos quanto já foi dito inúmeras vezes: precisa-se de artistas em número maior, e de artistas em todos os campos. Sómente desta maneira conseguiremos criar uma atmosfera de bom gosto e de bom senso de gosto, necessárias para adequar nossa vida ao espírito do tempo e para sair deste estado de indecisão e timidez.

Fogo de Palha

O que há com o abstracionismo, no qual não ouvimos mais falar? Com certeza foi um ca-

so de fogo de palha, paixões que duram do Natal até Santo Estevão.

Exemplo

Eis um pequeno trecho desta coluna (como muitos a queriam): "Fulano de Tal é um dos maiores pintores do mundo, sua arte pode ser comparada sómente à de Ticiano, El Greco, Goya, etc.".

Campos

No campo da arte acontece o mesmo como no campo de batatas: colhe-se o que foi semeado. Se nada foi semeado, nada haverá para colher. Portanto, semeamos bons exemplos e teremos boas recrutas que, com os anos, ganharão os galões de caporal. Também no campo da arte, os generais foram uma vez coroneis, e estes tenentes e assim para trás, até aos soldados.

Juquerí

Continuam as pesquisas do dr. Osório Cesar sobre a arte dos alienados, da qual, às vezes, nós também nos interessamos. Um artigo notável, do qual aconselhamos a leitura, é o publicado pelo escritor na bela revista "Paulistania" sobre um pintor "primitivo" e outro "abstracionista" do Hospital de Juquerí. Neste escrito há observações científicas de importância real, entre as quais uma referindo-se ao uso constante da serpente, cujo simbolismo é admiravelmente estudado.

Ofício

Há críticos insistindo muito, demais, sobre o ofício dos artistas. O ofício é uma bela causa; no entanto vale também para os críticos: o ofício dos críticos, o conhecimento do ofício por parte dos críticos.

Papel

Leopold Haar lançou a moda das figurinhas recortadas e modeladas sobre o papel branco para decoração das vitrinas; veiu agora a diarréia deste sistema vitrínico: a costumeira rotina dos copistas que — destituídos de qualquer idéia — apoderaram-se das idéias alheias como cousas dêles.

Bienal

Embora esta revista não tenha recebido comunicação alguma por parte dos organizadores da 1.a Bienal de arte internacional de São Paulo, "Habitat" dedicará uma ampla reportagem à manifestação, que é a primeira grande iniciativa neste campo a ser realizada no Brasil com um senso de interesse mundial.

O cartaz da Bienal, foi ganho pelo aluno Antonio Maluf dos cursos do Instituto de Arte Contemporânea do Museu de Arte.

Teatro Municipal

Há sempre alguém que pensa em derrubar o Teatro Municipal de São Paulo afim de cons-

truir sobre a mesma área um teatro moderno. Estes "algum" filhos de ninguém que, talvez devem ser considerados como bastardos, não têm amor ao passado, embora passado próximo não rico em arte; mas sempre história que deve ser respeitada. E no que diz respeito às áreas, há tantas na cidade para construir teatros.

Selo

Caro Franchini Neto, ao Sr. que cuida da propaganda do IVº Centenário de São Paulo, sugerimos que para esta manifestação seja emitido um selo comemorativo e que para este fim seja organizado um concurso internacional. O selo poderia ser distribuído desde agora, como propaganda para as comemorações da data próxima.

Brinquedos

Há um antigo filme de Frank Capra, "Do mundo nada se leva", no qual um dos membros daquela família esquisita, trabalhava num banco e gostava de inventar brinquedos; de vez em quando acabava um deles e levava-o ao escritório para admirá-lo. Lembramo-nos dessa personagem toda vez que passamos em frente duma loja de brinquedos, pensando nos inventos dêstes indispensáveis instrumentos para a meninice. Quem é que cria os brinquedos de nossos filhos, aqui, em nossas inúmeras fábricas? Gostaríamos um dia receber-los, estes fabricantes, conhecer-los e dirigir-lhes as seguintes palavras: — Por que estais continuando a cacetejar as crianças com os costumeiros brinquedos? Por que continuais a dar-lhes, até o enjôo, a velha espingarda, a antiga boneca, o carrinho de metal e assim por diante? porque não dais a nossas crianças algumas novidades, algumas idéias, surpresas, invenções? Não queríamos ser desenganados: mas os industriais de brinquedos não devem ser meros industriais inscritos na federação da categoria, mas sim também personagens de Frank Capra.

Sociedade



História da arte

Não são muito claras as idéias que existem a respeito da história da arte como matéria escolar. Na Europa, por exemplo, a inclusão desta disciplina nos programas do ensino secundário, é recente e não generalizada. Na universidade é assunto de cursos especializados e herméticos. A história da arte, enfim, não conquistou ainda o direito de completa cidadania escolar, como a conquistaram, por exemplo — para citarmos ramos paralelos — a história, a filosofia e a história da literatura.

Na opinião da maioria, este estudo é dificultado por uma complexidade de preconceitos e prevenções, como estes: história da arte é algo de supérfluo, um luxo do qual se pode prescindir, uma acadêmica perca tempo de especialistas. Em outras palavras: a história da arte poderá servir para os artistas, poderá ser um prazer para os que têm uma cultura refinada mas, praticamente, não tem o mínimo interesse para um médico, digamos, ou para um engenheiro eletromecânico.

Trata-se dum grosseiro êrro de valutação. A arte é um dos fatos imanentes e permanentes da vida. Não há vida sem arte. Das primeiras incisões dos homens das grutas nas paredes de seus abrigos, aos primeiros movimentos de dança; das primeiras onomatopeias roubadas pelo homem às vozes da natureza para compôr sua linguagem, aos primeiros modos musicais, a aventura humana é, principalmente, uma maravilhosa e inconsciente aventura artística, na qual a intuição e a imitação criaram e refinaram este maravilhoso atributo do "homo sapiens" que é a fantasia.

Ora, renunciar à arte — ou, alargando o sentido: à possibilidade de compreendê-la — significa renunciar à fantasia. Renunciar à fantasia significa renunciar, em última análise, à dignidade, à liberdade e ao "jogo" existência. Médico ou balconista, advogado ou ferreiro, em toda atividade o homem precisa da arte. Civilidade e gôsto são uma só coisa. A arte determina o hábito, marca as épocas históricas; imprime-se em todas as manifestações humanas, "aplica-se" a todos os setores, da vestimenta à mobília, à linguagem viva e à escrita, dentro da unidade compacta que chamamos de "estilo".

Trata-se de adquirir, com o estudo da história da arte, a consciência deste processo e o direito de participar aos seus desenvolvimentos e determinar suas direções.

Vejamos praticamente: um artesão que congega a "linha" e saiba imprimi-la às suas criações; o comerciante que saiba oferecer sua mercadoria mediante a atração estética duma vitrine impecável; o tipógrafo que saiba compôr com nítida harmonia suas páginas; todos eles serão favorecidos na competição da concorrência.

Depois destas considerações vejamos a importância escolar e

construtiva da história da arte. Estando a arte tão intimamente ligada à vida, a ponto de tornar-se uma de suas formas, como poderíamos prescindir de um seu curso completo de estudos? Estudam-se história, filosofia, literatura comparadas e todas as outras ciências e disciplinas que servem para enquadrar o homem em suas épocas, em seus ambientes e em suas realizações. Ora, porque não reunir todas estas partes do superbo afresco sobre o fundo da arte?

Digamos mais: já que a arte permanece com seus movimentos, mais evidente e menos hipotética do que os documentos em geral, afirmemos, por exemplo, que a história da península ibérica, da Sicília, por assim dizer, das comunas italianas ou das cidades hanseáticas, estuda-se melhor — ou, pelo menos, comprehende-se melhor, integrando os estudos dos documentos escritos com os dos documentos edificados, esculpidos, pintados.

Concluamos: o estudo da história da arte não é um luxo nem uma perca de tempo. Tampouco é um peso para os estudantes já oprimidos por programas densos. Ao contrário: é uma ajuda. É uma disciplina agradável, por natureza, pois está baseada na representação e no "espetáculo" do belo; integra e completa o estudo das outras histórias, política, filosófica e literária e torna este estudo fácil e mnemônico com as referências às obras e monumentos característicos. Poder-se-á compreender, por exemplo, e será mais fácil de ser lembrada a gigantesca corrida dos muçulmanos da Méca a Córdoba, se conhecermos e tivermos a agradável lembrança dos monumentos mouriscos que assinalaram — e ainda assinalam — suas etapas.

Estes conceitos estão presentes no espírito da direção do "Museu de Arte" que, como várias vezes foi dito, não constitue apenas uma "coleção" ou uma "galeria", e sim deseja ser, antes de mais nada, uma "escola". Além das preciosas obras que posse, sua maior riqueza, em sentido potencial, é sua galeria didática, seu setor pedagógico que deve precisamente servir a tornar acessíveis e compreensíveis a um público sempre maior, os tesouros que se vão ordenando nas outras salas do Museu.

Teatro

E' necessário construir um teatro de prosa permanente; mas antes disto é necessário criar uma escola de arte dramática — observava há uns dias um espectador notando a maneira de gesticular de uma de nossas artistas. E acrescentava: Um diretor verdadeiro conseguiria tirar o cinquenta por cento de seus defeitos.

Ipiranga

Lemos nos jornais paulistanos: "A visita pública ao Museu Paulista foi, no mês de julho

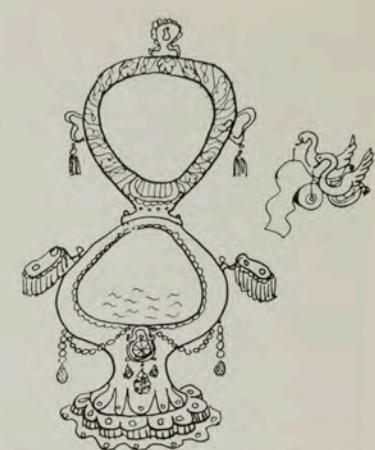
próximo findo, de 42.590 pessoas. Em julho do ano anterior fôra de 33.174. A afluência maior verificou-se aos domingos, especialmente a 15 e 22 de julho, quando o total de visitantes foi respectivamente de 7.590 e 7.636 pessoas. Durante os dias úteis a maior afluência registrou-se dia 12, quando procuraram o Museu 1.481 pessoas". Parece que vamos para a frente com os museus.

5.000.000,00

O "Palmeiras" ganhou o campeonato não sabemos do que, um campeonato mundial, e dai grandes festejos. O Estado conferiu ao "Palmeiras" cinco milhões de cruzeiros. Muito bem: os músculos dos atletas terão novo alento e a energia destes músculos produzida por tantos cruzeiros permitirá que novas vitórias favoreçam este "team" simpático. Ótimo, também para aquela massa de pobrezinhos que se empilham aos domingos nos estádios, afim de torcer para um ou outro dos concorrentes, ou para um ou outro dos jogadores que sabe melhor chutar. A "mensana" destas multidões juntamente com o "corpo sano" dos vários "Onze", será, sem dúvida alguma, um belo futuro e nós somos velhos demais para assistir a um futuro em que a honra das nações será entregue aos jogadores de futebol. Já temos o futebol nas ruas, nas páginas dos jornais, no ar, na televisão, por todo lado. E se continuarmos dêste passo, no lugar da cabeça, colocarão sobre o pescoco dos homens uma boala, e para os melhores uma coroa de 5.000.000,00 (os zeros são o zero do espírito que estamos destruindo).

Urbanismo

A situação urbanística em São Paulo já pode ser comparada àquele avestruz que para não ser visto esconde a cabeça na areia. Receia-se de enfrentar o problema em sua totalidade, continua-se com os recursos e



Tipo de W. C. para famílias ricas. Observar o papel, suspenso por dois cisnes

acha-se ainda que São Paulo do futuro, isto é, a maior cidade da América Latina, poderá funcionar com ruas de 12 ou de 16 metros de largura.

"Santiago"

Merce realmente a atenção o fato que o sr. Garcia Viñola, adido cultural da Embaixada de Espanha no Rio de Janeiro, está realizando um dos mais notáveis esforços editoriais, publicando com constante pontualidade a revista "Santiago", dedicada às relações culturais entre a Espanha e o Brasil. Esta revista, sempre rica de ensaios e ilustrações, é a bem-vinda na mesa dos que se interessam pela história e literatura espanhola.

Agência de publicidade

Demos o seguinte conselho a um mecenas que pensava em instituir um clube: estabelecer antes de mais nada uma agência de publicidade que repita até ao cansaço que ele é o primeiro entre os primeiros. Podrá então constatar como todos acreditam e seu clube será enaltecido e levado na palma da mão. E logo isto se verificar, boa sorte.

A pinacoteca-mirim dos alunos do curso de desenho para crianças do Museu de Arte figura na exposição organizada na Bahia durante o Congresso dos Escritores infanto-juvenis



Difícil responder

Numa sessão da Câmara Municipal, o vereador Admir Ramos encaminhou o seguinte requerimento:

"Sr. presidente — Requeiro, ouvido o plenário, sejam solicitadas do sr. prefeito as seguintes informações: a) quantos maestros tem o Departamento de Cultura da Secretaria de Educação? b) quanto ganha cada um? c) quantos concertos deram esses maestros, como maestros, e não como solistas? d) é exato que o regente Rodzinsky foi obrigado a retirar, do programa que desejava executar, uma peça de Katchaturian, por julgar inhabilitada a orquestra do Departamento de Cultura para executá-la?"

Bill-Miss

Se à inauguração da mostra de Max Bill tivessemos tido o público que presenciou a apresentação de Miss Televisão, poder-se-ia dizer que há gente com interesse para a arte.



Entre as figurinhas publicadas no número antecedente, esquecemos de incluir esta ilustração para charutos, em que aparece a arquitetura daqueles tempos longínquos. Temos o prazer de publicá-la agora, pois constitue uma documentação

Desenho industrial

Fabricantes de cerâmica, de móveis, de vidros artísticos, de adornos em geral; fabricantes de tecidos, fabricantes dos mil objetos de gosto atrazado e de desenhos furtados cá e lá! ouçam: demos a São Paulo a primazia no campo do desenho industrial, e criamos as formas com a farinha de nosso saco.

Moda

Não poderiam tentar algo no campo da moda (alta moda) nacional? Ir a Paris e vestir-se à moda de lá é um grande prazer para todas as mulheres do mundo; não falamos para as brasileiras. No entanto pensamos que o Brasil tem, no ponto de vista da moda, necessidades particulares, e uma potencialidade nacional não indiferente. Trata-se então de es-

tudar o caso, de estudar os fatores favoráveis, de recrutar elementos expertos. Uma indústria textil tão forte como a brasileira, bem poderia pensar nesta iniciativa.

Prefácio

Iniciaram-se no Museu de Arte os cursos de cinema — aletrando novo interesse entre os jovens para a sétima arte. Esta participação constante aos cursos — imitadores por outras instituições (com a vantagem, no entanto, de ampliar de algum modo a atmosfera) — é uma demonstração de que o Brasil aspira ter sua cinematografia e que se prepara para fazê-la surgir. Portanto, todas as tentativas até agora empreendidas devem ser consideradas como prefácio da cinematografia brasileira que, em breve, será realizada pelos jovens dos cursos do Museu.

Correspondência

G. G. — A boa vontade não é suficiente, pois neste caso todos os que a tivessem seriam artistas. A arte, acredite, é outra cousa: antes de mais nada é uma vocação, uma disciplina, um sentido do mundo e da poesia adquiridos com paciência e esperança. Leonardo dizia que a arte é paciência. Não acredite, portanto, que estes jovens de boa vontade que tanto já produziram, e o que é pior, exibiram ao público, sejam eles artistas. A arte é uma cousa séria, especialmente nesta época de confusão e de revezamento dos valores. Nem acredite tampouco que artistas são sómente aquéllos dos quais se fala nos jornais. Por outro lado, entender quem é artista não é cousa fácil e é necessário possuir qualidades muito chegadas às dos artistas. Seria uma conversa demorada e difícil demais para o sr. que parece tão impaciente de resolver num fechar de olhos problemas de difícil impostação.

H. e S. — O artezanato está desaparecendo; temos de concordar, não pense, no entanto, que seja uma cousa inútil. Quando estará desaparecido, a humanidade terá, sim, progredido, mas terá também deteriorado o perfume do seu bom senso, o espírito de criação e de inventividade, o prazer da cousa criada com suas mãos, e tôda uma arte inesquecível. O mecanismo de que está exaltando o surgir, é uma bela conquista, aliás uma conquista maravilhosa; mas o homem não deve esquecer que sua descoberta mais verdadeira foi o uso das mãos, para construir um vaso de barro, uma picareta de bronze e a Venus de Milo.

Duas instituições

Eis duas instituições em que São Paulo deveria pensar: uma Orquestra Sinfônica e um Corpo de Ballet. Ambas dignas da cidade. Dizem que custam muito; mas o futebol e o jockey custam muito mais.



Há um século os visitantes das exposições protestavam contra a arte, naquele tempo, moderna. Os mesmos personagens protestam agora contra a arte de nossos dias. Schiller dizia de não se combater contra os estúpidos

Colecionadores

Foi feita uma observação muito acertada numa coluna d'*"O Estado de São Paulo"* sobre os museus que, cedendo suas salas aos artistas para exposições individuais, acabam fazendo concorrências às galerias de arte que, do ponto de vista comercial, têm a mesma tarefa. O cronista acertadamente observava que nos museus não se vende, ou pelo menos pouco, enquanto numa galeria particular é possível vender mais, concorrendo para o interesse dos artistas.

Isto é muito certo. No entanto, nós pensamos não ser possível criar um interesse geral para a arte, sem instaurar e facilitar de todas as formas um mercado de arte. Pensamos que os museus não deveriam organizar exposições individuais e tampouco coletivas, devendo-se limitar a exposições retrospectivas e às muito importantes. Temos que observar dois fatos: 1. muitas vezes as galerias particulares não têm a disponibilidade de tempo neces-

sário para uma mostra; 2. muitas vezes os artistas não têm o dinheiro para pagar a sala. A razão verdadeira pela qual os artistas vendem pouco reside em outro fato; não existem os colecionadores nos quais fala o autor do artigo. Se houvesse colecionadores tudo seria resolvido; os museus, talvez tomaram a si a tarefa de organizar as mostras, com o intuito de incentivar a formação de ditos colecionadores, ajudando os artistas ao mesmo tempo. E, às vezes, um museu — o Museu de Arte, por exemplo — conseguiu vender para um único artista, num valor de cem mil cruzeiros, importância absolutamente não desprezível.

Orquestra

A orquestra apresentada pelo "Angelicum" é testemunha de que, quando há vontade, é possível organizar uma orquestra que toque. Informamos do acima os interessados em várias cidades.

Anita Vance, Gravura (Cursos de gravura no Museu de Arte)



Arte, dinheiro e história

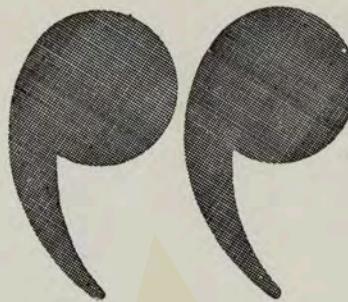
Em palestra com o prof. Leonídio Ribeiro, tivemos ocasião de ouvir que já está escrito e organizado o primeiro volume do monumental trabalho que as companhias do grupo Sul América resolveram patrocinar, recapitulando quatro séculos da vida artística do Brasil.

Já a imprensa noticiou largamente o assunto, quando foi lançada a idéia. Num gesto muito nobre de interesse pela divulgação cultural em nosso meio, aquelas companhias haviam confiado a Rodrigo M. F. de Andrade a planificação e a organização de uma obra de grandes proporções sobre "As Artes Plásticas no Brasil".

Rodrigo M. F. de Andrade traçou o plano gigantesco, que foi integralmente aprovado, escolheu os colaboradores, distribuiu as tarefas. Só em direitos autorais seriam pagos cerca de Cr\$ 250.000,00, verdadeiro recorde em nosso meio. Assim estimulados, distribuídos os vinte e poucos capítulos da obra a número correspondente de especialistas, iniciaram êstes o trabalho. Já quase toda a obra está escrita, o primeiro volume está completo e será dentro de poucos dias entregue aos prelos.

Maravilha de arte gráfica, impecável sob esse aspecto, abrangendo centenas de ilustrações, muitas a cores, essa obra será, principalmente, a maior contribuição já realizada para uma visão panorâmica da vida artística brasileira. Mais do que isso: alguns dos capítulos de "As Artes Plásticas no Brasil" são verdadeiras monografias da mais alta significação que, só por si, já bastariam para despertar o mais vivo interesse em nossos meios culturais.

Pela soma de pesquisas realizadas, pela originalidade de algumas contribuições, por muito material inteiramente inédito que vai ser apresentado, particularmente neste primeiro volume, a próxima publicação de "As Artes Plásticas no Brasil" está destinada a um rumoroso sucesso nos círculos intelectuais. Serão estas as monografias reunidas no primeiro volume: ARQUEOLOGIA — Frederico Barata; ARTE INDÍGENA — Gastão Cruls; AS ARTES POPULARES — Cecília Meireles; OURIVESARIA — José Valladares; MOBILIÁRIO — José Wasth Rodrigues; LOUÇA E PORCELANA — Marques dos Santos. Rodrigo M. F. de Andrade escreverá o prefácio, expondo, numa visão de conjunto, o plano geral da obra. A este propósito lemos um artigo da nossa maior escritora, Rachel de Queiros, publicado no "Diário de Notícias" em junho último. Rachel de Queiros, entre outras coisas, diz: "Temos sido o Brasil uma terra onde, salvo poucas exceções, os homens ricos não criam tradição; ser rico, significa para eles acumular casas e automóveis. Em matéria de livros, raras vezes passam do "Tesouro da Juventude" e da "Biblioteca Universal Ilustrada", para não falar nas artes plásticas que são representadas em suas casas pela



"Ceia de Cristo" em prata boliviana e por "deusas gregas" ou "cavalos árabes" sobre as colunas das salas. Isso vem de longe: para os nossos barões, latifundiários, do tempo do Império, a riqueza era possuir terras. Móveis, quadros, livros, objetos de arte, viagens, qualquer manifestação de cultura — tudo vinha depois da ambição pela terra, que, nunca se fartando, jamais dava uma oportunidade à cultura.

Mas nota-se que, o que se pode chamar a nova geração de ricos, já vai tendo uma certa preocupação com coisas do espírito. Claro que não chegam ainda a financiar um hospital ou uma universidade como os milionários da América, mas não se pode negar que os nossos ricos melhoram. Refiro-me aos ricos mais inteligentes, não aos que pelo velho medo do inferno ou pelo mais moderno do comunismo, fundam creches e fazem caridade com muita publicidade; esses ricos inteligentes, pois, que criam uma moda nova e salutar: o interesse pela arte. Que, quando querem um quadro, encomendam-no a Portinari, ou sua casa a Niemeyer, que leem os livros de Graciliano e os poemas de Bandeira, que dão de presente um Rembrandt ao Museu de Arte, enchendo-o de autênticas preciosidades. Dir-se-á que estão apenas procurando compensar um pouco o dinheiro mal ganho. Os principais da Renascença fizeram perdoar todos os seus crimes, a sua ambição predadora e imensurável, acumulando tesouros de arte e protegendo artistas. E os nossos magnatas, na medida de suas fracas forças os vão imitando. Se há vinte anos, ao professor Leonídio Ribeiro, houvesse ocorrido a idéia da sua "Artes Plásticas no Brasil", ele só encontraria o vácuo em torno de si. Hoje, pelo contrário, o grupo da Sul América prontificou-se a financiar com largueira esta obra monumental, que só encontra paralelo na "História da Literatura Brasileira", empreendida por José Olympio. "Artes Plásticas no Brasil" compreenderá inúmeros volumes, cada um entregue a um mestre, Gastão Cruls, Cecília Meireles, Wasth Rodrigues, Di Cavalcanti, para citar só alguns dos colaboradores desta obra de grande vulto. O que é necessário lembrar em seguida é de Ouro

OS PARABENS DO MUSEU DE ARTE PARA A NOMEAÇÃO DA SRA. YOLANDA PENTEADO MATARAZZO À PRESIDÊNCIA DO SALÃO DE ARTE DO RIO DE JANEIRO, COM OS VOTOS QUE ESTA SENHORA INTELIGENTE ACABE COM A SEÇÃO ACADÉMICA, OU QUE PELO MENOS FAÇA COMPREENDER AOS ACADÉMICOS QUE CHEGOU A HORA DE POR FIM ÀQUELES QUADRINHOS SEM SENTIDO, TEMPO E SIGNIFICADO NENHUM"



Preto, a cidade monumento, que deve ser a próxima etapa do caminho, do qual o Museu de Arte e "Artes Plásticas no Brasil" já são dois marcos excelentes, que pesarão seu bom peso se uma hora de ajustes de contas chegar..."

Zonti

"O Brasil terá um cinema que passará a interessar não só aos circuitos do país, mas às telas de todo o mundo, quando for essencialmente brasileiro. O cinema desse país só terá características essencialmente brasileiras, quando principiar a filmar as humanas e interessantíssimas histórias do povo do Brasil." Assim disse, justamente, o verdadeiro cineasta italiano, Aldo Zonti.

cum" de Milão que trouxe até óperas de Pergolesi, Bach, Mozart e Cimarosa), os assim chamados musicófilos não vão ao teatro. Acabamos suspeitando que toda aquela povoação de musicófilos que lota o Teatro Municipal quando toca, por exemplo, um solista famoso (interpretando Chopin), acabamos suspeitando, dizíamos, que a maioria daquelas pessoas vão ao teatro para dizer que aí estiveram, e para saber e falar, como foi a "soirée".

Adjetivos

Cada atividade humana necessita de publicidade de barulho de "venham, vejam aqui a mulher mais gorda do mundo". O maior culpado é Barnum.

O cinema, indústria baseada essencialmente sobre a propaganda, vive pela corrida dos agentes publicitários. Um deles inventa o adjetivo "grandíssimo", o outro logo inventa o adjetivo "super-grandíssimo", e de aumento em aumento chegamos a um vocabulário pelo qual os puristas enrubesceriam constatando o domínio barbáro do analfabetismo cinematográfico. Para o industrial do cinema o uso da palavra "colosso" é canja: "colosso" é um atributo usado hoje em dia para uma curta-metragem modesta, filmada no jardim, por um amador. O industrial busca novas palavras, por exemplo "dantesco", persuadido que Dante fora uma espécie de Cecil B. de Mille. Mas quando o industrial do cinema é novo, neofita, um iniciado da sétima arte, tudo torna-se mais grave e o ridículo não tem mais força para matar, acontece como com o inseticida ao qual os insetos já se acostumaram.

Não tem talvez o público o direito de ser respeitado? Parece não. O mau gosto está alastrando algo demais nesse campo, e por outro lado a corrida a iperbole e às bobagens acabarão criando uma "Liga para a defesa contra a publicidade na mão de incompetentes".

Fim do texto da HABITAT 4

Muito sucesso conseguiu o Sr. Tatin, ceramista francês, na Galeria Domus

Musicófilos

Nunca foi possível compreender o que queriam os musicófilos de São Paulo em fato de programas. Ouvimos-los sempre se queixando por serem os programas as costumeiras repetições de músicas conhecidas e ultra-conhecidas, e por desejar-los elas conhecer músicas novas ou pelo menos inéditas. No entanto quando aqui chegam as músicas novíssimas ou clássicas nunca ouvidas (como por exemplo no caso do "Angeli-

Os clichês foram executados pela Funtim - Fundição de Tipos Modernos S. A. - Secção Clicheria, Rua Florêncio de Abreu, 762, 2.º and., Fone: 34-8773; S. Paulo



A idade da matéria plástica



"Plavinil", usado para estofamento de automóveis



"Plavinil", usado para cortinas de banheiros

Os historiadores têm classificado sempre as diversas épocas da História, pelas matérias-primas predominantemente usadas na ocasião. Assim, houve a idade da pedra lascada, da pedra polida, do ferro, do bronze, do aço, etc. Ora, se cada época se caracteriza pelo material, por excelência, empregado para a confecção dos objectos indispensáveis à vida do homem, a nossa época vai, certamente, passar à História, como A Idade da Matéria Plástica. O homem foi buscar sempre na natureza, as matérias necessárias para a sua subsistência; na época, porém, o homem criou a matéria essencial para o seu desejo de conforto, de segurança, de economia e de bem estar: a matéria plástica, sobretudo, o tecido plástico, que pela sua durabilidade, incombustibilidade, facilidade, facilidade de limpeza, uniformidade e pelas suas multiplas aplicações (toalhas de mesa, aventais, cortinas, estofamento de poltronas e de automóveis, etc.), tornou-se o verdadeiro símbolo de uma nova era, o símbolo do lar moderno.





Residência da Sra. e Snr. Dr. Ricardo Jafet

Projeto do Prof. Felipe Dinucci

Execução de Dinucci Decoração de Interiores

Indiscutivelmente, para todos aquêles que são dotados de fortuna, constitue motivo de grande preocupação a instalação com requinte, comodidade e beleza, do lar de suas famílias. Sim, porque não basta estar em magnificas condições financeiras que normalmente definem uma alta posição social se os afortunados não procuram cercar-se de um ambiente que seja ao mesmo tempo agradável, luxuoso e, acima de tudo, confortável e agradável.

Por certo, a parte decorativa de uma residência de pessoa de alta projeção social é de muita importância e responsabilidade. Depende do bom gosto de seus proprietários, mas depende indiscutivelmente muito mais do decorador. Vemos, muitas vezes, belas residências, decoradas com um mau gosto chocante; culpa dos proprietários que julgando-se conhecedores da difícil arte decorativa vão atulhando de maneira desor-

denada as diversas dependências de sua residência; ou então valendo-se de decoradores improvisados cujos conhecimentos da arte não vão além dos lugares comuns das copias das revistas ou dos albuns importados e cujos conteúdos enfeixam temas que nem sempre se enquadram na disposição do estilo ou do ambiente da residência ou dos lugares de trabalho.

As pessoas dotadas de boa fortuna em nosso país já vão adquirindo o bom e salutar hábito de confiar a decoração de suas casas ou lugares de trabalho a artistas de renomada competência pois sabem que do cérebro de um bom artista só pode sair coisa boa; sabem que o artista criador é fator preponderante na solução e formação de um ambiente de refinado gosto, de alegria e de elegância. Vemos, hoje, não só nas principais capitais, como nas cidades brasileiras, residências, decoradas com tamanha arte que surprende a muitas pessoas

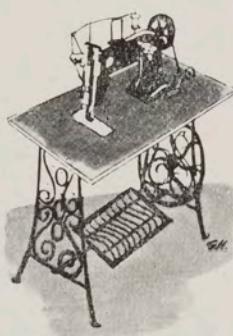
vindas de outros centros americanos ou europeus.

O professor Felipe Dinucci, artista decorador há muitos anos radicado em São Paulo, é um dos elementos que vieram colocar São Paulo e o Brasil em posição privilegiada em se tratando de arte decorativa de interiores. Figuras representativas da melhor sociedade paulistana e mesmo carioca não têm tido dúvidas em confiar ao ilustre artista que a gloriosa Itália deu de presente ao Brasil, a decoração de suas residências. Todos sabem da competência, da capacidade e do genio criador de Dinucci. Aí estão magnificas residências decoradas com tamanho brilhantismo que, hoje, quando se pensar em arte decorativa de interiores, imediatamente o nome de Dinucci é lembrado por todos.

Nas fotos anexas, damos alguns flagrantes de varios ambientes decorados pelo ilustre Professor Felipe Dinucci.

Uma história... de

Era uma vez... Sim, era uma vez o tempo em que o "dia de costura", tal como o "dia de lavar roupa", revolucionava todo o ambiente doméstico. O quarto de costura, habitualmente uma dependência pouco acolhedora, só habitada pela máquina de coser, e quase sempre com as cortinas fechadas, abria então porta e janela, e a dona de casa sumia por detrás de uma montanha de roupas, retalhos e cestos de costura. A pesada e antiga máquina de coser começava a trabalhar, e seu ruído incessante e inconfundível se fazia ouvir por toda a casa.



Feliz a casa que dispunha de um quarto-de-costura.. pois, em outras, menos espaçosas, a sala-de-estar ficava literalmente atravancada pelo monstro da máquina de pedal. Embora esta se

empenhasse a fundo em demonstrar a sua utilidade na confecção de baínhas e remendos, não deixava de impressionar desgarravelmente pelas compridas pernas de sua armação. E que trabalho para limpá-la, com

espanador e pano-de-pó, em torno dos complicadíssimos pés de ferro, até que tôdas as suas reentrâncias e ramagens estivessem completamente limpas e lustrosas...

Assim era antigamente... Mas hoje tudo mudou. Quem possui casa própria e pode dar-se ao luxo de não economizar espaço, pode gozar as vantagens de um quarto-de-costura. Fora disso, ele é cada vez mais raro em nossos dias caracterizados pela falta de tempo e de espaço. A técnica superou o quarto - de - costura, como superou a carruagem de tração animal e o primitivo gramofone. O engenho, a inteligência e o esforço de alguns homens esclarecidos puseram-se em campo para resolver o intrincado problema das costuras caseiras, estudaram-no e em seus mínimos detalhes, e acabaram inventando uma verdadeira máquina mágica: ela cose, sirze, remenda, borda e faz baínhas. Em dois tempos, essa máquininha mágica faz sumir a montanha de roupas a remendar, e, num abrir e fechar de olhos, apronta o vestido de que se necessitava com urgência. E como isso é fácil! Basta ligar o fiozinho elétrico à tomada para começar a trabalhar, silenciosamente...

E, em suma, a máquina de coser portátil.

Só mesmo, uma dona-de-casa pode avaliar a soma de energia e trabalho que lhe é pouparia, quando chega a possuir este primoroso produto da técnica moderna. Só ela

pode descrever a íntima satisfação que experimenta quando os inúmeros furos das meias e os rasgos nas camisas dos seus pimpolhos desaparecem em poucos minutos; quando, à noite, a tarefa de serzir é realizada como por encanto,

quando as roupas lavadas, dentro de poucas horas estão remendadas e novamente prontas para o uso.



Mas, vejamos mais de perto as outras vantagens dessa máquininha mágica. Em primeiro lugar, ela quase não ocupa espaço. Quem sabe se, na estante de livros, não existe um lugarezinho que possa ser facilmente disfarçado por uma cortina? Talvez se possa retirar uma das pequenas tábuas de divisão, criando assim espaço suficiente não só para a máquina, como também para o saco de meias a serzir e a cestinha de costura. Ou,



palpitante atualidade

talvez, perto da janela, se possa criar um "cantinho de costura", escondido por trás de um reposteiro. Neste caso, seria interessante servir-se de uma mesinha de armazém.

Suponhamos, contudo, que a Sra. prefira costurar no quarto das crianças. Não há inconveniente nisso, nem tampouco existirá o risco de que os dedinhos metedinhos dos pequerruchos venham a burlar na roda da máquina, ou que aconteça qualquer outro imprevisto. Porque, uma vez acabado o trabalho, a máquina e a cestinha de costura poderão facilmente ser guardadas dentro ou bem em cima do armário, fóra do alcance das crianças.



Finalmente, como se fosse a concretização de um velho sonho, bastam apenas um fio elétrico suficientemente longo e uma tomada de corrente, bem como uma mesinha, para se transformar a própria varanda ou o caramanchão no mais aprazível lugar de costura. Não se poderia desejar nada de mais agradável! Também à noite em nada altera o aspecto

prático e útil da máquinazinha mágica. O farol, engenhosamente embutido acima da agulha e das mãos, projeta um jato luminoso e claro sobre o pano, as linhas e a costura, deixando o resto do aposento em suave penumbra. Os olhos não sofrem os desagradáveis efeitos do reflexo. Tem-se a luz do farol apenas onde ela é necessária, podendo-se acendê-la ou apagá-la à vontade. Mas vamos adiante.

Existem maridos nervosos que, esfalfados pelo trabalho do dia, chegam em casa ansiosos por um pouco de silêncio e repouso. E também há crianças de sono leve e agitado que acordam sobressaltadas a menor ruído de uma porta que se abre ou fecha. Pois bem, para todos êles a barulhenta máquina de costura de outros tempos era um verdadeiro martírio. Graças a Deus, esse martírio não existe mais! A moderna máquina elétrica de costura trabalha tão silenciosamente como se fosse uma fada. Não mexe com os nervos do marido. Não perturba o sono das crianças, nem incomoda os moradores do apartamento de lado ou de baixo.

E assim, eu poderia prosseguir no hino de louvor às maravilhosas realizações do espírito inventivo humano. Seria o caso de citar, por exemplo, a engenhosa maleta em



que está acondicionada a máquina de costura, e que sendo completamente desdobrável, pode ser transformada em mesa. É provável que não haja necessidade dêste dispositivo nos ambientes caseiros normais. Entretanto, se quisermos levar a nossa máquinazinha para a casa de campo, ou se ela pertencer, por exemplo, a uma estudante que, no seu quartinho acaanhado, mal tem espaço para a máquina de escrever, a maleta desdobravel e feita para servir de mesinha, vem a ser de enorme utilidade. Eis o maravilhoso conteúdo dessa maleta mágica, que não é mais comprida nem mais

largada do que o nosso antebraço. Basta essa maleta mágica e seu maravilhoso conteúdo para adaptar o quarto-de-costura de outrora à vida agitada que vivemos nas acanhadas residências de hoje. E por achar interessante

essa pequena digressão ao ambiente doméstico dos nossos dias, é que me aventurei a escrever esta historiazinha simples... mas de palpitante atualidade.

Senhora X...



A Exposição Industrial



São Paulo de 1951 ("Stand" oficial)

FOTO E. N. F. A.

O Governo do Estado de São Paulo vem realizando, por intermédio do Museu Industrial do Departamento da Produção Industrial, da Secretaria do Trabalho, Indústria e Comércio, exposições parciais de produtos manufaturados do parque fabril paulista.

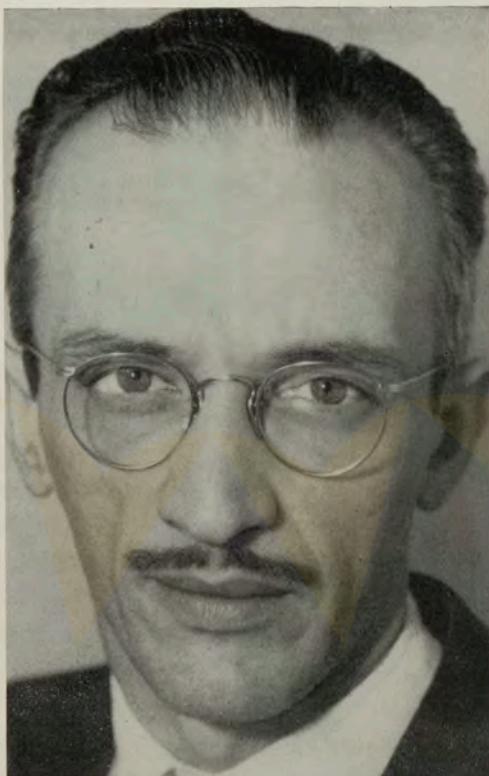
A III Exposição Industrial foi promovida, na Galeria Prestes Maia, na Capital, com a colaboração do Centro e Federação das Indús-

trias do Estado de São Paulo, abrangendo produtos do Grupo industrial XIII, isto é: vidros e cristais planos; vidros e cristais ôcos; louças de porcelana e pó de pedra; cerâmica artística; cerâmica para construção e artefatos de material plástico.

Foi organizador do Certame o Professor Architilino Santos, diretor do Museu Industrial do Estado, auxiliado por decoradores e profissionais especializados na arte moderna do "display".



Sr. Diniz Gonçalves Moreira, Diretor geral do Departamento da Produção Industrial



Dr. José Alves da Cunha Lima, Secretário do Trabalho, Ind. e Com. do Est. de S. Paulo



Prof. Architilino Santos, Diretor da Exposição Industrial



Aspecto da inauguração

A finalidade dessas exposições parciais visa, entre outros, a dois grandes objetivos econômicos:

- 1 incentivar o aperfeiçoamento qualitativo da produção industrial do parque fabril paulista, pela apresentação e confronto de produtos similares;
- 2 estimular o comércio de interesse industrial pela divulgação e valorização da produção manufaturada de S. Paulo.

Aperfeiçoar a produção e torná-la conhecida é, sem dúvida, o melhor e mais eficiente recurso com que se pode fomentar uma fonte produtora, para efeitos de desenvolvimentos econômicos.

A Cerâmica Paulista

No campo da cerâmica a situação industrial de São Paulo é magnífica.

São Paulo é um dos cinco maiores centros produtores de cerâmica do mundo. As fábricas do ramo contam com equipamento moderno capaz de grande produção. A matéria-prima nacional é abundante e a de que o Estado carece, de origem estrangeira, não vai além de 2 a 5% do consumo total.

A produção da cerâmica pode ser distribuída em dois grandes setores:

- a) cerâmica para construção;
- b) cerâmica fina — abrangendo as louças de pó de pedra, de porcelana, e a cerâmica artística.

A cerâmica de construção tem feito em São Paulo progresso notável. Os levantamentos estatísticos revelam que há no Estado:

2.069 olarias para fabricação de tijolos comuns com uma produção avaliada em 205 milhões de cruzeiros anuais;

479 olarias para fabricação de telhas com uma produção anual de 129 milhões de cruzeiros;

21 fábricas de manilhas com uma produção anual de 23 milhões de cruzeiros.

A grande cerâmica, isto é a cerâmica mecanizada para fins industriais, tem no Estado grandes fábricas que produzem todos os



Visita do Sr. Ministro do Exterior

tipos de tijolos prensados, tijolos furados, ladrilhos de cerâmica, telhas, refratários, etc.

Nessas grandes cerâmicas, que dispõem de montagens aperfeiçoadas e modernas, trabalha um operariado especializado que realiza uma produção perfeitíssima, capaz de satisfazer a técnica moderna da construção civil.

A primeira grande cerâmica foi fundada, em São Paulo, em 1895 e, hoje, a Cerâmica Sacoman S/A que efetiva uma produção esmerada para toda e qualquer aplicação.

Em 1910 fundou-se a Cerâmica Vila Prudente, que hoje ocupa, com as suas instalações, uma área de 45.000m².

Uma de suas produções especializadas é a chamada "Lage Universal" montada com tijolos furados e que substitue as lages de concreto armado. Essa lage que conseguiu nas provas de ensaio realizadas pelo Instituto de Pesquisas Técnicas, magníficos coeficientes de resistência e de segurança, tem aplicação nos tetos, pisos, coberturas inclinadas, abobadas, etc.

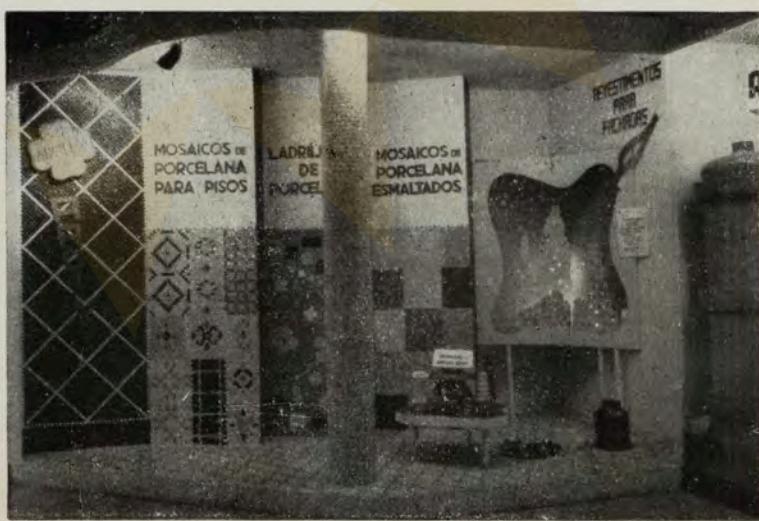
Em 1912 fundou-se em São Paulo a Cerâmica São Caetano. Mais tarde o esforço realizador de Roberto Simonsen reforma a Emprêsa, cuja produção anual é, hoje, avaliada em cerca de 150 milhões de cruzeiros, ocupando 1.500 operários. Entre a produção sobejamente conhecida e apreciada desta emprêsa, destacam-se os produtos refratários com a principal aplicação nos altos fornos para fundição e nos fornos de vidrarias. Destacam-se, ainda, nessa mesma fábrica, as telhas tipo colonial com rebaixos que impedem o refluxo da água por ocasião das chuvas de vento. A matéria prima empregada nesta indústria é tóda ela nacional entre as quais o barro tagué, o caolim, a silica, a magnesita, etc. Destaca-se ainda na indústria cerâmica, a Indústria Paulista de Porcelanas Argilex S. A., fabricantes dos mosaicos Argilex para fachadas, pisos e paredes.

A cerâmica fina é um dos ramos industriais em que o progresso manufatureiro paulista mais se tem acentuado, principalmente nestes últimos 20 anos. E isso é não só uma expressão do progresso econômico, mas, também, um índice de nossa evolução social, sabido, como é, que a cerâmica, na sua evolução produtiva, tem sido um dos fatores expressivos da civilização de um povo.

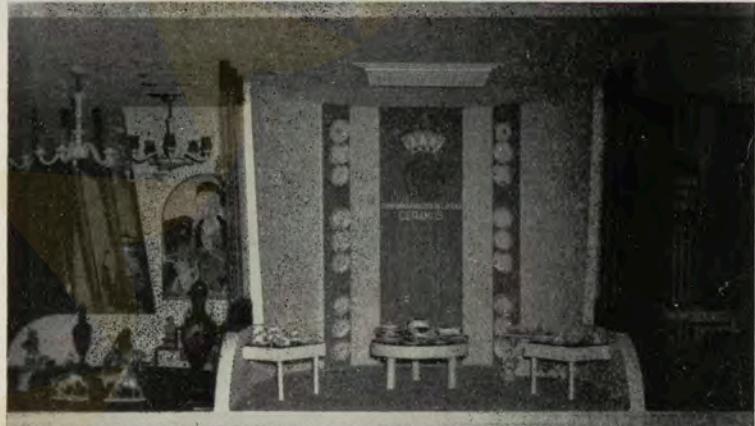
Assim como as famosas fábricas de Copenhague, de Sèvres na França, de Doulton na Inglaterra, as fábricas do Reno, as fábricas das cércanias de Milão, na Itália, são índices industriais que



"Stand" de Cerâmica para construção



"Stand" de mosaicos de porcelana "Argilex"



"Stands" de louças e cerâmica artística

honram a civilização européia, assim também a cerâmica brasileira é uma expressão do estágio adiantado da nossa vida social. A indústria da louça surgiu em São Paulo por volta de 1913. José Zappi foi seu precursor e fundador na Indústria de Louças Zappi S/A. Em 1940 existiam 43 fábricas de louças no parque manufatureiro paulista. Esse número elevou-se, em 1950, a 101 fábricas. Dessas fábricas, cerca de 30 fabricam objetos de porcelana. A louça de porcelana fina paulista rivaliza com as similares estrangeiras.

A indústria em apreço é florescente por isso que conta com matéria-prima nacional abundante e de alta qualidade; e a sua produção abrange, principalmente, os três ramos seguintes:

- a) louça sanitária;
- b) louça de pó de pedra e de porcelana para usos domésticos;
- c) cerâmica artística.

O valor total de produção dêste ramo industrial tem sido calculado, nestes últimos anos, em cerca de 300 milhões de cruzeiros anuais, ocupando essa indústria 15.000 operários especializados. Ceramus, Zappi, Mauá, Weiss, são, dentre centenas de fábricas, empresas que honram o progresso industrial no campo da cerâmica fina, em S. Paulo.

O setor da Cerâmica Artística não é menos expressivo. Os objetos de adorno multiplicam-se neste campo da indústria.

O Liceu de Artes e Ofícios tem sido o pioneiro do progresso dessa atividade industrial, quer pela sua produção esmerada, quer pela preparação da mão de obra especializada.

Dentre as indústrias do ramo, devemos mencionar a Cerâmica Artística Barbosa, conhecida pelo esmero e perfeição da sua produção.

O SENAI, facilitando o preparo do pessoal qualificado para as Indústrias da Cerâmica e do Vidro, mantém os seguintes cursos:

VIDRO — Curso de Vidreiro — Destinado à aprendizes de ofício. Tem a duração de dois anos e funciona nas instalações da fábrica A da firma Nadir Figueiredo Indústria e Comércio S/A., convenientemente adaptadas.

Curso de Biselador de vidro — Éste é um curso rápido para jovens e adultos, com cinco meses de duração. Funciona à noite, recebendo os alunos aulas teóricas na Escola SENAI da Barra Funda e de oficina nas instalações da firma Helmlinger S/A.

CERÂMICA — Cursos de Aprendizagem — Dois são os ofícios ensinados nestes cursos: modelador e decorador ceramistas. Funcionam na Escola SENAI de Jundiaí e tem a duração de dois anos.

Curso de Aperfeiçoamento de Composição Decorativa — Reservado a decoradores que já trabalham na indústria ou a pessoas que revelem possuir conhecimentos da especialidade. Este curso é noturno e tem a duração de 10 meses, funcionando também na Escola SENAI de Jundiaí.

Podemos ainda informar que, dentro em breve, o SENAI iniciará a construção de sua Escola de São Caetano do Sul em terreno para esse fim já adquirido, a qual disporá de completas instalações para atender às exigências da formação profissional do pessoal necessário às diversas especialidades em que se subdivide a indústria da cerâmica.

Vidros e Cristais

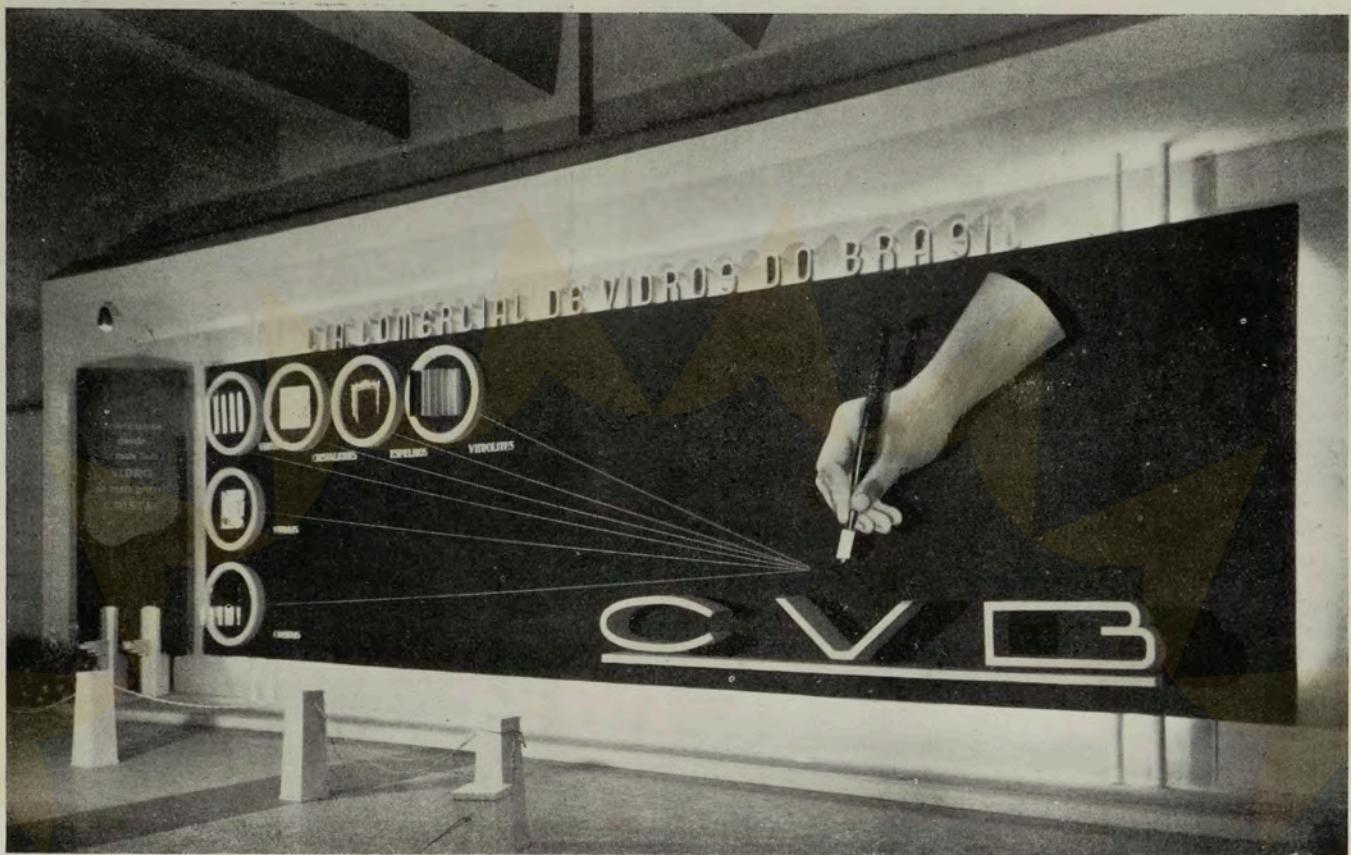
Este ramo industrial foi instalado em São Paulo em fins do século passado e, apenas em 50 anos, ganhou o desenvolvimento que o destaca no parque fabril da América do Sul.

Convém ressaltar no gênero da industrialização do vidro a maior organização de beneficiamento de vidros e cristais dêste continente, a maior fábrica mecanizada de espelhos: C.V.B. Cia. Commercial de Vidros do Brasil.

A primeira fábrica de vidros instalada em São Paulo foi a Vitraria Santa Marina, em 1895. A especialidade produtiva dessa empresa tem sido até hoje a frascaria para todos os fins industriais.



"Stand" do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial



"Stand" da Cia. Comercial de Vidros do Brasil — C.V.B. — premiado em 1.º lugar
(prêmio "Departamento da Produção Industrial")

A realização da 3.ª Grande Exposição Industrial de S. Paulo, patrocinada pelo Centro e Federação das Indústrias, veio comprovar, de forma eloquente e incontestável, que S. Paulo é o maior centro industrial da América Latina.

Despertando o mais vivo interesse, atraiu o grandioso certame verdadeira multidão, da qual participamos, ali comparecendo para apreciar os "stands" dos expositores, que se esmeraram na apresentação de seus produtos, demonstrando ao público a pujança de nosso parque industrial.

Melhor não poderia ser a impressão, que tudo nos proporcionou, mas, cometíramos injustiça se deixássemos de fazer menção especial ao magnífico "stand" da CIA. COMERCIAL DE VIDROS DO BRASIL — "CVB" —, que, constituindo-se num agradável atrativo, pela sua concepção artística e original, logrou alcançar o 1.º lugar na classificação final, fazendo jus, portanto, ao maior prêmio conferido, denominado "Departamento da Produção Industrial".

Idealizado e projetado pelo Departamento Interno de Propaganda da Cia. Comercial de Vidros do Brasil — "CVB" —, sob a chefia de seu hábil desenhista — F. Corrêa Dias — e executado pelo Eng. J. A. Souza, com a colaboração do decorador Landerst Simões, o referido "stand" teve a elogiável virtude de atrair a atenção geral dos visitantes, exibindo-lhes, em síntese, a linha de produção daquêle importante estabelecimento, especializado na industrialização de vidros e cristais, em geral.

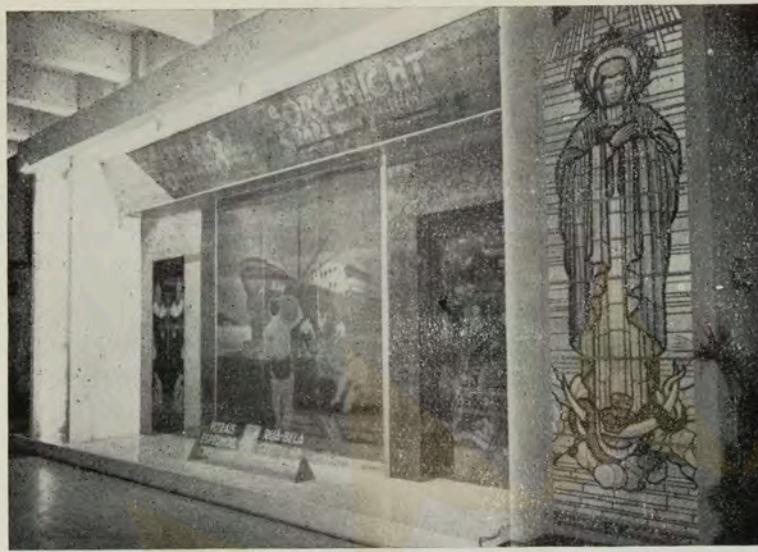
Pela mostra, apresentada em interessantes miniaturas, foi-nos dado observar o grau de aperfeiçoamento, que atingiram os seus

produtos, sobressaindo-se os vitrais sacros e profanos, como deslumbrantes painéis coloridos, os originais cristaliques gravados para adorno de finas residências e edifícios modernos e outros trabalhos não menos dignos de serem apreciados, para execução dos quais, dispõe a CVB de um selecionado corpo de artistas e técnicos especializados.

Digno de especial menção é, igualmente, o fato de pertencer a esse notável estabelecimento, a maior e única fábrica mecanizada de espelhos, da América do Sul, com capacidade de produção mensal de cerca de 50.000 m², o que o coloca, sem dúvida, na vanguarda dos produtores do artigo. E, nesse setor, a sua produção apresenta múltipla variedade, desde o espelho mais simples até o nobre e artístico espelho veneziano, com as suas gravações e lapidações características.

Assim, como expressivamente define a alegoria do "stand", em que se observa, sobre a sigla "CVB", o punho de um profissional com o diamante em posição de corte, significativa operação, da qual depende a execução dos importantes trabalhos ali expostos, está, por certo, a Cia. Comercial de Vidros do Brasil — CVB —, em condições de atender a quaisquer serviços do ramo a que se dedica, dispondo, para tanto, de amplas e modelares instalações, na qual mourem cérca de 1.000 artífices distribuídos pelas suas várias secções.

Girando com o capital de Cr\$ 100.000.000,00, a Cia. Comercial de Vidros do Brasil — CVB — honra a indústria nacional e tem méritos para ser considerada a maior organização de beneficiamento de vidros e cristais de S. Paulo, do Brasil e da América do Sul.



"Stand" de Vitrals Conrado Sorgenicht S. A., premiado em 2.º lugar. Decorado pelo departamento artístico próprio.

Em 1906, mais ou menos, iniciou-se em São Paulo, a fabricação de vidros planos para vidraça. Essa tentativa, porém, foi sustada, ressurgindo em 1941.

Há, atualmente, no Brasil, três fábricas de vidros planos. Duas estão instaladas em São Paulo — a Indústria Paulista de Vidro Plano Ltda., e as Indústrias Vicry S/A. Essas fábricas têm uma produção suficiente para abastecer o mercado nacional, de vidro plano liso e martelado.



"Stand" de vidro plano

Deve-se ressaltar, neste campo da industrialização do vidro, o progresso notável que a produção de vitrais vem alcançando. A indústria paulista de vitrais surgiu em São Paulo em 1889 pelas mãos hábeis de Conrado Sorgenicht. Em 1907, já os vitrais fabricados em São Paulo garneciam artisticamente a igreja de Santa Cecília. Hoje a indústria paulista conta com uma produção de vitrais artísticos, profanos e sacros, que enobrecem a ca-



"Stand" de artefatos de matéria plástica



"Stand" de "Cristais Prado", premiado em 3.º lugar, decorado por J. O. Souza, em colaboração com Landerset Simões

pacidade manufatureira do Estado. A essa produção aliam-se, também, os azulejos artísticos que são uma verdadeira maravilha. No setor dos vidros e cristais ócos a capacidade industrial paulista progride dia a dia. As instalações técnico-industriais das grandes fábricas são modernas. A matéria prima é abundante e de boa qualidade e daí a produção excelente. Os cristais finos já substituem perfeitamente os cristais da Bohemia e de Baccarat. Entre as firmas paulistas do ramo industrial em questão, convém ressaltar Cristais Prado, firma essa com uma capacidade produtiva que satisfaz plenamente as exigências do fino gosto artístico e utilitário.

Material Plástico

No campo dos artefatos de matéria plástica cerca de 100 fábricas desenvolvem as suas atividades ocupando uma mão de obra de 5.000 operários.

A indústria de matéria plástica estava, até há pouco tempo, na dependência da matéria-prima extrangeira. Hoje, o parque fabril de São Paulo já conta com produção própria dessa matéria-prima, de modo que a indústria de plásticos já se vai libertando dos percalços da importação, às vezes tão difícil. Toda a sorte de artefatos é fabricado nesse campo industrial: objetos de uso doméstico, tecidos, brinquedos, artefatos subsidiários de outras indústrias, notadamente das indústrias elétrica e farmacêuticas.

Destaca-se nesta indústria moderna a Plásticos Plavinil S. A., fabricantes de laminados de plásticos, lisos, estampados, grameados, polidos e tecidos recobertos, como também de chapas rígidas, semi-rígidas e flexíveis, além de artigos de extrusão, fios, cerdas, tubos, mangueiras e perfilados diversos.

Não se pode deixar de mencionar a Sociedade Industrial "SILPA" Ltda., que, aproveitando material plástico, está fabricando letreiros desarmáveis, servindo êstes de indicadores de prédios, quadros de horários, marcadores para prêços, e outras finalidades. Aproveitando também a matéria plástica, surgiu, fabricado por Gennari & Gennari, o "Metragulho", um nível Cem por Cento que mede as inclinações por porcentagens.

A ESTAMPARIA CARAVELLAS S. A. é outra firma que aproveita a matéria plástica na fabricação do brinquedo de qualidade BRINKIBOY.



"Stand" de material plástico

Firmas Expositoras

São as seguintes as firmas industriais paulistas que participam da Exposição:

CERÂMICA PARA CONSTRUÇÃO

CERÂMICA SÃO CAETANO S/A.

Rua Boa Vista, 84, 6.^o andar

CIA. CERÂMICA VILA PRUDENTE

Rua Boaica, 247

CERÂMICA SACOMAN S/A.

Rua São Bento, 389, 3.^o andar

ARGILAS E MINÉRIOS INDUSTRIALIS "AREMINA" LTDA.

Rua Barão de Jaguára, 1.024/1.030

INDÚSTRIA PAULISTA DE PORCELANA "ARGILEX" S/A.

Rua Nestor Pestana, 47

PORCELITE S/A. — CERÂMICA SANITÁRIA

Rua Itapura, 626

CERÂMICA ARTÍSTICA

LICEU DE ARTES E OFÍCIOS DE S. PAULO

Av. Tiradentes, 141

FÁBRICA DE IMAGENS "BOM PASTOR"

Rua Cons. Dantas, 36 (Guaratinguetá)

CERÂMICA ARTÍSTICA BARBOSA LTDA.

Rua Barão de Iguape, 921

LOUÇAS DE PORCELANA E PO' DE PEDRA

S/A INDÚSTRIAS REUNIDAS FRANCISCO MATARAZZO

Praça do Patriarca s/n.^o

VIRGILIO TEIXEIRA & IRMÃO — FÁBRICA DE PORCELANA

SÃO PAULO, R. Major Del Prete, 287 (S. Caetano do Sul)

CERÂMICA WEISS, Av. Rui Barboza, 747 (S. José dos Campos)

INDÚSTRIA DE LOUÇAS "ZAPPI" S/A.

Rua 7 de Abril, 264, sala 206

CIA. PAULISTA DE LOUÇAS "CERAMUS"

Rua Elói Cerqueira, 276

PORCELANA "REAL" S/A

Rua Libero Badaró, 152, 8.^o andar

PORCELANA "MAUÁ" S/A.

Praça da Sé, 399, 4.^o andar, sala 410

ESPELHOS, VIDROS E CRISTais PLANOS

INDÚSTRIAS "VICRY" S/A.

Rua Boa Vista, 236, 4.^o andar

VIDRO "PROTECTOR" S/A.

Rua Vitória, 325

INDÚSTRIA PAULISTA DE VIDRO PLANO LTDA.

Av. Santa Marina, 833

CIA. COMERCIAL DE VIDROS DO BRASIL — CVB

Rua Cons. Crispiniano, 379, 5.^o andar

VITRAIS CONRADO SORGENICHT S/A.

Rua Bela Cintra, 67

VIDROS E CRISTais ÓCOS

CIA. VIDRARIA SANTA MARINA

Av. Santa Marina s/n.

CRISTAIIS "BRASIL" LTDA.

Rua Herval, 497

CRISTAIIS "PRADO" LTDA.

Av. Celso Garcia, 1.467

NADIR FIGUEIREDO INDÚSTRIA E COMÉRCIO S/A.

Av. Guilherme Cotching, 145

ARTEFATOS DE MATÉRIA PLÁSTICA

"TROL" S/A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Rua Diana, 245

"BAKOL" S/A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Praça Ramos de Azevedo, 206, 30.^o andar

PLÁSTICOS "HEVEA" LTDA.

Rua Bixira, 234 (Alto da Moóca)

PLÁSTICOS "PLAVINIL" S/A.

Av. Cons. Rodrigues Alves, 3.993

PLASTIGRAVURA LTDA.

Rua Joaquim Antunes, 797

"PLASTAR" S/A. COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE MATERIAIS

E PRODUTOS PLÁSTICOS, Rua Cel. Oscar Porto, 1.091

GENNARI & GENNARI

Rua 15 de Novembro, 132, 2.^o andar

SOCIEDADE INDUSTRIAL "SILPA" LTDA.

Rua Bela Cintra, 71

ESTAMPARIA CARAVELLAS S/A.

Rua Caravellas, 138

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL (SENAI), Rua Monsenhor de Andrade, 298

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA (SESI)

Praça D. José Gaspar, 30, 6.^o andar

Trabalharam como decoradores da exposição, entre outros:
J. O. Souza e Landerset Simões, com escritório à rua de São Bento, 319, 1.^o andar, cujos trabalhos (stands da "C. V. B." e "Cristais Prado") foram premiados com os 1.^o e 3.^o prêmios.



"Stand" de artefatos de matéria plástica (Metrângulo e Brinkiboy)



Maquete do "Palácio das Indústrias" futura sede do Museu Industrial Paulista

Fotos gentilmente cedidos pela "REAL Fotografias", rua Benjamim Constant, 155, sobrado, fone 33-3438; São Paulo.

Premiada a compositora Dinorah de Carvalho

Durante uma solenidade realizada no dia 13 de setembro, no auditório do "Museu de Arte" e à qual compareceram a sra. Carmelita Garcez, esposa do Governador do Estado, artistas e intelectuais, o sr. João Rosato, numa demonstração de solidariedade com a obra cultural do Museu, fez a seguinte oração justificando a oferta do prêmio que destinou à compositora Dinorah de Carvalho:

Em mais de uma oportunidade já tive ocasião de revelar meu aplauso e minha admiração aos empreendimentos liderados pelo espírito pioneiro de Assis Chateaubriand. Isto fiz, e faço, porque vejo em cada idéia do egrégio jornalista um élo de comunhão humana cujo único escópô é beneficiar o país em que vivemos e que tivemos a fortuna de nascer. Talvez o sucesso das campanhas de Assis Chateaubriand esteja exatamente nesse humanismo integral, onde o homem rompe os grilhões do mito para atingir os páramos da arte.

É ele a ponta-de-lança e nós outros seus caudatários porque vemos nos seus sonhos a realidade plena imediata. Espírito catalizador, comove-se e comove-nos. E cada sugestão sua é uma palavra de ordem. Marchamos por sendas certeiras, e, prova pro-

Snr. João Rosato, pronunciando o seu discurso.



Aspecto da solenidade, vendo-se a exma. Sra. Carmelita Garcez, esposa do Governador do Estado, a compositora Dinorah de Carvalho, Sr. João Rosato e sua filhinha, Cecília Maria.

vada desta afirmativa, é precisamente este Museu de Arte, o exemplo comprobativo mais próximo do nós, porque estamos nele. Ora, este Museu de Arte, tão brilhantemente organizado e dirigido por Pietro Maria Bardi, é algo mais que uma galeria, já que aqui não significam apenas seus acervos pictóricos, escultóricos ou mobiliários. Há aqui uma alma imperceptível, emuladora e ao mesmo tempo sedativa. Esta policromia, às vezes, é comovida por acordes musicais, é animada por conferências de alta cultura, e sua tela alva se anima com mensagens do "écran" de vanguarda. Aqui, livros de arte são editados, aqui, numa palavra, se forja uma consciência estética numa síntese de todas as artes.

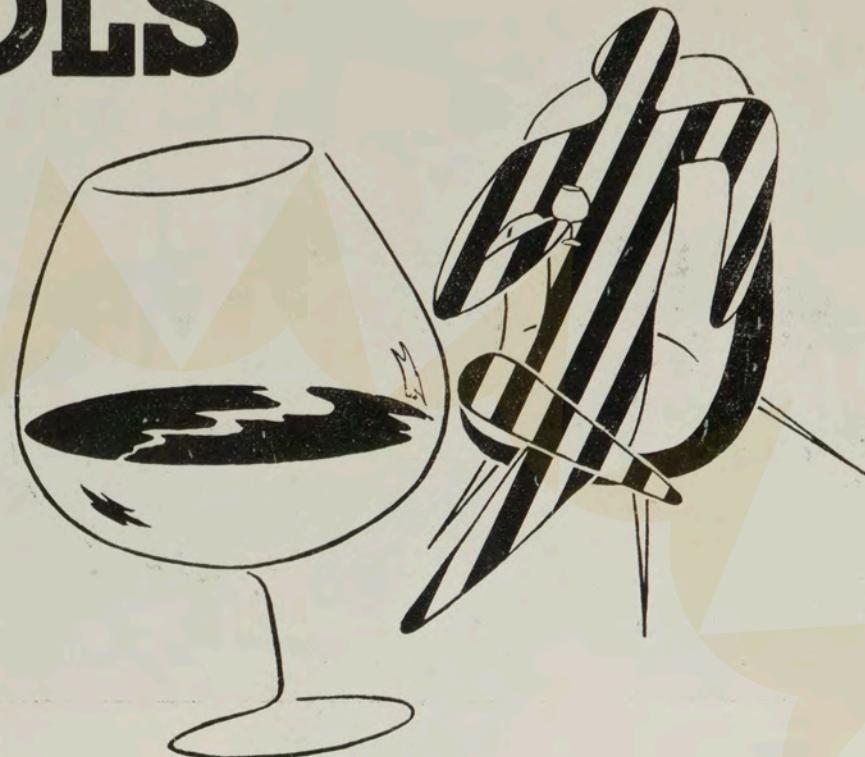
Agora festejamos a mais etérea delas: o "ballet", cuja partitura musical é de autoria de Dinorah de Carvalho Murici, detentora merecidamente do prêmio que lhe coube e que minha filhinha Cecília Maria, por meu intermédio, tem a satisfação de ofertar.

Dizer algumas palavras sobre nossa homenageada será desnecessário. Mesmo na nossa vida atribulada, sem lazeres para os

momentos d'arte, chegou até nós o nome de Dinorah de Carvalho Murici, musicista insigne e profunda estudiosa do legado musical. Sensibilidade apurada, "virtuose" exímia, compõe ora com transbordante romantismo, ora hierática e clássica. A isto, é preciso acrescentar sua atuação como cronista musical, sempre bem informada, sempre exigente, e tudo veiculado num estilo de escritora inata. Este prêmio vem justamente coroar um trabalho que se coloca naturalmente dentre as nossas melhores contribuições musicais dedicadas ao "ballet". E é com o maior júbilo que tenho a honra de patrociná-lo.

Quicira Deus que o nosso exemplo sirva de paradigma para que outros artistas recebam o merecido aplauso incentivador de tantos espíritos mecenás que ainda esperam contribuir, aguardando apenas a inspiração ou quem sabe, uma sugestão de Assis Chateaubriand. E, de minha parte, apenas quero, mais uma vez, reafirmar um pouco do muito que merece Dinorah de Carvalho Murici, nesta parcela que minha querida Cecília oferece para maior e mais estupendo progresso de nossa música erudita.

Licores BOLS



famosos desde 1575

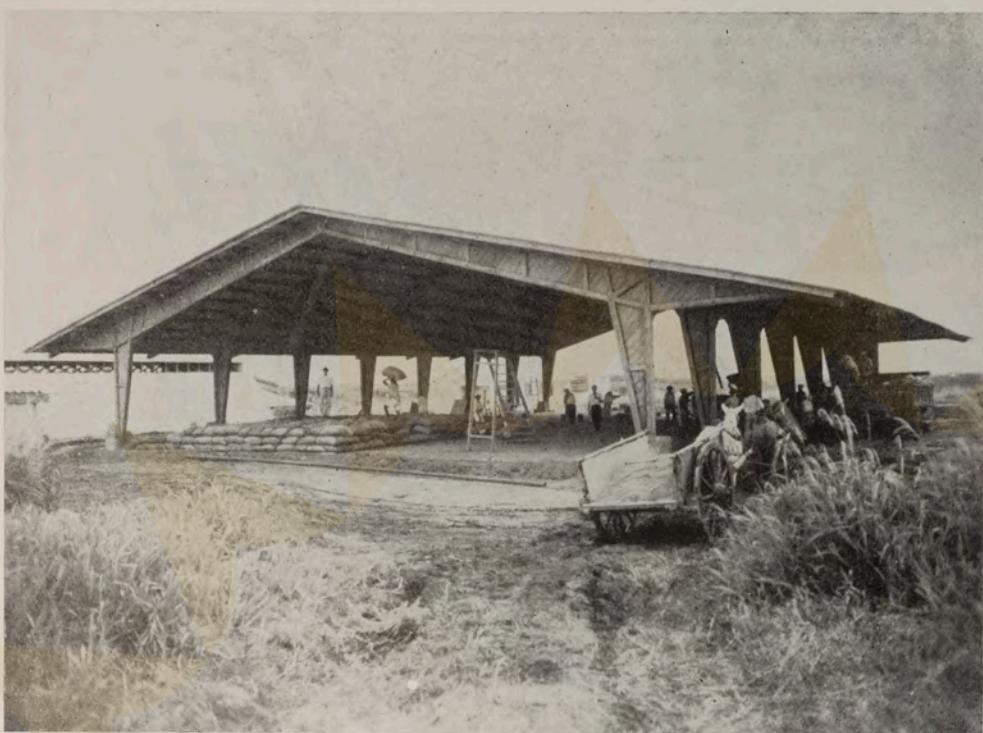
ESTOFADORES

BEREICÓA & RULHE

DECORADORES

TEL. 37-1746

RUA BARATA RIBEIRO, 323-B - RIO



Estruturas em madeira
Esquadrias
Material de Desenho

R. Major Quedinho, 99 - 10.^o
Fones - 33-4329 e 36-4920
SÃO PAULO

Escritório e Fábrica
Av. Brasil, 9110, Tel. 30-2066
RIO DE JANEIRO

End. Teleg. TEKNO

Soc. TEKNO Ltda.

Studio Policromo Ltda.
ESTRADA VELHA DA TIJUCA, 1251

FOTOGRAFIA INDUSTRIAL E COMERCIAL
TEL. 38-4221

RIO DE JANEIRO

liquidificador



VITAMINAS PURAS
DE
FRUTAS E LEGUMES

LIQUIDIFICADOR EPEL, permite, com grande facilidade, obter vitaminas puras de frutas e legumes.

Habite-se a usar quotidianamente o LIQUIDIFICADOR EPEL, enriquecendo ainda mais sua saúde!



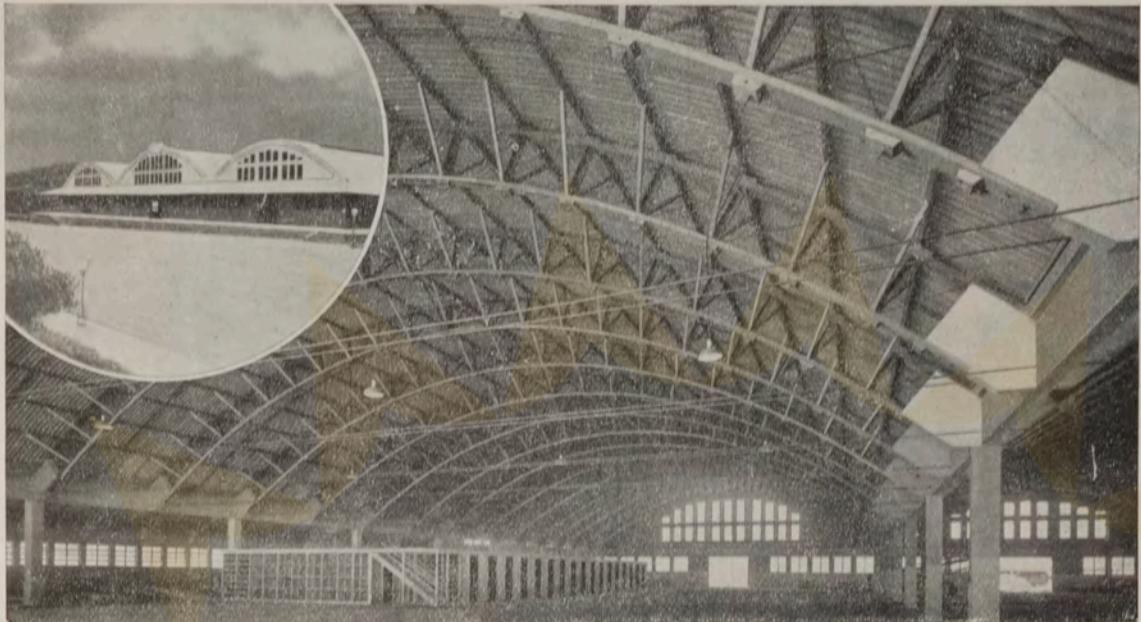
A MARCA QUE RESPONDE PELA
EFICIÊNCIA DOS SEUS PRODUTOS
GARANTIDA PELA FÁBRICA

PRODUTO DAS INDÚSTRIAS REUNIDAS INDIAN EPEL LTDA.
CAIXA POSTAL, 1460 - SÃO PAULO

DOMINICI

iluminação moderna

Rua Xavier de Toledo, 310 - S. Paulo



Eternit
CHAPAS Onduladas e lisas

DISTRIBUIDORES

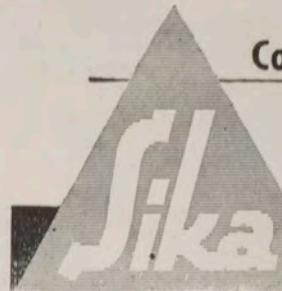


MAQUINAS PARA
CONSTRUÇÃO

ESTRUTURAS DE MADEIRA
MONTANA S.A.
ENGENHARIA E COMÉRCIO

MATRIZ
RIO DE JANEIRO
Rua Visconde de Inhaúma, 64
3º e 4º; Telefone: 43-8861
Caixa Postal 3598

FILIAL
SÃO PAULO
Rua Conselheiro Crispiniano, 20-4º
Telefone 34-5116
Caixa Postal 3056



Com Sika na argamassa
a água
nunca mais passa

Produtos Químicos para
Impermeabilização
de Construções

MODERNAS INSTALAÇÕES

LUZ para:
ESCRITÓRIOS — LOJAS
VITRINAS — RESIDÊNCIAS — ETC.



FORÇA para: OFICINAS — FÁBRICAS — ETC.

A LUZ MODERNA
W. Stempien & Cia. Ltda.

ESCRITÓRIO

RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 275, 9.º ANDAR
SALA 90, TELEFONE: 36-5922; SÃO PAULO

Senhor Engenheiro

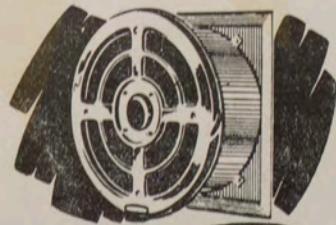
PROPORCIONE

À SUA CLIENTE
PERFEITA SATISFAÇÃO,
INSTALANDO NA

COZINHA



Exaustor



NAS CASAS DE
MATERIAIS ELÉTRICOS

ELETRO INDUSTRIA

“WALITA” S/A

Rua Alvaro Alvim, 79 - Tel. 70.4791
SÃO PAULO



Moveis em
estilo moderno
Decorações
em geral

MOVEIS ARTESANAL LTDA.

SÃO PAULO Rua Arnaldo, 13 (Itaim) - Fone: 8-5635

CONJUNTOS DE BANHOS COLORIDOS DE LOUÇA VITRIFICADA ALEMÃ

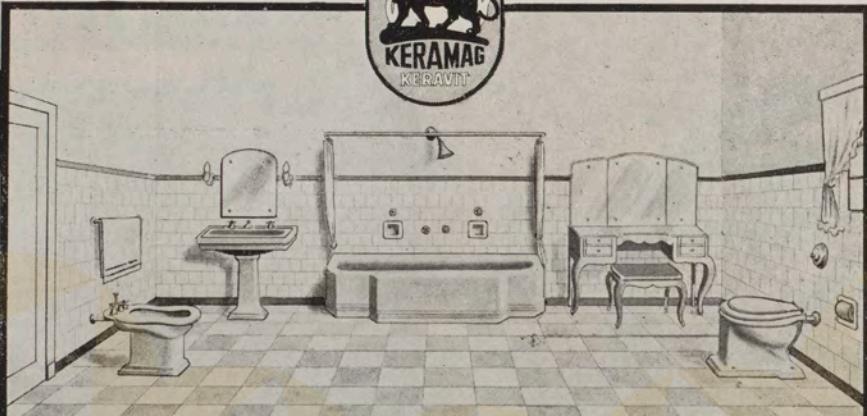
KERAMAG



KERAVIT

CÔRES
EXCLUSIVAS

MODELOS
EXCLUSIVOS



NOVA REMESSA RECENTE CHEGADA DA ALEMANHA

OKUSA INTERNATIONAL CORPORATION
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA O BRASIL E DISTRIBUIDORES

„SANITÉCNICA” S/A

EXPOSIÇÃO E VENDAS:

RUA QUIRINO DE ANDRADE, 217

EM FREnte A BIBLIOTÉCA MUNICIPAL



SÃO PAULO

FONE, 36-3620



BRASIL

Artes Plásticas

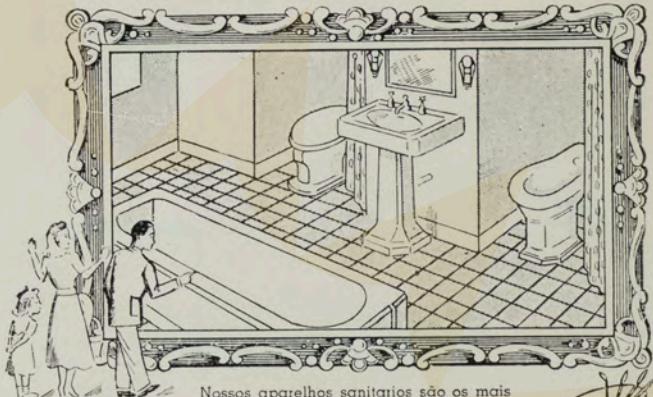


Galeria 7 de Abril

Exposição permanente dos melhores mestres contemporâneos
Rua 7 de Abril, 412, SÃO PAULO
 IRMÃOS UNTERMAN, organizadores



não devem faltar os aparelhos sanitários
SOUZA NOSCHESE



Nossos aparelhos sanitários são os mais conhecidos porque são os mais perfeitos.

VISITE NOSSAS EXPOSIÇÕES

Em nossa loja:
 Rua Marconi, 28 - Tel. 4-8876 - São Paulo

**SOC. AN. COMÉRCIO E INDÚSTRIAS
 SOUZA NOSCHESE**

São Paulo - Matriz: Rua Julio Ribeiro, 243 - Tel. 9-1164 - C. Postal. 920
 Filiais: R. Oriente, 487 - Tel. 9-5334 - S. Paulo - R. João Pessoa, 138 - Tel. 2055 - Santos

REPRESENTANTES:

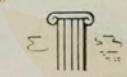
V. TEIXEIRA & CIA. LTDA. Rua Riachuelo, 411 - RIO DE JANEIRO
 ALBERTO NIGRO & CIA - Rua Dr. Muricy, 419 - CURITIBA



LINDAS CORES



DURABILIDADE



LINHAS PERFEITAS

A FAMA



tapetes à mão

RÉGINA

r. avanhandava, 38
 s. paulo. tel. 45928

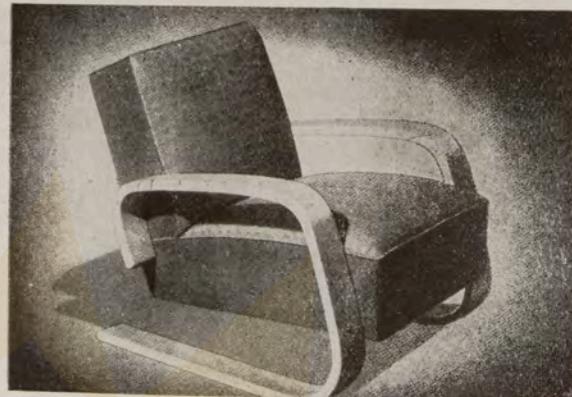


CASA BENTO LOEB

Servindo a Sociedade Paulista há mais de 50 anos

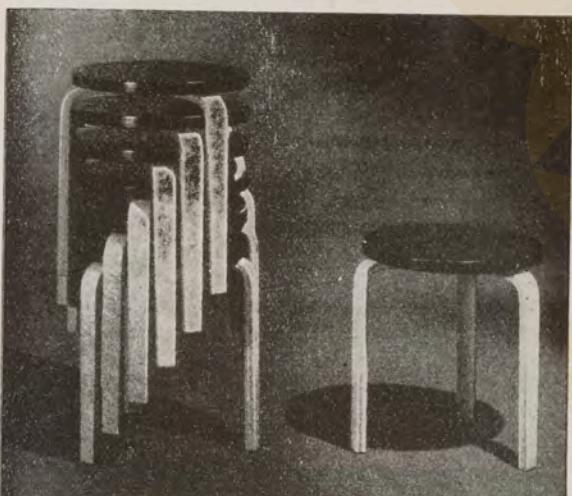
Rua 15 de Novembro, 331 - Fone 2-1167

Fidel - 1803



MOVEIS E ARTIGOS DE DECORAÇÃO

Único representante e importador no Brasil, dos moveis modernos suecos patenteados e desenhados pelo arquiteto prof. Aalto



MOVEIS ORIGINAIS, EXCLUSIVOS E PROPRIOS PARA O NOSSO CLIMA, FABRICADOS COM MADEIRA DE LEI

Cristais de fabricação sueca
Ceramicas artísticas
Lustres e abatjous modernos
Tapetes
Tecidos de Decoração.

Executamos projetos de decoração de hoteis, escolas, apartamentos e escritórios com os nossos moveis standard ou de acordo com os desenhos de nossos clientes, no gênero moderno.

MOVEIS SUECOS "ARTODOS" LTD.

Av. Copacabana, 291;
Copacabana Palace Hotel,
Tels.: 37-0513 e 45-2437
Rio de Janeiro

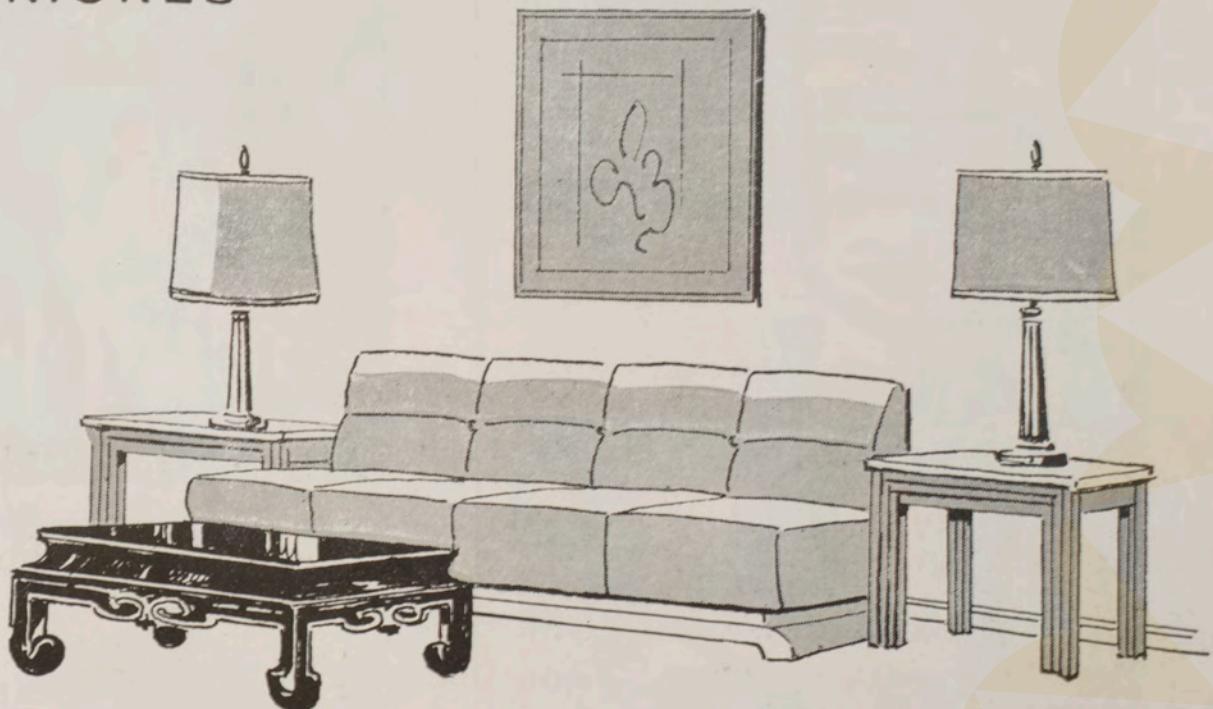


PARESE CONSTRUTORA LTDA.
ENGENHEIROS

ENGENHARIA - CONSTRUÇÕES EM GERAL

R. Mexico N.º 11, 10.º and., Fone: 42-6321 e 32-9356
RIO DE JANEIRO

INTERIORES



Moveis Bertalan Ltda.

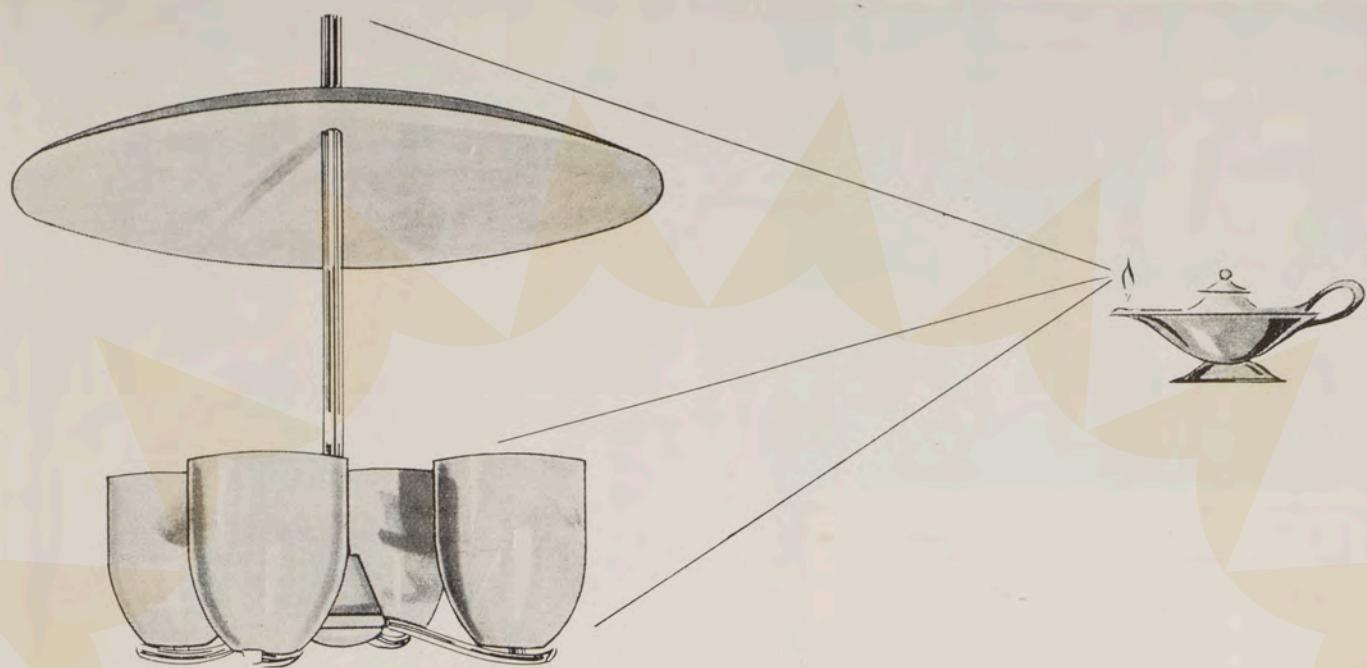
AV. PRINCESA ISABEL, 131-B — TEL. 37-6464
RIO DE JANEIRO

Cia. de Investimentos Comércio e Incorporações
C. I. C. I.

ENGENHARIA - CONSTRUÇÕES - INVESTIMENTOS - INCORPORAÇÕES

R. Mexico N.º 11, 10.º and., Fone: 42-6321 e 32-9356; RIO DE JANEIRO

FÁBRICA METALURGICA DE LUSTRES LTDA.



CREADORES DE APARELHOS DE ILUMINACÃO RESIDENCIAL DESDE 1924

RUA PELOTAS, 141, SÃO PAULO, TELEFONES: 70-4046 e 70-4053



**estantes
desmontaveis
de aço**

SECURIT

Práticos, fáceis de montar
e desmontar, respondem
também às mais avançadas
exigências da estética

TECNOGERAL S.A.

SÃO PAULO-RUA 24 DE MAIO, 47
TEL. 36-5785 e 36-7742
RIO: SIDEMA-RUA MÉXICO, 16
TEL.: 22-8412 e 52-3616

Vista da instalação de estantes SECURIT na Biblioteca do Instituto Cultural Italo-Brasileiro



MAPA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Área representada: 500 km². Mais de 6000 ruas e praças.
Rápida localização, sem desdobrar todo o Mapa, de qualquer
rua de São Paulo e arredores: São Caetano, Santo Amaro,
Congonhas, Pirituba, Tucuruvi, etc.

Linhos de bondes e ônibus.

Em carteira com índice Cr\$ 40,00. — Sem moldura Cr\$ 25,00.
Com moldura sem índice Cr\$ 40,00.

Em todas as papelarias e bazaras, ou pelo Serviço de
Reembolso Postal na

COMPANHIA MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO
Indústrias de Papel — Caixa Postal 8120 — São Paulo

Sabe quanto
pode durar
seus óculos?



Sabe se deve mudar as lentes?
Sabe se realmente precisa con-
tinuar a usar óculos? Isso ninguém sabe...
porém o oculista o sabe. E, pois, acon-
selhável visitá-lo periódicamente — vi-
sita recomendada pela já conhecida
frase "Se a vista lhe está falhando, vá
ao oculista... e à Lutz Ferrando".

LUTZ FERRANDO
ÓTICA E INSTRUMENTAL CIENTÍFICO S. A.

RUA DIREITA, 33

SE A VISTA LHE ESTÁ FALHANDO VÁ AO OCULISTA... E À LUTZ FERRANDO.

MADEIRIT

Madeira compensada á prova d'água

LAMBRIS — FORMA PARA CON-
CRETO ARMADO — MADEIRA
COMPENSADA REVESTIDA DE
PLASTICO — TELHAS MADEIRIT

INDÚSTRIAS MADEIRIT LTDA.

São Paulo

Escritório

Rua Xavier de Toledo, 264 - Sala 102

Telefone: 36-7020

L o j a

Rua do Gazometro, 560

ELETRO-
BOMBAS
para todos os fins



HAUPT-SAO PAULO & CIA. LTDA.
R. FLORENCIO
DE ABREU, 580
TELEFONE
34-6666 e 34-6667

RPA



Consulte um dos nossos técnicos, que lhe apontará a solução ideal para o seu caso.

FORTES RAZOES

ATESTAM A
SUPERIORIDADE
DE FIEL-COPA

- Fabricada com chapa de aço de primeira qualidade.
- Processo especial de pintura.
- Garantida contra defeitos de fabricação.
- Bases removíveis de fácil substituição.
- Aproveitamento integral de espaço.
- Novos modelos de maior espaço útil.
- Mais eficiência nas tarefas domésticas.
- Vendida também em peças avulsas.
- Adatável a qualquer residência.
- Plantas, projetos e orçamentos gratuitos.

MÓVEIS DE AÇO FIEL, S.A.

R. CACHOEIRA, 670 - TELS. 9-5544 - 9-5545 - S. PAULO



Artgrap

Isoladores de baixa tensão
Isoladores de alta tensão
Material Elétrico-cerâmico
em geral
Tijolos e bolas de porcelana



Mosaicos de porcelana
Mosaicos esmaltados
Ladrilhos de porcelana
Ladrilhos de grès
Ladrilhos esmaltados
Ladrilhos rústicos

Indústria Paulista de Porcelanas "ARGILEX" S/A.

Escrítorio e Mostruário: Rua Nestor Pestana, 47; fones: Vendas 34-8043 Gerência 34-9381; S. PAULO
Fábrica: Rua Guaicurús, 106; fone: 162; S. Caetano do Sul (E. F. S. J.)
Endereço Telegráfico: « ARGILEX »; SÃO PAULO

PVP

INDUSTRIA PAULISTA DE VIDRO PLANO LTDA.

A VENIDA SANTA MARINA, 833
C A I X A P O S T A L 5 6 2 3
END. TELEGRÁFICO "VIDROPLANO"
FONES: 51-9131 e 51-9132, SÃO PAULO

CARVALHO
MEIRA S/A

COMERCIAL E INDUSTRIAL

FERRAGENS
ARTIGOS SANITÁRIOS



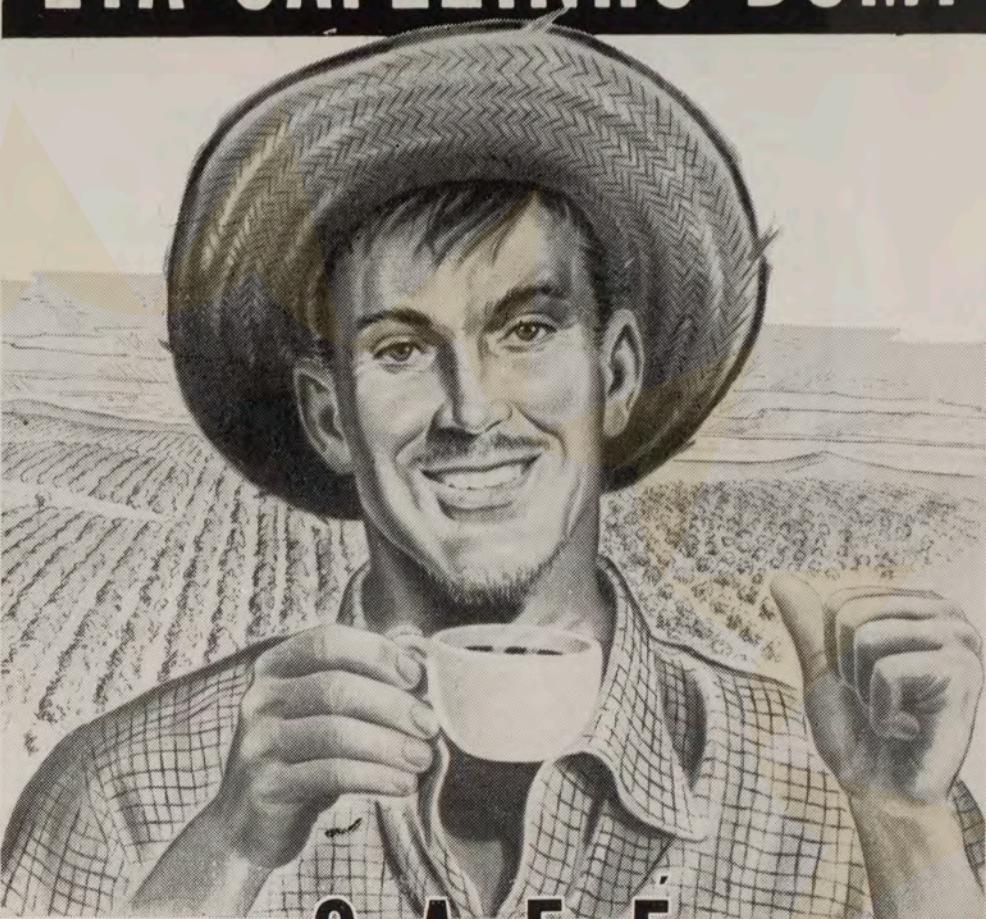
LA FONTE

A Fechadura que Fecha e Dura

RUA LÍBERO BADARÓ, 605
FONE: ESC. E LOJA, 33-3197
SÃO PAULO

END. TELEGRÁFICO "RODOL"
CAIXA POSTAL N. 201
BRASIL

ÊTA CAFÉZINHO BOM!



**CAFÉ
*Caboclo***

COMPANHIA UNIÃO DOS REFINADORES



S I L P A

Os mais modernos LETREIROS DESARMAVEIS
em material plástico
Um acabamento para cada gosto
Um tipo para cada finalidade

Sociedade Industrial "SILPA" Ltda.
Rua Bela Cintra, 71 - Fone 36-5998
SÃO PAULO — BRASIL

Representantes em todas
as Capitais do País

O IMPERMEABILIZANTE

VEDACIT

"DE AÇÃO PERMANENTE"

E' USADO COM GRANDE ÉXITO NAS IMPERMEABILIZAÇÕES
DE ALICERCES, PAREDES ÚMIDAS, CAIXAS D'ÁGUA ETC.

Otto Baumgart
ENGENHEIRO

RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 352, TELEFONE 32-7280, C. POSTAL 3492; SÃO PAULO

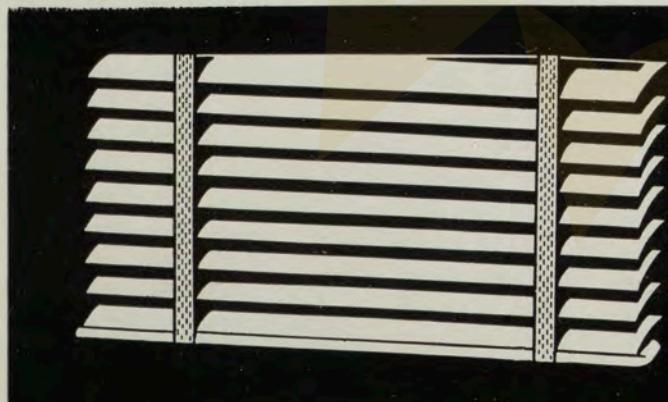
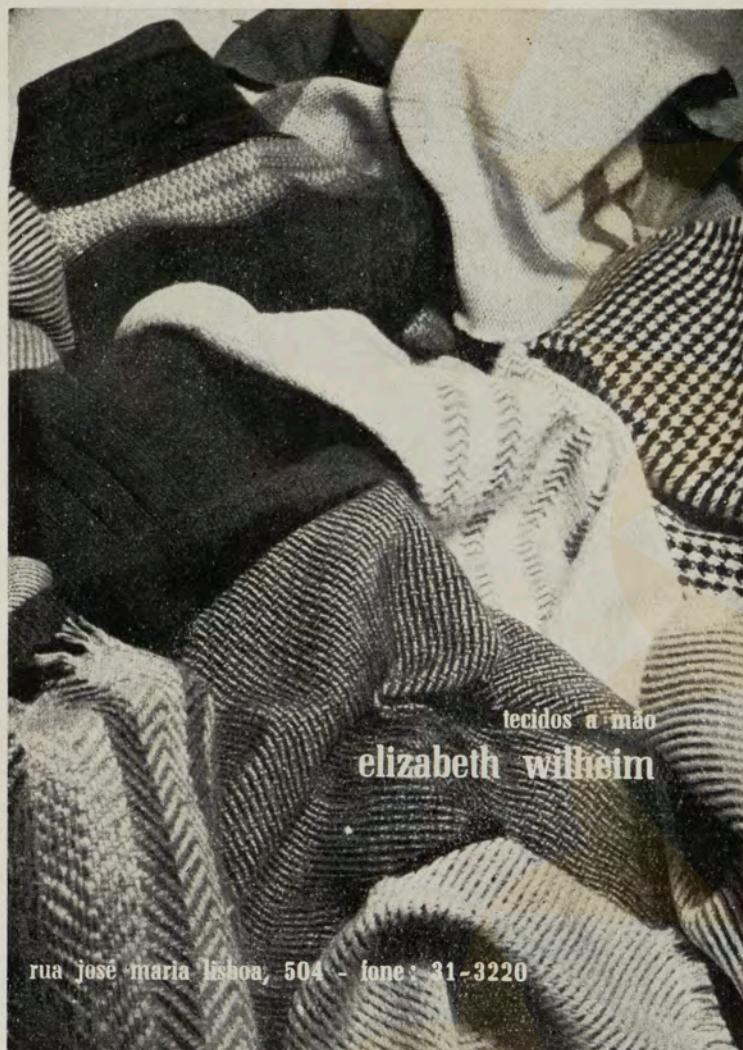
Viajens
MARÍTIMAS
E AÉREAS

VIAJAI

EXCURSÕES
PROGRAMADAS

CIT
COMPANHIA ITALIANA TURISMO

S.PAULO - RUA 7 DE ABRIL, 277 - LOJA INTERNA - FONE 32-1065
RIO DE JANEIRO - RUA SENADOR DANTAS, 25-2 - FONE 32-8181-R.5



CONFORTO E BELEZA
COM
**PERSIANAS
SOMBREOLAR**
LTDA.
ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSO
TEL. 33-2955
SEC. DE VENDAS R.DO CARMO, 64-4º A.S. 41

PARA MOVEIS
BARES ETC.
E REVESTIMENTO
DE PAREDES

WARERITE

CHAPAS DECORATIVAS
DE MATERIA PLASTICA

Estoque de todas as cores

Representantes exclusivos da Bakelite - London:
IMPORTADORA E EXPORTADORA DE METAIS
"BRASIMET" S.A.

Ed. Conde Matarazzo - 12.º andar - Tels.: 33-7084 - 33-7085 - 33-4679 - São Paulo
Filiais: Rio de Janeiro — Porto Alegre — Campina Grande

LIVRARIA NOBEL S. A.

Livros nacionais e estrangeiros — Distribuidora da coleção "DOCUMENTI" — Portas, janelas, escolares, edifícios esportivos, lojas, residências, hoteis, casas, casas mínimas, etc. — Representante exclusivo das casas editoras: Antonio Vallardi, Zanichelli, Politécnico, Electa — Exclusividade da Revista Italiana

"URBANISTICA"

RUA DA CONSOLAÇÃO, 49, TEL.: 34-5612, SÃO PAULO
(EM FREnte à BIBLIOTECA MUNICIPAL)

LIVRARIA INTERNACIONAL

PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS E TÉCNICAS

Importação de Revistas e Livros

Caixa Postal 1405, Rua Libero Badaró, 92, Tel. 32-1225
SÃO PAULO — BRASIL

ESTOQUE DE LIVROS SÓBRE ARTE E ARQUITETURA:
Histoire de la Peinture Moderne en trois volumes, 280 planches en couleurs:

vol. I — De Baudelaire a Bonnard.
vol. II — Matisse, Munch et Rouault.
vol. III — De Picasso au Surréalisme.
La Peinture Italienne.

Tout l'Oeuvre Peint de Léonard de Vinci
S. Papadaki: The Work of Oscar Niemeyer
L. Michaels: Contemporary Structure in Architecture.

no RIO

AMBASSADOR
hotel



rua Senador Dantas, 25 • Rio

tel.: 32-8181

end. teleg.: "AMBASSHOTEL"

diárias a partir de Cr\$ 110,00

O melhor restaurante da cidade com vista maravilhosa e ar refrigerado, situado no 17.º andar.

Sugestão a preço fixo e serviço à la carte.

Apartamentos com ar refrigerado.

Diárias a partir de Cr\$ 110,00.

Livraria Editora
K O S M O S

ERICH EICHNER & CIA. LTDA.

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO - PORTO ALEGRE

LITERATURA - ARTE - CIÊNCIA

KOPENHAGEN

FABRICAÇÃO DE ESPECIALIDADES EM CHOCOLATES
LOJA MATRIZ

Rua Dr. Miguel Couto, 41, Fone 33-3406
FILIAIS

Rua Dr. Miguel Couto, 28, Fone 33-3406
Rua Barão de Itapetininga, 92, Fone 34-3946

Rua São Bento, 82, Fone 32-6733

NOVAS FILIAIS

Avenida Ipiranga, 750, Fone 33-4527

Praça do Patriarca, 100, Fone 33-3607

Praça João Mendes, 11 FONE 33-3607

FILIAIS

RIO DE JANEIRO — SANTOS — BELO HORIZONTE
PORTO ALEGRE — CURITIBA

Tapetes
Granada LTDA



TAPETES FEITOS à MÃO

Rua Barão de Itapetininga, 275
 7.º and., s/ 70, Fone: 36-1965

O SÍMBOLO DA BELEZA E QUALIDADE

SÃO PAULO

Av. Um, N.º 330, Jabaquara
 Caixa Vasp 160, S. Amaro



Estruturas de Madeira
 Materiais de Construções
 Cobertura Brasilit

ESTRUTURA LAMELAR
 Obra: Ultra - Gaz - Av. Pres. Wilson

A. Spilborghs & Cia. Ltda.

RUA 7 DE ABRIL, 282 - 10º andar
 Telefones: 34-4724 - 34-8849
 Caixa Postal 5573 - SÃO PAULO



ATHENA

CONCESSIONARIOS EXCLUSIVOS DE HENRIQUE LIBERAL S/A

ARTE ANTIGA ARTE MODERNA
 TECIDOS PRESENTES FINOS

R. BARÃO DE ITAPETININGA, 207 - 2.º ANDAR
 SÃO PAULO

EMPREZA METROPOLITANA DE ENGENHARIA LTDA.

EMPREITEIRA DA CONSTRUÇÃO DO
GRUPO ESCOLAR REINALDO RIBEIRO DA SILVA
VILA ANASTACIO

Rua Barão de Itapetininga, 50, 6.^o, sala 629, fone 33-1613; São Paulo

GODOFREDO GIGER & FALCÃO BAUER LTDA.

arquitetura - construções

rua major quedinho, 99 (viaduto 9 de julho), conjunto 401/3, telefone: 32-4688 e 33-6803; são paulo

ARQUITETURA — ENGENHARIA — CONSTRUÇÕES

FERREIRA, FANUELE & BARRETTO

Rua Marconi, 34, 1.^o andar, telefone: 34-8621 e 36-6570; São Paulo

ARQUITETURA
ENGENHARIA
CONSTRUÇÕES

CONSTRUTORA E COMERCIAL
PASSARELLI & DOMINGUES PINTO LTDA.

Rua Quirino de Andrade, 219, 4.^o and., Conj. 43, Edif. Rio Claro, telefones: 32-2964 e 36-5695; São Paulo

Engenheiros
Arquitetos
Construtores



Rua Riachuelo, 201
8.º andar
Conj. 3 e 4
Fone: 32-2951
SÃO PAULO

CONSTRUTORA CIVILCRETO LTDA.

ESCRITÓRIO DE ENGENHARIA CIVIL

G E O D
Ltda.

OBRAS EM GERAL

Rua Marconi, 53, 8.º andar, Fone 33-6917, São Paulo

ESCRITÓRIO TÉCNICO ATALIBA LEONEL

ENGENHEIROS CIVIS

Projetos - Administração
Fiscalização - Execução

Construções Civis - Concreto armado
Engenharia em geral - Topografia

Rua Sete de Abril, 230, 8.º andar, sala 880; São Paulo

ESCRITÓRIO TÉCNICO

CAPOTE VALENTE

ENGENHEIROS

PROJÉTOS E CONSTRUÇÕES

Largo da Misericórdia, 15, 17.º andar; São Paulo

*Esta revista foi composta
e impressa na*

Empreza Gráfica Editôra Guia Fiscal

José Ortiz Júnior

EXECUTAMOS

**CATALOGOS
FOLHETOS
BROCHURAS
LIVROS
TESES**

E TODO SERVIÇO CONCERNENTE AO RAMO.

**RUA DA GLÓRIA, 653
TELEFONE : 33-3307
SÃO PAULO — BRASIL**

Você já tirou fotos como Estas?



**Experimente a Câmara ultra-rápida
com as vantagens de uma
Máquina de filmar**

Para Robot não existem tarefas impossíveis. — Todas suas funções são automáticas e momentâneas. Dispare 50 vezes em seguida e obtenha 50 instantâneos nítidos e de máxima realidade.



★ Grande profundidade de foco. Velocidade 1/2 até 1/500 seg. 3 Objetivas Schneider: Xenon 1:1,9 - Xenar 1:2,8 e Tele-Xenar 1:3,8.

Procure
ROBOT
nas bôas casas do ramo ou com
ARNHOLD S. A.
PARA IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO
São Paulo - R. 7 de Abril, 252 - 1.º - Tel. 33-5472
Rio - Av. Calógeras, 15 - 11.º - Tel. 22-6938

SOCIEDADE CONSTRUTORA CELBE, LTDA.

ENGENHARIA E CONSTRUÇÕES

RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 20, 7.º, FONE: 34-6645; SÃO PAULO

WARCHAVCHIK
arquiteto

projetos e construções

escritório: 120, barão de itapetininga, fone 34-7502; s. paulo

ÁGUA QUENTE

noite e dia!

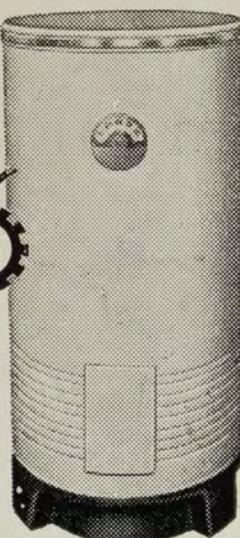
Não há mais problemas no aquecimento da água. Equipado com um *novo elemento térmico exclusivo*, o Aquecedor LABOR é moderno, eficiente e fácil de instalar. Fornece água quente corrente, em todas as dependências. Gasta pouco e dura toda a vida. Acabamento esmerado.



Aquecedores elétricos LABOR

LABOR INDUSTRIAL LTDA.

Rua Cônego Eugênio Leite, 890
Fones. 8-6862 e 8-2896 - S. Paulo



**SOCIEDADE DE
INSTALAÇÕES TÉCNICAS LTDA.
“SIT-LTD.”**



INSTALAÇÕES ELÉTRICAS, HIDRÁULICAS E MECÂNICAS EM EDIFÍCIOS, RESIDÊNCIAS, ESCOLAS, FÁBRICAS E HOSPITAIS — USINAS HIDRO-ELÉTRICAS, LINHAS DE TRANSMISSÃO, SUB-ESTAÇÕES.

PRAÇA DA SÉ, 371, 5.º ANDAR
SALAS 503 / 6, FONE: 33-2097

BELO HORIZONTE

SÃO PAULO

RIO



**Não se pode comprar
um coração humano**

IRREQUIETO, infatigável, é o coração humano — e irrequieto, infatigável, é um relógio Rolex Oyster Perpetual. Uma analogia forçada? Nem tanto. Considere que um Oyster Perpetual está desenhado para fazer tique-taque 432.000 vezes por dia (nada mais, nada menos), e então lembre-se de que este relógio lhe servirá uma vida inteira, e ainda outra depois desta.

Lembre-se de que nem água, nem humidade e nem poeira podem penetrar na caixa Oyster. Lembre-se de que o mecanismo de corda automática Rolex significa que, embora você use seu relógio no mínimo 6 horas em 36, você nunca precisa nem siquer tocar na coroa do

relógio, a menos que queira acertar os ponteiros. Lembre-se de que, entra ano, sai ano, o Rolex Oyster Perpetual, silenciosamente, precisamente, presta serviço e, então, pergunte-se si ele não é semelhante ao infatigável coração humano. E você pode comprar um Oyster Perpetual...

Em aço inoxidável
Com pulseira de aço — Cr\$ 4.275,
Em rolesor (ouro e aço)
Com pulseira de rolesor, Cr\$ 5.700,
Em ouro de 18 Kts.
Com pulseira de couro, desde Cr\$ 8.800,

ROLEX

OYSTER PERPETUAL

Cronómetro Suíço, com Certificado Oficial

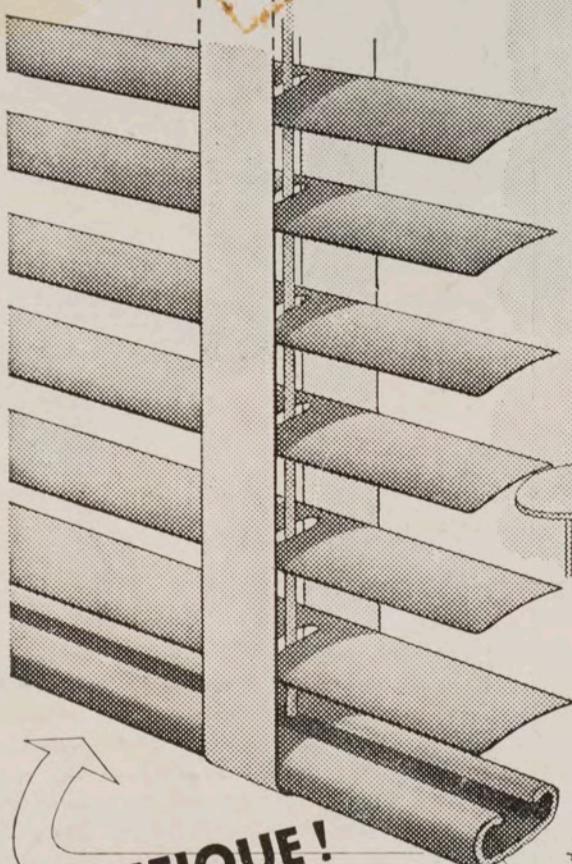
NOVIDADE — Brevemente, ofereceremos o novo relógio TUDOR, automático e impermeável, a preço módico, fabricado e garantido por ROLEX.



TUDOR

VEJA ONDE ESTÁ A DIFERENÇA

SIM - ao ler este anúncio verá porque as persianas "NOVITAS" são diferentes, apresentando características únicas de qualidade, fabricação e bom gosto.



VERIFIQUE!



Confecionadas com lâminas do mais fino aço ou ligas de alumínio e outros metais, todas de procedência estrangeira, são imunes ao fogo.



Revestidas com uma tinta especial anti-corrosiva, conservam indefinidamente a cor e a bela aparência.



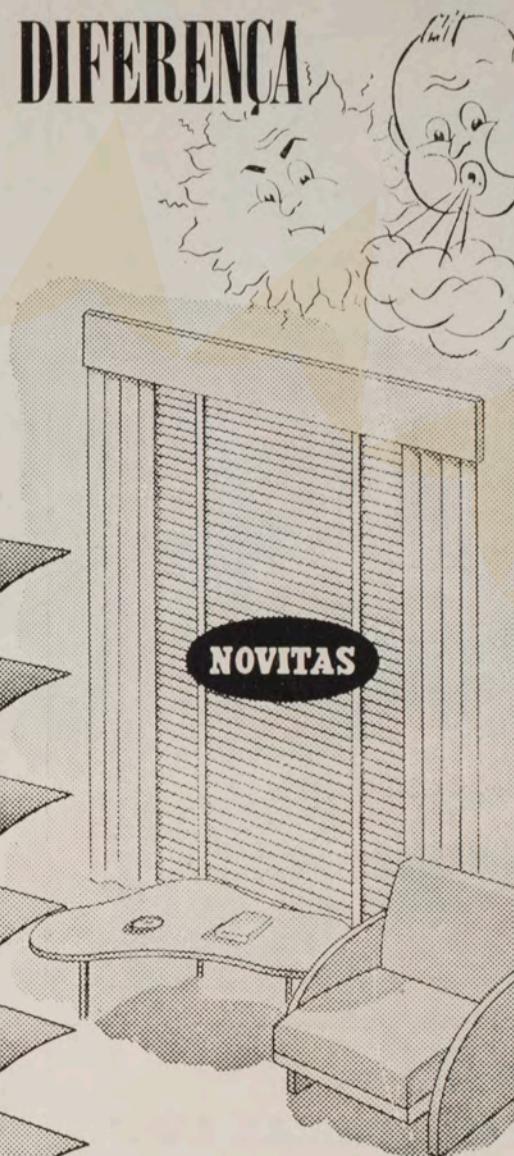
Flexíveis, sem dobras ou reentrâncias, oferecem extrema facilidade para remoção do pó.



Fabricadas em 4 cores: beige, azul, verde claro e vermelha, satisfazem a todos os gostos.

HEGUI Publicidade

ACEITAMOS REPRESENTANTES



"NOVITAS" - indústria pioneira na fabricação de persianas - vende, realmente, persianas de **QUALIDADE**.

Ao pretender adquirir uma persiana, medite, e faça como a maioria: Compre uma "NOVITAS". Estará comprando a melhor!

Telefone para 9-3787 - 9-5546, e prontamente receberá a visita de um nosso funcionário, que na ocasião lhe apresentará um orçamento sem compromisso, e tomará as medidas da PERSIANA a ser instalada.

INDUSTRIAL MECÂNICA NOVITAS LTDA.

Rua Maria Marcoína, 843 — Tel. 9-3787 — 9-5546

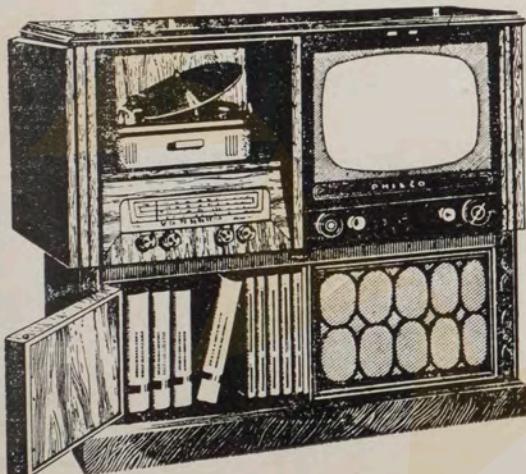
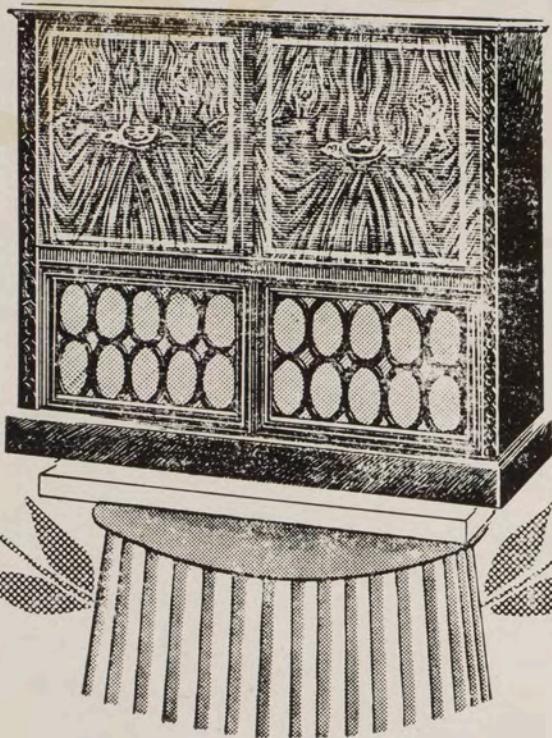
Santos: Praça Mauá, 29 - Tel. 2-6803
Rio de Janeiro: Av. Nilo Peçanha, 26 - s/916 - Tel. 32-8486
Representantes em todas as Capitais do Brasil

PHILCO

Balanced Beam Television *

(*visão perfeita)

...digno de um pedestal!



PHILCO — De Fama Mundial Pela Qualidade, orgulha-se em apresentar o mais sensacional aparelho combinado de TV jamais construído! Neste soberbo receptor — modelo 5502 — PHILCO reuniu as maiores conquistas técnicas já reveladas e desenvolvidas em seus laboratórios de pesquisas eletrônicas, incluindo-se "Balanced Beam", ciência exclusiva da PHILCO e que oferece a Imagem Mais Fiel em Televisão! "Balanced Beam" é sinônimo de IMAGEM NÍTIDA, REAL E PERMANENTEMENTE UNIFORME! Entre outras características técnicas que o tornam "A OBRA-PRIMA PHILCO", possuí: Bulbo de 17 polegadas, com imagem de 150 polegadas quadradas; 23 válvulas, inclusive 4 retificadoras; poderoso chassis Custom Duplex; super sensitivo sintonizador de TV; antena interna eletrônica; rádio PHILCO TROPIC de 7 válvulas, com 4 faixas ampliadas de onda curta e uma longa; trocador automático PHILCO de 3 velocidades, para discos de 78, 45 e 33 1/3 RPM. Funciona em qualquer voltagem e ciclagem. Pronto para receber IMAGEM EM CORES!

Este é o modelo PHILCO 5502 — digno de um pedestal... e digno de SEU LAR!

PHILCO

De Fama Mundial pela Qualidade



Tricot-lâ

SWEATER
ORIGINAL



UM PRODUTO DA INDÚSTRIA TRICOT S.A.